"ALGO PARECIDO COM UMA "DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS"

Acredito que todos passamos por um momento como este. Logo, sinto-me na obrigação de advertir o leitor – não por uma necessidade pessoal de justificar-me mas sim por um profundo respeito pela verdade – sobre minha profunda ignorância. Chegou a hora de definir-me e de esclarecer o que tem acontecido em meu coração.

Não desconheço o negro fantasma do erro e sei que agora mesmo pode estar planando sobre estas linhas mas, apesar de tudo, correrei o risco.

E esta altura de minha vida, e após ter percorrido o mundo várias vezes, tenho certeza absoluta que os tão falados OVNI's existem. Estes objetos foram filmados, fotografados, detectados por radares civis e militares, perseguidos pelos "caças" dos exércitos da metade do mundo e observados por milhares de testemunhas de todas as categorias profissionais e culturais. Se depois de todas essas comprovações e de tê-los vistos e fotografado pessoalmente ainda duvidasse da existência do OVNI, não me consideraria um pesquisador responsável. seria um grande estúpido.

Não pretendo esconder-me atrás de frases vazias carregadas do "medo do que dirão..."; pelo menos no que se refere às fases totalmente comprovadas desse fenômeno. As hipóteses sobre as origens das naves e as intenções e objetivos de seus ocupantes são farinha de outro saco...

Falei em "naves". Um segundo pronunciamento. A análise das milhares de provas – as formas e aspecto dos OVNI's, as bruscas acelerações e freadas, o espantoso desafio às leis gravitacionais, o silêncio com que se deslocam e as velocidades que desenvolvem, ainda inimagináveis para a tecnologia humana – leva qualquer mente relativamente lúcida e racional a uma única conclusão: estamos diante de máquinas. Ou melhor, de supermáquinas.

Depois de separar os fatos verdadeiros das confusões e erros sobre os OVNI's, acredito realmente que sejam apenas "astronaves". Mas, de onde vêm?

E chegamos à terceira e última afirmação. Considerando-se a quantidade de casos compilados desde há mais de trinta anos, em minha opinião, essas máquinas ou veículos na maior parte dos casos são dirigidos e tripulados por seres de formas antropomórficas. Ou seja, seres parecidos ao homem. Em minhas andanças atrás dos OVNI's investiguei mais de 200 casos de pessoas confiáveis que afirmam ter visto esses "tripulantes".

Mencionei seres "parecidos" ao homem, transcrevendo o relato de centenas de seres humanos que viram os "pilotos" dos OVNI's e que dizem que eles não são exatamente como nós. Variam em estatura, volume craniano, ausência externa de aparelhos auditivos, movimentos mais ou menos normais em relação a nossa gravidade, presença de escafandros e uma enorme lista de etcéteras.

Qual é meu objetivo?

Muito simples: baseado nas declarações das testemunhas que afirmam dizer a verdade, os expertos e pesquisadores com um certo senso comum – e espero encontrar-me ainda entre eles – consideram que esses "tripulantes" não podem ser habitantes da Terra. Suas características, apesar de apresentar traços e atributos essenciais da natureza humana, não os classificam como russos, norte-americanos, latinos ou asiáticos.

Algum piloto dos Estados Unidos usaria um estranho escafandro em plena serra Cespedera, no estado de Cadiz, Espanha? E um astronauta soviético andaria "em câmara lenta" no meio de um bosque sueco, a alguns quilômetros de Estocolmo?

Temos notícias de "humanóides" ingleses ou alemães que não medem nem um metro de altura?

Conhece-se em toda a história da Medicina deste astro frio um só cidadão normal que tenha um occiptal três vezes maior que o de uma cabeça padrão?

E insisto, exemplos como esses encontram-se aos milhares...

Para uma mente sadia, racional e suficientemente informada, esses seres só podem ser originários de outros planetas.

Ao chegar a este ponto, e sempre mantendo o mesmo grau de sinceridade, nós, pesquisadores e estudiosos do fenômeno, apenas damos de ombros. E é precisamente quando – necessariamente – todos lucubramos. Até que não se registre o histórico encontro entre o homem da terra e os “homens” eu nos visitam, o máximo que podemos fazer é teorizar, supor, imaginar...

A partir de agora mover-me-ei nessa órbita. Não desejo que ninguém tome minhas palavras como uma verdade provada, nem sequer como uma verdade. Só me move o coração. E, acima de tudo, até dos sentimentos, o respeito.

Respeito, e não submissão, em relação a algumas tradições com as quais não concordo totalmente.

Mas não nos desviemos do assunto principal...

Uma vez comprovado que os tripulantes dos OVNI’s não são “terrestres”, qual será sua origem?

Um cuidadoso estudo dos mais sólidos casos de “encontros” com esses seres me fez refletir sobre a possibilidade de uma dupla procedência. Ao esmiuçar as descrições das testemunhas se deduz, por pura lógica, que esses tripulantes são de carne e osso. Refiro-me à maioria dos “encontros”.

Tudo nos leva a crer que são apenas “astronautas” – com ou sem capacetes espaciais, com ou sem as já descritas diferenças anatômicas em relação ao homem, sujeitos ou não à gravidade terrestre – em missões especificamente científicas e de exploração. Caso contrário, por que recolhem amostras de cultivos, minerais, gado...? Unicamente uma grande necessidade de conhecimento os levaria a sobrevoar as principais capitais do mundo, as instalações militares, as centrais nucleares, as mais destacadas indústrias do planeta, as frotas ou monumentos. Através desse prisma puramente intelectual, e talvez “universitário”, poderemos encontrar um argumento que satisfaça a lógica humana. Isto não quer dizer, de nenhuma forma, que nossa lógica seja a deles...

Mas supondo-se que assim fosse, esses objetivos científicos justificariam, em parte, as constantes aproximações de aviões, embarcações ou sondas espaciais.

Considerando-se essa hipótese, as centenas ou milhares de raças, que observamos há séculos, viveriam em mundos basicamente parecidos ao nosso. Pela lógica, podemos deduzir e acreditar que as miríades de seres pensantes de formas anatômicas iguais ou parecidas às do homem da Terra vêm de astros com condições biofisiológicas bem parecidas às do nosso habitat.

Sabemos que a extensão máxima de nossa galáxia tem mais de 117.000 anos-luz. Já pensamos em quantos milhões de planetas “irmãos” ou “primo-irmãos” pode ter a Terra? Nesse sentido, não devemos cometer o mesmo erro de outras gerações que, apesar de todos os testemunhos possíveis, rejeitaram a idéia de “que pudessem cair pedras do céu, pelo simples motivo” – como diziam os cientistas franceses do final do século XVIII – “de que no céu não existem pedras...” E ficaram tão cheios de si.

Hoje, a presença de meteoritos não só tornou-se aceita mundialmente, como também graças a essas “pedras” siderais a ciência concluiu que os “tijolos” (aminoácidos) para a “edificação” da Vida são basicamente iguais no Cosmo inteiro.

Tampouco se pode descartar a possibilidade de que parte desses visitantes venha não de nosso Universo físico e visível, mas de outro ou outros chamados “paralelos”, cuja

compreensão é ainda mais angustiante.

Sem dúvida, esses Universos são tão físicos e mensuráveis como este que conhecemos. A grande diferença poderia estar, sempre no campo da especulação, no fato evidente de que não podemos vê-los e nem registrá-los. Mas, apesar da limitação das palavras, acredito que possam "ocupar" o mesmo "espaço" e o mesmo "tempo" que o nosso, submetidos a ritmos ou vibrações atômicas diferentes das que conhecemos.

Usando o mesmo raciocínio, concluímos que nosso Cosmo pode permanecer ignorado para muitas das possíveis civilizações que habitem esses Universos "paralelos", e que ainda não tenham alcançado o suficiente nível técnico ou espiritual para "descobrir" outros "marcos dimensionais" e "viajar" até eles.

Esse pode ser o caminho para as grandes viagens interestelares ou a passagem de um Universo para outros. Suponhamos que uma raça de um Universo "paralelo" consiga um nível técnico capaz de detectar outros mundos habitados num Cosmo como o nosso, ou seja, totalmente invisível para eles. Bastaria que uma de suas naves ou veículos "pulasse" de seu marco tridimensional natural ao nosso e, tal como imaginamos, esses "astronautas" de carne e osso "apareceriam" em qualquer ponto de nosso Universo sem a necessidade de ter se "trasladado" pelo Espaço. É claro que, para isso, falta um perfeito conhecimento dos chamados "Universos paralelos" e uma tecnologia tão sofisticada que hoje, em pleno século XX, ela está só relacionada à ficção científica.

Mas guardando as diferenças, Napoleão não teria achado pura ficção a possibilidade de visitar qualquer um dos porta-aviões da VI Frota dos estados Unidos no Mediterrâneo? E se passaram apenas 200 anos...

Que teria pensado o bom São Pedro se alguém lhe falasse não de sua cadeira papal, mas de outra "cadeira"!, a elétrica, capaz de eletrocutar um homem em um segundo?

Para que continuar?...

Como podemos falar da "impossibilidade de atravessar as distâncias intergalácticas" se nem sequer conhecemos a natureza e estrutura de nossas próprias partículas subatômicas? Como podemos ser tão insensatos e julgar o que não conhecemos?

O fato de não termos a explicação definitiva para o fenômeno OVNI não quer dizer que ele não exista.

Quanto à segunda grande fonte de origem desses seres extraterrenos, também com bases em um considerável número de relatos, acredito plenamente em outros "planos" ou "realidades" com uma vida pensante. (Se as palavras me limitaram quando quis interpretar os "Universos paralelos", que farei agora...?).

"Planos", "realidades", "estados" ou "universos" – o rótulo não importa – nos quais seres inteligentes e infinitamente mais evoluídos que o homem da terra e, talvez mais evoluídos ainda que os "homens" da galáxia ou desses mundos "gêmeos", vivam sob formas físicas tão assombrosas para nossa mente quanto a pura energia mental. "Seres" adimensionais tão próximos a Deus que somente poderiam ser associados ao pensamento ou aos sentimentos...

"Seres" que podem ter escalado essa cômoda e desconcertante "vida" após um longo e penoso processo de aperfeiçoamento. Ou, quem sabe, "seres" criados diretamente nesse estado de perfeição...

Enfim, "seres" capazes de penetrar nos mil, milhões ou infinitos "marcos dimensionais' tão alheios quanto distantes de seu "habitat".

Não creio que nossa razão se sinta violentada pela existência de entidades cujas "estruturas" mentais – novamente as palavras... – hajam alcançado tamanhos níveis de perfeição e conseguido libertar-se das correntes que ainda subjugam formas humanas

como a nossa.

Obviamente, e por estar muito mais próximas da Verdade do que nós, essas "civilizações" poderiam vir a planetas como a Terra com objetivos radicalmente opostos à pura pesuisa ou exploração científica. Sua presença ao longo da História de uma humanidade como a que povoa nosso planeta poderia obedecer, por exemplo, às necessidades de "nível superior". Cada dia que passa, mais me convenço de que nada acontece por acaso nos "Universos" e nem em nossa existência individual.

Mas antes de aventurar-me na análise dessas estratégias ou missões de "nível superior", gostaria de extrapolar um pouco. É mais do que provável que, a partir de níveis mínimos do desenvolvimento tecnológico e mental das raças que povoamos infinitos Cosmos, a intercomunicação seja uma realidade clara e verificável.

Se, como acredito, a espiral da evolução em qualquer forma pensante conduz inevitavelmente a uma maior e mais profunda vinculação com a Força ou Energia que chamamos Deus, é quase matemático e obrigatório que todas essas civilizações ou seres "trabalhem" com uma única e incrível meta: a aceleração do conhecimento de deus em todos os cantos e tempos da criação. (E neste momento, não poderia estar mais longe de minha mente o pobre e extenuado panorama de um deus única e exclusivamente clerical ou antropomórfico...).

Esse belíssimo "trabalho" – que talvez compreendamos algum dia e do qual participaremos a nível cósmico – tem sido desenvolvido por uma legião de seres e entidades, muito antes que o homem aparecesse sobre a terra.

E no que consistirá essa "estratégia" ou "missão" de "nível superior"?

Calculo que por um mero princípio de economia, organizou-se a criação com imensos núcleos de seres responsáveis por "parcelas" concretíssimas da mesma. É bem possível que as "responsabilidades" apareçam na razão direta ao índice de perfeição desses seres ou "pacotes" de seres.

Vou usar um exemplo que, ainda que comum, talvez ilustre o que tento definir.

Todos temos consciência do grau de responsabilidade e desenvolvimento técnico e espiritual de nosso mundo. Ainda que isto nos violente, sabemos que o "termômetro" ou "rádio-farol" da humanidade do planeta Terra irradia uma temperatura e uma cintilação tão frias e frágeis que seria quase loucura outorgar-nos a tutela de uma determinada área universal. Da maneira que se comporta nossa civilização, os hipotéticos seres pensantes que teríamos que proteger, receberiam tudo menos ajuda.

E mais. Supondo, como suponho, que uma das bandeiras mais respeitadas na ordem cósmica é a da liberdade individual e coletiva, dificilmente posso acreditar em "mensageiros", "missionários" ou "operários" da Grande Energia que não tenham superado, e muito, esse princípio sagrado.

Também pode ser que só a partir de degraus altíssimos na escala evolutiva, seja possível a "intervenção", "manutenção" ou "vigilância" em Universos ou mundos que se encontram no início dessa grande corrida em busca da Perfeição.

Após fundamentar essa premissa, tudo se torna mais fácil.

As "autoridades mediadoras" dessa formidável "corporação" que orientam as criaturas a serviço da Perfeição conhecem "seu trabalho". E sempre o cumprem e executam de acordo com princípios e programas estabelecidos "a níveis superiores".

E ainda que também não me satisfaça, darei outro exemplo que – tomara – talvez simplifique meus pensamentos.

Na Igreja, essa caricatura do que Jesus de Nazaré quis fazer e dizer no planeta Terra, as "autoridades mediadoras" (os bispos) dificilmente chegarão a ocupar-se pessoalmente do acúmulo de trabalho existente nas grandes ou pequenas paróquias de

cada zona. Essa missão fica para a “infantaria”: os sacerdotes. Estes, salvo exceções, não fazem parte da “órbita” do “estado-maior” (o Colégio de Cardeais) que geralmente planeja e vela as linhas mestras da grande superestrutura.

Cada um tem sua função e o conjunto, pelo menos teoricamente, deve funcionar com um único objetivo: elevar o homem, cada vez mais, à dignidade de filho de deus.

Pois bem, em uma audaciosa extrapolação, esse poderia ser o “esquema” de “trabalho” em escala cósmica. Quer queiramos ou não, mundos como o nosso, a Terra, entrariam no catálogo das “paróquias” mais atrasadas, poeirentas e maltratadas da gigantesca “diocese” que deve ser a Criação. E em nosso caso particular, com alguns “agravantes” bem conhecidos por todos.

É quase certo que encomendaram nossa “paróquia” a “autoridades mediadoras” bem concretas da hierarquia celestial e, com ela, muitos outros seres pensantes, também em pleno período evolutivo e situados fisicamente em uma ou sabe-se lá em quantas galáxias. sempre ligadas ao “estado-maior”, essas “autoridades mediadoras” dispõem de legiões ou miríades de seres (a “infantaria”) que são os encarregados de pôr em funcionamento, de “ver como vão as coisas” ou de “corrigir” todos e cada um dos mecanismos que intervêm no nascimento e na progressiva evolução de uma coletividade de seres inteligentes.

Parece-me perfeitamente possível, e muito mais racional que o divulgado pelas doutrinas tradicionais que, utilizando uma expressão terrestre, “missões” de “injeção” da “ consciência espiritual” em determinados seres irracionais, seja muito mais um assunto das “autoridades mediadoras” ou da “infantaria” do que do próprio Deus. Sempre acreditei que a Grande Energia utiliza essa imensa lista de “intermediários” para perpetuar o que já foi criado.

Por acaso o Papa é o responsável direto e pessoal pelo batizado de cada novo cristão?

Insisto no fato de eu apenas teorizo mas, em minha opinião, é muito mais belo e próprio de um deus “gerador” permitir que suas criações sejam as responsáveis da seleção do momento e dos seres que, por suas características, estão destinados a ser filhos do inominado. Porém, como já mencionei anteriormente, para desempenhar essa transcendental tarefa, torna-se necessário possuir uma colocação mínima na espiral da Perfeição. Nós, simplesmente, não saberíamos e nem poderíamos...

Após depositar no ser a semente ou centelha da inteligência e da imortalidade, os servidores de Deus – “anjos”, “enviados” ou “astronautas” – terão de permanecer muito perto dessa nova coletividade, procurando que o livre arbítrio não seja anulado, e que ao mesmo tempo, disponham dos elementos mínimos para um lento mas firme processo de integração à magna comunidade da qual surgiram e da qual não serão conscientes por muito tempo.

O coração me diz que essa apaixonante “missão” pode estar a cargo não só de seres puramente energéticos ou sem suporte físico, mas também de civilizações de carne e osso que tenham deixado para trás muitas das misérias que ainda escravizam o homem do planeta Terra. Civilizações com um surpreendente desenvolvimento tecnológico que podem habitar Universos como o nosso ou outros Cosmos “paralelos”.

Civilizações, enfim, que um dia já tiveram acesso a uma boa parte do conhecimento da verdade. Civilizações que nessa espiral da Perfeição “dominam” o tempo, as forças da Natureza e algo muito perigoso que sempre galopa à sombra do progresso e que chamamos de arrogância...

Civilizações que, evidentemente, nada têm que ver com a nossa.

Esses seres, a quem gosto de chamar de “astronautas”, podem estar colaborando

intimamente com a “infantaria” ou com as “autoridades mediadoras” de escalas superiores e de natureza basicamente diferentes das suas e, conseqüentemente, da nossa.

Tal trabalho em comum torna-se perfeitamente possível quando se alcançam as cotas mínimas de perfeição evolutiva. Novamente respeitando as diferenças, o homem não tenta “comunicar-se” com as plantas através de sofisticados painéis eletrônicos? Que pensariam nossos antepassados sobre semelhantes experiências científicas?

Como conseqüência desses “contatos”, os “astronautas” marcaram presença em nosso mundo e, inevitavelmente, foram tidos como “deuses”, “anjos” ou “enviados”. Assim consta nas tradições, lendas ou livros sagrados.

Em determinadas fases da difícil e atormentada evolução da terra, esses “vigilantes” do espaço podem ter achado que seria mais produtivo participar de uma forma direta ou mais ativa que a habitual. uem enviar para a missão? Seres adimensionais ou puramente energéticos? A lógica mais elementar o consideraria eficaz. Como teriam se comunicado com os primitivos povos humanos? Como teriam conjugado uma mínima aproximação do homem à transmissão da mensagem e idéias-chave para a sua evolução? Nestes casos, o terror ao desconhecido se teria acentuado até os limites traumatizantes e de conseqüências imprevisíveis...

Que fazer?

Simples. O “estado-maior” ou as “autoridades mediadoras” da criação resolveram que mandariam à terra seres basicamente idênticos ao homem do belo mundo azul. Essas civilizações, de carne e osso, supertécnicas e tão próximas dos projetos divinos, seriam responsáveis pelo “trabalho” de uma ou de múltiplas “aproximações” com o gênero humano.

E, sem dúvida, tudo isso pode ter sido decidido muito antes que o homem surgisse no mundo...

A presença dessas civilizações siderais na história de vários povos da Terra justificaria plenamente as lendas, religiões, cerimônias e folclores dos mesmos e, em especial, seu enigmático comportamento.

Entre todos os “programas de trabalho” os “missionários” ou “astronautas” espaciais receberam um, definitivamente solene: preparar a vinda à Terra de um Ser superior que pertencia ao “alto escalão do estado-maior” e que seria conhecido como Jesus de Nazaré.

Os Preparativos para o Grande “Plano”

Apesar de conhecer o risco das comparações, não consigo evitá-lo e darei um novo exemplo.

Há alguns dias, assisti na televisão a uma entrevista com o bispo porta-voz da conferência Episcopal Espanhola. As “autoridades mediadoras” da Igreja se haviam reunido para estudar e tentar resolver os sérios problemas que enfrentam. Um dos principais assuntos da assembléia girava em torno da programação da próxima viagem do Papa João Paulo II à Espanha.

Naturalmente, os bispos espanhóis mostraram-se preocupados com a visita do chefe e do maior responsável pelo “estado-maior” da grande “estrutura”.

“... Ainda temos de verificar muitas coisas” – disse o bispo responsável pelas relações com a imprensa -. “A estada do Papa será programada nos mínimos detalhes. Sem dúvida realizaremos outras reuniões e nomearemos comissões especiais de trabalho...”

As palavras do representante das “autoridades mediadoras” pareceram-me bastante lógicas, e acredito que os milhões de telespectadores que o ouviram pensaram o mesmo.

pois bem, voltemos à arena da hipótese. Se a Igreja espanhola se preocupa tanto com a histórica viagem de seu chefe supremo na Terra a meu país, o que não teria ocorrido há quase dois mil anos, “na plenitude dos tempos”, quando o Pai ou a Grande Força resolveu que era chegado o momento de seu Filho aparecer no planeta Terra?

Duvido que os “métodos” e “recursos” do “estado-maior” das “autoridades mediadoras” tenham algo que ver com os da Igreja Católica (obviamente sempre baseados em nossa raquítica lógica), mas me parece sensato que aquelas hierarquias celestiais também tenham adotado as medidas oportunas para o feliz desenvolvimento do grande “plano da redenção humana”.

Acredito que colocar Jesus na terra não tenha sido uma tarefa tão complicada, mas fazia-se necessário cuidar dos mínimos detalhes...

Imagino que o maior problema estivesse na tentativa de respeitar a liberdade individual e coletiva dos habitantes de um mundo tão arisco e primitivo.

E o “plano” recebeu “farol verde”...

E um belo dia, há mais de 4.000 anos, essas civilizações eleitas ou “voluntárias” apareceram com seus veículos espaciais e extraordinária tecnologia nesta planície de pó que é a Terra. os “astronautas”, sem dúvida, conheciam o “plano” para a perfeição. Seu contato e vinculação com as “autoridades mediadoras” ou com o “estado-maior” dos céus deveria ser mantido quase que constantemente. Hoje, quem poderia descrever as aptidões e recursos mentais, espirituais e técnicos desses seres tão afastados de nossa obscura forma de vida?

Tenho certeza de que a Terra passou por um “pente fino” para que escolhessem a região ideal onde um dia nasceria o grande “Enviado”. Possivelmente essa tarefa de rastreamento e pesquisa foi realizada pelas naves dos “astronautas”. Afinal detectaram o “povo eleito” e iniciaram os primeiros “contatos” e “encontros” com os primitivos patriarcas.

E aconteceu o fenômeno, talvez previsto pelas hierarquias celestes e pelos próprios executores materiais do grande “plano”, os “astronautas”: desde o primeiro momento, os homens e mulheres eleitos pelos seres do Espaço confundiram os brilhantes e poderosos veículos com os tripulantes dos mesmos e vice-versa. O “anjo do senhor”, a “glória de Yaveh”, a “nuvem de fogo” ou a “coluna de fumaça” significavam a mesma coisa.

A absoluta falta de noções e de vocabulário daquela gente simples do deserto em relação a “máquinas” capazes de voar, de vencer a lei da gravidade, de emitir luz e das quais entravam e saíam seres bastante estranhos vestindo trajes espaciais – talvez até com escafandros – provocou em seu cérebro uma grande confusão no momento de diferenciar os “astronautas” das “máquinas”. Imagino que tudo isso não causou o menor problema para os “seres”; pelo contrário, algumas vezes devem tê-lo considerado altamente prático e benéfico para seus objetivos.

Dado ao enorme abismo mental e evolutivo que separava os homens da Terra de seus visitantes, qualquer tentativa para explicar-lhes os verdadeiros “motivos” de sua presença no mundo teria sido inútil. Afinal de contas, não se tratava de mostrar aos seres pensantes do planeta Terra algumas técnicas ou realidades que jamais utilizariam ou assimilariam, mas sim de preparar um caminho, um povo, uma “infra-estrutura” para o grande momento: a chegada, mais de 2.000 anos depois, do Cristo.

Sempre me pergunto por que o Pai ou a Grande Energia ou talvez o “estado-maior” dos céus elegeram aquela remota época como o momento mais propício para a Encarnação de Jesus. será que hoje teríamos “reconhecido” essas fantásticas máquinas

voadoras e seus “astronautas”? Espero que sim.

Hoje, temos condições de interpretar e compreender a luz elétrica, a lei da gravidade, as viagens espaciais, a utilização de capacetes e trajes “anti-g”... E até começamos a aceitar a idéia dos visitantes extraterrenos que chegam ao nosso mundo em veículos popularmente conhecidos como “OVNI’s”.

Então, por que não adiaram a chegada do “Enviado”? Nos dias de hoje sua missão não teria sido mais fácil?

Para dizer a verdade, ainda não perdi as esperanças de um dia saber os motivos que levaram o Pai ou o “estado maior” celestial a considerar aquela época como a “plenitude dos tempos...”.

Sem dúvida, muitas pessoas devem perguntar-se por que associo termos bíblicos como “o anjo do Senhor”, “a glória de Yaveh” ou “a coluna de fumaça” com astronaves e “astronautas”.

Sei que não disponho de provas finais ou absolutas. Ninguém as tem. Mas, lendo e relendo as passagens do Antigo e Novo testamento e dos Evangelhos Apócrifos, as descrições daquelas testemunhas coincidem assombrosamente com as que reunimos em pleno século XX sobre os OVNI’s.

Meditei muito antes de dar esse passo. E agora, ao fazê-lo, sinto-me contente com minha decisão. Sei que jogo com puras teorias, mas do fundo de minha alma algo me diz que posso estar no caminho correto.

Aquelas formidáveis “luminosidades” relatadas nos Livros Sagrados, os seres “resplandecentes’, o “carro de fogo”, as “nuvens de carvão ardente” imóveis sobre a Tenda da reunião, os “anjos” eu subiam e desciam do céu envoltos por uma “luz intensa”, a “estrela” eu guiou os reis Magos até Belém, tudo, enfim, possui uma suspeitosa semelhança com as naves brilhantes e silenciosas que hoje observamos nos céus do mundo. Para qualquer pessoa medianamente informada da realidade OVNI, as coincidências são esmagadoras.

E torno a repetir. Admitir que os “anjos” que aparecem na Bíblia possam ser seres, do espaço, “astronautas” de carne e osso, não desmerece em nada a grandiosidade e divindade do “plano” da Redenção.

Por que a presença no mundo de uma “equipe” de seres super técnicos e super próximos a seu Deus diminuiria a beleza ou solenidade da vinda de Jesus a Nazaré? Por acaso o Papa não utiliza os mais rápidos e cômodos aviões para cruzar os céus do planeta e levar a palavra de deus? Supondo-se que Cristo aparecesse em 1980, será que não aceitaria a televisão ou a difusão “via satélite”?

“Notícias” Sensacionais

Não me prolongarei mais. E acredito que nunca teria antecipado meus pensamentos se não fosse pela delicada natureza do eu exporei a seguir. Sempre gostei que o leitor vá descobrindo por si mesmo os resultados de minhas pesquisas e de minhas profundas inquietações. Mas nesta oportunidade quis agir diferentemente, já que nem sempre nos defrontamos com passagens tão transcendentais como a concepção virginal de Maria, sua infância, o nascimento de Jesus e as possíveis vinculações de uma “equipe” de “anjos” ou “astronautas” com esses fatos.

Porque esses, sem mais nem menos, foram os alvos de minha pesquisa.

Tanto o Antigo Testamento quanto o Novo testamento oferecem abundantes

relatos nos quais essa “equipe” de “astronautas” sempre aparece em momentos decisivos. E, apesar de meu interesse por encontrar explicações lógicas e racionais, nenhuma das que me ofereceram a Igreja e os exegetas ou especialistas em temas bíblicos acabou com minha inquietação. Não me satisfizeram as cômodas saídas dos teólogos que sempre submergem os “temas difíceis” ou “comprometidos” na neblina do “mistério da fé”, dos “gêneros literários” ou do “fato sobrenatural”...

Por outro lado, esses “anjos” e suas manifestações têm uma enorme semelhança com minhas pesquisas no campo dos “não identificados”. E conseqüentemente, senti necessidade de mergulhar em outras direções, ainda que com o risco de enganar-me.

Houve, e há, muitas incógnitas na preparação da chegada de Jesus. Como aconteceu a concepção virginal? Por que elegeram aquele povo e não outro como “base ou infra-estrutura” de todo um sistema monoteísta? Por que o “estado-maior” celestial considerou o Oriente Próximo uma região idônea para o nascimento do Messias? E, principalmente, como foi o parto do Enviado?

Nem os Evangelhos Canônicos e nem os teólogos esclarecem esses extremos com a necessária transparência. Em algumas ocasiões o medo do encontro com tais verdades paralisa, e quase todos “fogem” dissimulando sua impotência com teses retumbantes que, suponho, não convencem nem a eles mesmos.

Nessa busca tropecei um dia com os chamados Evangelhos Apócrifos.

Quanto mais devorava aqueles textos, pouco menos que malditos até alguns anos, mais aumentava minha surpresa. Neles encontrei dados, informações, referências e descrições que me estremeceram. Aquilo sim, era racional. Aquilo esclarecia algumas das grandes incógnitas...

Lá, por exemplo, comecei a intuir por que Jesus teve de nascer em uma gruta e não em um estábulo.

Lá me ofereciam uma informação infinitamente mais verossímil sobre a pessoa de São José, sobre suas dúvidas e sobre o curioso julgamento a que foi submetido.

Lá compreendi o grande erro cometido ao considerar-se a família “humana” de Jesus como pobres cidadãos quase maltrapilhos e indigentes. Nada mais longe da realidade...

Através dos apócrifos ratifiquei plenamente a constante e meticulosa “inspeção” da “equipe” de “anjos” ou “astronautas” em relação aos avós de Jesus e à pequena Maria. Lá entendi com clareza porque a “estrela” de Belém não podia ser uma estrela.

Não me cansarei de repetir que o mais belo e esperançoso é que as “novas notícias” sobre a chegada do Salvador apenas contribuíam para engrandecer o “plano” da Redenção do homem deste velho e rebelde planeta, perdido em uma das mais baixas curvas da espiral da Perfeição.

E antes de expor as sensacionais “notícias” de um “plano” que ainda não considero fechado, espero que depois da leitura deste trabalho nenhum princípio ou sentimento sintam-se feridos.

Isto não é Teologia e nem pretendo defender uma tese. Se com minha impaciente busca da verdade conseguir estimular outras pessoas a continuar procurando, meu esforço não terá sido inútil.

Esses Assombrosos e Desconhecidos Evangelhos apócrifos

"...E naquele momento, a mesma estrela que tinham visto no Oriente, voltou a guiá-los até que chegaram à gruta, quando então ela parou. Então os Magos viram o menino com a mãe, Maria, e tiraram os presentes de seus cofres: ouro, incenso e mirra."

O parágrafo acima, extraído dos Evangelhos Apócrifos mais concretamente do chamado Protoevangelho de Tiago (XXI), me incentivou bastante a escrever este livro.

Impressionou-me, e muito.

Comecei então, uma devorante leitura de todos os apócrifos que consegui encontrar.

A famosa estrela de Belém da Judéia intrigava-me há muito tempo. E agora, novamente, a tinha diante de mim. As velhas perguntas ressurgiram:

Tratava-se realmente de uma estrela? Por que guiava os Magos? Por que "pousou" diante da gruta onde nasceu Jesus de Nazaré?...

Tenho de reconhecer que após percorrer mais de trezentos mil quilômetros atrás dos OVNI's, essa estrela me é "familiar".

Mas vamos por partes.

A verdade é que não podia suspeitar o que esses apócrifos encerravam e, ao concluir o estudo dos mesmos, senti uma enorme necessidade de escrever meus pensamentos e impressões. Creio que poucas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer os textos dos Evangelhos Apócrifos e isto animou-me a transcrevê-los ou, pelo menos, a divulgar as partes que me despertaram um interesse muito especial.

Os Evangelistas "Oficiais" e os "Intrusos"

Para ser sincero, tive que recorrer ao dicionário para conhecer o significado exato de "apócrifo". Já ouvira falar dos Evangelhos Apócrifos, mas não entendia muito bem por que se chamavam assim.

Vejamos o que encontrei no Dicionário Ideológico da Língua Espanhola:

"Apócrifo: diz-se dos livros da Bíblia eu, apesar de atribuído a um autor sagrado, não são aceitos como canônicos."

O problema começava a esclarecer-se. Mas ao ler "canônicos" novas dúvidas surgiram. Que é exatamente "canônico"? Por que uns livros o são e outros não? Qual o critério ou avaliação para classificá-los?

A coisa era muito simples. "Cânon" é "o catálogo de Livros Sagrados admitidos pela Igreja Católica".

Na verdade, a questão reduzia-se a um único ponto: que critério usava a Igreja Católica para decidir se um livro tinha caráter apócrifo ou canônico?

Conforme pude comprovar, os teólogos e estudiosos da Bíblia colocam o assunto como um caso de fé, totalmente desprovido de caráter racional e científico.

"A Bíblia e, conseqüentemente, os livros canônicos" – dizem os expertos -, "é inspirada por deus". Isto significa que tudo aquilo que pudesse ter sido escrito sobre Cristo, inclusive durante a vida do mesmo, mas que não fosse reconhecido como "inspirado" pelos homens que formam a Igreja, não tem o menor valor canônico.

O tema, quando menos, merece uma discussão.

E não é que duvide do caráter divino desses livros, pois creio em Deus. Mas, se a

própria Igreja Católica reconhece que boa parte desses Evangelhos Apócrifos foram elaborados por autores sagrados, por que não os incluem no "lote" bíblico? E o que é pior: por que os perseguiram e condenaram durante séculos?

Segundo a Biblioteca de Autores Cristãos – declarada de interesse nacional -, "apócrifo", no sentido etimológico da palavra, significa "coisa escondida, oculta". Este termo servia na Antiguidade para designar os livros exclusivamente destinados ao uso privado dos adeptos de uma seita ou iniciados em algum mistério. Mais tarde a palavra passou a significar livro de origem duvidosa, cuja autenticidade era impugnada.

Entre os cristãos – prossegue a BAC – designou-se com esse nome certos textos cujo autor era desconhecido e que desenvolviam temas ambíguos, mesmo eu apresentassem caráter sagrado. por esta razão, com o passar do tempo, o termo "apócrifo" ficou relacionado a textos suspeitos de heresia ou, geralmente, pouco recomendáveis.

Obviamente a Igreja tem suas razões, pois "nem tudo são rosas", ou seja, surgiram tantas histórias da vida e dos milagres de jesus que não deve ser nada fácil separar o trigo do joio. Mas, apesar de tudo, a própria Instituição reconhece hoje em dia o valor de alguns desses Evangelhos apócrifos que, pela primeira vez, ampliam ou colocam algumas passagens da Natividade, infância e pregação do senhor.

São Lucas mesmo já declara que, desde o princípio, muitos se propuseram a coordenar a narração dos fatos que aconteceram no tempo de jesus, o que me parece muito lógico e humano. se isso se fez com as grandes personagens gregas, romanas, egípcias, etc., por que não fazê-lo com jesus de Nazaré, o Filho Vivo de deus, realizador de milagres e, para muitos, revolucionário, por enfrentar os Sumos Sacerdotes de Israel?

Parece bastante verossímil que alguém tivesse a feliz iniciativa de relatar e deixar por escrito tudo o que fizera e falara o Mestre. Como jornalista, tenho certeza de que essa idéia surgiu logo após a morte e ressurreição de Cristo, e que a tarefa de "reconstruir" sua vida não foi executada apenas pelos quatro evangelistas oficialmente aceitos, mas também por outros apóstolos, discípulos e "voluntários".

E para ratificar tudo isso temos os Evangelhos apócrifos de Tiago, de Mateus, o Livro sobre a Natividade de maria, o Evangelho de Pedro e o Armênio e Árabe da Infância de Jesus, que hoje são reconhecidos pela Igreja Católica como parte da Tradição. E, apesar de esses textos conterem algumas passagens duvidosas, outras coincidem entre si e com as dos quatro evangelistas "aceitos".

Essa situação, guardando as devidas proporções, lembra-me um pouco a de nossos dias.

Nos meus 20 anos como profissional do jornalismo, conheci dezenas de homens e mulheres que, apesar de não possuírem nenhum diploma ou título da Faculdade de Comunicações, na hora de "fazer jornalismo" demonstraram que são tão bons ou melhores que os "canônicos", se me permitem a liberdade...

Que quero dizer com isso?

Algo muito simples.

Tenho certeza de que outros cronistas, inclusive apóstolos e discípulos de Cristo, escreveram um excelente trabalho sobre a vida e os milagres do Mestre. relatos que podem ter servido de base em determinados momentos aos quatro evangelistas "oficiais". A maior parte desses textos apareceu nos séculos II e IV e, atualmente, consideram-nos "apócrifos"; na realidade, a única diferença entre estes e os quatro Evangelhos Canônicos, resume-se ao fato de que "não foram inspirados por Deus".

E torno a me perguntar: onde está a prova científica e palpável dessa "inspiração divina"? Será que Deus, como se fosse um vendedor de livros a domicílio, desceu novamente sobre o Sinai para entregar a alguém o "catálogo" dos livros "canônicos"?

Até que ponto os homens que formaram a Igreja não manipularam essa circunstância de “inspiração divina”?

Até que ponto não distorceram as próprias palavras de jesus para “puxar a brasa para a sardinha” dessa instituição chamada Igreja?

Há mais de dois séculos, o doutor Fréret, um dos mais eminentes filólogos e orientalistas de sua época e - conforme uma frase de Turgot – o que melhor aplicou a filosofia à erudição, escreveu, afora seus numerosos trabalhos de crítica histórica, um de crítica religiosa que pode esclarecer algo sobre os confusos primeiros tempos do cristianismo.

No capítulo XII, ao falar nos motivos para se acreditar em cada um dos milagres citados nos Evangelhos Canônicos, Fréret pede que o leitor se certifique da autoridade desses livros e da autenticidade das provas em relação a tudo o que as diversas seitas cristãs já falaram a favor de seus respectivos Evangelhos, para poder chamá-los de inspirados. Segundo esse sadio critério, ele examina os Evangelhos opondo à autenticidade dos considerados verdadeiros, os muitos catalogados como falsos.

“É fato sabido” – dizia o grande filólogo -, “reconhecido por todos os sábios e confessado pelos defensores do Cristianismo que, desde o surgimento da Igreja e dos livros do Novo testamento, se publicaram centenas de textos falsamente atribuídos a jesus, à Virgem, aos apóstolos e aos discípulos. Fabrício, que reuniu todos os que pôde, conta cinqüenta apenas com o título de Evangelhos, e um número muito maior sob outros títulos. Naquele tempo, cada um desses escritos tinha seus partidários. Disto conclui-se , com evidência, que entre os cristãos daquela época, uns eram trapaceiros e impostores e outros, homens simples e crédulos. Se enganou a esses primeiros fiéis com tanta facilidade e se era tão fácil induzi-los à ilusão, que acontece com todos os sofismas que pretendem demonstrar a impossibilidade de uma “hipótese” em relação aos Evangelhos Canônicos?

“Em meio a tamanho caos de livros publicados ao mesmo tempo, e todos aceitos então com respeito, como poderemos agora diferenciar os que eram autênticos dos que não o eram? E o que torna ainda mais árdua essa distinção é a veneração com que os primeiros padres da Igreja citam os Evangelhos Apócrifos. As Constituiciones Apostolicae, São Clemente Romano, São Tiago, São Barnabé e até São Paulo citam palavras de Jesus Cristo extraídas desses Evangelhos. Existem outros e não acreditamos que os apologistas da seita que se tornou predominante tenham conhecido apenas os quatro Evangelhos conservados como autênticos e canônicos...

Até São Justino, a maioria dos textos encontrados são citações de Evangelhos Apócrifos. De São Justino a São Clemente da Alexandria, os padres da Igreja servem-se da autoridade ora dos Evangelhos “não aceitos”, ora dos já então definidos como canônicos. Finalmente após São Clemente, os últimos triunfam e aclipsam os demais. É verdade que nos textos dos primeiros padres encontramos algumas passagens semelhantes às dos atuais Evangelhos. Mas, onde consta que se basearam nestes? Mateus, Marcos, Lucas e João não são citados nem em Clemente Romano, nem em Inácio e nem em qualquer outro escritor dos primeiros tempos. As palavras de Jesus repetidas por estes padres poderiam ter sido aprendidas de viva voz pelo canal da tradição, sem tê-las extraído de nenhum livro. Ou, se se deseja que essas palavras tenham sido tomadas de algum Evangelho, não há razão que nos obrigue a crer que o foram apenas dos quatro oficiais. Por que não dos outros que foram suprimidos.

Os Evangelhos reconhecidos como apócrifos foram publicados ao mesmo tempo que os que passam por canônicos, foram recebidos com igual respeito e idêntica confiança e, ainda, sendo citados preferencialmente. Logo, o mesmo motivo que milita

em favor da autenticidade de alguns, milita com a mesma força em favor da autenticidade dos outros. E, já que estes têm sido, por aceitação geral, considerados “hipotéticos”, sentimo-nos autorizados a crer que também aqueles estariam no mesmo caso.

As afirmações de Fréret são indiscutíveis. Conforme minhas averiguações, no final do século II, a literatura evangélica praticamente desaparece, mas o cânon documental do Cristianismo, apesar de ter a seu favor a autoridade dos três grandes doutores da época – Clemente da Alexandria, Irineu e Tertuliano – não se estabelecera definitivamente. Ao lado dos escritos canônicos ou “autênticos” circulava um considerável número de Evangelhos: os dos hebreus, dos egípcios, de Pedro, de Bartolomeu, de Tomé, de Matias, dos Doze Apóstolos, etc. E estes Evangelhos não eram leitura exclusiva das seitas chamadas heréticas; mais de uma vez, como já disse, os doutores ortodoxos e os mais conceituados padres da Igreja serviram-se deles.

Mas, desde o início do século III até a celebração do Concílio de Nicéia, no ano 325, inclinaram-se pela admissão exclusiva dos quatro Evangelhos simétricos sobre os quais até alguns Santos Padres da Igreja com mais sentido crítico pensavam o seguinte:

Que o Evangelho de Mateus era uma coletânea de sentenças, discursos e parábolas de Jesus, elaborada pelo autor em língua aramaica e anterior ao relato de Marcos, e que o próprio Cristo elegeu aquele apóstolo para que presenciasse seus feitos e para que os escrevesse, dando deles um testemunhos público.

Que Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, com quem viajou a Roma no ano 44, redigiu em forma de Evangelho um resumo da pregação de seu mestre aos fiéis, e que o apóstolo o aprovou e mandou que fosse lido nas igrejas como escritura autêntica.

Que Lucas, discípulo e intérprete de paulo, fez o mesmo com a pregação do grande evangelizador, e que sua obra tem todas as características da certeza.

Que João, já com mais de 90 anos, escreveu sobre Jesus com o objetivo de confundir os hereges gnósticos, e que seu Evangelho, assim como o de Mateus, é o testemunho de maior exceção.

Isso demonstra, nem mais nem menos e em honra da mais pura objetividade, que Marcos e lucas não conheceram Jesus. Escreveram,enfim, de ouvido e sempre baseados nos relatos de pedro e paulo. Supõe-se que os outros dois evangelistas oficiais, Mateus e João, foram testemunhas diretas dos fatos que relatam...

As duas “suposições” atravessaram o tempo e o espaço, tanto no catolicismo quanto no Protestantismo, chegando até o final do século XVIII, quando alguns sábios da última religião começaram a duvidar de que essas suposições fossem verossímeis.

A primeira dúvida recaiu sobre o Evangelho de Mateus; muitos não acreditavam que fora escrito por ordem de Cristo.. Conforme Epifânio e João Crisóstomo, que vieram ao mundo alguns séculos depois. Mateus escreveu seu Evangelho não por ordem do Cristo, mas sim “a pedido dos judeus convertidos e mais ou menos seis anos após a morte do Senhor”. Não se viu nenhum inconveniente de que tivesse escrito o livro em aramaico, mas descobriu-se que dele surgiram várias traduções gregas, algumas muito antigas, com numerosas falhas essenciais. Nunca se soube quem fez a primeira tradução e nem quem tirou do grego a versão latina.

Em relação a Marcos, a crítica do século XVIII não vacilou em dirigir novos ataques contra sua origem apostólica. Em primeiro lugar duvidou que marcos fosse companheiro de Pedro, alegando eu na realidade ninguém sabe direito quem foi esse evangelista, que não se deve confundi-lo com o Marcos primo de Barnabé, nem parece provável que se identifique com aquele a quem Pedro chamou de seu filho e, como afirmavam alguns teólogos, tampouco é possível considerá-lo judeu da família sacerdotal de Aarão. Se assim foi, como pôde escrever seu Evangelho em Roma e em grego?

Como muito bem diz o injustamente criticado Edmundo González-Blanco em sua obra Os Evangelhos Apócrifos, “não é verossímil que um judeu não helenista escrevesse em grego, por mais que essa língua estivesse em moda em todo o Império”.

Em resumo, as Igrejas cristãs – católica, grega e protestante – impuseram desde o Concílio de Laodicéia, até o século XVIII, quatro evangelhos simétricos, confiando em sua autenticidade e veracidade durante todo esse tempo e proibindo totalmente a crença nos outros. Algo parecido ao que aconteceu nas ilhas Baleares, que permaneceram felizes durante 500 anos, com apenas sete leis, uma das quais proibia introduzir outra nova.

Mas desde seus primeiros passos no terreno da pesquisa documental, acrítica achou que o número de Evangelhos tidos como “divinos”, e de cuja existência não cabe duvidar por conhecer-se seus títulos, ou melhor, os nomes dos supostos autores, assim como o conteúdo de muitos deles, não eram quatro, mas 62 ou pelo menos 50, conforme Fabrício. Dos Evangelhos excluídos estão, entre outros, os de Pedro, Tomé, Nicodemus, André, Bartolomeu, Paulo, Tiago, Matias, Tadeu, o Evangelho da Perfeição, o da Infância, o dos Doze Apóstolos, os de Barnabé, Felipe, Marcião, Apeles, etc.

A Profunda Confusão

Se me prolonguei mais do que o necessário nos áridos aspectos da historicidade dos Evangelhos Canônicos e Apócrifos, foi proposital. Desejava mostrar a mim e ao leitor, ainda que brevemente, o obscuro – diria que tenebroso – panorama da origem e da autenticidade de ambos os textos.

Não obstante, algo aparece com um mínimo de pureza: durante os primeiros séculos do cristianismo, numerosos “evangelhos” foram escritos, copiados e conservados. Textos que em boa medida, a partir do século III, serviram para construir ou completar aqueles já “abençoados” e considerados como canônicos ou definitivos.

Em outras palavras: é quase certo que boa parte dos fatos e ditos atribuídos ao Mestre e que hoje conhecemos através dos quatro Evangelhos tradicionais e “legais” estejam baseados nos primeiros documentos – paradoxalmente qualificados pela Igreja como “pouco confiáveis” – conhecidos como “apócrifos”.

Assim se faz a História...

Se a esse batalhão de problemas acrescentarmos a inevitável deformação da realidade como conseqüência da passagem dos séculos, a natural e elogiável confiança no rigor dos quatro evangelhos canônicos – e só pretendo ser leal comigo mesmo – pode sentir-se muito diminuída.

Sei que vozes iradas surgirão das fechadas alas do fanatismo religioso. Sei que os hipercríticos usarão da revelação e dir-me-ão “que esses livros, assim como o resto da Bíblia, foram diretamente inspirados por Deus e que por isso não se deve colocar nenhuma dúvida”.

Já o disse anteriormente. Creio em Deus – não exatamente no Deus de longas e brancas barbas – e sei que a Revelação é, ou pode ser, uma das tantas maravilhas que emanam da divindade. Mas aqui entramos em cheio em um “problema de fé”, não no canal da razão. E se realmente existe no mundo um considerável volume de textos ou Evangelhos manipulados e respeitados como verdadeiros cofres ou depósitos dos ensinamentos de Jesus de Nazaré e dos fatos que protagonizou enquanto viveu no planeta Terra, por que negar o mínimo de “inspiração divina” a muitos desses “apócrifos”? E muito mais quando se sabe que os “mineiros” da exploração bíblica, conhecem a

constância dos Santos Padres dos três primeiros séculos da Era Cristã em usar indistintamente os referidos textos.

Em tudo isso, provavelmente ocorreu o mesmo que acontece e que acontecerá com os episódios passados os quais apenas sobreviveram provas ou testemunhos tão frios e inteiros como possam ser hoje, por exemplo, os filmes ou fotografias. Cada um escolhe as notícias que melhor sirvam a seus objetivos, perfeitamente preconcebidos; e é bem humano que essas mesmas pessoas desejem ver pelas costas os conceitos contrários. Depois, diante dos outros, ufanam-se de ter encontrado a verdade no tópico ou tópicos de sua preferência.

Salvo exceções, os Santos Padres dos primeiros tempos do Cristianismo não possuíam espírito crítico. Era lógico, e achavam digno de crédito tudo o que lhes parecesse edificante. O critério que presidia e dirigia a seleção que realizavam, era essencialmente emotivo ou piedoso e, quando não, teológico ou doutrinário, sem a transcendência crítica e histórica indispensável a tudo o eu começava a entender-se por cânon ou ”catálogo” sagrado. Além disso, o simbolismo exegético formava perante o puro e objetivo estudo da literatura bíblica, uma tendência de fundo místico, que se desenvolvia paralelamente à tendência realista, sem abrir sulcos no caminho da análise histórica.

Dessa forma davam crédito e autoridade a alguns livros e rejeitavam os outros, atendo-se apenas à norma da comodidade intelectual ou das preocupações religiosas. Descendo ao terreno do concreto, vejamos alguns exemplos sobre os critérios e pautas que esses papas da Igreja seguiam para “desqualificar” uns Evangelhos e “elevar” os outros.

Irineu, que morreu mais ou menos no ano 200, expressava-se assim:

“O Evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja estende-se pelo mundo todo, o mundo tem quatro regiões e, portanto, convém que existam quatro Evangelhos...”

E ainda baseava sua preferência pelos quatro Evangelhos Canônicos em afirmações como estas:

“O Evangelho é o sopro ou vento divino da vida para os homens e, como temos quatro ventos cardeais, necessitamos de quatro Evangelhos...

O Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, os querubins têm quatro formas, e por isso o Verbo nos obsequiou com quatro Evangelhos...”

Não se pode deixar de sorrir diante dessas afirmações...

Aqueles que pretendem provar a supremacia dos quatro Evangelhos tradicionais sobre os apócrifos pelo fato de que a Igreja os aceitou universalmente desde os primeiros séculos, ignoram ou se esquecem de que a realidade não foi exatamente assim. Pelos textos de muitos padres da Igreja sabemos que alguns desses Evangelhos passaram bastante tempo sem ser admitidos e aceitos no seio de certas seitas cristãs como obra dos autores que os “assinavam”. Apenas depois de muitos anos foram reconhecidos como canônicos.

Holbach, no prólogo de sua História Crítica de Jesus Cristo, relembra aos “esquecidos” que foi no Concílio de Nicéia, no ano 325 e referendado em 363 no de Laodicéia, quando aconteceu a separação de Evangelhos Canônicos e Apócrifos. Entre os cinqüenta textos existentes escolheram apenas quatro, desprezando os restantes.

Conforme o autor anônimo da obra Libelus Synodicus, um milagre decidiu a seleção... E, entrando no plano do anedótico, já que não consideramos a referência como séria, vejamos o que diz o autor anônimo:

“... Segundo uma versão, impulsionados pela força das orações dos bispos, os Evangelhos inspirados colocaram-se por si próprios sobre um altar. Outra versão (mais

grosseira e tão imprudente que levou os racionalistas a afirmar que o altar fora colocado artificiosamente e com propósito deliberado) conta que todos os evangelhos, canônicos e apócrifos, foram colocados sobre o altar, e que os apócrifos caíram sob o mesmo.

"Uma terceira versão da variante diz que apenas se puseram sobre o altar os quatro Evangelhos verdadeiros e que os bispos, em sentida e fervorosa pregação, pediram a deus que se algum deles contivesse uma só palavra que não fosse certa, caísse ao chão, o que não aconteceu."

"A quarta versão, mais inocente e diferente que as anteriores, afirma que o próprio Espírito Santo entrou no Concílio, transformado em uma pomba que atravessou o vidro de uma janela sem quebrá-lo, voou pelo recinto com as asas abertas e imóveis, pousou sobre o ombro direito de cada bispo e disse ao ouvido de cada um, quais eram os Evangelhos inspirados..."

Naturalmente não acredito que a separação dos Evangelhos "legais" tenha acontecido de uma forma de que o critério dos bispos de Nicéia ao eleger os Evangelhos Canônicos diferisse muito do já mencionado índice valorativo de Irineu. Para sermos sinceros, o que ocorreu naquele Concílio talvez enchesse de enormes dúvidas e angústias os atuais estudiosos da Bíblia e principalmente os honoráveis bispos e cardeais.

Os defensores da revelação divina poderão alegar que já houve vários concílios posteriores e que neles o "problema" resultou definitivamente esclarecido.

Prosseguindo no meu papel provisório de "advogado do diabo", dir-lhes-ei que sim, mas...

Vaticano II: A Conhecida Arte de Não se Comprometer

Ao deparar-me com o delicado assunto da revelação divina, um de meus primeiros movimentos foi colocar-me em imediato contato com os mais prestigiados teólogos e, naturalmente, beber das fontes "oficiais" da Igreja.

E o que diz o Magistério da Igreja sobre a divina revelação? Que pensa a grande "estrutura" sobre esses livros "inspirados" diretamente por Deus?

O espinhoso tema, já discutido no Concílio Tridentino e no Vaticano I, finalmente foi depurado no recente Vaticano II.

Em seu segundo capítulo, "A transmissão da revelação Divina", a Constituição Dogmática diz textualmente:

"Cristo mandou que os Apóstolos pregassem o Evangelho. Os Apóstolos transmitiram tudo o que tinham recebido com palavras, exemplos e ensinamentos. Desta forma, alguns (Apóstolos e discípulos destes), inspirados pelo Espírito Santo, escreveram o anúncio da salvação. Depois os Apóstolos confiaram aos bispos, seus sucessores, o própria posto de mestres. Esta tradição e a Sagrada Escritura são como um espelho no qual a Igreja contempla a Deus".

E um pouco mais adiante:

"... Os Padres testemunham a presença desta tradição à qual devemos o conhecimento do cânon dos Livros Sagrados e sua mais profunda inteligência. Desta forma, Deus, que falou no passado, continua falando através da Igreja e do espírito Santo.

"Tradição e Escritura estão unidas e se comunicam entre si. Por nascer da mesma fonte, formam uma só coisa e têm o mesmo objetivo. Uma e outra devem ser aceitas com a mesma piedade e reverência, até que a Igreja consiga da Sagrada Escritura sua certeza sobre todas as coisas reveladas.

“Tradição e Escritura constituem um único depósito sagrado da Palavra de Deus, confiado à Igreja...”

A frase “alguns (Apóstolos e discípulos destes), inspirados pelo Espírito Santo, escreveram o anúncio da salvação” parece-me digna de meditação. Se é evidente que antes do surgimento dos quatro Evangelhos “legais” ou Canônicos – aceitos oficialmente no Concílio de Nicéia no século IV – circulavam pela Cristandade dezenas de textos e narrações – além da própria tradição oral – sobre a vida e ensinamentos de jesus, e se os quatro textos oficiais sugaram o que puderam dessa Tradição e dos “apócrifos”, onde começa e onde termina a “inspiração” divina?

Vejamos outro exemplo. se o autor ou autores de qualquer dos quatro Evangelhos Canônicos pesquisou profundamente antes de escrever seu trabalho, como no caso de Lucas, supõe-se que tenha escutado muitas testemunhas, discípulos, homens e mulheres que puderam ter relação com o Mestre. Além disso, é lógico imaginar eu o “repórter” em questão recorresse àqueles escritos e “Evangelhos Apócrifos” que, como menciona a Tradição, já existiam entre os primeiros cristãos. Neste caso, a quem devemos considerar como “depositário” da inspiração divina: aos que recordavam e guardavam por via oral o acontecido nos tempos de Jesus de Nazaré, aos textos onde essa tradição começou a refletir-se ou aos mencionados evangelistas, que copiaram muitos dos fatos, palavras e descrições existentes das já mencionadas “frentes” informativas?

O próprio Lucas nos esclarece: “Se bem que muitos já tentaram narrar ordenadamente...

Gostaria de deixar absolutamente claro ao leitor que não nego a “inspiração divina”. Já disse que me parece algo perfeitamente possível dentro da incompreensível maravilha da divindade. O que não me convence é que essa revelação seja exclusiva dos Quatro Evangelhos Canônicos, já eu sabemos que boa parte dos materiais que lhes dão base procede dos documentos apócrifos e da transmissão oral. Acredito que seria muito mais razoável e justo “repartir” essa “inspiração” entre todos e, obviamente, não cometer a aberração e o absurdo, como fez a Igreja em determinadas épocas, de condenar os apócrifos sem antes expurgá-los... honradamente.

O fato de que em alguns desses textos – quase nunca nos primitivos – se encontrem heresias, não é motivo para que os justos paguem pelos pecadores.

E já vamos chegando ao final deste preâmbulo obrigatório.

No capítulo V, a citada Constituição Dogmática sobre a Divina revelação expõe o seguinte:

“... Os evangelistas escreveram, escolhendo algumas das coisas transmitidas de viva voz ou por escrito, com a intenção de fazer-nos conhecer a verdade...”

Essa declaração do Concílio Vaticano II parece-me bastante grave!

Isso quer dizer que os autores sagrados, seguindo a transmissão oral e os apócrifos, usaram umas coisas e deixaram outras... Quando lemos os Evangelhos Canônicos e depois passamos para os apócrifos, percebemos eu os fatos eu os evangelistas deixaram no tinteiro foram muitos e, algumas vezes, importantes.

Por exemplo, que contam os quatro Evangelhos “legais” sobre os “avós” de Jesus? Que se sabe da infância de Maria? Por que, exceto Mateus e Lucas, os “repórteres oficiais” não falam dos maravilhosos prodígios que rodearam o nascimento de Jesus?

Se Mateus é o único que menciona a “estrela” de Belém e os magos é simplesmente porque o leu, lhe contaram o fato ou ambas as coisas. pois bem, quando se estuda detidamente os apócrifos, percebe-se que o relato sobre a “estrela” é muito mais extenso e apaixonante do que nos disseram.

E, curiosamente, enquanto que os quatro textos canônicos, apenas abordam de

passagem as inquietantes perguntas feitas acima, os também autores sagrados dos apócrifos dedicam-lhe longas passagens. E para minha surpresa, o Protoevangelho de Tiago, o de Mateus, o Livro sobre a Natividade de maria, o Livro da Infância do Salvador, a História de José o carpinteiro, os Evangelhos Árabe e Armênio sobre a infância de Jesus (todos apócrifos), coincidem de forma essencial nas áreas sobre a preparação da chegada do Salvador e seu nascimento.

Em minha opinião, que os evangelistas excluíssem essas passagens resulta tão inexplicável quanto lamentável. Sei que também encontramos nos apócrifos narrações bastante duvidosas e fruto de uma inegável fantasia popular. Mas esses parágrafos, essencialmente os relacionados com os primeiros anos da vida de Jesus, nada têm a ver com os primeiros anos da vida de Jesus, nada têm que ver com os reveladores e até agora ignorados capítulos onde terminamos por compreender por que, por exemplo, José e Maria tiveram de refugiar-se em uma gruta; por que julgaram José e a jovem Maria; como a "estrela" de Belém "pousou" no lugar onde nasceu o Enviado; e outras coisas mais.

Os "Avós" de Jesus: Uma Família de Posses

Vejamos a parte essencial do chamado Livro da Natividade de Maria, um apócrifo atribuído a Jerônimo durante a idade Média mas que, conforme os mais recentes estudos, pode ser de um autor anônimo dos tempos de carlos Magno (século IX).

Para "contemporizar" parece que o autor eliminou do relato as passagens que poderiam ter "escandalizado" seus contemporâneos, inclusive colocando sua integridade física em perigo.

Por exemplo, suprimiram capítulos como o do primeiro casamento de São José, as famosas provas das águas amargas e a escabrosa constatação ginecológica da parteira em relação a Maria.

Mas de tudo isso ocupar-me-ei nos capítulos sucessivos, quando expuser os outros apócrifos.

Analisemos primeiro o que diz este famoso "Evangelho Apócrifo" em suas passagens iniciais:

Novamente o "Anjo" do senhor

> A bem-aventurada e sempre gloriosa Virgem Maria descendia de uma estirpe régia e pertencia à família de David. Nasceu em Nazaré e foi educada no templo do Senhor na cidade de Jerusalém. O pai chamava-se Joaquim e a mãe Ana. Era nazarena por parte do pai e belenense pela da mãe.
>
> A vida desses esposos era simples e reta na presença do Senhor e irrepreensível e piedosa perante os homens. Suas terras eram divididas em três partes: uma destinada para o templo de deus e seus ministros; outra para os pobres e peregrinos; a terceira reservavam-na para si e para seus servos.
>
> Mas estes homens tão queridos por Deus e tão piedosos para com o próximo, tinham vinte anos de vida conjugal em casto matrimônio, sem descendência. Mas

tinham feito um voto que se Deus lhes concedesse um rebento, consagrariam-no ao serviço divino. Por este motivo, durante os dias festivos do ano iam ao templo de Deus.

A festa da dedicação no templo aproximava-se e joaquim dirigiu-se a Jerusalém em companhia de alguns patrícios. Naquele tempo era sumo sacerdote Isacar que ao vê-lo entre seus concidadões, menosprezou-o e rejeitou seus presentes, perguntando-lhe como se atrevia a comparecer entre os prolíferos já que era estéril. Disse-lhe ainda que suas oferendas não seriam aceitas por Deus pois este considerava-o indigno da posteridade e clamou pelo testemunho da Escritura, que declarava maldito a quem não gerasse um varão em Israel. Avisou-o de que primeiro deveria ter filhos para livrar-se da maldição e que só então poderia apresentar-se com oferendas para o Senhor.

Joaquim ficou morto de vergonha ante tamanha injúria e se retirou aos seus campos onde se encontravam os pastores e rebanhos, sem querer voltar para casa para não se expor ao desprezo dos companheiros que tinham presenciado a cena e ouvido o que Isacar lhe dissera.

Já fazia algum tempo que se encontrava naquele lugar, quando um dia que estava sozinho, apareceu-lhe um anjo do Senhor, rodeado de grande esplendor. Ficou atemorizado ante a visão, mas o anjo da aparição livrou-o do temor dizendo: “Joaquim, não tenhas medo e nem te assustes comigo. Sou um anjo do senhor. Ele me enviou para anunciar-te que tuas preces foram ouvidas e que tuas esmolas subiram até Sua presença. Teve por bem olhar para tua confusão depois que chegou a Seus ouvidos a infâmia de esterilidade da qual injustamente te acusam. Deus é verdadeiramente vingador do delito, mas não da natureza. E por isso quando resolve fechar a matriz, o faz para poder abri-la de novo de uma forma mais admirável e para que fique bem claro que a prole não é fruto da paixão, mas sim da liberdade divina.

Efetivamente Sara, a mãe primeira de vossa linhagem, não foi estéril até os oitenta anos? E, não obstante, deu à luz já muito anciã a Isaac, a quem aguardava a bênção de todas as gerações. Também Raquel, apesar de ser tão grata a Deus e tão querida do santo Jacó, foi estéril durante muito tempo, sem que isso fosse obstáculo para que gerasse José que foi não só o senhor do Egito, mas também o libertador de muitos povos que iam morrer de fome. E houve juiz mais forte que Sansão e mais santo que Samuel? Apesar disso, ambos tiveram mães estéreis. Se a razão contida em minhas palavras, não consegue convencer-te, acredita pelo menos que as concepções esperadas por muito tempo e os partos provenientes da esterilidade geralmente são os mais maravilhosos.

Saiba então que Ana, tua mulher, vai dar à luz uma menina, a quem colocarás o nome de Maria e que viverá consagrada a Deus desde sua infância em consonância com o voto que fizeste, e já desde o ventre da mãe estará plena do espírito Santo. Não comerá e nem beberá nada impuro e nem passará sua vida entre o bulício da plebe, mas no recolhimento do templo do Senhor, para que ninguém possa chegar a suspeitar e nem falar algo desfavorável a ela. E quando for crescendo da mesma

forma que ela nascerá de uma mãe estéril, ou sejam virgem, gerará de maneira incomparável o Filho do Altíssimo. O nome Deste será Jesus, porque de acordo com seu significado será o salvador de todos os povos.

Este será o sinal de que é verdade tudo que acabo de dizer-te: Quando chegares à porta Dourada de Jerusalém. encontrarás Ana, tua mulher, que virá a teu encontro. Ela, que agora está preocupada por tua demora em regressar, alegrar-se-á profundamente ao ver-te de novo".

E após dizer isso, o anjo afastou-se dele.

O "Anjo" se Elevou

Este texto coincide de forma essencial com os apócrifos de Mateus e com o Protoevangelho de Tiago.

Tanto em um quanto em outro, os autores reconhecem que Joaquim, o "avô" de Jesus, era um homem de posses. Possuía reses e terras e pertencia a uma estirpe muito respeitada entre as tribos de Israel.

Mateus, por exemplo, diz a esse respeito:

Como recompensa o Senhor multiplicava de tal forma seu gado, que ninguém do povo de Israel podia comparar-se a ele. Isto acontecia desde que tinha quinze anos. Quando chegou aos vinte, casou-se com Ana, filha de Isacar, que pertencia a sua mesma tribo, à de Judá; isto é, da estirpe de Davi. E depois de viver vinte anos de matrimônio não teve dela filhos nem filhas.

Dessas afirmações é cabível deduzir eu, como tanto se apregoou, a família de Jesus não era de origem humilde. Seus "avós" terrenos, se me permitem a expressão, dispunham de bens consideráveis. E José, seu pai, também gozava de uma sólida posição como carpinteiro. como veremos mais adiante em outras passagens dos apócrifos, também era construtor. E naquela época (não tanto como hoje) um carpinteiro com oficina própria tinha seu sustento mais do que garantido...

Dentro do puramente circunstancial, os apócrifos de Mateus e de Tiago não coincidem, por exemplo, com o Livro sobre a natividade de maria no que se refere à identificação exata do sumo sacerdote que injuriou Joaquim. Para os apóstolos não foi Isacar, sogro de Joaquim e sim Rubens, um escriba. Mas o fato é irrelevante.

Entretanto, sobre a aparição do "anjo" a Joaquim, o relato de Mateus coloca uma série de precisões e detalhes muito interessantes.

Naquele tempo – diz o apócrifo de Mateus – apareceu um jovem entre as montanhas onde Joaquim pastoreava seus rebanhos e lhe disse:
"Por que não voltas ao lado de tua esposa?
Joaquim replicou:
"Já faz vinte anos que tenho mulher e, já que o Senhor houve por bem não dar-me filhos dela, vi-me obrigado a abandonar o templo de deus ultrajado e confuso. Para eu voltar a seu lado como estou, cheio de desonra e vexado? Ficarei aqui com meu gado até que deus queira que a luz deste mundo me ilumine. Mas nem por isso deixarei de dar, com muita boa vontade, através de meus criados, a parte que

corresponde aos pobres, às viúvas, aos órfãos e aos servidores de Deus".

Mateus fala de "um jovem". Portanto deve ter causado em Joaquim a impressão de uma pessoa de aspecto juvenil. E o diálogo, conforme os textos, flui sem problemas. Joaquim não ficou espantado como acontece em outras narrações sobre anjos; o que já não aconteceu em relação à desaparição do "jovem", como nos conta o Evangelho Apócrifo em questão.

> Nem bem terminou de falar e o jovem lhe respondeu: "Sou um anjo de deus e hoje apareci a tua mulher quando orava afogada em prantos; saiba que ela já concebeu de ti uma filha. Esta viverá no templo do senhor, e o Espírito Santo repousará sobre ela. Sua felicidade será maior do que a de todas as mulheres santas. Tanto é assim, que ninguém poderá dizer que no passado houve alguma semelhança a ela, e nem sequer no futuro alguma lhe será comparável. Por tudo isso, desce já destas montanhas e corre para a tua mulher. A encontrarás grávida, pois Deus dignou-se a suscitar nela um germe de vida (o que te obriga a mostrar-te reconhecido com Ele); e esse germe será bendito e ela mesma também será bendita e ficará constituída como a mãe da eterna bênção."

> Joaquim prostrou-se em atitude de humilde adoração e disse: "Já que fui agraciado com tua visão, vem repousar em minha tenda e abençoar este servo". Ao que o anjo respondeu: "Não te chames de meu servo, e sim de co-servo, pois ambos estamos na condição de servir ao mesmo Senhor. Minha comida é invisível e minha bebida não pode ser captada pelos olhos humanos; portanto não é necessário que me convides. Será melhor que ofereças a deus em holocausto o que me darias de presente".

Então Joaquim pegou um cordeiro sem nenhum defeito e disse ao anjo: "Nunca me teria atrevido a oferecer um holocausto a deus se teu mandato não me tivesse dado potestade de fazê-lo".

O Anjo replicou: "Eu tampouco te convidaria a oferecê-lo se não conhecesse o beneplácito divino.

E ocorreu que, quando Joaquim oferecia seu sacrifício, junto com o perfume deste e, por assim dizer, com a fumaça, o anjo elevou-se ao céu.

Então Joaquim prostrou a face na terra e ficou deitado desde a sexta hora até a tarde. Quando seus servos e assalariados chegaram por não saber o que aquilo significava, encheram-se de espanto, pensando que ele quisesse suicidar-se. Aproximaram-se e com muito esforço conseguiram levantá-lo do chão. Então ele lhes contou sua visão, e todos movidos pela admiração e estupor produzidos pelo relato, aconselharam-no que obedecesse sem demora a ordem do anjo e que voltasse depressa para a mulher.

Mas aconteceu que, enquanto Joaquim pensava se era ou não conveniente voltar, adormeceu e em seus sonhos apareceu-lhe o mesmo anjo que vira anteriormente quando estava acordado. Este falou-lhe assim:

"Eu sou o anjo designado para tua guarda; desce tranqüilamente e fica ao lado de Ana, porque as obras de misericórdia que tanto ela quanto tu fizeste foram apresentadas ante o Altíssimo, que houve por bem legar a ambos uma posteridade como nunca puderam ter desde o princípio os santos e profetas de deus, e que nem poderão tê-la no futuro."

Joaquim chamou os pastores, quando acordou, para contar-lhes o sonho. Estes lhe disseram, prostrados em adoração a Deus:

"Toma cuidado e não desprezes mais as ordens de um anjo do Senhor. Levanta-te e vamos. Avançando lentamente, poderemos ir cuidando nossos rebanhos."

Três Horas de Terror

A última parte do Apócrifo de Mateus, quando o anjo abandona Joaquim, tem um significado muito especial. Pelo menos em minha opinião.

Se analisarmos a aparição do "jovem" - "entre as montanhas onde Joaquim cuidava seus rebanhos" -, o fato em si não parece ter maio9r importância. Pelo menos, Mateus não o destaca. Mas, no Livro sobre a natividade de maria, o autor matiza e afirma que "o anjo de Deus apresentou-se a Joaquim rodeado de um imenso resplendor..."

O mais provável é que nunca saibamos a verdade. Entretanto, mesmo que os apócrifos não cheguem a um acordo sobre o modo como esse anjo apareceu a Joaquim, o que fica evidente é que o "mensageiro" existiu. E que era "algo" físico.

E continuo perguntando-me:

Que pode ser esse "algo" que se eleva da terra ao céu e que, além disso, é capaz de provocar tal estado de choque em um homem adulto como Joaquim?

O apócrifo estende-se bastante no acontecido nas horas imediatas à ascensão ou "decolagem" do "anjo". E determina com precisão que os pastores encontraram Joaquim com a face na terra e que custou-lhes bastante trabalho levantá-lo do chão...

Aqui existe algo que realmente não encaixa. Vejamos.

Após estudar com atenção os diferentes textos dos apócrifos já mencionados se pode deduzir que o anjo necessitou de três a cinco minutos, pelo menos, para expor sua mensagem a Joaquim. pois bem, durante todo o tempo que durou a conversa, os apócrifos não mencionam que Joaquim tenha sentido medo ou incerteza. Apenas no final, quando o "anjo eleva-se ao céu" o avô de Jesus cai à terra tomado de terror. E assim permanece "desde a sexta hora até a tarde, ou seja, possivelmente durante mais de três horas.

Por que um homem que já tinha 40 anos e que devia estar acostumado à solidão do campo e das montanhas sente esse pavor e fica praticamente imóvel durante tanto tempo?

Se o anjo já conversara com ele e o medo não se manifestara em Joaquim, por que a perturbação surge precisamente no momento em que o "anjo", como a fumaça, subiu ao céu?

Apenas uma comparação:

Hoje, conheço dezenas de testemunhas da passagem, aterrissagem ou decolagens de OVNI's que, pouco mais ou menos, sentiram o mesmo terror eu o pai da Virgem. Se em pleno século XX, conscientes da existência da lei da gravidade, dos aviões supersônicos e dos módulos lunares, ainda nos sentimos gravemente afetados quando vemos um desses objetos, o que se poderia esperar dos primitivos pastores que povoavam as montanhas de Israel há 2000 anos?

Como poderiam assimilar a idéia de um artefato que desce iluminando o local e sobe violentamente talvez entre labaredas e detonações?

E insisto no fato de que o "anjo" não se apresentou perante Joaquim como um ente imaterial. Muito pelo contrário. Devia ser uma personagem tão física que, segundo Mateus, o futuro avô de Jesus "prostrou-se ante ele e convidou-o a descansar em sua tenda.."

Esse convite incluía uma refeição leve, costume habitual aos nômades e aos outros habitantes do Extremo Médio Oriente.

E o anjo diz a seu interlocutor:

"Minha comida é invisível e minha bebida não pode ser captada por olhos humanos..."

Possivelmente é uma das poucas vezes em que um 'mensageiro" esclarece que seu sistema de alimentação não tem nada que ver com o que conhecemos em nosso mundo. Mas reconhece que se alimenta, mesmo que seja de outra forma.

Se esses seres, os chamados anjos, pertenciam a civilizações superiores, a outras dimensões ou estados de realidade, como Joaquim poderia compreender o sistema alimentício dos mesmos?

Duvido que até nós fôssemos capazes de assimilá-lo.

A Nave e o Tripulante

E antes de prosseguir com os textos dos apócrifos, gostaria de chamar a atenção sobre um fato que se repete com grande freqüência na quase totalidade dos livros que integram a Bíblia, assim como nos Evangelhos Apócrifos, e sobre o qual já falei no prólogo. Trata-se de um detalhe que também aparece na passagem que nos ocupa e eu, acredito, pode constituir grave motivo de confusão.

É natural que para Joaquim o "jovem" que lhe fala e a quem convida para descansar em sua tenda, e que depois sobe ao céu provocando-lhe espanto, é ou tenha a categoria de"anjo". Este fato concretíssimo aparece em dezenas de textos da Bíblia e, salvo exceções, as testemunhas englobam em uma mesma definição "o anjo do senhor" e os possíveis tripulantes e suas naves.

Repito eu não poderia ser de outra forma quando os que observam o fenômeno carecem dos mais elementares conceitos e palavras sobre o que presenciam. Para aqueles homens do deserto ou das planícies judaicas a descida entre luzes de um objeto brilhante ao Sol apenas podia significar a "glória de Yaveh". Que outra coisa podiam imaginar? Será que tinham condições de suspeitar ou de entender um gigantesco "plano", a nível cósmico, para possibilitar a chegada do Filho de Deus a este planeta?

Mas deixemos para depois a possível interpretação da presença dessas naves sobre aquela região do mundo.

De acordo com a teoria eu mantenho desde o início deste trabalho, os "astronautas" que participaram do grande "plano" da Redenção, após terminar a fase de seleção, resgate e traslado do povo eleito até a Terra Prometida, iniciaram com as "aparições" aos "avós" do Enviado uma última e decisiva etapa: o aviso aos humanos de que no final do processo participariam diretamente do nascimento de Jesus.

Tal como assinalei na prévia exposição de minhas idéias gerais, os "anjos" ou "astronautas" que foram "eleitos" para materializar boa parte do plano divino sobre a Terra, tinham formas humanas. Eram de carne e osso... E assim parece ratificá-lo Joaquim. E insisto na circunstância de que o "jovem" não se desvaneceu subitamente, como poderia tê-lo feito um ente de outra natureza. Aquele "anjo" necessitou de um veículo para subir aos céus e a "decolagem", como eu a chamo, deve ter sido tão traumatizante para a testemunha que a deixou paralisada pelo terror ou, quem sabe, inconsciente pela grande proximidade da nave em que viajavam os "astronautas". Estudando os milhares de casos de OVNI registrados no mundo, pude comprovar que muitas das testemunhas realmente ficam imobilizadas ou perdem os sentidos quando essas máquinas se aproximam ou vive-versa...

A Não Menos Misteriosa Gravidez da "Avó" de Jesus

Precisamente no apócrifo de Mateus, o "anjo" revela a Joaquim um fato de enorme transcendência para o ser humano. Se não estou enganado, também é a primeira vez que um 'enviado" ou "mensageiro" dos céus esclarece sua missão ou "trabalho" em relação à espécie humana.

"Eu sou o anjo designado para tua guarda...", diz nossa personagem a Joaquim.

Se isso fosse certo – e não vejo razão nenhuma que o impeça dentro de uma ordem superior – cada homem usufruiria, desde o instante de seu nascimento, de um desses "guardiães" ou "guias", encarregados de velar por sua segurança e evolução durante o tempo previsto para sua existência neste mundo. E quase sem querer me vêm à memória as afirmações de alguns "contatados" de hoje em dia, que afirmam que esses "guias" ou "mestres" cósmicos existem fisicamente e que pertencem às dimensões superiores.

"Encontra-la-ás Grávida"

Analisando o mesmo Evangelho apócrifo de Mateus, encontram-se outros fatos bastante significativos.

Por exemplo, o "anjo", em sua longa conversa com Joaquim, anuncia-lhe com total clareza:

"... Por tudo isso, desce já destas montanhas e corre para a tua mulher. Encontra-la-ás grávida, pois Deus dignou-se a suscitar nela um germe de vida.."

Essas frases do enviado me deixaram perplexo.

Conforme o Evangelho de Mateus, o marido de Ana já estava havia cinco meses em profunda solidão na montanha. Como conseguiu engravidá-la?

E insisto no fato de que as palavras do anjo são definitivas:

"... Encontra-la-ás grávida..."

Isto mostra um fato insólito e praticamente desconhecido até hoje:

Maria, a filha de Ana e Joaquim, foi concebida de forma tão misteriosa quanto Jesus. O mesmo anjo destaca o feito quando diz a Joaquim:

"... Pois Deus dignou-se a suscitar nela um germe de vida".

Tal como ocorreria anos mais tarde na concepção de Jesus de Nazaré, a obra do Espírito Santo aparece claramente na de Maria. No fundo, se analisarmos o problema com objetividade, não poderia ser de outro modo.

Se o delicado "plano" cósmico da Redenção já depura uma das melhores raças sobre a Terra, como o era a judaica, para obter o que os antropólogos de hoje considerariam um tipo étnico sem misturas, é lógico pensar que os últimos passos dessa "cadeia" foram controlados, e muito, pelo "alto comando". Até do ponto de vista dos códigos genéticos a combinação era perfeita.

Em um "plano" de tal abrangência, tudo tinha de estar previsto e calculado em seus mínimos detalhes. Por isto as palavras do mensageiro a Joaquim, dando-lhe a conhecer que "Deus ouvira suas preces e por isso tornaria sua mulher, Ana, fértil", me parece uma "saída airosa"...

Também não era o caso de explicar ao voluntarioso e primitivo Joaquim os pormenores da redenção do gênero humano.

E outra das provas de que "tudo" devia estar perfeitamente previsto "nas alturas" foram as revelações do anjo em relação ao nome que a menina deveria receber, Maria;

assim como a não menos importante e nada gratuita advertência de que "não poderia comer nem beber nenhuma coisa impura".

Essa taxativa proibição de comer ou beber "alimentos impuros" evidentemente continha um objetivo de ordem sanitária. Muitos anos antes, outro enviado de alto nível e a quem o povo judeu chamou Yaveh, confundindo-o, sem dúvida, com o Grande Deus, teve um cuidado especial em ditar as normas de saúde daquele povo, que ficaram registradas no Levítico.

Mas deixemos para mais adiante o curioso e significativo capítulo sobre a alimentação de maria, mãe de jesus.

Três Anos de Lactância

O Evangelho Apócrifo de Mateus prossegue seu relato. Joaquim, após a segunda aparição do anjo, levanta acampamento e se põe a caminho.

O autor sagrado diz textualmente:

Andaram trinta dias consecutivos e quando já estavam perto, um anjo de deus apareceu a Ana, que orava, e lhe disse:

"Vai até a porta a que chamam Dourada e sai ao encontro de teu marido, porque hoje mesmo ele chegará".

Ela se apressou e foi para lá com suas donzelas. E, chegando, começou a orar. Quando já estava cansada e aborrecida de tanto esperar, de repente levantou os olhos e viu Joaquim que chegava com seus rebanhos. Saiu correndo a seu encontro, abraçou-se a seu pescoço e deu graças a Deus, dizendo:

"Há pouco era viúva, já não o sou; não faz muito era estéril e eis que concebi em minhas entranhas".

Isso fez com que todos os vizinhos e conhecidos se regozijassem, até o ponto em que toda a terra de Israel alegrou-se com tão grata novidade.

Como vemos, novamente se confirma a hipótese de que Maria, a mãe de Jesus, também foi gerada pelo Espírito Santo. Ou, o que vem a ser o mesmo, por um procedimento misterioso ou sobrenatural. Um fato que, diga-se de passagem, jamais foi valorizado ou divulgado pela Igreja Católica...

O Anjo Aparece a Ana

O Livro sobre a Natividade de Maria conclui o capítulo da história de Ana e Joaquim, com um relato basicamente similar ao anterior.

Esse apócrifo diz:

Depois apareceu a Ana (refere-se ao mesmo anjo que se mostrara a Joaquim nas montanhas e lhe disse:

"Não tenhas medo, Ana, nem creias que é um fantasma o que vês. Sou o anjo que apresentou vossas orações e esmolas perante Deus. Agora acabo de ser enviado para vos anunciar o nascimento de uma filha cujo nome será Maria e que há de ser bendita entre todas as mulheres. Desde o momento mesmo de nascer sobejará nela a graça do Senhor e

permanecerá na casa materna os três primeiros anos até que termine sua lactância. Depois viverá consagrada ao serviço de Deus e não abandonará o templo até o momento da discrição (o tempo da menstruação). Ali permanecerá servindo a deus com jejuns e orações, de noite e de dia, e abstendo-se de toda coisa impura. Jamais conhecerá homem, mas ela sozinha sem prévio exemplo e livre de toda a mancha, corrupção ou união com homem algum, dará à luz, sendo virgem, um filho, e sendo escrava, ao senhor que com sua graça, seu nome e sua obra será Salvador do mundo inteiro.

Levanta-te, pois, e sobe até Jerusalém. e quando chegares àquela porta a que chamam Áurea por ser dourada, encontrarás ali, em confirmação do que te digo, a teu marido, por cuja saúde estás preocupada.

Tem como seguro, quando se tiverem cumprido essas coisas, que o conteúdo de minha mensagem se realizará sem nenhuma dúvida.

Ambos obedeceram as ordens do anjo e se puseram a caminho de Jerusalém desde os pontos de onde respectivamente se encontravam. E quando chegaram ao lugar assinalado pelo vaticínio angélico, vieram a encontrar-se mutuamente. Então, alegres por ver-se de novo e firmes na certeza que lhes dava a promessa de um futuro rebento, deram as necessárias graças a Deus que exalta os humildes.

“Deus Seja Louvado por me ter feito mulher”

É de se supor que a “equipe” de seres do Espaço que já “trabalhava” nessa “fase” do “plano” da redenção humana se perguntasse, e com extrema preocupação, que tipos de reações poderia provocar em Joaquim e Ana a comunicação, por parte de um de seus “homens”, do futuro nascimento de uma menina, pelo simples motivo de que naquela época, como ainda hoje, a situação da mulher no Oriente não era das melhores.

Para a mulher judia ter filhos era extremamente importante, ou melhor, o não tê-los era considerada uma grande desgraça e até um castigo divino. Se a esposa dava ao marido um varão, começava a ser respeitada e considerada entre as famílias fiéis e cumpridoras da Lei. Se, pelo contrário, tinha uma fêmea, encaravam o acontecimento com freqüente indiferença e tristeza.

A inferioridade da mulher nos tempos de Jesus chegou a tal ponto que um dos textos rabínicos (o Berakot) recomendava que se rezasse todos os dias a seguinte oração: “Deus seja louvado por não me ter feito mulher”. Portanto, resulta pouco compreensível que Ana – e nem falemos de seu marido – expressasse uma alegria tão grande perante o nascimento de uma filha.

Como era lógico, nem sequer as palavras do “astronauta” – “e que há de ser bendita entre todas as mulheres” – devem ter tranqüilizado o inquieto coração da futura “avó” de Jesus.

Ela, como mulher, conhecia o grau de submissão a que todas tinham de submeter-se. Quando uma mulher judia saía de casa, por exemplo, levava o rosto coberto por um toucado que compreendia dois véus sobre a cabeça, um diadema sobre a testa com fitas que chegavam até o queixo e uma trama de cordões e nós, para que não pudessem reconhecer-lhe o rosto. Joaquim Jeremias conta que a mulher que não usasse todos esses apetrechos ofendia de tal forma os bons costumes, que o marido tinha o direito, e

inclusive o dever, de mandá-la embora sem ter que pagar-lhe a soma estipulada no contrato matrimonial, em caso de divórcio (Isto está especificado no texto também rabínico Ketubot).

Tudo me leva a crer que a Virgem Maria, já adulta e mãe de jesus, seria obrigada a respeitar a mesma norma. enfim, temos aqui outro fato que também não foi retratado fielmente pela tradição pictórica mundial. A Virgem, como sabemos, sempre aparece com o rosto descoberto, o que, na realidade, não deveria acontecer.

A precária situação social da mulher no Oriente chegava a situações tão calamitosas como as registradas nos textos rabínicos Qiddushin, Ketubot e Berakot:

A boa educação proibia encontrar-se a sós com uma mulher na rua; olhar para uma mulher casada e até cumprimentá-la. A que falava com todo mundo na rua, ou expunha suas opiniões publicamente, podia ser repudiada sem receber a indenização estipulada no contrato de casamento.

Filon diz a esse respeito: “Mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, grandes reuniões, ou sejam toda a vida pública com suas discussões e negócios, tanto na paz quanto na guerra, está feita para os homens. As mulheres devem ficar em casa e viver retiradas. As jovens devem permanecer em seus aposentos impondo-se como limite a porta de comunicação (com os aposentos dos homens), e as mulheres casadas, a porta do pátio como limite.”

As obrigações e os direitos religiosos das mulheres eram limitados. Segundo Josefo, no Templo elas só podiam entrar no Átrio dos gentios e no das Mulheres. Nos dias da purificação mensal e durante um período de 40 dias após o nascimento de um varão e 80 depois do de uma filha, não podiam entrar nem no Átrio dos gentios. a aprendizagem era rigorosamente proibida às mulheres. em casa, não a incluíam no número de pessoas convidadas para pronunciar a bênção após a refeição. tampouco podia servir de testemunha, pois como se deduz do Gênesis (18, 15), “era mentirosa”...

Perante um panorama tão escuro e pouco grato, que tipo de futuro se podia esperar para qualquer mulher nascida naquela época? Segundo os apócrifos, a alegria de ana e Joaquim com os avisos do “anjo” foi mais em função da gravidez, circunstância “reivindicada” pela sociedade em que viviam, do que por ter uma filha. E além do mais, naturalmente pelo fato de ter contemplado um ser “sobrenatural”. se levarmos em consideração que as mulheres daquela época, e principalmente as da classe alta, como era o caso de Maria, quase sempre permaneciam acompanhadas de donzelas, escravas, etc, é bem provável que estas também tenham visto o “astronauta”, ou sua nave, ou a ambos. E por que a notícia não correu como a pólvora pela cidade e pela comarca?

Se pararmos para refletir sobre a tardia gravidez de Ana, que possivelmente já entrara na casa dos quarenta, não se precisa de muito tempo para perceber como foi maravilhosamente bem planejada a chegada do Messias. Refiro-me, mais uma vez, ao “estado-maior”...

O mais fácil, ainda eu não tão real, seria suscitar em Ana e Joaquim um ou mais filhos, e na idade normal. Mas isto, não teria destacado tanto a ação divina. Sem dúvida, era muito mais “espetacular” fechar temporariamente a maternidade dos “avós” de Jesus, submetê-lo a uma situação tensa e difícil como a censura do sumo sacerdote e, por último, fazer brilhar ante o casal e ante todo o povo judeu o imenso poder dos céus.

Não me referirei agora ao assombroso, ou misterioso, ou sobrenatural fenômeno anunciado pelo “astronauta” sobre a fecundação do óvulo de Ana, da qual nenhum homem participou. Prefiro esperar outro momento, praticamente “gêmeo” ao que lemos, quando um outro “tripulante” anuncia à jovem Maria que conceberá um filho sem a mediação humana. Do ponto de vista genético, por exemplo, a incógnita é apaixonante.

O Dilema Da Lactância

Outra parte desse “plano” que me fascina por seu caráter preventivo é o que se refere aos primeiros anos da infância de Maria. Lembremos as palavras do “astronauta”: “... e permanecerá na casa paterna os três primeiros anos até que termine sua lactância”.

Inicialmente tive dúvidas... Os pediatras que consultei coincidem em que três anos de alimentação à base de leite materno constitui ou pode constituir um erro.

Eis algumas das razões:

Considerando um bebê normal – e não existem motivos para que fisiologicamente Maria fosse diferente -, os dentes brotam entre os seis e nove meses, precisamente quando os médicos recomendam que se pare de amamentar, pois a criança pode morder e machucar o seio da mãe. Paralelamente, nesse momento, surge na mãe uma espécie de rejeição pela lactância.

Também se provou que a partir de nove meses a secreção láctea perde seu teor de proteínas. Como se sabe, o leite materno reúne entre seus principais elementos os hidratos de carbono,gorduras, sais minerais, proteínas e vitaminas.

Uma alimentação durante três anos só de leite materno poderia provocar na criança, por exemplo, anemia, desnutrição, avitaminose, distrofias, falta de defesas, deficiências respiratórias, etc.

Mas, frente a essa realidade, cientificamente comprovada, encontramos outro dado muito significativo. em pleno século XX os médicos observaram que em países como o Zaire a mortalidade infantil é muito elevada a partir dos dois anos de idade. por que?

A explicação parece bastante simples: as crianças africanas são amamentadas exatamente até a idade de dois anos.

Será que o leite materno também contém defesas especiais? Conforme os especialistas, sim. E como muito bem colocam pediatras tão famosos como Waldo E. Nelson e Schaffer, é bem provável que apesar de todos nossos conhecimentos, ainda não tenhamos descoberto a totalidade dos elementos que integram o leite materno.

Nesse caso a ação da “equipe” de “astronautas” que ordenou a lactância de Maria por um período de três anos pode ter sido correta. Desconheço se existem cifras confiáveis sobre a mortalidade infantil na época de jesus, mas suponho que fossem preocupantes. Se aqueles seres superdesenvolvidos tecnicamente conheciam tal ameaça, fato mais que certo, a medida em questão resultava mais do que razoável.

A medicina de 2.000 anos atrás não tinha condições de saber que, por exemplo, o colostro (leite materno da primeira semana) é rico em anticorpos contra o vírus poliomielítico, contra o coli e contra os estafilococos. Conforme os médicos de hoje, a criança alimentada com o leite materno está praticamente imunizada contra uma infinidade de infecções, além de ter a flora intestinal igualmente protegida.

Os pediatras e psiquiatras estão de pleno acordo em relação a outro fato de grande importância para o equilíbrio emocional da criança: um bebê que mama o leite materno geralmente tem maior afetividade e cresce sem medos e sem traumas.

Se os “astronautas” que supostamente eram infinitamente mais adiantados que nossos pediatras e psicólogos, pretendiam que Maria crescesse plena de afetividade, sem medos e traumas e com um mínimo de defesas em relação às doenças que deviam assolar a povoação infantil, uma lactância prolongada seria o “tratamento” ideal.

Por outra parte, já que os pais da menina fizeram o voto solene de entregá-la ao serviço do templo, cabe pensar que a “equipe” estabeleceu essa margem mínima de três anos, para evitar uma entrega prematura da mesma aos sacerdotes, pois não há dúvida de que o lugar natural de toda criança é no seio da família.

Além do mais, não acredito que durante seus três primeiros anos Maria foi única e exclusivamente alimentada à base de leite materno. O mais provável é que essa dieta fosse complementada com outros produtos próprios para a idade.

Em resumo, a afirmação dos Evangelhos Apócrifos sobre os três anos de lactância da pequena Maria pode ser plenamente justificada do ponto de vista médico. Isto fortalece meu critério de que muitas das passagens desses textos esquecidos aconteceram de verdade.

A "Equipe" Supervisiona a Infância de Maria

Provavelmente esta seja a parte dos Evangelhos Apócrifos sobre os primeiros anos da vida de Maria que resulte mais fantasiosa ou pueril, pelo menos em alguns de seus capítulos.

Mas outras passagens, comuns inclusive nos apócrifos, me pareceram bastante reveladoras.

Vejamos, em primeiro lugar, o texto do Evangelho Apócrifo de Mateus:

Cumpridos os nove meses, Ana deu à luz uma filha e lhe pôs o nome de Maria. No terceiro ano, seus pais a desmamaram. Depois foram ao Templo e, após oferecer seus sacrifícios a deus, lhe doaram sua filhinha Maria, para que vivesse entre aquele grupo de virgens que passava dia e noite louvando a Deus. E ao chegar frente à fachada subiu tão rapidamente os quinze degraus, que nem teve tempo de voltar a vista para trás e nem sequer sentiu saudades dos pais, coisa tão natural na infância. Isto deixou a todos estupefatos, de maneira que até os mesmos pontífices ficaram cheios de admiração.

E prossegue mais adiante o autor sagrado:

E Maria era a admiração de todo o povo, pois com apenas três anos, andava com um passo tão firme, falava com tal perfeição e se entregava com tanto fervor aos louvores divinos que ninguém a tomaria por uma criança, mas sim por uma pessoa adulta. Além disso era tão assídua na oração como se já tivesse trinta anos. Sua face era resplandecente como a neve e, por isto, apenas se podia olhá-la com dificuldade. Entregava-se com assiduidade às tarefas da lã, e é de notar que o que mulheres adultas nunca foram capazes de executar, esta realizava-o em sua mais tenra idade.

> Esta era a norma de vida que se impusera: desde a madrugada até a terceira hora, fazia orações; da terceira à nona, ocupava-se de suas tarefas; da nona em diante, consumia todo o tempo em oração até que o anjo do senhor se mostrasse e decujas mãos recebia alimento. E assim crescia mais e mais nas vias da oração.

Finalmente era tão dócil às instruções que recebia em companhia das virgens mais antigas, que não havia nenhuma com mais prontidão do que ela para as vigílias, nenhuma mais erudita na ciência divina, nenhuma mais humilde em sua simplicidade, nenhuma interpretava com mais donaire a salmodia, nenhuma era mais gentil, nem, finalmente, em sua virtude. Pois ela era sempre constante, firme, inalterável. E cada dia melhorava mais.

Cada dia usava exclusivamente para sua refeição (sustento) o alimento que lhe vinha das mãos do anjo, repartindo entre os pobres aquele que lhe davam os pontífices.

Freqüentemente via-se os anjos falando com ela, obsequiando-a com carinho de íntimos amigos. E se algum doente conseguia tocá-la, voltava imediatamente curado para sua casa.

Salta aos olhos que o autor – neste caso Mateus e aqueles que talvez colaboraram na redação deste Evangelho Apócrifo – extrapolou ao avaliar as excelências de Maria.

Que uma criança de três anos caminhe “com passo firme” considera-se um fato absolutamente normal. O estranho seria ao contrário. E ainda que não duvide da qualidade do leite materno de Ana, o fato constatado pelos apócrifos de que “foi desmamada aos três anos” me parece uma circunstância que, como já comentei, longe de proporcionar o fortalecimento do organismo de maria, a teria colocado em grave risco de desnutrição. supõe-se, portanto, que a solícita Ana complementasse a mamada com outro tipo de alimentação.

Também duvido que a pequena Mariam, pois este era seu nome verdadeiro, com apenas três anos já se entregasse aos louvores divinos e a um ritmo tão intenso de oração. E se me permito duvidar não é porque descreia do poder do Profundo, mas sim porque sempre o considerei um deus extremamente sensato.

O fato de que aquela criatura tivesse sido eleita para servir de claustro durante nove meses ao Filho do Altíssimo, não significa que a natureza tivesse de romper seu equilíbrio. portanto, suponho que por mais que vivesse rodeada de donzelas virgens, deve ter-se comportado como uma criança, ou sejam, com as mesmas travessuras, birras, jogos e atitudes comuns à infância.

Tampouco acredito que “ninguém jamais a viu irada...”

Será que alguma vez existiu na História desta humanidade uma só criança normal que não tenha chorado, reclamado ou esperneado pelas pequenas coisas que ocupam e preocupam às crianças?

Como já disse, esse enfoque dos Evangelhos Apócrifos me parece bastante fantasioso e exagerado, da mesma forma que as afirmações de Tiago em seu Protoevangelho, nas quais, entre outras coisas, se pode ler:

E dia a dia a menina ficava mais robusta. Ao chegar aos seis meses, sua mãe deixou-a sozinha no chão para ver se ficava em pé, e ela, depois de andar sete passos, voltou ao colo da mãe. Esta levantou-a dizendo:

“Viva o Senhor, e não andarás mais por este chão até que te leve ao templo do Senhor”.

E lhe fez um oratório em seu quarto, e não consentiu que coisa comum ou impura chegasse a suas mãos. Chamou, também, umas donzelas hebréias, todas virgens, e estas a distraíam.

E mais adiante diz o apócrifo:

... Ao chegar aos três anos, disse Joaquim:

“Chame as donzelas hebréias sem mancha e que tomem o caminho com candeias acesas, pois a menina pode voltar atrás e ter seu coração cativado por alguma coisa fora do templo de Deus”. E assim o fizeram enquanto subiam ao templo de Deus. Foi recebida pelo sacerdote, que, depois de beijá-la, benzeu-a e exclamou:

“O Senhor engrandeceu teu nome por todas as gerações, pois ao fim dos tempos, manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel”.

Então sentou-a sobre o terceiro degrau do altar. O senhor derramou graça sobre a

menina, que dançou com seus pezinhos, tornando-se querida de toda casa de Israel.

Os pais voltaram, cheios de admiração, louvando o Senhor Deus porque a menina não voltara atrás. E Maria permaneceu no templo como uma pombinha, recebendo alimento das mãos de um anjo.

Outro Absurdo

Realmente é bastante ridículo construir um oratório no quarto de uma criança tão pequena. O que já não nos parece tão estranho é que um bebê de seis meses dê alguns passos. Está certo que o normal, pelo menos atualmente, é que as crianças comecem a andar com mais ou menos 1 ano, mas existem vários exemplos das que o fazem aos sete ou oito meses.

E não podemos esquecer por nenhum momento que no organismo de Maria, especialmente em seu código genético, já existia "algo" misterioso que, indubitavelmente, a diferenciava das outras crianças judias. De qualquer forma, e por mais diferente que fosse sua informação genética, não acredito que as reações da criança fossem tão absurdas e impróprias como relatam os apócrifos.

Será que uma criança de três anos que sempre viveu com os pais pode esquecer sua casa, ir para um lugar estranho e sem olhar para trás?

Se a pequena Mariam teve que ficar no Templo sendo tão pequena, supõe-se que não foi fácil para ela e nem para os pais. E isto, em minha opinião, não diminui em nada o esplendor do grande papel de Maria.

Mas, da mesma forma que reconheço o exagero dos relatos dos autores sagrados em relação a algumas passagens da infância da Virgem, também reconheço que os apócrifos colocam novos e sensacionais dados sobre a mesma. Uma dessas "informações", em especial, me fez pensar muito...

Uma Alimentação Especial

Seria tão descabido pensar que Maria, a que seria mãe do Filho do Altíssimo, fora estreitamente "vigiada" por "aqueles" que tinham encomendado parte da realização do "plano" cósmico da redenção humana?

Tentarei explicar-me.

Se, tal como afirmam os Evangelhos Apócrifos, Maria foi gerada de uma forma misteriosa e não pela ação direta de Joaquim, seu pai, é lógico que "aqueles" que "supervisionavam" o "plano" citado, também se ocupassem em cuidá-la, especialmente nos sempre difíceis e delicados anos da infância.

Resulta revelador que nos três apócrifos de maior peso – o Protoevangelho de Tiago, o de Mateus e o Livro da Infância de Maria – os narradores também coincidam em um fato que ratifica o que acabo de expor.

Diz o capítulo VII do último apócrifo citado:

> Mas a Virgem do Senhor crescia em virtudes ao mesmo tempo que aumentava em idade; e, segundo as palavras do salmista, seu pai e sua mãe a abandonaram, mas

Deus tomou-a para si.

Diariamente tratava com os anjos. Do mesmo modo usufruia todos os dias da visão divina, a qual imunizava-a contra todo tipo de males e a inundava de bens sem medida. Assim chegou até os quatorze anos, fazendo com que de sua conduta os maus não pudessem imaginar nada de repreensível e que os bons tivessem sua vida e comportamento como dignos de admiração.

O "Fantasma" Da Desnutrição

Nota-se uma preocupação especial nesses autores em ressaltar a idéia de que a pequena Maria recebia seu alimento das mãos de anjos. No Evangelho Apócrifo de Mateus, por exemplo, essa afirmação aparece duas vezes, o mesmo acontecendo com Tiago, em seu apócrifo sobre a Natividade.

À primeira vista, poderíamos acreditar que essa expressão talvez seja produto da imaginação oriental tão generosa e tão manipulada por muitos teólogos, exegetas e hipercríticos.

E por que não?

Mas, e se não for assim? Se esses anjos existiram de verdade, tal qual as dezenas de relatos em diversas passagens da Bíblia?

Vamos supor eu os apócrifos dizem a verdade. E vamos imaginar que esses anjos desciam diariamente ao Templo para alimentar a menina.

Será que tinham uma razão especial para fazê-lo? Existia a necessidade real de vigiar a comida de Maria? Ou não seria outro tipo de controle ou "checagem"...?

Tentemos racionalizar o assunto.

Se aquela criatura humana, Maria, fora selecionada para acolher em suas entranhas um ser tão diferente e elevado como Jesus, parece necessário e mais que lógico que os "anjos" a submetessem a um total controle. Numa época tão primitiva, do ponto de vista sanitário e alimentar, seria normalíssimo que uma "equipe" especializada acompanhasse suas constantes metabólicas e de crescimento.

Só assim podiam garantir um perfeito estado de saúde. Só assim era possível evitar o incontestável e crônico déficit de vitaminas de que padecia aquele povo e a maioria dos que habitavam o Oriente Médio.

Quaisquer das doenças próprias da infância que hoje se evitam através de um complexo leque de vacinas, e que poderiam atingir a pequena Maria, estavam assim afastadas.

Se por simples curiosidade, olhamos para trás e examinamos o índice de mortalidade infantil em épocas passadas, ficaremos perturbados. Como todos sabemos, atualmente milhões de crianças no planeta continuam morrendo de fome e de enfermidades como difteria, meningite, febres e, sobretudo, desnutrição. Conforme a UNICEF, dos 1.500 milhões de crianças que temos no mundo, mais de 500 milhões estão gravemente desnutridos.

Que se poderia esperar de uma civilização de 2.000 anos atrás, na qual chegar aos quarenta anos, idade do pai da Virgem, já era um triunfo?

Examinando o problema de nossos dias, podemos ter uma ligeiríssima idéia da dramática situação da humanidade desde há 2.000 anos no que se refere, por exemplo, à desnutrição. Vejamos.

Segundo os dados oficiais da FAO, em 1979, 10 milhões de crianças no mundo

inteiro estavam tão desnutridas que suas vidas corriam grave perigo. Outros 400 milhões de pessoas vivem à beira da inanição. Cada dia morrem de fome 12.000 seres humanos e só na Índia, um milhão de crianças por ano, vítimas de desnutrição.

Se isto acontece agora, em plena Era do Espaço, o que não ocorreria nos tempos de Ana e Joaquim?

Dizem nossos cientistas que a desnutrição pode produzir-se de quatro formas. Em primeiro lugar, pode ser simplesmente que uma pessoa não ingira alimentos suficientes: é o que se chama de subnutrição. Pode ser que sua alimentação não inclua um ou vários alimentos básicos, o que provoca doenças de deficiência tais como a avitaminose, o escorbuto, o raquitismo e a anemia da gravidez, causadas por um baixo teor de ácido-fólico. Também pode acontecer que tenha uma má formação física ou uma doença de origem genética ou ambiental que a impeça de digerir corretamente os alimentos ou assimilar alguns de seus componentes esta circunstância produz o que se chama desnutrição secundária. Finalmente – e este caso é mais um problema de alimentação incorreta do que de desnutrição -, pode ocorrer pelo consumo de excesso de calorias ou de outros elementos: é o que conhecemos por superalimentação.

Mas falarei fundamentalmente dos três primeiros tipos de desnutrição eque, sem dúvida, poderiam ser os “fantasmas” que fizeram a “equipe” de “astronautas” tremer perante a possibilidade de que algo acontecesse a Maria.

Uma insuficiência crônica de calorias, por exemplo, teria provocado na Virgem menina a apatia, o desgaste muscular e deficiências no crescimento. As pessoas subalimentadas, seja qual for sua idade, tornam-se mais vulneráveis às infecções e outras doenças, e se recuperam mais lentamente e com maior dificuldade. Se Maria tivesse sofrido de uma deficiência proteínica crônica, teria crescido mais lentamente e sua estatura seria um pouco inferior à normal. Além disso, apresentaria certos sintomas característicos como erupções cutâneas e palidez, edemas da fome, mudança na cor do cabelo, além da própria fome.

É curioso mas, se Maria tivesse sofrido desse problema, não apresentaria aquele matiz moreno próprio da raça judia; teria sido ruiva.

A desnutrição proteínico-calórica é a forma predominante, mas as doenças produzidas pela deficiência de determinadas vitaminas ou minerais também se disseminaram bastante. Se isto acontece em nossos dias, que podemos pensar de há 2.000 anos?

Naquela época as doenças clássicas de deficiência deviam ser muito freqüentes: o “béribéri”, a “avitaminose”, o “raquitismo”. Esta última, que ainda se encontra em sua forma adulta nas mulheres muçulmanas (“osteomalacia”), devido a seus hábitos de vida que lhes impedem de receber a luz solar, me fez pensar em um “detalhe” não menos incrível e que, sem dúvida, foi “planejado” com intenções definidas pela “equipe”.

Refiro-me ao fato insólito de que os “astronautas” aceitassem o voto ou promessa de Ana e Joaquim, de certo modo desumano, de entregar seu único rebento, e desde tão tenra infância, ao serviço do Templo. Algo não encaixava nisso...

Até que pensando bem, a postura da “equipe” não resulta tão desnaturada; pois era precisamente no grande Templo de Jerusalém – construído de acordo com os padrões e normas ditados pela própria “equipe” de “astronautas” – onde melhor podiam “controlar” o crescimento e desenvolvimento físico e psíquico da menina. Além disso, os pátios abertos do local recebiam sol em abundância. Se Maria tivesse vivido na casa dos pais, a “checagem” quase constante sobre a criança talvez causasse uma evidente complicação nas manobras e trabalhos dos “astronautas”.

Enfim, supondo-se que Maria realmente tenha ficado no Templo, não acredito que

fosse por razões de ordem espiritual. Esta, em todo caso, pode ter sido a artimanha usada pelos responsáveis da integridade física e mental da Virgem.

Insisto que era praticamente impossível para os "astronautas" explicar aos pais de Maria o verdadeiro motivo daquele meticuloso controle.

Um controle que também deve ter recaído sobre Ana antes e durante sua gravidez.

Hoje sabemos que os seres mais indefesos ante os estragos da desnutrição são precisamente as crianças, até os cinco ou seis anos, e as mulheres lactantes. As proteínas são essenciais durante o desenvolvimento do feto para a formação dos ossos, músculos e órgãos. O filho de uma mãe desnutrida tem mais probabilidades de nascer prematuro ou doente, e o risco de que morra ou de que possua problemas neurológicos ou mentais irreversíveis é muito maior. O desenvolvimento do cérebro inicia-se in utero e se completa antes dos dois anos. A desnutrição durante esse período, no qual se formam os neurônios e as conexões neurônicas, pode causar retardos mentais irrecuperáveis. As conseqüências a longo prazo, não só de ordem individual, mas também social, já as conhecemos o suficiente...

Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido se, por falta de controle, a penúltima fase da Redenção – a gravidez de Ana, o crescimento de Maria, etc. – houvesse falhado. Ainda que falando em teoria, o eu teria feito a "equipe" celestial se, de repente, por razões de uma nutrição deficiente ou por qualquer outra doença, a mãe de Maria abortasse ou se a criança chegasse a este mundo com uma complicação cerebral, metabólica, etc.?

A supervisão da saúde de Ana e Joaquim, assim como a de seus ancestrais, deve ter sido outra das "missões" da velha "equipe" que se responsabilizara pelo "plano" divino desde os remotos tempos dos patriarcas. Em minha opinião, esta pôde ser uma das razões básicas para a depuração da saúde e a manutenção, a qualquer preço, da pureza da raça do "povo eleito". Era absolutamente necessário que os últimos "degraus" na cadeia que devia terminar em e com Jesus fossem sadios e "especialmente" preparados... E o conseguiram!

Esse vendaval de ameaças que, sem dúvida, pairava sobre a povoação em geral do povo judeu daqueles tempos – desnutrição, doenças infecciosas, altos índices de mortalidade infantil, etc. – me conduz, quase sem querer, a uma outra reflexão, não menos sutil: uma das escassas fórmulas que a "equipe" pode ter utilizado para ultrapassar os obstáculos de encontrar um "ramo" genético e fisiologicamente em condições no povo eleito, foi provavelmente a manutenção de famílias com possibilidades econômicas e a cujos membros não lhes faltassem, pelo menos, os alimentos básicos. Senão por que a necessidade de que o Messias descendesse de uma estirpe real? Por que a família de Joaquim e Ana possuía numerosos rebanhos e grandes propriedades? Esta , repito, pode ter sido a metade da solução entre tanta miséria e doenças. Mas voltemos às estatísticas de 1979, já por si estremecedoras e muito mais se as transpusermos aos anos prévios ao nascimento do Enviado.

Estimativas baseadas nos resultados de 77 estudos sobre o estado nutritivo de mais de 200.000 crianças em idade pré-escolar e realizados em 45 países da Ásia, África e América Latina, situam o número total das que apresentam algum grau de desnutrição proteínico-calórica em 98,4 milhões. As porcentagens oscilam de 5 a 37 na América Latina, de 7 a 37 na África e de 15 a 80 na Ásia, excetuando a China.

Que não ocorreria nas terras da Palestina há 2.000 anos? E também não podemos nos esquecer de que aqueles povos eram freqüentemente assolados por secas, furacões, epidemias e fome sem fim que acirravam ainda mais o já crônico déficit alimentar da população.

No ano 64 antes de Cristo, um furacão destruiu toda a colheita “até o ponto em que o modius de trigo foi vendido então a 11 dracmas” tal qual relata J. Jeremias. Ou seja, por 11 dracmas compraram 8,752 litros, ao preço de 0,7 litros por dracna. Isto quer dizer que naquele tempo os preços também subiam. E a subida dos elementos básicos, como era o caso do pão, desencadeava e ainda desencadeia cada vez mais fome, doenças e, conseqüentemente, mais mortes.

E apesar de estar convencido de que no espaço não deve existir nenhum tipo de regime econômico ou político, que outra coisa poderiam fazer os “astronautas”, que além disso deviam tentar conjugar sua tarefa com o máximo respeito pela liberdade individual e coletiva dos humanos?

Se a esse complexo leque de razões higiênico-sanitárias acrescentarmos outras que, certamente escapam à nossa compreensão, a constante presença dos “anjos”, dia após dia, junto à pequena Maria ou Mariam está mais que justificada.

E é possível que a provisão desses alimentos por parte da “equipe” eliminasse os possíveis riscos de desnutrição, avitaminose, raquitismo, etc., comuns à povoação infantil daquela época. E apesar de que a família de Maria fosse rica, não podemos sequer comparar o valor nutritivo dos alimentos oferecidos pelos “anjos” ou “astronautas” à rudimentar comida judia.

Guardando a devida distância, seria como comparar a esmerada e variada alimentação de uma criança sueca de hoje com outra qualquer dos desertos árabes... de há 2.000 anos.

Creio que minha postura em relação aos “anjos” que aparecem na Bíblia já ficou suficientemente clara no prólogo deste trabalho, mas não quero prosseguir sem reafirmar agora um daqueles extremos. Os “astronautas” tinham de ter um aspecto físico. Essa figura humana, enfim, essa materialidade, apesar de uniformes ou vestes brilhantes, transmitia confiança.

Caso contrário, como entender que as testemunhas falaram com eles e que até a pequena Maria tratava os “anjos” como se fossem velhos amigos?

Essa natureza física torna-se bem patente quando o próprio Joaquim convida o “mensageiro” que lhe aparece na montanha para entrar em sua tenda e repor forças com um jantar. O anjo rejeita a comida, mas no final desaparece da vista da atônita testemunha em “algo” que sobe aos céus e que Joaquim, como já comentei, confunde com o próprio “ser sobrenatural”. É óbvio que aquele “anjo” necessitou de um aparelho ou de uma nave para subir, porque, simplesmente, era de natureza tão física como o aterrorizado futuro avô de Jesus, a quem acabava de transmitir uma mensagem...

Utilizando o mais puro senso comum, era totalmente necessário que aquela menina fosse se acostumando pouco à pouco à presença dos “anjos” ou “astronautas” da equipe, para que anos mais tarde não levasse um choque ao receber esses ou outros similares, encarregados de velar pelo êxito de missões tão sumamente delicadas como a chamada “Anunciação”, “Concepção virginal” e o posterior e não menos milagroso “Parto”.

Durante muitas de minhas correrias atrás de OVNI’s conversei com uma infinidade de testemunhas que viram de muito perto os erroneamente chamados “objetos voadores não identificados” e seus ocupantes. Pois bem, a maior parte sofreu alterações do tipo psíquico, chegando até ao desmaio.

Quando o autor sagrado especifica no Livro da Natividade de Maria eu esta “usufruia todos os dias da visão divina, a qual a imunizava contra todo o tipo de males”, é possível que se esteja referindo a algo que então só podia ser assimilado pela mente humana como um fato divino ou sobrenatural. Mas hoje, em plena corrida espacial, podemos começar a conectar, por exemplo, a descida de uma dessas naves espaciais ou

seus ocupantes aos famosos “anjos”.

Estou convencido de que se um de nossos filhos, com três ou quatro anos, pudesse estabelecer um contato físico com os tripulantes dos OVNI’s que se avistam hoje em dia em qualquer de nossos continentes, e se esse contato se prolongasse durante anos, sua familiaridade e a aceitação desses seres seria completa. Sem reservas físicas nem mentais.

A COMPLICADA ESCOLHA DE UM ESPOSO PARA MARIA

E os anos se passaram.

Maria chegou à puberdade e, segundo os Evangelhos Apócrifos, foi então que surgiu o primeiro problema...

Conforme os costumes judeus, quando as virgens que tinham sido educadas e que haviam vivido sob o amparo do Templo ficavam menstruadas pela primeira vez, abandonavam o recinto sagrado e, geralmente, retornavam a suas casas para contrair matrimônio.

Mas a jovem Maria não aceitou nenhuma das diversas propostas de casamento que recebeu. Algumas, sem dúvida, muito vantajosas.

Nesse momento aparece pela primeira vez a figura do – para mim – sempre enigmático São José.

Os Evangelhos Canônicos falaram muito pouco sobre essa importante personagem. Apenas nos apócrifos aparecem alguns dados a mais sobre seu passado e sobre a curiosa história de sua “escolha” para marido de Maria.

Vejamos o que diz nesse sentido o Livro sobre a Natividade de Maria:

Assim chegou Maria aos quatorze anos...

Tinha-se por hábito então que o sumo sacerdoete anunciasse publicamente que todas as donzelas que viviam oficialmente no templo e tivessem cumprido a idade conveniente, retornassem a suas casas e se casassem de acordo com os costumes do povo e o tempo de cada uma. Todas se submeteram docilmente a essa ordem menos Maria, a Virgem do Senhor, que disse que não podia fazer aquilo. deu como justificativa o estar consagrada ao serviço de Deus espontaneamente e por vontade de seus pais, e que, além disso, fizera ao Senhor voto de virgindade, e não estava disposta a quebrá-lo através de uma união matrimonial.

O sumo sacerdote viu-se então em um grande aperto, pensando por uma parte que não devia violar-se aquele voto para não infringir a Escritura, que diz: “Fazei votos ao Senhor e cumpri-os”.

E não se atrevendo por outra, a introduzir um costume desconhecido para o povo. Assim, pois, mandou que por ocasião da festa que se aproximava, se apresentassem todos os homens de jerusalém e dos arredores para que seus conselhos pudessem dar-lhe luz sobre a determinação que se deveria tomar em assunto tão difícil.

> Realizado o plano, foi senso comum que o Senhor devia ser consultado sobre a questão. Puseram-se em oração e o sumo sacerdote se aproximou para consultar a Deus. E no mesmo instante deixou-se sentir nos ouvidos de todos uma voz proveniente do oráculo e do lugar do propiciatório. Dizia essa voz que, em conformidade com o vaticínio de Isaías, devia buscar-se alguém a quem se encomendasse e com que se desposasse aquela virgem. pois é bem sabido que

Isaías diz:

“Brotará um caule da raiz de José e uma flor se elevará de seu tronco. Sobre ela repousará o Espírito do Senhor; Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de Conselho e de força, Espírito de consciência e de piedade. E será inundada do Espírito de temor ao Senhor”.

De acordo, pois, com essa profecia, mandou que todos os varões pertencentes à casa e família de Davi, aptos para o matrimônio e não casados, levassem varas estreitas ao altar. E disse que o dono da vara que uma vez depositada fizesse germinar uma flor e em cujo ápice pousa-se o Espírito Santo em forma de pomba, seria designado para ser o guardião e esposo da Virgem.

Ali estava, como um de tantos, José, homem de idade avançada que pertencia à casa de Davi. E enquanto todos depositavam suas varas pela ordem, este retirou a sua. Ao não acontecer o fenômeno extraordinário anunciado pelo oráculo, o sumo sacerdote pensou que devia consultar de novo o Senhor. Este respondeu que precisamente aquele que deveria desposar a Virgem deixara de levar sua vara. Com isto, José foi descoberto, pois assim que depositou sua vara, pousou sobre sua extremidade a pomba procedente do céu. Isto patentizou bem às claras que era com ele que a Virgem devia casar-se.

Celebraram-se, pois, os esposais como de costume, e José retirou-se à cidade de Belém para arrumar sua casa e dispor de tudo o necessário para o casamento. Maria, por sua vez, a virgem do Senhor, retornou à casa de seus pais na Galiléia, acompanhada de suas sete donzelas coetâneas e companheiras desde a infância, que o sumo sacerdote lhe dera.

A VERSÃO DE MATEUS

Antes de comentar alguns dos curiosos aspectos desse relato, vejamos o que diz o Evangelho Apócrifo de Mateus sobre o assunto:

O sacerdote Abiatar ofereceu então numerosos presentes aos pontífices para que estes lhe entregassem a virgem Maria e ele pudesse dá-la em matrimônio ao próprio filho.

Mas Maria, por sua parte opunha-se resolutamente, dizendo: “Não é possível que eu conheça um varão ou que varão algum conheça a mim”.

Mas os pontífices e seus parentes lhe diziam: “Deus é honrado nos filhos e embelezado na posteridade, como sempre se observou em Israel”. Ao que Maria retrucou: “Honra-se a Deus, sobretudo, com a castidade, como é fácil provar”.

E aconteceu que, ao chegar aos quatorze anos, os fariseus usaram isso como pretexto para dizer que já era antigo o costume que proibia qualquer mulher habitar o templo de Deus. Por isso tomou-se a resolução de enviar um mensageiro por todas as tribos de Israel, que convocasse todo o povo para vir dentro de três dias ao templo. Quando todo o povo estava reunido, Abiatar levantou-se, subiu aos degraus mais altos para poder ser visto e ouvido por todos, e depois que se fez

silêncio, falou dessa maneira:

"Escutai-me, filhos de Israel, que vossos ouvidos percebam minhas palavras: desde a edificação deste templo por Salomão viveram nele virgens filhas de reis, de profetas, de sumos sacerdotes e de pontífices, chegando a ser grandes e dignas de admiração. Não obstante, ao chegar à idade conveniente, foram dadas em matrimônio, seguindo com isso o exemplo das que anteriormente as tinham precedido e agradado a Deus desta maneira. Mas Maria foi a única a sugerir um novo modo de seguir o beneplácito divino ao fazer promessa de permanecer virgem. Assim, pois, creio que nos será possível averiguar quem é o homem a cuja custódia deve ser entregue, perguntando-lhe a Deus e esperando sua resposta."

Tal proposição agradou a toda a assembléia. Os sacerdotes jogaram a sorte para as doze tribos de Israel, e esta recaiu sobre a de Judá. Então disse o sacerdote: "Vinde amanhã todos os que não tiverem mulher e cada um traga uma vara em sua mão".

Resultou pois, que entre os jovens veio também José trazendo uma vara. E o sumo sacerdote, depois de recebê-las todas, ofereceu um sacrifício e interrogou o Senhor, obtendo essa resposta:

"Colocai todas as varas no interior do santo de todos os santos e deixai-as ali durante algum tempo. Ao efetuar isto haverá uma de cuja extremidade sairá uma pomba que voará até o céu. Aquele de cujas mãos venha essa portentosa vara, será o designado para encarregar-se da custódia de Maria."

No dia seguinte todos vieram com presteza. E, uma vez feita a oblação do incenso, entrou o pontífice no santo dos santos para recolher as varas. Foram estas distribuídas sem que de nenhuma saísse a pomba esperada. Então o pontífice Abiatar pegou os doze sinos juntamente com os ornamentos sacerdotais e entrou no santo dos santos onde atiçou fogo ao sacrifício. E enquanto fazia sua oração apareceu-lhe um anjo que lhe disse:

"Há entre todas as varas uma muito pequena, a qual tu não deste importância e a colocaste entre as outras. Pois bem, quando tirares esta e a entregares ao interessado, verás como aparece sobre ela o sinal de que te falei."

A vara em questão pertencia a José. Este estava postergado por já ser velho e não quisera reclamar sua vara por temor de ver-se obrigado a responsabilizar-se pela donzela. E enquanto estava assim nessa atitude humilde, como o último de todos, Abiatar chamou-o em voz alta, dizendo-lhe:

"Vem recolher tua vara, porque todos estamos pendentes de ti".

José se aproximou cheio de temor, ao ver-se tão bruscamente chamado pelo sacerdote. Mas quando estendeu sua mão para recolher a vara, saiu do extremo desta uma belíssima pomba, mais branca do que a neve, a qual, depois de voar um pouco pelo templo, lançou-se ao espaço.

Então o povo inteiro felicitou-o dizendo:"Venturoso tu em tua velhice, já que o senhor declarou-te idôneo para receber

Maria sob teus cuidados".Os sacerdotes disseram-lhe:

"Toma-a, porque tu foste o eleito entre todos os da tribo de Judá".Mas José começou a suplicar-lhes com toda reverência e a dizer-lhes cheio de confusão:

"Já sou velho e tenho filhos. Por que se empenham em que me encarregue dessa

jovenzinha?”
Então, Abiatar, o sumo sacerdote, disse:
“José, lembra-te de como pereceram Datão, Abirão e Coré, por desprezar a vontade divina. O mesmo te acontecerá se não obedeceres a esta ordem do Senhor.”
José respondeu:
“Não serei eu quem menospreze a vontade de Deus, mas sim custodiarei a jovem até que apareça claramente o beneplácito divino sobre quem de meus filhos há de tomá-la por mulher. Dêem-lhe algumas de suas companheiras virgens, com as quais possa por enquanto distrair-se.”
O pontífice respondeu:“Sim, ser-lhe-ão dadas algumas donzelas até que chegue o dia prefixado em que tu deverás recebê-la, pois hás de saber que não pode contrair matrimônio com nenhum outro”.

A Versão de Tiago

Por último, Tiago trata da eleição do esposo de Maria em seu Protoevangelho da seguinte forma:

Mas, ao chegar aos doze anos, os sacerdotes reuniram-se para deliberar, dizendo:
“Eis que Maria completou seus doze anos no templo do Senhor. Que deveremos fazer com ela para que não chegue a manchar o santuário?”.
E Falaram ao sumo sacerdote:
“Tu és o encarregado do altar, entra e ora por ela, e o que te dê a entender o Senhor, isso será o que faremos”.
E o sumo sacerdote, vestindo o manto dos doze sinos, entrou no sancta sanctorum e orou por ela. Mas eis que um anjo do Senhor apareceu dizendo-lhe:
“Zacarias, Zacarias, sai e reúne todos os viúvos do povo. Que cada qual venha com uma vara, e daquele sobre o qual o Senhor fizer um sinal portentoso, dele será mulher.”
Saíram os arautos por toda a região da Judéia e, ao soar a trombeta do Senhor, todos acudiram.

José, deixando seu machado, uniu-se a eles e, uma vez que todos se juntaram, tomaram cada um sua vara e puseram-se a caminho em busca do sumo sacerdote. Este pegou todas as varas, penetrou no templo e começou a orar. Terminada sua reza, tomou novamente as varas, saiu e entregou-as, mas não apareceu o sinal em nenhuma delas. Mas quando José pegou a última, eis que dela saiu uma pomba e começou a voar sobre sua cabeça. Então o sacerdote lhe disse:
“A ti te coube a sorte de receber sob custódia a Virgem do Senhor”.
José replicou: “Tenho filhos e sou velho, e ela é uma criança; não gostaria de ser motivo de riso para os filhos de Israel.”
Então o sacerdote respondeu:
“Teme ao Senhor teu Deus e tem presente o que fez com Datão, Abirão e Coré: como a terra se abriu e eles foram sepultados nela por sua rebelião. E teme agora tu também, José, não seja que o mesmo aconteça a tua casa”.

E ele, cheio de temor, recebeu-a sob sua proteção. Depois lhe disse:

"Tomei-te do templo, agora te deixo em minha casa e vou continuar minhas construções. Voltarei logo. O Senhor te guardará".

E então os sacerdotes se reuniram e concordaram em fazer um véu para o templo do Senhor. E o sacerdote disse:

"Chamai algumas donzelas sem mancha da tribo de Davi".

Os ministros se foram e, depois de procurar, encontraram sete virgens. Então ao sacerdote lhe veio à memória a lembrança de Maria e os emissários foram e a trouxeram.

Depois que introduziram a todas no templo, disse o sacerdote:

"Jogai a sorte para ver quem bordará o ouro, o amianto, o linho, a seda, o jacinto, a escarlata e a verdadeira púrpura."

E a escarlata e a púrpura autêntica ficaram com Maria que as pegou e se foi para sua casa. Naquele tempo Zacarias ficou mudo, sendo substituído por Samuel até que pudesse falar. Maria tomou em suas mãos a escarlata e se pôs a fiá-la.

Os "Microfones" de Yaveh

Conforme esses textos apócrifos, coincidentes em boa parte como se comprovou, José devia ser um homem velho.

O fato, confesso, deixou-me perplexo. Sempre li, e assim me ensinaram desde a minha mais tenra idade, que São José era um modesto carpinteiro, mais ou menos da mesma idade que Maria. Mas não. Pois estudando os ditos apócrifos, deduz-se que se tratava de um homem de certa idade, viúvo de sua primeira mulher e com filhos.

Bastante intrigado, após consultar todas as fontes possíveis, procurei o eminente arqueólogo e reconhecida autoridade mundial no estudo dos Evangelhos Apócrifos, o franciscano Bellarmino Bagatti, atualmente morando em Jerusalém.

O padre Bagatti me fez saber – o que pouco depois seria confirmado por outra grande figura do estudo bíblico, o padre Ignacio Mancini – "que, tal e como fora publicado na recente obra Edizione critica del texto arabo della Historia Josephi fagri lignarii e ricerche sulla orine, os primeiros cristãos, de ascendência judia, tinham grande estima e veneração pelo carpinteiro de Nazaré e que o fato de que José, segundo o apócrifo citado, tivesse seis filhos da primeira mulher, que o deixou viúvo aos 89 anos, em nada diminuía sua santidade."

A confirmação dos franciscanos Bellarmino Bagatti, Antonio Battista – responsável pela tradução e transcrição da História de José – e do também padre Mancini congelou minha mente durante algum tempo em relação a outra pergunta:

Por que o "estado-maior" escolheu um homem tão ancião para esposo de maria?

Devia existir alguma razão. Deus – vou aprendendo pouco a pouco – sempre tem "razões" para tudo. E algumas, devo reconhecê-lo, muito boas...

E eis que um bom dia, meditando sobre esse problema, surgiu-me uma idéia.

A "equipe" de "astronautas", já o repeti ao extremo, tinha previsto quase tudo. Se eles sabiam que a gravidez da Virgem podia levantar polêmicas, mentiras e até difamações, qual seria o meio mais eficaz para que as suspeitas da maternidade da jovem não recaíssem primeiro e diretamente sobre José, seu marido? Simplesmente unindo Maria a um homem que, quase sem dúvida, devia ser impotente para a procriação.

Essa velhice – segundo Bagatti, José tinha 90 anos quando se uniu em matrimônio

a Maria – tinha possivelmente a finalidade de dar mais credibilidade aos olhos do povo a concepção milagrosa de Jesus e a virgindade de Maria.

Se pensarmos um pouco sobre isso notaremos que a “estratégia” era boa, muito boa...

Essa ancianidade de josé está referenciada nos já mencionados apócrifos de Mateus e Tiago. Nosso homem acredita que a custódia da menina é uma obrigação temporal. seus pensamentos vão além e chega a considerar que a tutela terminará quando Maria puder casar-se com um de seus filhos. Ao que parece, e conforme tudo indica, o carpinteiro-construtor – e este é outro erro cometido em relação a José – tinha seis filhos, alguns inclusive, mais velhos que a própria Virgem. E disse que se cometeu um erro com o venerável esposo de maria porque José não era um “pobre carpinteiro”, como sempre se contou. Ele, além de carpinteiro, era construtor. Mas deste curioso assunto tratarei mais adiante.

Antes de comentar o saboroso episódio das varas e da pomba, não quero esquecer-me de outro fato que se repete nas passagens que nos ocupam.

Curiosamente, e ignorando a vontade da menina, a “equipe” comunica aos sumos sacerdotes e a todo o povo que Maria deve ser entregue àquele que seja previamente designado pela “vontade divina”.

Isso deixa bem claro duas coisas:

Primeira: que Ana, a mãe da Virgem, nunca lhe contara as palavras pronunciadas pelo ‘anjo” uns 14 ou 15 anos antes. O “astronauta” deixou bem claro perante a “avó” de Jesus que a menina que conceberia seria bendita entre todas as mulheres, já que dela nasceria o Salvador.

Por que Ana não comentou o fato com a filha? Uma circunstância tão transcendental teria feito a jovem mudar de idéia e, com isso, se evitariam muitos desgostos e dores de cabeça. A não ser, claro, que a “equipe” tenha orientado Ana a agir dessa maneira. Tudo é possível.

Segunda: que nos planos dos “astronautas” não estivesse incluída, nem de leve, a possibilidade de que maria continuasse consagrada a Deus e reclusa no Templo. Uma vez terminada a perigosa etapa do crescimento, a fase seguinte e a mais delicada de todas, obrigava a Virgem a casar-se, a fundar um lar e a cuidar, como qualquer mãe de família judia, de seu filho. E tudo isso no marco da mais estrita legalidade.

E assim aconteceu. Os desejos da jovem não foram levados em conta e os sumos sacerdotes, tal e como estava previsto, seguiram a vontade de Deus e de seus “intermediários”. Neste caso, a dos “astronautas”.

Uma “equipe” que supervisionava tudo. inclusive a comunicação direta, ou melhor, diretíssima, com o povo de Israel. vejamos como.

A Tenda do Encontro

Em seu apócrifo Mateus nos conta – na realidade nos relembra – do sistema usado por Yaveh e seus “anjos” para expressar sua vontade, suas decisões e até seus desgostos.

E digo que nos relembra porque o livro sagrado que chamamos de Êxodo detalha com minúcias as características e o modo de construir a “Tenda do Encontro ou da reunião” e que, no fundo, não devia ser nada mais, sempre falando em hipóteses, que um “Centro de Comunicações”.

Até esse lugar – primeiro no deserto e anos depois no grande templo construído

por Salomão em plena cidade de Jerusalém – vinham os pontífices e sumos sacerdotes, eu "consultavam" Yaveh e dele obtinham a resposta adequada.

Previamente, claro, uma suspeita "nuvem" descia sobre a Tenda do Encontro e sobre o Santo dos Santos, no Templo, e diz a Bíblia que a "glória de Yaveh enchia a tenda do Encontro..."

Como já disse, no caso do apócrifo de Mateus, parte da história se repete.

... E o sumo sacerdote – relata o autor -, depois de recebê-las todas (as varas), ofereceu um sacrifício e interrogou o Senhor, obtendo esta resposta:

"Coloca todas as varas no interior do Santo dos Santos e deixa-as durante algum tempo. Manda-os de volta amanhã para pegá-las. Ao efetuar isto, haverá uma de cuja extremidade sairá uma pomba que voará até o céu. Aquele a cujas mãos vier essa portentosa vara, será o designado para encarregar-se da custódia de Maria".

No dia seguinte todos vieram com presteza. E uma vez feita a oblação do incenso, entrou o pontífice no Santo dos santos para recolher as varas..."

Nos tempos que correm, acostumados como estamos a que Deus já não se manifeste de uma forma física, nem através de sua voz, poderíamos cair na tentação de imaginar que o autor sagrado empregou neste caso uma metáfora. Algo assim como se deus simplesmente tivesse inspirado o sumo sacerdote.

Mas pelo contrário, eu acredito que o Evangelho Apócrifo de Mateus, assim como os livros sagrados que constituem a Bíblia, relata todo um fato real. em outras palavras, que Yaveh realmente falou com o pontífice. E este escutou a "resposta divina" como qualquer um de nós pode hoje captar a voz amplificada por um microfone.

A "voz" que saiu do propiciatório e que milhares de testemunhas escutaram tinha que ser, obviamente, uma voz "física" e no idioma comum dos habitantes de jerusalém. Não creio que os "astronautas" tivessem demasiados problemas para dirigir-se ao povo judeu. Tratavam com aquela gente há quase dois mil anos e, dada a sua tecnologia, assim como a sua capacidade mental, aprender os idiomas e dialetos da região devia ser uma brincadeira de criança.

E ainda que volte a referir-me ao fato e a sua possível interpretação no capítulo de 'Yaveh", provavelmente o leitor já começa a intuir por que a "equipe de astronautas" a serviço da Grande Força ou do Grande Deus ordenou, desde o princípio, a montagem de uma "Tenda de Reunião", primeiro em pleno deserto, e de um grande Templo em Jerusalém, alguns séculos mais tarde... E que outra coisa podiam fazer para manter uma total vigilância e um "diálogo" com o povo eleito?

Quanto ao acontecimento das varas e da pomba, se tal fato ocorreu, a "operação" deve ter sido tão pueril quanto divertida para os "astronautas". Mas, precisamente pela simplicidade, o procedimento resultou positivo. Todos ficaram de boca aberta.

E sem o menor objetivo de menosprezar o fato, suponho que hoje poderia repeti-lo, e até melhorá-lo, qualquer dos grandes prestidigitadores que andam pelo mundo tirando coelhos da cartola ou pombas da manga da camisa.

O que devia ser realmente importante para a "equipe" é que a totalidade do povo e dos sacerdotes fosse testemunha de outro fato "milagroso" que, além do mais, vinculava José à pequena Maria. Um fato que, por acréscimo, cumpria a mencionada profecia de Isaías.

Seja como for, o relato do encontro de José com Maria nos apócrifos talvez pareça um pouco "aparatoso" mas, apesar disso, a narração é muito mais "informativa" que a dos evangelistas "oficiais", eu nos apresentam os "esposais" de ambos como um fato consumado, sem que ninguém consiga saber como, quando e onde aparece José.

Ao chegar a este ponto, talvez fosse conveniente parar um pouco com os

evangelhos Apócrifos e contemplar a dura tarefa já realizada pelos “astronautas” e que foi recolhida às mil maravilhas nesse livro fascinante que chamamos de Êxodo.

As “suspresas” contidas nesse texto são inesgotáveis.

Uma “Nuvem” Avistada Por Nossos Pilotos

Quanto mais leio o capítulo 24 do Êxodo, e concretamente os versículos 12 ao 18, mais forte cresce em meu coração a teoria de que Moisés teve um intenso e decisivo “treinamento” ou “instrução” dentro do que hoje conhecemos e compreendemos como uma nave espacial.

E espero que o leitor não comece a puxar os cabelos...

Eis aqui o que reproduz textualmente essa passagem:

“Yaveh disse a Moisés:

Sobe até mim, ao monte; fica ali e te darei as tábuas de pedra, a lei e os mandamentos, que tenho escritos para tua instrução.

Moisés levantou-se com Josué, seu ajudante, e subiram ao monte de Deus. Disse aos anciãos:

Esperai aqui até que voltemos a vós. Aarão fica. Quem tiver algum problema, recorra a ele.

E Moisés subiu ao monte.

A nuvem cobriu o monte. A glória de Yaveh descansou sobre o monte Sinai e a nuvem o cobriu por seis dias. Ao sétimo dia, Yaveh chamou a Moisés do meio da nuvem. A glória de Yaveh aparecia à vista dos filhos de Israel como fogo devorador sobre o cume do monte. Moisés entrou dentro da nuvem e subiu ao monte.

E Moisés permaneceu no monte quarenta dias e quarenta noites.

Como investigador do fenômeno OVNI, em minha opinião pessoal a descrição do Êxodo tem uma semelhança simplesmente extraordinária com muitos dos casos eu hoje se estudam na jovem ciência chamada Ufologia.

Nos últimos anos – e nem falemos das épocas passadas – registraram-se muitíssimos casos de estranhos e algumas vezes gigantescos objetos que permanecem imóveis ou se deslocam pelos céus, envolvidos em uma fumaça ou gás que lembram as nuvens.

Essas “nuvens” chegaram até a deslocar-se contra o vento ou foram detectadas nas telas de radar como um eco sólido e metálico.

Em outras oportunidades, a “camuflagem” ou nuvem que rodeia o OVNI desaparece e várias testemunhas já contemplaram a silhueta de um disco ou de um cilindro.

Não faz muitos meses, o comandante da companhia aérea espanhola Aviaco comunicava ao Centro de Controle de Vôo de Madri a presença sobre navarra (Espanha), a 7.000 metros de altura, de uma enigmática “nuvem” com forma de cogumelo e de um diâmetro fantástico. permanecia estática e solitária num céu absolutamente azul e desanuviado. Aquilo impressionou tanto o comandante Sedó que pediu permissão para rodear a “nuvem”. E Madri autorizou-o.

Quando entrevistei esse grande profissional do ar, sua opinião foi precisa:

!Aquilo parecia uma nuvem, mas não o era. Tinha uns contornos perfeitamente definidos, sem a menor irregularidade. E você sabe que isso é impossível em uma simples formação nebulosa.

“Depois de fazer um giro de 360 graus ao redor da enorme massa flutuante, segui em direção a Barcelona.

“Estou seguro”, afirmou o veterano comandante, “que lá dentro algo se ocultava...”

pouco tempo antes, outros dois pilotos espanhóis da mesma companhia, carlos García-Bermúdez e Antonio Pérez, tiveram um não menos enigmático “encontro” com outra “nuvem”.

Voando a plena luz do dia entre Valencia e bilbao (Espanha), o mau tempo no último aeroporto obrigou-os a desviar-se em direção ao “alternativo”. neste caso o de Santander. pois bem, conforme me relataram o comandante e o co-piloto, a poucos quilômetros de Bilbao e já na rota de Santander, o avião entrou numa brilhante e solitária nuvem do tipo lenticular. Desde esse mesmo instante, e pelo espaço de uns sete minutos, a quase totalidade dos instrumentos eletrônicos, bússolas, horizontes, etc, “ficou louca”. O rádio deixou de receber e as torres de controle de vôo mais próximas tampouco ouviam o que os pilotos tentavam transmitir. para cúmulo dos cúmulos, o vôo que deveria durar entre 12 e 15 minutos em condições normais prolongou-se durante quase 35. E um último fenômeno tão incompreensível quanto os anteriores: ao entrar na misteriosa nuvem, o “velocímetro” do Caravelle se deteve e começou a “retroceder” como se o reator voasse “para trás”. Esse “velocímetro” chegou a zero e continuou “retrocedendo” até “menos quatorze quilômetros”. Ao sair da “nuvem” o medidor de distâncias voltou ao mesmo número que marcava ao perfurar a nuvem.

Que era aquilo?

Os pilotos, logicamente, testaram a totalidade dos sistemas, geradores, instrumentos, etc. Ao deixar a nuvem para trás, o avião voltara a sua total normalidade. E tanto Bermúdez como Pérez, a quem conheço pessoalmente e cuja perícia e honradez estão fora de qualquer dúvida, me asseguraram que o avião jamais saiu da rota de santander.

Que aconteceu no interior daquela ‘nuvem”? Por que consumiram mais do que o dobro do tempo necessário para ir de Bilbao à capital da montanha?

tratava-se de uma nuvem normal? Evidentemente, não. Mas então, que era ou que encerrava aquele mistério com forma de nuvem?

A 17 de junho de 1977, outro piloto, neste caso português, observava às 12 horas e as uns 700 metros de altura um estranho objeto, “camuflado” entre as nuvens.

O piloto da Força Aérea Portuguesa, José francisco Rodrigues, da 31ª. Esquadra de B.ª-3, localizada em Tancos, conduzia naquela ocasião um avião DO-2 e ao passar sobre a vertical de barragem de castelo de Bode observou um objeto que se encontrava no meio oculto entre os estratos-cúmulos.

Estava praticamente imóvel e não correspondia a nenhum modelo de avião conhecido. Tinha a clássica forma de meia laranja e uma fileira de pequenas janelas retangulares.

Quando o piloto solicitou informações sobre um possível tráfego ou avião naquele setor, o radar BATINA respondeu-lhe negativamente. depois de alguns minutos, o objeto desapareceu a grande velocidade.

segundo declarações de Rodrigues, aquele aparelho, de uns 13 a 15 metros de comprimento, estava quase “camuflado” entre as nuvens...

Pouco tempo antes, também em Portugal, vários aviões de combate da Força Aérea do país irmão decolaram em busca do mais ridículo dos ‘objetivos”: uma nuvem.

O radar militar detectara um eco metálico não identificado e, como acontece na maioria desses casos, o Alto comando português ordenara a saída dos “caças” para identificar o suposto “avião”. Ao chegar à altitude e coordenadas assinaladas na tela, os

pilotos comunicaram a sua base que 'ali apenas havia uma nuvem..." ante a surpresa dos pilotos e dos militares que observavam o eco não identificado na tela do radar, a "nuvem", de imediato, subiu na vertical, desaparecendo a grande velocidade.

Obviamente que nenhuma nuvem pode realizar semelhante manobra. E muito menos quando, como naquela ocasião, não há vento...

Que ocultava essa nuvem em seu interior? Quase com certeza, um objeto metálico, como acusara o radar.

Recentemente tive a oportunidade de investigar outro caso que se encaixa perfeitamente nesse fenômeno.

Sobre a belíssima costa de Santander, mais especificamente sobre a Peña de Santoña, em plena luz do dia, centenas de vizinhos da região puderam observar como, em um dia azul e com o céu totalmente limpo, uma nuvem de características muito estranhas se colocava a baixa altura sobre a citada Peña. No interior da massa nebulosa as testemunhas viram uma mancha escura.

Aquela nuvem permaneceu no mesmo lugar durante mais de uma hora. (è necessário destacar que nas imediações dessa região se encontra a conhecida penitenciária do Dueso...).

Pois bem, após algum tempo, as assombradas testemunhas viram como a nuvem se elevava e desaparecia...

E o que poderíamos dizer daquela outra famosíssima "nuvem" na qual em plena guerra com a turquia, o 5^{O}. Regimento inglês de Norfolk entrou e do qual até hoje não se sabe nada? Onde estão aquelas centenas de homens? Que realmente ocultava a densa nuvem?

No passado verão de 1979, um prestigiado administrador de fazendas residente em Málaga (Espanha) contou-me um outro "encontro" que dá muito que pensar em relação aos OVNI's e à utilização das nuvens como "camuflagem".

Meu amigo, cujo nome não estou autorizado a revelar, rodava pela estrada de Málaga a Fuengirola, mais ou menos ao meio-dia. Sua mulher dirigia. Havia vento do poente e antes de chegar a Carvajal, a uns 2.000 ou 2.500 metros de altitude, uma extraordinária nuvem que indicava tempestade abriu-se subitamente. O administrador ficou atônito ao ver naquele "buraco" um objeto redondo, cor de chumbo e muito maior que uma praça de touros. A totalidade do "bojo" desse corpo parecia repleta de janelas das quais saía, ou podia ver-se luz. Depois de poucos segundos, a nuvem se fechou e o OVNI ficou oculto.

Apesar da fugacidade desse encontro, a testemunha, homem de toda confiança, observou perfeitamente que "aquilo" permanecia oculto atrás da nuvem.

E assim, com casos mais ou menos similares, poderíamos encher páginas e páginas...

Em ufologia, até uma criança poderia explicar esse fenômeno. Que melhor sistema para permanecer ocultos e imóveis sobre uma cidade, uma base militar ou qualquer outro objetivo que "dentro" ou por cima de uma nuvem?

E também é bastante admissível que, como no caso do comandante Martín Sedó, o OVNI ou OVNI's sejam os "fabricantes" dessas nuvens. Uma tecnologia superior não encontraria maiores dificuldades para que suas naves se deslocassem mantendo ao seu redor o gás ou as nuvens que eles mesmos produzissem. Pobres de nós no dia em que os russos ou americanos descubram um sistema como esse! Os ataques-surpresa a qualquer país ou continente podem chegar sob a aparência de uma inofensiva frente chuvosa...

Utilizando o senso comum – e imagino que os tripulantes dos OVNI's o possuem numa escala bem maior que a do homem da terra - é possível usar um procedimento

"natural" e que não chame a atenção dos "indígenas" como no caso das nuvens? Se vivemos num planeta onde as nuvens são algo consubstancial a sua atmosfera, a presença dessas massas, em qualquer canto do mundo, jamais ferirá o estado emocional de seus habitantes. E isso é de grande importância para aqueles seres que desejem conhecer-nos e estudar-nos..., sem ser descobertos.

Se a "equipe" de "astronautas" que pretendia estabelecer um "contato de terceiro grau" com Moisés e Josué sem ser molestada pelos possíveis curiosos do acampamento judeu, que melhor "barreira" do que "fabricar" uma espessa nuvem ou névoa e cobrir o Sinai?

Mas deixemos por um momento essa possibilidade ufológica e vejamos o que diz a voz da Igreja em relação à "nuvem" e à "glória" de Yaveh.

A Opinião da Igreja

Ainda que os comentários dos teólogos e dos exegetas católicos sobre a espetacular aparição de Yaveh no monte Sinai percorram os mais variados caminhos de interpretação, eis aqui, no meu entender, aqueles de maior peso e que, de alguma forma, sintetizam a "consciência" da Igreja.

Segundo a Bíblia comentada, declarada de interesse nacional e publicada sob o patrocínio e alta direção da Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha), a nuvem que desceu sobre o Sinai "era uma imagem que os autores sagrados tomaram com prazer para representar a majestade e inacessibilidade de Deus".

E os professores de Salamanca também dizem:

"... Para impressionar a toda aquela gente tão simples era preciso apresentar Yaveh em toda a sua majestade, como Senhor das forças da natureza..."

"Os antigos sempre se impressionaram com as tempestades acompanhadas de relâmpagos e trovões. Hoje conhecemos as leis físicas que produzem esse fenômeno natural e que se reduz a descargas elétricas; mas para eles era um mistério, e a explicação mais natural era relacioná-lo com a ira de Deus onipotente."

Os comentários dessa Universidade em relação ao Êxodo, no que concerne à presença de Yaveh no monte sagrado, continuam mais adiante:

"... A descrição da teofania é grandiosa: trovões, relâmpagos e nuvens espessas acompanham Yaveh em sua manifestação majestosa. A 'nuvem' tinha como objetivo ocultar a resplandecente 'glória' de Yaveh para que os israelitas não fossem cegados pelo seu furor e feridos de morte em sua presença. Os comentaristas liberais quiseram ver nesta teofania a descrição de um 'deus das tormentas' que teria sido adorado antes de Moisés pelas tribos do Sinai. Nada disso está insinuado no contexto e, por outra parte, os dados arqueológicos que conhecemos daquela região não avalizam essa hipótese gratuita. Mais inconsistente ainda é supor que a teofania do Sinai é a simples descrição de uma erupção vulcânica. Nem a montanha é do tipo vulcânico, nem os documentos extrabíblicos falam de uma região vulcânica naquela parte do Sinai e nem o relato bíblico sugere algo parecido com uma erupção vulcânica. Não se fala de cinzas nem de lavas ardentes; o povo está ao pé da montanha sem mover-se, o que não é concebível no caso de um desbordo do vulcão. Os fenômenos relatados pelo autor sagrado limitam-se aos trovões, relâmpagos e fumaça. tudo isso não tem outra finalidade a não ser realçar a manifestação majestosa de deus, que se preparava para estabelecer as bases de sua aliança em Israel."

“Majestade Inacessível” Para a Bíblia de Jerusalém

A Bíblia de Jerusalém, uma das obras mais prestigiadas da Igreja Católica, publicada sob a direção da escola Bíblica de jerusalém e da qual participaram, entre outros, figuras tão relevantes como R. de Vaux, P. Benoit, Cerfaux, P. Dreyfus, M. Boismard e a equipe das Concordâncias da Bíblia, pronuncia-se da seguinte forma sobre o possível significado da “glória de Yaveh”:

“A ‘glória de Yaveh’, na tradição sacerdotal, é a manifestação da presença divina. É um fogo que se distingue claramente da nuvem que o acompanha e o envolve. Estes traços foram tomados das grandes teofanias no marco de uma tempestade, mas estão impregnados de um sentido superior: esta brilhante luz, cujos reflexos irradiarão o rosto de Moisés, expressa a majestade inacessível e temível de Deus, e pode aparecer independente de qualquer tempestade, como também tomará possessão do templo de Salomão...”

Curiosamente, ao contrário do que vimos nos comentários dos professores da universidade de Salamanca, a Bíblia de jerusalém se refere à hipótese “vulcânica”. Vejamos:

“... As tradições yavehista, sacerdotal e deuteronomista descrevem a teofania (presença de deus) do Sinai no marco de uma erupção vulcânica. A tradição eloísta a descreve como uma tempestade. trata-se de duas colocações inspiradas nos mais impressionantes espetáculos da natureza: uma erupção vulcânica, tal como os israelitas tinham ouvido dos visitantes da Arábia do norte, ou tal como eles mesmos poderiam ter avistado de longe, desde a época de Salomão (expedição de Offir).

“Essas imagens” – conclui o comentário da Bíblia de Jerusalém – ‘expressam a majestade e a glória de Yaveh, sua transcendência e o temor religioso que inspira”.

“Deus Mesmo”, Segundo Dufour

Por outro lado, a grande equipe dirigida pelo padre Xavier León-Dufour descreveu a “glória de Yaveh” como a Deus mesmo enquanto se revela em sua majestade, seu poder, no resplendor de sua santidade e no dinamismo de seu ser”.

Bauer Diz: “A Nuvem É Apenas Um Véu De Deus”

E chegamos a J. B. Bauer que, com mais quarenta e sete especialistas, estudou as doutrinas teológicas da fé e os costumes de cada livro ou de cada lugar bíblico. Em seu Dicionário de teologia Bíblica a formidável equipe diz sobre o termo bíblico “glória de Yaveh”:

“O Deus transcendente revela-se nos fenômenos meteorológicos terrestres como, por exemplo, na escura nuvem de tempestade. Esta nuvem é só o véu da verdadeira aparição de deus, do fogo e luz celestial abrasadores, que, sem véu, aniquilaria o homem. Pode-se, pois, definir a palavra kabod (glória) como Deus mesmo enquanto se revela em solene epifania entre trovões e relâmpagos, tempestades e terremotos”.

Com Todo O Meu Respeito...

Creio que, às vezes, a prudência da grande “estrutura” da Igreja pode chegar a ser tão irritante quanto ridícula. E não gostaria de pensar que também nefasta...

Compreendo que ninguém, nem sequer os teólogos (que estudam os “atributos” de Deus”), possam entender nem mesmo aproximar-se à Divindade. E muito menos eu. Mas daí a tratar a toda uma confiada e dócil povoação de crentes como deficientes mentais...

Com todo o respeito, essa é minha opinião em relação a alguns dos comentários eu acabamos de ver e que “refletem” o sentimento da Igreja sobre o que diz a Bíblia, o Livro Sagrado por excelência.

Não tenho tanta certeza como os exegetas, mas é possível que “os antigos” não conhecessem as leis físicas que regem as descargas elétricas, os trovões, as formações nebulosas e as forças em geral da natureza. Mas afirmar, nem sequer insinuar, que esses fenômenos naturais “eram relacionados por eles à ira do Deus onipotente” me parece mais infantil e primitivo que a suposta “barbárie” com eu os mestres da teologia gostam de catalogar aos semi-nômades, por exemplo, da península do Sinai. Não nego que houve e há povos e culturas sobre a face da Terra que atribuíram ao Sol, à Lua e ao raio poderes sobrenaturais. Mas daí a esmaltar todos os “antigos” com as mesmas superstições e medos, como afirmam esses teólogos, existe uma grande diferença...

Que pensaríamos hoje de uns supostos sábios do século XXX que, para dar um leve exemplo, ensinassem e escrevessem aos homens de seu tempo que os “antigos” do século XX sentiam um medo irracional e mágico em relação à chuva e que, como não tinham aprendido a controlá-la, tratavam de “conjurar” a “ira de deus” com um guarda-chuva...?

Evidentemente esses doutores esqueceram-se de “antigos” tão cultos e preparados como os egípcios (muito mais “antigos” no tempo que os judeus), os sumérios, os acadianos, os maias, etc. Precisamente o povo que Moisés conduzia pelo deserto procedia de uma das nações mais cultas da Terra, o Egito. Será que durante centenas de anos em que os israelitas conviveram com os faraós não aprenderam o que verdadeiramente eram e representavam as chuvas torrenciais, as tempestades de verão no delta e os relâmpagos nas tépidas noites?

Fazia poucos dias que aquele povo se encontrava no deserto do Sinai quando chegou à montanha sagrada e em um espaço de tempo tão curto não podia ter esquecido o que no Egito, conforme as estações, é pura rotina.

A maior parte dos homens e mulheres que formavam a expedição de Moisés tinham trabalhado durante toda sua vida no campo. E tenho certeza de que estavam muito mais familiarizados com as nuvens do que os eminentes teólogos do século XX. Por que se surpreenderiam ou cairiam com o rosto sobre a terra ao ver a “nuvem” de Yaveh? E se realmente aconteceu tal e como está escrito, devemos procurar o motivo em outra direção...

Não podemos nos esquecer de que a massa granítica do Sinai – cujo ponto mais alto encontra-se a 2.400 metros acima do nível do mar – levanta-se, e se levantava então (há uns 3.440 anos) no meio de uma zona desértica onde, diga-se de passagem, as nuvens não eram muito freqüentes. As precipitações atuais, eu podem nos servir como referência aproximada, chegam ao redor de 100 mm por metro quadrado ao ano.

De acordo com esses dados científicos, que podemos pensar das interpretações teológicas sobre tempestades, erupções vulcânicas ou terremotos?

Na atual formação montanhosa do Sinai não existem vestígios de vulcões. E mais, segundo os vulcanólogos, jamais existiram na região. Apenas na área de Madiã houve

certa atividade vulcânica, mas isso fica do outro lado do golfo de Ákaba, no deserto árabe, e a centenas de quilômetros do monte Sinai.

Entretanto, estou de acordo com as afirmações de Dufour que, com mais sensatez que os anteriores, limita-se a “classificar” a “glória de Yaveh” como o reflexo da Divindade ou como o próprio Deus.

O que no fundo não quer dizer absolutamente nada...

É curioso como os doutores em Teologia e os grandes exegetas sempre encontram explicações para tudo. Não importa que não sejam racionais. Não importa que pareçam muito mais fantásticas e incríveis do que o que realmente quis dizer o autor sagrado. E assim, floresceram os chamados “gêneros literários”, aceitos pelo Magistério da Igreja e referendados no Concílio Vaticano II, e que, em muitas ocasiões, são apenas a incapacidade de reconhecer que realmente não se sabe o que aconteceu nos tempos do Antigo e do Novo Testamento. Jamais escutei ou li algum desses personagens confessar humildemente que “não tem a menor idéia do que tal ou qual autor sagrado quis dizer...”

Afirmações como as da equipe Bauer – “Deus se revela nos fenômenos meteorológicos terrestres...” – podem satisfazer a meus amigos meteorólogos, mas não posso evitar um certo sorriso de incredulidade...

De acordo com essa premissa, Deus também se revela nas areias do deserto, nos bombardeios das guerras e na Coca-Cola. E estamos convencidos de que assim seja, mas isso não responde à pergunta concreta sobre a natureza da “nuvem” do Sinai ou da “glória de Yaveh”.

Isso, em minha cidade, chama-se “sair pela tangente...”.

Estou plenamente de acordo com outra frase de Bauer na qual diz “que a nuvem é só um véu de Deus, do fogo e da luz celestial, abrasadores, que sem véu, aniquilaria o homem”. Mas presumo que tal coincidência refere-se apenas às puras palavras e não à intenção das mesmas.

Em minha colocação geral – e insisto em que posso estar equivocado -, as coincidências entre as investigações atuais sobre os “não identificados” e a descrição bíblica da ‘nuvem” que cobriu o Sinai e do “fogo devorador sobre o cume” são alarmantes.

“Aquilo” sim tinha entidade para deixar os israelitas atônitos.

“Aquilo” sim, incluía-se do normal, do conhecido, das tempestades e fenômenos meteorológicos, aos que estavam acostumados os homens de Israel. E estou convencido que a “nuvem” que ocultou o Sinai durante tantos dias não era outra coisa eu uma simples “camuflagem”, igual ou parecida às que já mencionei e em cujo interior foram vistos ou captados no radar uns misteriosos “objetos voadores não identificados”.

E disse que Bauer acertou sem querer sua interpretação sobre o “véu” que protegia os homens da luz e do fogo divinos porque, possivelmente, aqueles veículos siderais emitiam algum tipo de radiação capaz de fulminar ou afetar gravemente a quem se encontrasse em seu raio de ação.

Precisamente por essa razão, Yaveh adverte repetidas vezes a Moisés, sobre a necessidade de não transpor determinados limites. “Precavenham-se ao subir ao monte” – diz Yaveh no Êxodo (19) – “E não se aproximem do sopé. Todo aquele que tocar o monte morrerá. E que ninguém coloque a mão no culpado, pois será apedrejado ou ferido com setas; seja homem ou besta não ficará com vida...”

Essas palavras tão duras só podiam significar que qualquer aproximação à nave ou naves da “equipe” de “astronautas”, que tinham descido sobre o Sinai, devia ser evitada a qualquer preço. Não por medo das reações dos judeus, mas sim para salvaguardar a integridade física dos mesmos. Os “astronautas” deviam saber, da mesma forma que nós o

sabemos hoje, que uma contaminação radioativa acabaria com os planos previstos para aquele povo “eleito”. Se o que urdiam era conseguir uma raça especial e geneticamente preparada para a encarnação nesse povo de um Ser tão especial como Jesus, a ameaça de uma mutação de tipo genético tinha de ser afastada a qualquer custo.

E a tudo isso os “astronautas” teriam que acrescentar uma necessária e irremediável “teatralidade” se realmente queriam ver florescer as idéias e projetos do “estado-maior” celestial.

Apesar da “camuflagem”, a nave principal, talvez a única que desceu sobre a montanha, devia ser avistada desde muitos quilômetros e em especial durante a noite. Hoje conhecemos milhares de casos de OVNI’s que foram vistos no mundo todo e que, segundo as descrições das próprias testemunhas, brilham na escuridão “como candeias”, “como áscuas de fogo” ou “como mil sóis”.

É precisamente essa luminosidade e as fascinantes mudanças de cores o que mais chama a atenção das pessoas que chegaram a vê-los. Muitas destas, com as quais conversei pessoalmente, asseguram que se trata de um espetáculo majestoso e inesquecível. Algo que me lembra as expressões das ‘testemunhas da glória de Yaveh no Sinai”. Vejam as palavras de um médico do povoado de Guía, na ilha Gran Canaria, Espanha, que fazia parte do grupo que testemunhou a quase aterrissagem de uma nave esférica, tremendamente luminosa e transparente:

“Aquilo irradiava majestade” – disse Julio César Padrón. – “Se existe algo parecido com Deus, tem que ser como ‘aquilo’...”

Se um médico do século XX, que viu o homem chegar à Lua, não tem palavras e nem conceitos para explicar a maravilha que diz ter visto, o que não teriam sentido os simples camponeses, artesãos ou pastores que formavam o povo judeu há 3.500 anos?

E Moisés foi chamado por Yaveh e transpôs a nuvem. E permaneceu quarenta dias e quarenta noites no monte sagrado. Mas, por que? Que aconteceu realmente durante esse período de tempo? Que tipo de “instrução” recebeu ele? E o mais transcendental: que “tipo” de Deus era Yaveh?

Moisés: Quarenta Dias de “Treinamento”

Resulta tão fascinante quanto difícil imaginar o que realmente aconteceu a Moisés e seu ajudante no interior ou nas proximidades da nave de Yaveh.

Não obstante, algo ficou registrado no livro sagrado do Êxodo.

Sabemos, por exemplo, que após esses quarenta dias no cume do Sinai, os dois dirigentes do povo judeu receberam as famosas tábuas de pedra da lei, “escritas pelo dedo de deus”.

O Êxodo nos diz que Yaveh mostrou-lhes uns planos ou modelos de como deveria ser a Morada e a Tenda do Encontro, que teriam de construir junto ao acampamento.

E que Yaveh também lhe falou do descanso sabático, das características e da maneira de construir a referida Tenda da reunião, assim como de todo um conjunto de máximas, normas e leis.

Ainda que não esteja diretamente especificado no Êxodo, é bem possível que Moisés recebesse toda uma “iniciação” especial que lhe permitisse compreender melhor o objetivo final daquela longa marcha pelo deserto.

Quem pode afirmar que Moisés não foi – durante esse tempo todo no interior de uma nave espacial – treinado ou informado sobre os diferentes sistemas para “contatar”

com qualquer uma das muitas naves que, indubitavelmente, fariam parte da grande missão?

Seu cérebro, inclusive, pode ter sido ‘ativado” de uma forma especial para agilizar e desenvolver as dormidas faculdades paranormais daquela civilização.

Por que não?

A realidade é que, quando desceu do Sinai, além de trazer as tábuas sagradas da Lei, Moisés iniciou imediatamente a construção da famosa Tenda do Encontro.

O Êxodo dedica nada mais nada menos que quinze capítulos às vicissitudes da edificação dessa tenda, da arca e de tudo o eu devia existir na Tenda, como ornamentação da mesma, dos sacerdotes, etc.

Aquela Tenda era realmente importante para Yaveh e para o povo judeu.

Mas, por que?

Qual a necessidade de tamanho excesso de detalhes nas medidas, materiais, distribuição, etc., da mesma?

O próprio Êxodo nos dá a resposta em seu capítulo 40, versículos 34 a 38.

Ele diz:

Yaveh toma posse do Santuário:

Então a nuvem cobriu a Tenda do Encontro e a glória de Yaveh encheu a Morada. Moisés não podia entrar na tenda do Encontro, pois a nuvem morava sobre ela e a glória de Yaveh enchia a Morada.

Em todas as marchas, quando a nuvem se elevava de cima da Morada, os israelitas levantavam acampamento.

Mas se a nuvem não se elevava, eles não levantavam acampamento, esperando o dia em que se elevasse. Porque durante o dia a Nuvem de Yaveh estava sobre a Morada e durante a noite avistava-se fogo de toda a casa de Israel. Assim acontecia em todas suas marchas.

Parece óbvio que assim que terminaram de edificar a Tenda do Encontro, algumas das naves espaciais situou-se sobre ela. E Moisés, o único “iniciado”, podia penetrar na tenda e “falar face a face com Yaveh”, tal qual relata o Êxodo.

Lá, provavelmente, recebia as ordens ou recomendações oportunas. E de lá, por que não, o povo podia escutar a “voz de Deus”.

Na realidade devia ser muito simples para os “anjos” ou “astronautas” fazer com que a voz de Yaveh chegasse até o último canto do acampamento judeu.

Quando o Êxodo pelo deserto terminou, Salomão mandou edificar um magnífico templo na cidade de jerusalém. E o Livro Primeiro dos reis (8,10-12) diz textualmente:

“Ao saírem os sacerdotes do ‘Santo dos Santos’, a Nuvem encheu a Casa de Yaveh. E os sacerdotes não puderam continuar com seus serviços por causa da Nuvem, porque a glória de Yaveh enchia a Casa de Yaveh”.

Foi precisamente nesse sanctus sanctorum, local especialmente desenhado pela própria “equipe” de “anjos”, tanto para a Tenda do Encontro quanto para o Templo, onde Yaveh deixou-se ver e ouvir em numerosas oportunidades. Um lugar ao qual só tinham acesso os “iniciados”, ou seja, os sacerdotes.

E foi lá que o sumo sacerdote do Evangelho Apócrifo de Mateus “consultou” a Deus e escutou a resposta. Um esclarecimento longo e concreto sobre o que devia fazer com os “candidatos” de Maria e com as varas que cada um devia trazer.

Se, como relata o apócrifo, as varas ficaram durante algum tempo no “Santo dos Santos”, lugar secreto ao qual, sem dúvida, Yaveh tinha acesso direto, a preparação da eleição do noivo e de todo o “aparato” necessário deve ter sido extremamente simples.

Mas a pergunta-chave continua no ar:

Então, que tipo de deus era Yaveh?

Uma “Missão” Delicada

Poucos capítulos causaram-me tanto medo como o que agora começo.

Medo de estar absolutamente equivocado. Medo , sobretudo, de ferir sensibilidades ou obscurecer idéias.

Se o faço é, como já disse no prólogo, apenas porque meu coração o pede. Também porque pessoalmente estou convencido do que tentarei expor. E, afinal, porque considero que o conceito eu possamos ter de deus apenas ficará enobrecido. Pelo menos é o que espero.

Tomara que não cometa um novo erro...

Algo Falhou

Até os exegetas e doutores mais retrógados da Igreja têm clareza de eu neste planeta “algo falhou”.

A espécie humana “entortou”. Ou, quem sabe, “alguém” alheio ao nosso mundo encarregou-se de alterar o ritmo evolutivo.

E a humanidade entrou numa desordem total. Alterada pela morte e doenças. Presa da violência, da angústia e do egoísmo.

os planos primitivos da Suprema Sabedoria converteram-se em um simples papel molhado.

Talvez tenha sido necessário reorganizar tudo. Traçar, por assim dizer, um novo “projeto de homem”. Outro modelo.

Mas, como fazê-lo sem estridências? Como consegui-lo sem violentar a liberdade humana, premissa principal em toda criação divina?

E o “alto comando”, usando de novo as palavras que fluem espontaneamente de meu coração, optou por enviar Alguém. Um Ser suficientemente importante e preparado para causar um enorme impacto, não só no momento histórico e concreto de sua existência no mundo, mas também durante séculos e séculos.

Alguém que, sutil mas claramente, deixasse traçado o único caminho para endireitar o rumo dos homens da terra.

E provavelmente, após muitos estudos e considerações, esse “alto comando” fixou uma data.

E as “forças intermediárias” a serviço de Deus rastrearam o plano de norte a sul e de leste a oeste. Levaram sua informação e todos concordaram em relação a um povo e a uma região do mundo.

A “operação” deveria centrar-se nos homens que integravam uma raça ainda incipiente e que habitavam as terras entre o Nilo e o Tigre. A chamada “Crescente Fértil” e que, naquela época, faz 4.000 anos, constituía o maior centro cultural do globo. É quase

certo que nenhum outro canto do planeta oferecia aos "exploradores do espaço" um maior índice de progresso e florescimento.

Que continente poderia reunir em tão poucos quilômetros quadrados, um cruzamento tão esplêndido de culturas como as do Egito, Babilônia, Nínive ou Ur?

A África? Evidentemente que não.

A Europa, sob o domínio das tribos bárbaras?

A Atlântida – supondo-se que tivesse existido – fora tragada pelas águas do Oceano Atlântico há uns 8.000 anos.

Que restava então?

Apenas a América. Mas ainda seriam necessários pelo menos outros dois mil anos para que no Novo Continente florescessem culturas tão promisoras como a maia, inca ou tolteca.

A Austrália, por outro lado, era uma zona tão isolada e primitiva que nem sequer foi levada em consideração.

E a Ásia, com exceção da China, era também um território meio vazio e assolado por grupos tão belicosos quanto incultos.

Em honra da verdade, apenas o Próximo e Médio Oriente tinham adquirido um nível mínimo para acolher o tão importante "Enviado".

E com o beneplácito do "alto comando" iniciou-se a "Operação Redenção".

O Primeiro Passo: Reunir um Povo

Seguindo talvez um lento, metódico, mas rigoroso "plano", os "comandos intermediários", em estreita colaboração com os "astronautas", foram selecionando e controlando determinados indivíduos e famílias. E assim começaram as aparições e "encontros" com os primeiros e antediluvianos patriarcas.

O objetivo número um do "alto comando" era conseguir o estabelecimento de um povo ou de uma comunidade suficientemente estável. E o mais importante: um núcleo humano virgem, sem idéias religiosas anteriores e alheio aos mil deuses que tiranizavam e desconcertavam as consciências dos egípcios, babilônios, etc.

Mas onde encontrar esse "elefante branco"?

Efetivamente, tal povo não existia. Todos, em maior ou menor grau, estavam contaminados ou deformados.

Não restou outra alternativa a não ser "criar" essa nação.

E diz o Gênesis (12, 1-3):

"Yaveh disse a Abraão: 'Sai de tua terra, e de tua pátria, e da casa de teu pai, e vai à terra que eu te mostrarei. De ti farei uma nação grande e te abençoarei. Engrandecerei teu nome; e sê tu uma bênção".

Como sabemos, naqueles tempos, esse tipo de promessas e aparições de Yaveh aconteciam com certa regularidade.

Fica evidente que os "astronautas", responsáveis pela materialização do "plano", queriam ir explicando a "seu" povo – o povo de Deus – porque o tinham eleito.

Tal como avancei nas primeiras linhas deste ensaio, com lógica – e dentro da variadíssima escala de seres inteligentes que, tenho certeza, o Profundo criou -, o "alto comando" encarregado da "Operação Redenção" deve ter eleito ou designado para os "encontros" com os homens de Israel "forças" ou "civilizações" relativamente próximas a nossa forma física.

A escolha de seres com formas físicas diferentes à humana apenas teria causado uma grande confusão. Se o "alto comando" pretendia impor àquele novo povo a idéia de um único Deus, era preciso fazê-lo com extrema simplicidade.

E apareceram os "anjos".

Curiosamente, nas quase duzentas intervenções destes seres no Antigo e Novo testamento, sempre são descritos como jovens de uma grande beleza e com roupagens ou vestes brancas e brilhantes. Suas formas, sem dúvida, são humanas e alguns, inclusive, chegam a passar desapercebidos entre os humanos.

Outros, como consta no Antigo Testamento, acompanham os patriarcas e comem com eles, como no caso de Abraão, ou os forçam a abandonar uma cidade, caso de Lot em Sodoma, depois de praticamente cegar a multidão que tentara violentá-los...

Não creio que os dois "astronautas" eu foram à casa de Lot tenham tido nenhum problema para ofuscar momentaneamente a massa de vizinhos que queria sodomizá-los. Uma civilização tão adiantada devia possuir armas – raios paralisantes, gases anestésicos, etc. – para casos extremos.

São Luís: "Era como um Anjo"

E corroborando a possibilidade de que aqueles "anjos" não fossem outra coisa que "homens" do espaço, homens de natureza física semelhante à nossa, quero relatar um fato que aconteceu há poucos meses e que fortaleceu a minha idéia. Este caso que aconteceu a uns trinta e oito quilômetros da cidade argentina de São Luís, foi investigado com a minúcia e seriedade que caracterizam meu querido amigo e irmão Fábio Zerpa.

Eis o que ocorreu:

Nas primeiras horas do sábado de 4 de fevereiro de 1978, um grupo de seis homens chegou ao clube de pesca dessa cidade, situado no dique La Florida.

Desceram do carro Manuel Álvarez, de 32 anos; Ramón, Pedro e Jenaro Sosa, de 30, 32 e 34 anos respectivamente; Regino Perroni, de 26, e eduardo Lucero, de 24 anos, que, após tomarem um lanche, prepararam seu equipamento de pesca para, mais uma vez, tentar a sorte nas águas do dique, usando uma balsa.

De acordo com os relatos, às 2h30 da madrugada um vento forte começou a soprar produzindo uma forte correnteza. Apenas manuel Álvarez, Pedro Sosa e Regino Perroni continuaram pescando. Os outros decidiram dormir "para estar em forma pela manhã".

O tempo passou e às 5, uma súbita e intensa luz – "como se o Sol se encontrasse no zênite" – surpreendeu a todos. Aquela luminosidade era tão forte que tiveram de fechar os olhos e cobrir o rosto com as mãos por alguns instantes. Ao abri-los depararam-se com um objeto voador, com a forma de um prato de sopa invertido e do qual descera um estranho ser. Tinha um sorriso enigmático e estendia ambas as mãos, com as palmas viradas para cima, em direção aos atônitos pescadores. Olhava-os fixamente.

Aquela situação durou apenas um minuto. "Na realidade" – contaram as testemunhas – "não poderíamos precisar com exatidão o tempo decorrido. Os segundos pareceram-nos séculos..."

Por último, o tripulante da nave entrou nela para, em segundos, decolar e desaparecer.

“Tinha um Físico Perfeito”

Para Manuel Álvares, auxiliar de tráfego das Aerolineas Argentinas no Aeroporto de São Luís, “foi como se uma visão nos tivesse apanhado”.

Vejam seu relato:

“Aproximadamente às 5 da manhã tudo se iluminou como se fosse um dia de sol radiante. Quando, após a primeira surpresa, abri os olhos vi uma tremenda luz. Algo parecido a vários refletores juntos desses que se usam na televisão, mas muito mais potente.

“Num instante, e a uma velocidade desconcertante, apareceu um disco voador que brecou bruscamente e ficou suspenso a uns três metros do chão e a uns vinte e cinco de nossa balsa. Então, de sua parte inferior saiu uma escada igual às dos aviões Focker, mas sem corrimão, e por ali desceu um ser bastante raro.

“Parecia um ser humano, mas sua pele tinha uma cor e uma textura muito fortes. Como a de uma boneca...

“Tinha uns dois metros de altura e um físico perfeito. Parecia um ‘super-homem’.

“Desceu da nave com movimentos completamente normais e parou frente a nós, a uns quinze metros da balsa. Sorriu e mostrou as palmas das mãos,, que tinham luvas tipo mitene (as que deixam os dedos descobertos).

“Usava uma roupa prateada e de escamas. Mais ou menos como a pele dos peixes...

“Usava escafandro, mas isso não nos impediu de ver seu rosto sereno, rosado e de forte textura”.

Quando os investigadores lhe perguntaram se aquele ser tentara comunicar-se com eles, Álvares respondeu:

“Acho que não. Pelo menos não escutamos nada e nem percebemos nenhuma mensagem telepática como sabemos que já aconteceu em outros casos.

“Olhou-nos sorridente, subiu à nave e num segundo desapareceu sem deixar rastro e sem emitir som algum.

“Estávamos tão aturdidos e atemorizados que não conseguíamos nem falar...”

“Só lhe Faltavam um Par de Asas”...

A narração de pedro Sosa, funcionário público local, não diferiu muito da do amigo; mas acrescentou alguns elementos que, pelo que parece, o outro não observou:

“Apenas lhe faltava um par de asas” – disse – “para que se parecesse com um desses anjos que se vêem nos afrescos das igrejas ou nas gravuras antigas. A perfeição de seu corpo, o brilho do que parecia ser sua roupa e o escafandro eu lhe rodeava a cabeça como uma auréola, fizeram com que o comparasse a um deles.

“Quanto ao OVNI” – acrescentou – “tinha a forma comum a esses objetos: lembrou-nos um prato de sopa de cabeça para baixo. Na parte superior pude perceber uma espécie de grande janela de onde saíam faíscas verdes e avermelhadas. Por baixo lançava uma intensa luz branca, como um imenso foco. Sua estrutura talvez alcançasse os vinte metros de diâmetro e sua cor era cinza-chumbo.”

“Assustei-me e Corri”

“Praticamente, a única coisa de que me lembro é o medo que me invadiu” – afirmou Regino Perroni, empregado do cassino -, “E, quando a luz me cegou, só pensei em sair correndo e acordar o resto de meus companheiros. Por isso não vi esse misterioso ser, mas vi, com perfeição, o OVNI. especialmente quando decolou. E em meio àquela luz Pedro e manuel estavam paralisados em frente à nave.

“Quando o objeto desapareceu e ficamos novamente em plena escuridão, não soubemos o que fazer e nem o que dizer pelo menos durante uns quinze minutos. Estávamos idiotizados. O amanhecer, comparado à luz do OVNI, parecia noite fechada, sem Lua nem estrelas”.

Um Conceito Chamado “Yaveh”

Se, como comprovamos no caso de São Luís, esses “encontros”lembram às testemunhas as velhas imagens dos “anjos”, que sentimentos e deduções brotariam no cérebro dos homens de há 2.000 ou 3.000 anos perante situações parecidas?

Todos os caminhos parecem levar-nos a um mesmo final: nossa civilização já decola em direção às estrelas e agora, só agora, é capaz de começar a descobrir a autêntica natureza daqueles “anjos” bíblicos...

Uns seres que, seguramente, se vestiam de forma parecida com a que hoje nos contam as pessoas que os viram. Com uniformes ou roupas adequadas às atividades que desenvolviam dentro de suas naves. Vestimentas que, à luz de seus brilhantes veículos, deviam resplandecer majestosamente.

Sinto uma total impaciência por conhecer o dia em que um veículo espacial leve um sacerdote para fora da Terra. Creio que todos sentiremos uma profunda emoção ao ver fundidas duas espécies aparentemente tão díspares: “Deus e tecnologia...”

E o “plano” da redenção do gênero humano prosseguiu. Mas aquela magna operação não poderia frutificar se primeiro os patriarcas e depois o povo eleito não recebessem com clareza a idéia de um Deus único, soberano e poderoso.

No mundo todo fervilhavam as múltiplas erupções de deuses e divindades que se reproduziam como lagostas e que, sem dúvida, sangravam a Verdade autêntica. Uma Verdade, também é certo, que provavelmente não poderia ter sido revelada a todos e a cada um dos povos existentes na superfície da Terra.

Penso que “a plenitude dos tempos” podia estar estreitamente relacionada com esse momento histórico da revelação por parte das “hierarquias celestiais” desse único e grande Deus.

Sem essa noção básica da existência de um só Criador, o povo escolhido para a Encarnação do Enviado não teria sido útil.

Isso devia figurar entre os primeiros “artigos” do projeto de Redenção humana. E os “astronautas” comunicaram tão decisivo “conceito” aos patriarcas e, por último, aos israelitas. E parece que o fizeram sem pressa. Suave mas firmemente. Fazendo coincidir, logicamente, as aparições de suas naves, com todo seu esplendor, com a transmissão daquela idéia. Era de vital importância que tais pessoas, ainda pouco contaminadas pelas centenas de deuses que enchiam os corações da “Crescente Fértil”, ficassem total e definitivamente impressionadas e convencidas da “glória de Yaveh”. Os “astronautas” jogaram com vantagens. Nenhum dos deusinhos de bronze, ouro ou pedra de Ur, Nínive

ou Egito podia voar, irradiar luz, destruir um exército ou uma cidade ou fazer brotar água das rochas do deserto...

Que poder tem hoje o canto zumbi ou o toque do atabaque de um feiticeiro perto das sulfanilamidas ou de uma operação de cataratas?

E pouco a pouco nasceu o termo e o conceito “Yaveh”. E aqui devem ter começado os primeiros graves contra-tempos para a “equipe”. É óbvio que nenhum daqueles seres era Deus. Eles mesmos, em alguns “encontros próximos” com as testemunhas, se encarregaram de deixá-lo bem claro, repetindo: “Somos apenas servidores de Deus”.

E devia ser verdade. Não sei como é Deus, mas sei que para agir sempre usa suas criaturas como “intermediários”. Não consigo imaginar o Grande Criador dentro de uma nave espacial, descendo sobre o cume do monte Sinai...

Se uma das partes da “missão”, insisto, era a de infundir naquele povo elementar a idéia de um Deus único, parece conseqüentemente e justo que aproveitassem seu poder e majestade para semear tal propósito.

E os seres daquela grande “equipe” que seguramente formava a “missão” invocaram o nome de Deus ou Yaveh sempre que o consideraram oportuno.

Era necessário que a jovem comunidade associasse aqueles “fenômenos” luminosos, aqueles objetos brilhantes e seus tripulantes com algo sagrado e o divino.

Uma leve orientação por parte dos “astronautas” deve ter sido o suficiente para que o povo eleito identificasse tudo aquilo com o único e verdadeiro Criador. E inclusive em alguns “encontros” a voz eu vem da “nuvem” ou da “glória de Yaveh” estabelece com tal clareza que essa é a “voz de Deus”.

E o que mais podiam fazer?

Será que os “anjos” ou tripulantes das naves espaciais podiam sentar-se e dialogar com os patriarcas, todos eles pastores ou agricultores, e expor-lhes o “plano” de uma Redenção?

Não era o momento oportuno.

A verdade não teria sido assimilada por aquela gente simples. Nem sequer hoje estamos em condições de fazê-lo...

Devido à esmagadora curta evolução mental de seus “protegidos”, os “astronautas” tinham ante si uma tarefa tão complexa e trabalhosa que se viram obrigados a “camuflar” sob a aparência de um “mandato divino” ou de uma “aliança” coisas tão elementares como a saúde e a higiene pública.

Como tratar de constituir uma comunidade geneticamente aceitável se nem sequer conheciam as medidas básicas de salubridade?

Ou serpa que pode existir outro sentido na fala de Deus com aquele povo (Gênesis, 17,1-5) estabelecendo como “aliança”..., o corte do prepúcio?

Hoje sabemos que a circuncisão constitui uma medida sanitária de primeira ordem.

Se aquela gente incipiente tinha de melhorar do ponto de vista biológico, era obrigada a começar por esta e por outras medidas, tal como registra o Levítico.

Revisemos, por curiosidade, a citada passagem do Gênesis:

A Aliança e a Circuncisão

Quando Abrão contava noventa e nove anos, apareceu-lhe Yaveh e lhe disse: "Eu sou o Sadday, anda em minha presença e sê perfeito. Eu estabeleço minha aliança entre nós dois, e te multiplicarei sobremaneira."

Caiu Abrão, rosto em terra, e Deus lhe falou assim:

"De minha parte, eis aqui minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de povos. Não te chamarás mais Abrão, mas teu nome será Abraão, pois pai de uma multidão de povos te constitui. Far-te-ei fecundo sobremaneira, te converterei em povos e reis sairão de tua descendência depois de ti, de geração em geração: uma aliança eterna de ser eu teu Deus e o de tua posteridade. E te darei a ti e a tua posteridade a terra em que andas como peregrino, todo o país de Canaã, em possessão perpétua, e eu serei o Deus dos teus".

Disse Deus a Abraão:

"Guarda pois minha aliança, tu e tua posteridade, de geração em geração. Esta é minha aliança que devereis guardar entre eu e vós – também tua posteridade - : Todos vossos varões serão circuncidados. Circuncidarei a carne do prepúcio, e esse será o sinal da aliança entre eu e vós. Aos oito dias será circuncidado entre vós todos o varão, de geração em geração, tanto o nascido em casa como o comprado com dinheiro a qualquer estranho que não seja da tua raça. Devem ser circuncidados o nascido em tua casa e o comprado com teu dinheiro, de modo que minha aliança esteja em vossa carne como aliança eterna. O incircunciso, o varão a quem não se lhe circuncide a carne de seu prepúcio, esse tal será apagado dentre os seus por ter violado minha aliança."

A preocupação de Yaveh, enfim da "equipe" espacial, pela saúde daquele povo eleito, é palpável.

E a verdade é que deviam ter razões de sobra...

Mas, como explicar a pessoas tão primitivas a necessidade de cortar a pele do prepúcio para evitar a transmissão de doenças que arruinariam o "plano"?

Era muito mais inteligente, e nem digamos prático, que o povo assimilasse essa medida sanitária como um rito ou aliança. Dessa forma quase infantil, a "equipe" economizava o trabalho de lembrar-lhes quase que diariamente a necessidade da circuncisão.

A Circuncisão: Um Novo Erro Interpretativo da Igreja?

É altamente significativo que desde os primeiros "encontros" entre os "astronautas" e os patriarcas (acabamos de vê-lo no "avistamento" de Abraão) a "equipe" se preocupe e anteponha a circuncisão a outros planos concretos. E ainda que seja apenas a título de curiosidade convém chamar a atenção sobre essa auto-identificação dos "astronautas" – Sadday – eu nada tem que ver com o nome revelado anos mais tarde a Moisés. O porquê dessa mudança de "Sadday" (Deus da Montanha ou da Estepe) a "Yaveh" é algo que, como tantos outros assuntos, ficou no enigma.

Cabe pensar que em um princípio, as naves dos "astronautas" viram-se obrigadas a permanecer longos períodos de tempo nas montanhas. Precisamente naqueles tempos iniciais, Abraão e sua família também habitaram a região montanhosa de Jarã.

Ali devem ter acontecido os primeiros contatos da "equipe" com a semente do futuro povo eleito: os patriarcas que conservaram o nome de "Sadday". Mas, com o

passar dos séculos, e ao estabelecer os judeus nos desertos do Sinai, os “astronautas” trocaram o epípeto de “Deus da Montanha” por “Yaveh”.

Mas voltemos ao tema da circuncisão.

Qual é a atual interpretação da Teologia Católica da “aliança” entre Yaveh e os judeus?

Em síntese, os teólogos antigos e também os atuais “extrapolaram” com declarações como as seguintes:

“A circuncisão é um rito, sem dúvida, tomado do ambiente ao qual se dá um novo sentido, o da vinculação à comunidade abençoada de Abraão. E a razão da escolha desse estranho rito deve ser buscada, sem dúvida, na promessa de bênção à descendência, e por isso se santifica e consagra o órgão da transmissão da vida...”

Outros exegetas e estudiosos da Bíblia afirmam que a “operação” se converte num sinal que recordará a Deus (como no caso do arco-íris) sua aliança, e ao homem, que pertence ao povo eleito e as conseqüentes obrigações.

Paulo, por quem sinto uma grande curiosidade e admiração, chegou a dizer sobre a circuncisão:

“É o selo da justiça da fé”.

Honestamente, nenhuma dessas interpretações me convence.

Já manifestei que não acredito que Deus usasse uma “aliança” tão pouco poética, a não ser, é claro, que perseguisse outros fins...

Caso contrário, por que Yaveh ou Sadday se estende com tal luxo de “detalhes” na hora de comunicar a Abraão a “aliança” em questão?

“... Aos oito dias... A carne do prepúcio... De geração em geração...”

É certo que a “equipe” falou em alianças mas, como já se disse anteriormente, o que podiam fazer para que Abraão compreendesse os múltiplos obstáculos genéticos, infecciosos, etc., que poderiam cair sobre aquela futura nação se normas sanitárias mínimas não fossem respeitadas?

Analisemos, mesmo que superficialmente, alguns dos inconvenientes e algumas conseqüências que derivam hoje – e não falemos naquela época – da fimose.

De acordo com as consultas que fiz a prestigiados urologistas, a principal doença que um homem afetado pela fimose pode contrair é a “balanite”, uma infecção na superfície mucosa da glande, que freqüentemente acompanha um inchaço da mucosa do prepúcio, causando o quadro da “balanopostite”. Esse processo inflamatório de ambas partes é causado por germens comuns.

Logicamente, afirmam os médicos, como a fimose não permite as atenções higiênicas normais, favorece muito esse tipo de infecção, provocando, além disso, o estancamento de secreções irritantes e dos próprios germens.

Na fase aguda da doença, o paciente sofre tumefação da glande e do prepúcio, que naturalmente agrava a fimose, causando vermelhidão, erosões mais ou menos extensas da mucosa, dor aguda ao tato e eventuais transtornos na micção.

Nas fases crônicas, esses sintomas aparecem atenuados e a evolução, geralmente, pode levar à esclerose do prepúcio.

O paciente que tem “balanite” crônica – e isto é de grande importância – determina, estatisticamente, uma maior incidência de câncer no órgão genital masculino. Essa doença, e mais ainda a “balanopostite”, pode ser considerada um processo de influência positiva e direta no surgimento do câncer de dito órgão.

Certamente, a “balanopostite”, que implica a existência de uma inflamação balano-prepucial, sem dúvida pode ser transmitida durante o ato sexual, com a conseqüente contaminação vaginal.

Por esse motivo, os urologistas aconselham a abstenção sexual durante a evolução clínica do referido quadro inflamatório, fora que essa circunstância também dificulta as relações sexuais.

A circuncisão – e já começamos a notar as vantagens da "aliança" de Yaveh com os judeus – evita em alta porcentagem a aparição da "balanopostite" aguda e, mais ainda, das formas crônicas.

Ao perguntar aos especialistas sobre as estatísticas, a nível mundial, sobre essas doenças em homens "não circuncidados", responderam:

"A 'balanopostite' é muito mais freqüente no varão não circuncidado. Neste sentido as estatísticas são tão numerosas quanto conclusivas. Uma pesquisa realizada no Mount Sinai Hospital de Nova York com pacientes de raça judia revelou apenas um câncer no órgão genital, em um paciente não circuncidado.

Em geral, as doenças venéreas contraídas pela ascensão dos germens através da uretra durante o ato sexual encontram uma circunstância favorável nos homens com fimose ou não circuncidados, precisamente pela possibilidade da instalação dos germens e da dificuldade de uma higiene adequada.

Perguntei aos médicos como a circuncisão poderia afetar um povo inteiro, como no caso dos judeus há 3.200 anos. A resposta não deixou de surpreender-me.

Explicaram-me que desde o prisma genético, e de forma direta, o fato da circuncisão não demonstrou nenhuma influência sobre a descendência. Mas a possibilidade de um aumento das doenças venéreas – sobretudo as que se contraem pela possível ascensão dos germens pelo canal geniturinário – pode provocar esterilidade no homem e na mulher.

Nessas considerações, disseram os especialistas, não entra a sífilis, cuja existência naquela época não está provada, mas podemos incluir a gonococia em primeiro lugar e a linfogranulomatose venérea e a úlcera de Ducrey.

Conseqüentemente, uma raça circuncidada melhoraria seu índice de natalidade.

Em resumo: as vantagens da circuncisão são basicamente higiênicas, com possibilidades de incrementar a natalidade e prolongar o ato sexual.

Como vemos, os "astronautas" tinham razões de sobra para estabelecer a circuncisão como uma prática obrigatória entre os varões que formariam o povo de Israel. Um povo que poderia enfraquecer-se, açoitado pelas doenças venéreas, infecções, enfim, pela falta de higiene.

E como a questão também não era pular etapas do ritmo evolutivo daquela gente, injetando-lhes antibióticos ou "penicilinas espaciais", a "equipe" não teve outra alternativa senão recorrer ao símbolo do rito ou do cerimonial para alcançar sua verdadeira meta: uma raça sadia.

Portanto, não estou de acordo com a corrente da Igreja que tenta explicar a "aliança" da circuncisão como uma "iniciação", argumentando inclusive que outros povos já a usavam antes dos judeus.

Duvido muito que os "astronautas" tivessem o menor interesse em iniciar aquele povo em ritos mais ou menos mágicos ou misteriosos, quando, precisamente, o que tentavam era inculcar nos israelitas a idéia básica de um único Deus, onipotente e implacável para com seus inimigos...

O fato certo de que outros povos como o egípcio, etíope, fenício, sírio, assim como numerosos grupos étnicos da África, Polinésia, América, etc., praticassem há muito tempo a circuncisão masculina e a extirpação do clitoris da mulher não justifica, nem muito menos, a decisão de Yaveh. Partindo do princípio de que falamos da "divindade" ou, de acordo com minhas hipóteses, dos "intermediários" do grande Deus, isso seria absurdo.

Repito que as razões deviam ser outras... Razões puramente higiênico-sanitárias.

Mas, do ponto de vista "médico", o programa de trabalho dos "astronautas" não estavam concluído com a implantação da circuncisão.

Se continuarmos lendo a Bíblia, especialmente o texto Levítico, perceberemos o fabuloso "manual" de medicina preventiva que aqueles seres ditaram ao povo judeu.

Tiveram de Fazer Tudo

A verdade é que aquele grupo de "homens do espaço", sempre porta-vozes da vontade de Deus e do "alto comando", teve de fazer praticamente tudo em relação à constituição social, econômica, religiosa e até política da comunidade eleita.

Partindo do zero e sempre invocando o nome de Yaveh, explicaram a Moisés e a outros "iniciados" como fazer o censo, como construir seus acampamentos em pleno deserto, como distribuir as doze tribos nos mesmos, como tratar dos leprosos e impuros, como selecionar os alimentos "puros" e "impuros', como condimentá-los, como distinguir os animais próprios para o consumo dos que podiam ser perigosos ou nocivos...

Como já disse, o Levítico é muito revelador nesse sentido. Jamais em toda a História de nossa humanidade, um "deus" se tinha preocupado em elaborar um "catálogo" tão perfeito das peças aptas e não aptas para o jogo da vida...

O "incômodo", sem dúvida, não era gratuito ou folclórico. Aquelas normas da "equipe" celestial obedeciam a razões precisas e vitais. Principalmente razões de saúde.

E sem ânimo de estender-me no assunto dos "alimentos" puros e impuros, vejamos um mero exemplo:

No Levítico (11,1-30), os "astronautas" proporcionam as listas desses alimentos. Entre os animais considerados "impuros", da terra, citam o porco. Entre os "malditos", do mar, todos os "que tiverem patas".

Refletindo sobre esses dois exemplos, perceberemos a enorme carga sanitária dos conselhos da "equipe". Por um lado, o porco, se não estiver sujeito a um rigoroso controle veterinário, pode transmitir ao homem doenças perigosas como a Tênia e a triquinose.

Por outro, os "animais de mar com patas", caranguejos e outros mariscos, foram considerados "impuros" pelos "astronautas" por uma razão muito simples de entender em nossos tempos: há 3.000 anos e em pleno deserto, o armazenamento e posterior consumo desse tipo de exemplares marinhos implicava graves riscos de putrefação, principalmente por causa das altas temperaturas que chegam aos 70 graus no verão. Uma intoxicação de mariscos naqueles tempos, e ainda hoje, se não cuidada a tempo, teria sido catastrófica.

E novamente, o que poderiam fazer os "astronautas" se lhes era totalmente impossível entregar Câmaras frigoríferas ou algo correspondente para os "controles veterinários", ao recém-fundado povo judeu? Apenas o "truque" de uma ordem divina poderia garantir um certo alívio na incidência de epidemias, infecções intestinais, índices de mortalidade, etc.

Foi pouco tempo após o início do Êxodo que os "astronautas" realmente começaram a enfrentar os mais sérios problemas.

Os “Astronautas” Preparam o Êxodo

Apesar de suas formidáveis naves, da inquestionável tecnologia que possuíam e do extremo conhecimento dos lugares onde aconteciam os fatos, o primeiro grande problema dos “astronautas” deve ter surgido o momento de controlar e manter em pleno deserto aquela multidão de mais de seiscentos mil homens, sem contar os rebanhos.

E para piorar, a inflexível posição do faraó – ainda que lógica por outro lado – que não aceitava perder seus eficazes escravos judeus, complicou tudo.

E a “equipe”, com muito pesar, teve que dissuadir o povo egípcio. Primeiro através de pragas e outras calamidades. Por último – e imagino eu esta resolução tenha violentado bastante os “astronautas” – com a sangrenta matança dos primogênitos.

Já me perguntei muitas vezes: será que não havia uma outra solução para que os israelitas pudessem sair do Egito?

Na verdade, a imagem de Yaveh fica muito simpática depois daquele “holocausto”...

Por que sacrificar a tantos inocentes?

É possível que os responsáveis pela missão tivessem suas razões para fazê-lo.

Mas, para mim, esse é um dos pontos mais obscuros da “operação”. Sempre considerei Deus como um ser doador de vidas. Jamais como um verdugo, e muito menos de crianças inocentes...

No fundo, essa matança reforça minha convicção de que a “equipe” era formada de “astronautas”. Seres que, afinal, também podiam cometer erros.

A Coluna de Fogo

O certo é que aquela partida, o grande Êxodo, devia preocupar profundamente os “astronautas”.

E desde o primeiro instante, uma ou várias naves se situaram na dianteira da grande massa humana. Pelo menos é o que se deduz do texto do capítulo 13 do Êxodo:

“... Partiram de Sukkot e acamparam em Etam, na beira do deserto. Yaveh ia na frente deles, de dia em coluna de nuvem para guiá-los pelo caminho, e de noite em coluna de fogo para iluminá-los, de modo que pudessem marchar de dia e de noite. Não se afastou do povo nem a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite.”

A descrição da “coluna” de nuvem ou de fogo coincide com o que, faz muitos anos, os estudiosos e pesquisadores da Ufologia conhecemos como naves cilíndricas, “charutos” ou grandes objetos fusiformes.

Geralmente são naves “mãe” ou “amas-de-leite”, de consideráveis dimensões, em cujo interior se guardam outros veículos menores, quase sempre utilizados em missões de exploração.

Hoje, quando as testemunhas desses gigantescos OVNI’s tentam descrevê-los, geralmente os associam a incríveis “colunas voadoras”, “charutos voadores”, “cilindros”, etc.

As pessoas que observaram esses objetos durante a noite lembram-se, maravilhadas, da potência de sua luz e das diferentes cores que emitem.

Como é possível que as descrições feitas pelo povo judeu há mais de 3.000 anos coincidam, e de que maneira, com as das testemunhas dos OVNI's "amas-de-leite" de nossos dias?

Em minha opinião, a longa marcha pelo deserto exigia a presença constante de grandes naves. As razões são óbvias: além de abastecer diariamente homens e gado, a "equipe" de "astronautas" tinha de cuidar da segurança física daqueles milhares de israelitas que seriam assolados por epidemias, pela sede e pelos ataques dos povos do grande deserto.

Ao mesmo tempo, a "equipe" deveria ensinar aquele povo a conviver com uma nova Lei e um novo e único Deus.

E, efetivamente, as mencionadas naves "amas-de-leite" não tardaram em demonstrar sua eficácia...

Duas Matanças Muito Mal Esclarecidas

Eis aqui outro assunto tão obscuro quanto a morte dos primogênitos egípcios: a ruína causada por "Yaveh" ao exército do faraó na não menos famosa e misteriosa passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho.

Ao ler o Êxodo (14,1-5), já começamos a suspeitar que sua "equipe" de "anjos" conhecia as possíveis intenções do exército egípcio. E mais, perante as palavras que disse a Moisés, não temos outra alternativa a não ser pensar que, por razões ocultas, os tripulantes daquelas naves estavam interessados em deixar as tropas do faraó fora de combate, demonstrando mais uma vez ao povo eleito o poder de Deus que acabava de tirá-los da escravidão.

Caso contrário, como interpretar o que segue?

"Yaveh falou a Moisés, dizendo:

Dize aos israelitas que mudem de caminho e venham acampar diante de Fiairot, entre Magdakum e o mar, defronte a Beesefon: acampareis defronte deste lugar. O Faraó vai pensar: os israelitas perderam-se no país, e o deserto os encerrou. Eu endurecerei o coração do Faraó, e ele vos perseguirá; mas eu triunfarei gloriosamente sobre o Faraó e sobre todo o seu exército, e os egípcios saberão que eu sou Yaveh".

E assim o fizeram.

Depois de dois mil anos e principalmente na ocasião do canal de Suez, o antigo território que serviu de cenário ao grande Êxodo do povo judeu mudou tanto que os expertos não conseguem chegar a um acordo sobre o lugar exato em que ocorreu a milagrosa passagem entre as águas.

Mas o Êxodo estabelece com clareza que Yaveh guiou os israelitas até o chamado "mar de Suf".

Diz assim:

"Tendo o Faraó deixado partir o povo, Deus não o conduziu pelo caminho da terra dos filisteus, que é, no entanto, a mais curta, pois disse:

Talvez o povo pudesse arrepender-se, no momento em que tivesse de enfrentar um combate, e voltar para o Egito.

Por isso Deus fez com que o povo desse uma volta pelo deserto, para os lados do

mar de Suf...

E a Bíblia prossegue:

"Tendo partido de Socot, acamparam em Etam, na extremidade do deserto".

O pior é que os especialistas tampouco são unânimes na hora de localizar o mar de Suf. Em hebraico, yam suf significa "mar das Canas". Em outras ocasiões essa palavra também foi traduzida como "Mar Vermelho". O caso é que, ao repassar os Livros Sagrados, observa-se como em repetidas ocasiões se fala do "mar dos Juncais" ou "mar dos Canaviais".

Em Josué, por exemplo, encontramos no capítulo 2,10:

"... Ouvimos dizer como Yaveh secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíste do Egito".

Acontece que hoje sabemos que nas margens do mar Vermelho não crescem canaviais. O "mar" ao que a Bíblia se refere deve ter existido na realidade, provavelmente ao norte do que hoje é o golfo de Suez. A construção do grande canal e a passagem do tempo mudaram totalmente a velha fisionomia daquele território. Nada se sabe, por exemplo, do lago Ballah, localizado ao sul da rota dos filisteus. Também desapareceu.

Conforme consta nos arquivos egípcios, nos tempos de Ramsés II, o golfo de Suez comunicava-se com os lagos "Amargos". E estas ramificações, em sua maioria pantanosas, chegavam até o lago Timsah, o lago dos Crocodilos.

É bem provável que a Bíblia se refira precisamente a essa região pantanosa quando fala do "mar de Suf ou do dos Canaviais". Ali sim, nas marismas que formavam os lagos "Amargos", poderiam crescer generosamente os juncos e canas.

Enfim, os "astronautas" preferiram tirar a multidão judia por essa região para não correr o risco de enfrentar maiores conflitos com os ferozes filisteus se fossem pela rota leste. O próprio "Yaveh" comenta o fato no Êxodo (13,17-19).

Era lógico que a "equipe" não desejasse angustiar-se e nem aos israelitas com um problema tão grave como o das contínuas e sangrentas lutas com aquele povo e que, sem dúvida, teriam enfrentado se tivessem caminhado em direção a Canaã pela rota mais curta.

Outra Vez As Naves

E, como já mencionei no início deste capítulo, os "anjos" de Yaveh não demoraram muito tempo para utilizar as grandes naves...

Nessa ocasião foi contra o exército do faraó.

Mas sigamos o fio da narração, tal como aparece no Êxodo:

Quando se anunciou ao rei do Egito que o povo tinha fugido, o coração do Faraó e os de seus servos mudaram a respeito do povo.

"Que fizemos" – disseram eles – "deixando que Israel deixasse de nos servir?"

O Faraó mandou preparar o seu carro e levou com ele as suas tropas. Tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, guiados por seus combatentes. Yaveh endureceu o coração do Faraó, o rei do Egito, e este perseguiu os filhos de Israel.

Estes haviam partido ameaçando-os. Puseram-se os egípcios a persegui-los e alcançaram-nos em seu acampamento à beira do mar: todos os cavalos dos carros do Faraó, seus cavaleiros e seu exército alcançaram-nos perto de Fiairot, defronte de Baalsefon.

Aproximando-se o Faraó, os israelitas, ao levantarem os olhos, viram os egípcios que vinham ao seu encalço. Foram tomados de espanto e invocaram a Yaveh, clamando em alta voz. E disseram a Moisés:

"Não havia, porventura, túmulos no Egito, para que nos conduzisses a morrer no deserto? Por que nos fizestes isso, tirando-nos do Egito? Não é isso mesmo que te dizíamos no Egito: Deixa-nos servir aos egípcios do que morrer no deserto."

Moisés respondeu ao povo:

"Não temais! Tende ânimo e vereis a libertação que Yaveh vai operar em vosso favor: os egípcios que hoje vedes, não os tornareis a ver jamais. Yaveh combaterá por vós; e vós estareis tranqüilos".

Passagem Do Mar

Yaveh disse a Moisés:

"Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que se ponham a caminho. E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e fere-o, para que os israelitas possam atravessá-lo a pé enxuto. Vou endurecer o coração dos egípcios, para que eles se ponham a teu encalço, e eu triunfarei gloriosamente sobre o Faraó e sobre todo o seu exército, seus carros e seus cavaleiros. Os egípcios saberão que sou Yaveh, quando eu tiver alcançado esse glorioso triunfo sobre o Faraó, seus carros e seus cavaleiros".

O Anjo de Yaveh que marchava à frente dos israelitas mudou de lugar e passou para trás; a coluna de nuvem que os precedia pôs-se detrás deles, entre o acampamento dos egípcios e o de Israel. Ela era obscura e alumiava a noite. Nenhum dos dois exércitos pôde aproximar-se do outro, durante toda a noite.

Moisés estendeu sua mão sobre o mar. Yaveh fê-lo recuar por um vento impetuoso vindo do oriente, que soprou toda a noite. E pôs-se o mar a seco. As águas dividiram-se e os israelitas desceram a pé enxuto no meio do mar, enquanto que as águas formavam uma muralha à sua direita e à sua esquerda. Os egípcios os perseguiram: todos os cavalos do Faraó, seus carros e seus cavaleiros internaram-se após eles no leito do mar.

Na vigília da manhã, Yaveh, do alto da coluna de fogo e da nuvem, olhou para o acampamento dos egípcios e semeou o pânico no meio deles. Embaraçou-lhes as rodas dos carros de tal sorte que, só dificilmente, conseguiram avançar. Disseram então os egípcios:

"Fujamos diante de Israel, porque Yaveh combate por eles contra o Egito."

Yaveh disse a Moisés:

"Estende tua mão sobre o mar, e as águas voltar-se-ão sobre os egípcios, seus carros e seus cavaleiros."

Moisés estendeu sua mãos sobre o mar, e este, ao romper da manhã, voltou ao seu nível habitual. Os egípcios que fugiam foram de encontro a ele, e Yaveh derrubou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram ecobriram os carros, os cavaleiros e todo o exército do Faraó, que havia descido no mar ao encalço dos israelitas. Não ficou um sequer.

Mas os israelitas tinham andado a pé enxuto no leito do mar, enquanto que as águas formavam uma muralha à sua direita e à sua esquerda.

Foi assim que naquele dia Yaveh livrou Israel da mão dos egípcios. E Israel viu os cadáveres dos egípcios na praia do mar. Viu Israel o grande poder que Yaveh tinha exercido contra os egípcios. Por isso o povo temeu Yaveh, e acreditou nele e em seu servo Moisés.

O "Milagre"

Poucos relatos possuem um brilho tão fascinante como o que acabamos de ler da Bíblia.

Que será que realmente aconteceu no "mar dos Canaviais"?

Se nos basearmos no Êxodo, os egípcios foram engolidos pelo mar.

Mas, se consultarmos o livro de Josué, teremos uma versão diferente.

Este último texto sagrado diz no capítulo 2,9:

"... Eu sei que Yaveh vos entregou esta terra; o terror de vós apoderou-se de nós, e todos os habitantes da terra estão desanimados por vossa causa. Ouvimos dizer como Yaveh secou as águas do mar de Suf diante de vós, quando saístes do Egito..."

E mais adiante, no mesmo livro (24,6-8), Josué especifica:

"Fiz sair vossos pais do Egito, e quando chegastes ao mar, os egípcios perseguiram vossos pais com carros e cavaleiros até o mar de Suf. Os israelitas clamaram a Yaveh, o qual pôs trevas entre vós e os egípcios, e fez vir o mar sobre eles cobrindo-os".

Fica evidente que a "equipe" de "anjos" ou "astronautas" viu-se obrigada a usar, mais uma vez, sua poderosa tecnologia, sua "glória", com um duplo objetivo: salvar o povo judeu e deixar fora de combate o exército egípcio. Com isso tentava conseguir, como realmente aconteceu, um relativo período de calma na iminente peregrinação pelo deserto e também uma "submissão" provisória, por temor, dos israelitas à vontade de Yaveh.

Os seres que integravam aquela insólita "missão" conheciam a rejeição do povo israelita em relação àquele "projeto louco" de Moisés e de Yaveh, seu Deus. Por que deixar o Egito, onde, apesar da escravidão, tinham comida e teto assegurados? Ali nasceram seus filhos e ali estavam enterrados seus ancestrais. Por que sair precipitadamente das terras do Nilo para morrer no deserto?

Como vemos no Êxodo, o povo colocou esses temores a Moisés quando as coisas começaram a dar para trás...

Logo, tornara-se necessário que a "equipe" desse uma "punição" especialmente brutal, para que o "povo se enchesse de temor..."

E continuamos supondo que, com muito pesar, os "astronautas" tiveram de matar novamente.

Por sua parte, Moisés "jogou" com vantagens perante os israelitas, pois ele já sabia o que iria acontecer. Pouco antes a "equipe" o avisara. O assunto era tão grave e decisivo que os "astronautas", sempre em nome de Yaveh, tiveram com ele, tal como narra o Êxodo (14,1-5), uma reunião prévia na qual lhe informaram os "detalhes" da operação.

Uma atitude lógica, já que a "equipe" tinha de fortalecer a autoridade e segurança de Moisés, seu "representante" e "iniciado".

E o "milagre" aconteceu.

E eis que "o Anjo de Yaveh que marchava à frente dos israelitas mudou de lugar e passou para trás; a coluna de nuvem que os precedia pôs-se detrás deles, entre o acampamento dos egípcios e o de Israel".

A precisão do relato é total. Tal como interpreto os conceitos “Anjos de Yaveh” e “coluna de nuvem” – e insisto pela enésima vez no caráter estritamente pessoal dessa interpretação -, o Êxodo nos diz como os israelitas viram a súbita mudança de posição de, pelo menos, duas naves. A “coluna de nuvem” ou nave “ama-de-leite” deixou a dianteira e situou-se exatamente atrás do acampamento judeu. O que também fez o “Anjo de Yaveh”.

Como já mencionei em outras passagens, para os israelitas devia ser muito difícil estabelecer uma diferenciação clara entre os ‘anjos” e suas naves. Tudo se transformava numa única coisa, num único conceito, numa única realidade: o “Anjo de Yaveh” ou a “glória de Yaveh”.

O que parece provável é que existisse uma diferença na forma e dimensões de ambas as naves. Caso contrário, o Êxodo teria mencionado duas “colunas de nuvem” e um único “Anjo de Yaveh”. Mas a especificação é contundente: primeiro “caminhou o Anjo de Yaveh”. Depois, a “coluna de nuvem”...

E até certo ponto, a ordem nos movimentos das naves também é lógica. Qualquer estrategista militar primeiro envia seus “exploradores” ou veículos menores e mais rápidos para “explorar” ou “reconhecer” o terreno e a situação. Depois chega o “grosso” do exército: a poderosa e gigantesca “ama-de-leite” ou “coluna de nuvem”.

Esses primeiros movimentos da “equipe” desenvolveram-se naturalmente durante o dia.

Ao cair da noite, o Êxodo afirma que “a nuvem era tenebrosa e que a noite passou sem que pudessem entrar em contato uns com os outros durante toda a noite.

Essa nova definição de “nuvem tenebrosa” encaixa-se com absoluta precisão nas atuais descrições das naves “mães” que têm sido vistas durante a noite.

Em um dos últimos casos que investiguei sobre as naves “amas-de-leite”, no País Basco (Espanha), as pessoas que viram o objeto me afirmaram que este tinha uma forma de ‘charuto’ de tamanho tão descomunal que algumas delas acreditaram que “chegava até o fim do mundo...”

Esse gigantesco OVNI foi avistado simultaneamente desde a capital de Santander, e suas dimensões, conforme cálculos de triangulação, deixaram-nos perplexos. Aquele monstruoso aparelho ultrapassava os 750 metros de comprimento...

E não é dos maiores.

Imaginemos então a impressão que uma dessas naves, com forma ou aparência de “coluna de nuvem”, deve ter causado nos israelitas, principalmente a uma altura tão baixa. E não nos esqueçamos que o aspecto da nuvem poderia ser uma “camuflagem”, como já vimos em diversos casos atuais de OVNI’s. Fica igualmente claro que os “astronautas” não quiseram agir à noite, pois, para uma “operação” como a eu estava para iniciar-se, a luz do dia era essencial.

Mas as naves não perderam tempo. O Êxodo diz que “Yaveh fez soprar durante toda a noite um forte vento do Leste que secou o mar, e as águas se dividiram”.

É possível que as naves provocassem uma corrente de ar tão forte e prolongada que parte das águas do “mar de Suf” ou do “das Canas” sofresse um anormal retrocesso, abrindo um canal ou passagem conseqüentemente seca, como saída de emergência para o povo eleito.

E o Êxodo continua entrando em detalhes:

“... As águas dividiram-se e os israelitas desceram a pé enxuto no meio do mar, enquanto as águas formavam uma muralha à sua direita e à sua esquerda”.

Entrar a “pé enxuto” pode significar “sem molhar-se” ou “com facilidade”. Mas em relação à “muralha de água”, a coisa se complica consideravelmente. E nem sequer os

exegetas chegam a um acordo sobre esse ponto.

Uns afirmam que os israelitas atravessaram o mar entre essas duas "muralhas" de água, outros se inclinam pelo retrocesso das águas, cujo refluxo teria destruído o exército do faraó.

No fundo, tanto num caso quanto no outro, o importante é que um fato anormal e extraordinário aconteceu, permitindo que uns se salvassem e os outros se aniquilassem...

Mas como a "equipe de astronautas" conseguiu separar as águas ou, na segunda hipótese, fazê-las retroceder e manter imóvel uma massa tão considerável?

Nem atualmente, com nossa fantástica tecnologia,, somos capazes de desvendar o segredo.

Portanto, apenas nos resta prosseguir especulando.

Se, como afirma o Êxodo, abriu-se um "caminho" entre as águas no mar de Suf, podemos pensar que várias dessas naves "assentaram" no fundo do mar vastos "campos de força" que serviram como sólidas paredes ou muros de contenção. O resto era simples: outras naves, inclusive a gigantesca "ama-de-leite", teriam "varrido" as águas que ficaram entre as duas "cortinas". E diante dos assombrados israelitas – e nem falemos do próprio Moisés – surgiu um fantástico "caminho".

Nossa ciência ainda não desenvolveu satisfatoriamente a área dos "campos de força". Mas sabemos que existem e que são uma esperança.

Hoje em dia, algumas experiências nesse terreno demonstraram que os "campos magnéticos ou eletromagnéticos", apesar de invisíveis, possuem uma estrutura física concreta e que podem ser tão impenetráveis quanto uma placa de chumbo.

Na quase totalidade dos casos OVNI's registrados no planeta, aparecem efeitos direta ou indiretamente provocados pelos respectivos campos magnéticos ou eletromagnéticos dessas naves. Quando um desses objetos se aproxima de automóveis, barcos, aviões ou instalações elétricas, as luzes se apagam, as baterias se descarregam, as ondas de rádio ou televisão sofrem interferência e os sistemas eletrônicos, como bússolas, etc., ficam bloqueados ou "enlouquecidos".

Enfim, é fato comprovado que os OVNI's "desprendem" determinados "campos de força" ou são rodeados por ele.

Então, por que não imaginar que aquelas nuvens utilizassem esses "campos magnéticos", já que, sem dúvida, conheciam-nos e os tinham ao alcance de sua mão?

Umas Densas Névoas

Se optarmos pela segunda teoria – o retrocesso das águas e o posterior refluxo das mesmas -, o assunto se torna mais difícil.

Neste caso, talvez os "astronautas" tenham escolhido um determinado setor do "mar dos Canaviais" e através de um processo que nem sequer suspeitamos, empurraram as águas até um lugar estabelecido, acumulando-as como se fosse numa represa.

Depois da travessia dos israelitas, bastaria suprimir os "campos de força" que poderiam servir de muros para que as águas regressassem ao seu leito natural com toda a violência própria da mais impetuosa das enchentes.

Parece que a descarga das águas sobre o exército egípcio não aconteceu durante a noite. O Êxodo diz que foi na vigília matutina, ou seja, a partir das seis da manhã, quando "Yaveh, do alto da coluna de fogo e da nuvem, olhou para o acampamento dos egípcios e

semeou o pânico no meio deles".

E, como vemos, novamente surge a descrição da "coluna de fogo", sinal inequívoco da presença de uma das grandes naves durante a noite. O texto grego do Êxodo refere-se concretamente ao "transcorrer da noite". E o hebreu, por sua parte, especifica muito mais, diz que "houve a nuvem e a escuridão; e aquela alumiou a noite".

E Simaco acrescenta:

"A nuvem era escura por um lado e luminosa pelo outro".

Já que a grande nave "ama-de-leite" ou "coluna de nuvem" se colocara entre os dois acampamentos, esta última descrição poderia ser interpretada como uma iluminação parcial da nave em questão. A metade da mesma, provavelmente a face que dava para o acampamento israelita, permanecia iluminada e a outra metade, a que os egípcios viam, nas trevas. Isto, unido a suas indubitáveis dimensões, podia oferecer, tanto para uns quanto para outros, o já conhecido aspecto tenebroso.

Mas, obviamente, não temos certeza disso.

O que fica muito claro é que, quando a "equipe" considerou oportuno, "abriu" ou "afastou" as águas e a travessia teve início. E os egípcios, que também esperavam o novo dia, lançaram-se na perseguição daqueles que tinham sido seus escravos.

Parece provável que os tripulantes das naves deixassem os carros e os guerreiros entrar no leito do mar, para estimular sua confiança. E diz Josué que, quando caíram na "armadilha", Yaveh "estendeu uma densa névoa entre os judeus e os egípcios".

Essa nova manobra deve ter contido os ímpetos dos egípcios, que encontraram sérias dificuldades. O Êxodo diz que "Yaveh embaraçou-lhes as rodas dos carros de tal sorte que só dificilmente conseguiriam avançar".

Tanto a névoa quanto as dificuldades nas rodas dos velozes carros egípcios não parecem ter outro objetivo senão atrasar ou congelar o ataque do exército do faraó, dando tempo para que todos os israelitas pudessem sair do "canal" ou do fundo do vale sobre o qual as águas deveriam voltar.

E no momento em que as naves tiveram certeza de que o povo de Moisés já estava do outro lado, provocaram o cataclismo.

Mas a "equipe", sempre consciente de sua "missão", não se esquece dos detalhes. E antes de descarregar as águas sobre os egípcios, dirige-se a Moisés, e possivelmente diante de todo o povo, lhe "ordena" que estenda outra vez a mão sobre o mar "para que as águas engulam os perseguidores".

É evidente eu os "astronautas" não desperdiçam a menor oportunidade de fortalecer perante a "galeria" israelita autoridade de Moisés.

Em minha opinião, tudo se resume a um simples gesto. Quando Moisés estendeu novamente o braço em direção ao mar, os "anjos" que possibilitavam o "milagre" acionaram os mecanismos de suas naves, desbloqueando todo o "sistema".

E a "coincidência" maravilhou os judeus...

E, sem dúvida, as "dificuldades" nas rodas dos carros do exército egípcio podem ter sido provocadas por uma paralisação total ou parcial das diferentes unidades.

Quantos casos acontecem hoje em dia de OVNI's que "paralisam" as testemunhas e animais próximos!

Na realidade, para conseguir esse efeito, basta envolvê-los ou fazê-los cair nesses mesmos campos magnéticos ou eletromagnéticos que parecem proteger as naves.

No final, voltamos ao mesmo dilema: era necessário que os "homens" de Yaveh provocassem essa nova carnificina? Será que não puderam usar outros sistemas eu evitassem novas e violentas mortes?

Novamente a Comodidade da Igreja

Tentei mas não consigo prosseguir sem mencionar a interpretação de alguns autores modernos sobre o "milagre" da travessia do "mar dos Juncos".

No comentário bíblico São Jerônimo, por exemplo, dirigido por especialistas tão renomados quanto Raymond Brown, do Union Theological Seminary de Nova York; Joseph A Fitzmyer (SJ), da Fordham University, o assunto se encerra com a seguinte frase:

"... Nessa ocasião a Providência divina serviu-se de uma série de fenômenos naturais".

E, para isentar-se totalmente de qualquer responsabilidade, sustentam a afirmação com este comentário:

"O fato não é o único na história. As fontes clássicas nos dizem que o vento fez a água retroceder da lagoa e assim Cipião capturou Cartago Nova. O próprio texto bíblico nos informa sobre o papel que o vento desempenhou, facilitando aos hebreus a travessia das superficiais águas do mar das Canas".

Em minha opinião, atribuir a possível explicação do fato aos elementos e fenômenos da natureza é novamente cair no fácil. No cômodo... Com essa postura, os teólogos e exegetas, além de não convencer as mentes mais críticas e racionais, correm o sério risco de abalar a confiança dos fiéis em outras interpretações.

Que semelhança pode existir entre o episódio da retirada das águas de Cipião e a presença do "Anjo de Yaveh" e da "coluna de fogo" separando os acampamentos dos egípcios e judeus, ou as "muralhas" de água que se erguiam em ambos os lados do caminho, ou as "névoas" e a "paralisação" das rodas dos carros do faraó?

Ao centralizar a causa principal da milagrosa travessia das águas nos "fenômenos e forças da natureza", os teólogos e exegetas se esquecem do verso da moeda: o faraó e seus homens.

Sem dúvida, aquele território era praticamente desconhecido para os judeus, mas não acredito que o mesmo acontecesse com os egípcios. Tanto o faraó quanto suas tropas, sem falar dos grupos especiais de exploradores, deviam movimentar-se pelos lagos amargos, zonas desérticas e margens do atual golfo de Suez como "um peixe num aquário".

Fora precisamente Ramsés quem fizera ressurgir as velhas minas de cobre e de turquesas existentes no monte Sinai. Desde o Nilo até as montanhas da península havia um antiqüíssimo caminho em forma de ferradura, do ano 3.000 antes de Cristo, pelo qual sempre circulavam intermináveis colunas de trabalhadores e escravos. As minas tinham sido abandonadas em diversas ocasiões, mas na época do Êxodo judeu estavam ativas outra vez.

Se naquela zona semilacustre e pantanosa do mar de Suf aconteciam fenômenos estranhos próprios da natureza, o que duvido, o povo egípcio teria de conhecê-los e, obviamente, muito melhor que os judeus.

Por que o faraó cairia na armadilha de um desses "fenômenos naturais", conforme os teólogos, se ele e seus guerreiros conheciam a dimensão do perigo?

Insisto que o que provocou o massacre deve ter sido "outra coisa". "Algo" tão insólito e fora do comum que os egípcios jamais poderiam imaginar.

Também não estou de acordo com o critério dos exegetas católicos que dizem "que o vento facilitou aos hebreus a travessia das superficiais águas do mar das Canas".

Pode ser que a profundidade das águas em determinadas zonas ou canais do "mar das Algas ou dos Juncos" não fosse excessiva, mas é impossível afirmar tão

categoricamente que todas as áreas fossem iguais. Pelo menos, o texto bíblico não fala de "águas superficiais". Muito pelo contrário. Moisés e seu povo, e depois os egípcios, estiveram entre duas "muralhas" de água. E para aniquilar o exército do faraó a profundidade do canal ou lago teria de alcançar pelo menos três ou quatro metros.

Se o vento soprou durante toda a noite e secou as águas superficiais dessa região, que tipo de enchente caiu sobre o faraó? Baseando-se nas colocações dos teólogos e expertos em Escrituras Sagradas, o exército inimigo poderia ter atravessado essa zona com a mesma ou maior rapidez que os israelitas.

Para mim é desalentador o conselho ou recomendação de muitos estudiosos que vêem na "passagem do mar Vermelho" um simples e belo "gênero literário". Será que existe algo mais cômodo e vazio do que sentenciar aquilo que não se entende como "gênero literário", "bela metáfora" ou "gesta literária"?

Outros exegetas acreditam que esse feito milagroso é mais uma prova do poder taumatúrgico (Taumaturgia: faculdade de realizar prodígios, milagres) de Moisés. Não creio que a "equipe" de "astronautas" precisasse enfeitar a personalidade do "iniciado" com faculdades do tipo paranormal. O "poder" do grupo celestial era tanto que era mais do que suficiente. Como já mencionei, Yaveh pode ter aproveitado essas portentosas atuações para enriquecer a autoridade de seu grande "intermediário", mas isso é outra coisa.

Os eminentes doutores da Igreja devem ter esquecido que Moisés, aceitando a possibilidade de que tenha sido "treinado" ou "iniciado" por Yaveh, subiu ao cume do Sinai muito tempo depois da "passagem do mar Vermelho". E, como já comentei em capítulos anteriores, é bem possível que naqueles "quarenta dias e quarenta noites" os "astronautas" o tenham colocado a par de seus planos e despertando nele, tudo é possível, as faculdades taumatúrgicas a que se referem os exegetas. Mas como o próprio Êxodo relata, tudo isso foi posterior.

E torno a me perguntar: será que atribuir o "milagre" da passagem de Moisés e seus homens pelo "mar de Juncos" a uma elevadíssima tecnologia a serviço dos planos divinos diminui ou acrescenta beleza e transcendência a esse Grande Deus?

Os "Astronautas" Perdem a Paciência

O que aconteceu depois, nos anos seguintes, está perfeitamente registrado nesse formidável testemunho escrito que formam livros como o Levítico, Números, etc.

Se repassarmos a Bíblia com calma e à luz dessa nova colocação, comprovaremos que a "equipe" de Yaveh não teve outra alternativa a não ser realizar uma série de "expurgos" entre os israelitas. Uma "limpeza" dos elementos "não gratos ou pouco úteis", que poderiam atrapalhar seriamente o objetivo final da "missão".

Aquele povo de "nuca dura" causou aos "astronautas" vários problemas: o incidente da falta de comida, os três dias da passagem do mar de Suf, a grave revolta registrada no regresso dos exploradores da terra de Canaã e outros acontecimentos polêmicos como o ocorrido ao pé do Sinai, quando parte dos israelitas pensou que Moisés não voltaria jamais e resolveu retomar as velhas crenças e idolatrias egípcias, moldando um bezerro de ouro.

A "equipe" deve ter chegado à conclusão de que aquela comunidade precisava de uma seleção e comunicou a Moisés:

“... Nenhum dos homens que viram a minha glória” – diz o Números (14,22-38) – “e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, que me provocaram já dez vezes e não me ouviram, verá a terra que prometi com juramento a seus pais. Nenhum daqueles que me desprezaram a verá. Quanto ao meu servo Caleb, porém, que animado de outro espírito me obedeceu fielmente, eu o introduzirei na terra que ele percorreu, e a sua posteridade a possuirá. Visto que os amalecitas e os cananeus habitam no vale, voltai amanhã para trás e parti para o deserto na direção do mar de Suf”.

Yaveh disse a Moisés e a Aarão:

“Até quando sofrerei eu esta assembléia revoltada que murmura contra mim? Ouvi as murmurações que os israelitas proferem contra mim. Dir-lhes-ás: ‘Juro por mim mesmo, oráculo de Yaveh, que tratar-vos-ei como vos ouvi dizer. Vossos cadáveres cairão nesse deserto. Todos vós que fostes recenseados da idade de vinte anos para cima, e que murmurastes contra mim, não entrareis na terra onde jurei estabelecer-vos, exceto Caleb, filho de Jefone, e Josué, filho de Nun. Todavia, introduzirei nela os vossos filhinhos, dos quais dizíeis que seriam a presa do inimigo, e eles conhecerão a terra que desprezastes. Quanto a vós, os vossos cadáveres ficarão nesse deserto, onde os vossos filhos guardarão os seus rebanhos durante quarenta anos, pagando a pena de vossas infidelidades, até que vossos cadáveres sejam consumidos no deserto.

“Assim como explorastes a terra em quarenta dias, tantos anos quantos são esses dias pagareis a pena de vossas iniqüidades, ou seja, durante quarenta anos, e vereis o que significa ser objeto de minha vingança. Eu, Yaveh, o disse’. Eis como hei de tratar essa assembléia rebelde que se revoltou contra mim. Eles serão consumidos e mortos nesse deserto.”

Os responsáveis pela “operação” sentiram a necessidade de entregar Canaã, a terra prometida, a uma geração limpa de coração. A homens e mulheres que não fraquejassem em suas idéias e crenças. Aos israelitas que, verdadeiramente, demonstraram sua fidelidade à nova idéia de um Deus único. Caso contrário, todos os esforços da “equipe” teriam resultado em nada...

Por isso Yaveh perdoou aos menores de vinte anos. Os outros, inclusive Moisés, foram praticamente excluídos do projeto e relegados a uma peregrinação sem sentido pelo deserto. Peregrinação simbolicamente fixada em quarenta anos.

No fundo, a razão básica desse aparente absurdo caminhar dos judeus durante tantos anos por um deserto tão pequeno deve ser procurada nessa necessidade de “seleção” dos homens destinados a criar a comunidade última, na qual deveria nascer o “Enviado”.

A teimosia e a “nuca dura” daquele povo eram impressionantes...

Como é possível que ainda duvidassem da eficácia e da presença de Yaveh, quando este já os tinha livrado de mil problemas?

Como ainda desejavam regressar ao Egito – tal como se manifestaram antes da “sentença” da “equipe” – se todos os dias presenciavam a “glória” de Yaveh e suas “colunas de nuvem ou fogo”?

Nesse sentido é bem compreensível a irritação e até o desespero dos “astronautas” que assistiam como a cada passo a complicada e perversa comunidade israelita os ignorava, amaldiçoava e traía.

Não faz sentido que os judeus sentissem medo das palavras e manifestações dos exploradores que foram às terras de Canaã, quando eles mesmos tinham sido testemunhas do extermínio dos primogênitos e do próprio exército do faraó...

Mas, segundo o Números (13 e 14), assim aconteceu:

Yaveh disse a Moisés:

"Envia alguns homens para explorar a terra de canaã, que eu ei de dar aos filhos de Israel. Enviarás um homem de cada tribo patriarcal, tomados todos entre os príncipes".

Enviou-os Moisés do deserto de Faran segundo as ordens de Yaveh; todos esses homens eram príncipes em Israel.

E após relacionar o nome de cada um deles, o Números prossegue:

...Enviando-os a explorar a terra de canaã, Moisés disse-lhes:

"Ide pelo Negeb e subi a montanha. Examinai que terra é essa, e o povo que a habita, se ele é forte ou fraco, pequeno ou numeroso. Vede como é a terra onde habita, se ela é boa ou má, e como são as suas cidades, se muradas ou sem muros; examinai igualmente se o terreno é fértil, e se há árvores ou não. Coragem! e trazei-nos dos frutos da terra."

Era então a época das primeiras uvas. Partiram, pois, e exploraram a terra desde o deserto de Sin até Roob, no caminho de Emat. Subiram ao Negeb e foram a Hebron, onde se encontravam Aquiman, Sisai e Tolmai, filhos de Enac. Hebron foi construída sete anos antes de Tânis, no Egito. Chegaram ao vale de Escol, onde cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, que dois homens levaram numa vara; tomaram também consigo romãs e figos. Chamou-se a esse lugar vale de escol, por causa do cacho que nele haviam cortado os israelitas.

Relato dos Enviados

Tendo voltado os exploradores, passados quarenta dias, foram ter com Moisés e Aarão e toda a assembléia dos israelitas em Cades, no deserto de Faran. Diante deles e de toda a multidão relataram a sua expedição e mostraram os frutos da terra.

Eis como narraram a Moisés a sua exploração:

"Fomos à terra aonde nos enviastes. É verdadeiramente uma terra onde corre leite e mel, como se pode ver por esses frutos. Mas os habitantes dessa terra são robustos, suas cidades, grandes e bem muradas; vimos ali até mesmo filhos de Enac. Os amalecitas habitam na terra do Negeb; os hiteus, os jebuseus e os amorreus habitam nas montanhas, e os cananeus habitam junto do mar e ao longo do Jordão".

Entretanto Caleb, para refrear o povo que começava a murmurar contra Moisés, disse:

"Vamos e apoderemo-nos da terra, porque poderemos conquistá-la".

Mas os outros, que tinham ido com ele, diziam:

"Não somos capazes de atacar esse povo; ele é mais forte do que nós".

E diante dos filhos de Israel depreciaram a terra que tinham explorado:

"A terra" – disseram eles – "que exploramos, devora os seus habitantes: os homens que vimos ali são de uma grande estatura; vimos até mesmo gigantes, filhos de Enac, da raça de gigantes: parecíamos gafanhotos comparados com eles".

Rebelião de Israel

Toda a assembléia pôs-se a gritar e chorou aquela noite. Todos os israelitas murmuraram contra Moisés e Aarão, dizendo:

“Oxalá tivéssemos morrido no Egito ou neste deserto! Por que nos conduziu Yaveh a esta terra para morrermos pela espada? Nossas mulheres e nossos filhos serão a presa do inimigo. Não seria melhor que voltássemos para o Egito?”

E diziam uns para os outros:

“Escolhamos um chefe e voltemos para o Egito”.

Moisés e Aarão caíram com o rosto por terra diante de toda a assembléia dos israelitas. Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Jefone, que tinham explorado a terra, rasgaram as suas vestes e disseram a toda a assembléia dos israelitas:

“ terra que percorremos é muito boa. Se Yaveh nos for propício, introduzir-nos-á nela e no-la dará; é uma terra onde corre leite e mel. Somente não vos revolteis contra Yaveh, e não tenhais medo do povo dessa terra; devoraremos eles como pão. Não há mais salvação para eles, porque Yaveh está conosco. Não tenhais medo deles”.

A Cólera de Yaveh

Toda a assembléia estava a ponto de apedrejá-los, quando a “glória de Yaveh” apareceu sobre a Tenda da Reunião a todos os israelitas. Yaveh disse a Moisés:

“Até quando me desprezará esse povo? Até quando não acreditarão em mim, apesar de todos os prodígios que fiz no meio dele? Vou destruí-lo,ferindo-o de peste, mas farei de ti uma nação maior e mais poderosa do que ele.”

Moisés disse a Yaveh:

“Os egípcios viram que, por vosso poder, tirastes este povo do meio deles e o disseram aos habitantes dessa terra. Todo mundo sabe, Yaveh, que estais no meio desse povo, e sois visto face a face; que vossa nuvem está sobre eles, e marchais diante deles, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo. Se fizerdes morrer todo esse povo, as nações que ouviram falar de vós dirão: ‘Yaveh foi incapaz de introduzir o povo na terra que ele havia jurado dar, e exterminou-o no deserto’. Agora, pois, rogo-vos que o poder de meu senhor se manifeste em toda a sua grandeza, como o dissestes...

“... Perdoai o pecado desse povo, segundo a vossa grande misericórdia, como já o tendes feito desde o Egito até aqui”.

Uma Terra Próspera

Pelas palavras dos exploradores, fica evidente que a “equipe” soubera escolher a terra. Um lugar próspero, onde cresciam abundantes e grandes frutos.

E como observamos nessas passagens, também era evidente a constante “vigilância” a que submetiam o acampamento israelita...

No momento certo, quando Moisés, Aarão e dois dos exploradores fiéis a Yaveh ameaçavam ser apedrejados, a “glória” de Yaveh surgiu sobre a Tenda do Encontro.

No fundo devia ser extremamente simples controlar os movimentos e até os pensamentos dos judeus.

De qualquer das naves, e especialmente da "nave-mãe", os "astronautas" apenas teriam de ligar as telas da televisão para assistir, em transmissão direta, ao que acontecia entre os homens de Moisés.

Por isso, assim que perceberam o início da rebelião e que a vida de alguns de seus "contatos" corria perigo, uma das naves, a "glória de Yaveh", apareceu ou desceu sobre o acampamento. Ambas as operações teriam sido perfeitamente possíveis: tanto "aparecer" sobre a terra, mudando rapidamente de dimensão, quanto descer fisicamente no lugar onde a comunidade se localizava.

E ali, pela enésima vez, o porta-voz ou responsável da "equipe" tornou mais que palpável a indignação geral.

Mais Uma Injustiça?

Mas não gostaria de encerrar este capítulo, sem antes assinalar o que, para mim, constitui um novo "deslize" da "equipe" de Yaveh. E coloquei a palavra entre aspas porque, obviamente, não sei como classificar a longa cadeia de invasões, hoje chamadas agressões, praticada pelo jovem povo israelita, sob o comando das naves espaciais.

Sempre orientado pela "glória de Yaveh", lenta mas firmemente, o exército judeu foi expulsando os amalecitas, hiteus, amorreus, jebuseus e cananeus de seus territórios e cidades.

Uma expulsão que se prolongou durante anos e que significou mais um caudaloso rio de sangue...

Acredito que se fizermos um balanço final veremos com inquietação como o traslado e o assentamento definitivo do povo eleito nas terras de Canaã causou dezenas de milhares de mortos, incêndios, lágrimas e violência sem fim...

Mas já que admito que aquela "equipe" de "anjos" estava sob as ordens de Deus, reconheço que provavelmente não tiveram outra opção.

E ainda que saiba que os "caminhos do Senhor são inescrutáveis" não posso evitar um certo mal-estar ao pensar em tanta morte e destruição pelos lugares que passava o povo israelita...

Se nos limitarmos a julgar fria e racionalmente o "momento" eleito pela "equipe" de Yaveh para a travessia do Jordão e a entrada da comunidade israelita na Terra da Promissão, temos de reconhecer que, mais uma vez, os "astronautas" sabiam o que estavam fazendo...

Vejamos. Qual era a situação do mundo conhecido naquela época, uns 1.200 anos antes do nascimento do "Enviado"?

Ao mesmo tempo que Israel está acampado do outro lado do rio Jordão, disposto a penetrar nas terras de Canaã, no Mediterrâneo decidia-se a sorte de Tróia.

Aquiles, Agamenon e Ulisses, os heróis de Homero, preparam-se para suas façanhas.

Por outra parte, o reino do Nilo está em plena decadência. Seu velho esplendor terminou e o último rei, "Sol Akhenaton", acabou enfraquecendo o Egito politicamente. O que fora um estado egípcio desde 1.500 antes de Cristo, tornara-se uma terra dividida e corrompida pelo que restava da ocupação egípcia. Canaã, enfim, é uma presa fácil para o povo eleito.

A "equipe" de Yaveh sabe disso e ordena ao bravo Josué, sucessor de Moisés, que entre em Canaã sem perder tempo.

Começa assim uma longa e não menos árdua etapa. Um período que durará aproximadamente 1.200 anos e durante o qual os “astronautas” estabelecerão de forma definitiva a pátria dos israelitas.

Treze séculos mais tarde, o povo eleito terá alcançado a maturidade suficiente para ver nascer em seu seio o “Enviado”.

E, curiosamente, após o assentamento do povo “eleito”, as aparições da “glória” de Yaveh e das famosas “colunas de nuvem ou fogo” que tão intensamente marcaram sua presença entre os judeus quase que desapareceram. Durante os últimos 500 anos antes de Cristo essas naves praticamente se tornaram invisíveis.

Parece como se a missão da grande “equipe” tivesse ficado em segundo plano. Tudo segue seu curso natural, conforme o programado...

Mas o momento da aparição, em nosso planeta, do Filho do Altíssimo seria precedido de outros fenômenos similares ou muito parecidos aos que já tinham vivido os patriarcas e antepassados do povo israelita, quando de sua saída do Egito e durante a longa caminhada até Canaã.

E as naves espaciais e os “anjos” ou “astronautas” voltaram. Mas esse “retorno” já não foi, como antigamente, sob o signo do medo e do sangue. No momento culminante da “Operação Redenção”, a última fase, tudo seria radicalmente diferente.

Muitas vezes já me perguntei se os “anjos” ou “astronautas”, que “colaboraram” com o “alto comando” nos cuidados com Maria, na Anunciação, no Nascimento de Jesus e na vida pública Deste, foram os mesmos que tiraram a colônia israelita do Egito ou os que pacientemente conduziram Moisés e seu povo pela península do Sinai...

Obviamente, por enquanto, ninguém conhece a resposta. Mas cabe pensar que se eram seres muito mais evoluídos que nós, podem ter ultrapassado os ridículos limites de nossa vida. Talvez – por que não? – tivessem ou tenham uma existência infinitamente mais longa que a nossa. Supondo-se que nossa contagem de tempo de ajustasse as suas vidas, talvez sua tecnologia ou natureza, diferentes das que conhecemos, lhes permitam viver centenas de anos.

Talvez tenha acontecido o que nós conhecemos como “tradição” e, a cada determinado período de tempo, outros seres tenham substituído os que já demonstravam sinais de cansaço.

Mas essa apaixonante incógnita merece um tratamento especial...

Seja como for, o certo é que uns 15 anos antes do nascimento de Jesus de Nazaré, os “astronautas” retomaram seu contato com o povo judeu.

A Anunciação: Um Duplo “Encontro” Com Os Astronautas?

Apenas nos Evangelhos Apócrifos, a cujos textos me remeto novamente, pude encontrar uma descrição mais detalhada sobre o delicado tema da Anunciação a Maria.

Um assunto tão apaixonante e misterioso para o qual o ser humano praticamente não tem palavras.

No momento de analisar essa passagem, o faço com o maior respeito de que sou capaz. Deus bem sabe disto...

Não pretendo, como talvez pensem os intransigentes ou fanáticos, desvendar nenhum mistério... Seria ridículo, tanto quanto querer comparar-se a Deus. Sou apenas um repórter, sempre em busca da Verdade.

Mas um repórter que, sem dúvida, gostaria de ter presenciado aqueles momentos...

O Apócrifo De Tiago

Mas vejamos o que dizem os textos dos Evangelhos Apócrifos.
E comecemos pelo Protoevangelho de Tiago

Certo dia Maria pegou um cântaro e foi enchê-lo de água. E eis que ouviu uma voz que lhe dizia:
"Deus te salve, cheia de graça, o Senhor esteja convosco, bendita és tu entre as mulheres".
E ela se pôs a olhar ao redor, à direita e à esquerda, para ver de onde provinha essa voz. E, tremendo inteira, foi para casa, deixou a ânfora, pegou a púrpura, sentou-se em seu escano e se pôs a fiá-la.

Mas, de repente, um anjo do Senhor apresentou-se diante dela, dizendo:"Não temas, Maria, pois encontrastes a graça perante o Senhor onipotente e conceberás por sua palavra".Mas ela, ao ouvi-lo, ficou perplexa e disse para si mesma:"Deverei conceber pela virtude do Deus vivo e depois dar à luz como as outras mulheres?"

Ao que o anjo respondeu:"Não será assim, Maria. A virtude do Senhor cobrir-te-á com sua sombra; pelo qual, o fruto santo que nascerá de ti, será chamado Filho do Altíssimo. Tu lhe porás o nome de Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas próprias iniqüidades."Então Maria disse:"Eis aqui a escrava do Senhor em sua presença; que aconteça segundo tua palavra".

E, ao concluir sua tarefa com a púrpura e a escarlata, levou-as ao sacerdote. Este a abençoou e exclamou:
"Maria, o Senhor louvou teu nome e serás bendita em todas as gerações da terra".
Cheia de Gozo, Maria foi à casa de Isabel, sua parenta. Bateu à porta e Isabel, ao ouvi-la, deixou o trabalho, correu até a porta, abriu-a e, ao ver Maria, abençoou-a dizendo:"Por que motivo a mãe de meu Senhor vem a minha casa? Veja, o fruto que levo em meu ventre se pôs a saltar dentro de mim, como que para abençoar-te".Mas Maria se esquecera dos mistérios que o arcanjo Gabriel lhe tinha comunicado, elevou seus olhos ao céu e disse:
"Quem sou eu, Senhor, para que todas as gerações me abençoem?"

E passou três meses na casa de Isabel. E dia a dia sua gravidez aumentava, e, cheia de temor, foi para sua casa e se escondia dos filhos de Isabel. Quando essas coisas aconteceram, ela tinha dezesseis anos.

O Apócrifo de Mateus

Antes de prosseguir com o Protoevangelho de Tiago, observemos o que diz Mateus em seu apócrifo sobre a Natividade, em relação a esses fatos concretos:

No dia seguinte, enquanto Maria estava junto à fonte, enchendo o cântaro de água, apareceu-lhe um anjo de Deus e lhe disse:
"Ditosa és, Maria, porque preparaste ao Senhor uma moradia em teu seio. Eis aqui que uma luz do céu virá para morar em ti e através de ti iluminará todo o mundo".

Três dias depois, enquanto trabalhava na púrpura, veio até ela um jovem de beleza indescritível. Ao vê-lo, Maria encolheu-se de medo e começou a tremer. Mas ele lhe disse:
"Não temas, Maria, porque encontraste a graça ante os olhos de Deus. Eis aqui que conceberás em teu seio e darás à luz um rei cujo domínio abrangerá não só a terra, mas também o céu, e cujo reinado durará por todos os séculos."

Apócrifo do Livro Sobre a Natividade de Maria

Por último o texto do Livro sobre a Natividade de Maria relata a mesma passagem da aparição do anjo, assim:

Nesses mesmos dias, ou seja, no princípio de sua chegada a Galiléia, Deus enviou o anjo Gabriel para que lhe enunciasse a concepção do Senhor e para que lhe informasse da maneira e de como esse acontecimento se desenvolveria.
E assim, chegando ao lugar onde ela se encontrava, inundou-o de um fulgor extraordinário. Depois saudou-a amabilissimamente nestes termos:
"Salve Maria, virgem gratíssima do Senhor, virgem cheia de graça: o Senhor está contigo; tu és mais bendita que todas as mulheres e que todos os homens que nasceram até agora."

A Virgem, eu estava bem acostumada a ver rostos angelicais e a quem lhe era familiar ver-se circundada de resplendores celestiais, não se assustou com a visão do anjo, nem se sentiu aturdida com a magnitude do esplendor, mas unicamente se surpreendeu com a forma de falar daquele anjo. E assim se pôs a pensar sobre a razão de uma saudação tão insólita, que prognóstico lhe traria e que desenlace finalmente teria. O anjo, por inspiração divina, veio ao encontro de tais pensamentos e lhe disse:
"Não tenhas medo, Maria, de que em minha saudação haja algo velado contrário à tua castidade. Precisamente por ter escolhido o caminho da pureza encontraste a graça aos olhos do Senhor. E por isso conceberás e darás à luz um filho sem pecado algum de sua parte."

"Este será grande, pois estenderá seu domínio de mar a mar e desde o rio até os confins da terra. Será chamado Filho do Altíssimo, porque quem vai nascer humilde na terra está reinando cheio de majestade no céu. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó. Seu reinado não terá fim. Ele é rei dos reis e senhor dos que dominam. Seu trono durará pelos séculos dos séculos."

Então a Virgem, não por incredulidade às palavras do anjo, mas unicamente

desejando saber como se cumpririam, respondeu:“E como isto acontecerá? Como poderei dar à luz se nunca conhecerei varão, de acordo com meu voto?”
Disse o anjo:
“Não penses, Maria, que conceberás de uma maneira humana: sem nenhuma união marital, parirás sendo virgem e amamentarás permanecendo virgem. O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo cobrir-te-á com sua sombra contra todos os ardores da concupiscência. Portanto, somente teu rebento será santo, porque sendo o único concebido e nascido sem pecado, se chamará Filho de Deus.”
Maria, então, estendeu seus braços e elevou seus olhos ao céu, dizendo:
“Eis aqui a escrava do Senhor, já que não sou digna do nome de senhora: faça-se em mim segundo tua palavra”.

Por Que Dois “Encontros”?

Nos dois primeiros apócrifos, o de Tiago e o de Mateus, os autores falam claramente de dois “encontros” de Maria com os “anjos”. Primeiro na fonte, possivelmente nos arredores do povoado onde a Virgem residia naquele momento e, por último, o mais transcendental, em sua própria casa.

Mas por que dois “encontros”? Será que os membros da “equipe” o consideraram mais prudente? Maria ainda necessitava de alguma “familiarização” com esses seres?

Parece-me um contra-senso, já que nas passagens anteriores desses mesmos apócrifos fala-se mais de uma vez sobre o “contato” diário de Maria com os “anjos” ou “astronautas”. Conseqüentemente deveria estar bastante acostumada a essas presenças. E é o que diz o terceiro dos textos apócrifos quando afirma que Maria não se assustou com a chegada do anjo, nem com o “extraordinário fulgor que encheu o lugar”.

Um fulgor que bem poderia originar-se das próprias roupas do “astronauta” ou, inclusive, da nave que trouxera o “anjo” até as proximidades da aldeia onde morava Maria.

Outra hipótese é que esse resplendor nascesse da mesma constituição do ser.

Domínio da Telepatia

E o Livro sobre a Natividade de Maria prossegue afirmando que o anjo “por inspiração divina veio ao encontro dos pensamentos da Virgem”.

Os três apócrifos e até os Evangelhos Canônicos coincidem na identificação do “mensageiro”: Gabriel. E eu suponho que um ser tão extraordinariamente evoluído dominasse com perfeição o que conhecemos como transmissão de pensamentos ou telepatia, e não deve ter tido nenhum problema em captar os sentimentos e dúvidas que surgiam na mente de Maria.

Por isso, apesar de não ter grande importância, não me parece que “por inspiração divina” seja a expressão mais apropriada.

O Máximo Respeito Pela Liberdade Humana

Temos de reconhecer que, tendo sido um ou dois "astronautas" que intervieram na anunciação a Maria, o "alto comando" demonstrou um grande respeito pela liberdade humana. Pois, que necessidade tinha de advertir a jovem sobre a gravidez? A misteriosa concepção de Jesus poderia ter acontecido sem esse aviso e, durante a gestação, a "equipe" comunicaria ou não a Maria e José as razões e origem dessa súbita gravidez.

Mas nada disso aconteceu.

Chegado o grande momento, um membro da "equipe" se apresentou à Virgem e lhe advertiu sobre as intenções "superiores".

E eu me pergunto: e se a jovem Maria, pelas razões que fossem, se tivesse negado? Que teria acontecido? Que fariam o "estado-maior" e os "astronautas"?

O mais fascinante de tudo é o como.

Como realmente aconteceu a concepção virginal e milagrosa naquela menina que, conforme todas as informações históricas, tinha 13 ou 14 anos? Que "sistema" usou o Espírito Santo? E o mais problemático e delicado: a "equipe" de "astronautas" interveio nessa "fase"?

Algumas pessoas que conheceram minhas inquietações nesse terreno me acusaram de soberba e irreverência. Gostaria de deixar bem claro que, apesar de ter plena consciência de meus muitos pecados e limitações, espero jamais cair na estupidez da soberba. Porque conhecer a maravilhosa profundidade e poder de Deus, e rebelar-se contra Ele, é coisa de presunçosos. Isto sim é soberba.

No meu caso, e especialmente neste, o que sinto é uma constante curiosidade e ânsia de saber...

Sei que Deus, apenas com sua vontade, pode ter feito o milagre da concepção virginal de Maria. Mas algo me diz que, sem perder esse caráter sobrenatural, naquele "ato" também puderam intervir as criaturas ou hierarquias a serviço de Deus. Na realidade, o que sabemos dos métodos, tecnologias e meios desses seres tão próximos à Suprema Perfeição?

Portanto, que ninguém me julgue um insensato ou irreverenete. Se necessário, como um atormentado ser em busca da Verdade...

Uma Concepção Virginal "Controlada"?

Creio que, às vezes, o homem de nosso tempo corre o sério risco de perder o sentido da perspectiva.

Esquecemo-nos, por exemplo, que há apenas oitenta anos, a idéia de uma sociedade dirigida por um grande computador central teria soado aos ouvidos da população como o mais alucinante dos relatos de ficção científica. Mas hoje, a entrada dos cérebros eletrônicos na sociedade ocidental é um fato geralmente aceito e, diria que, até esperançoso.

Há duzentos anos, quem acreditaria numa sociedade servida e quase a ponto de ser dirigida por robôs?

E para não retroceder excessivamente no tempo, como teria reagido a sociedade napoleônica diante de um dos mais atuais projetos do Japão: a construção de uma "segunda geração" de robôs, encarregados do árido e duro encaixe de máquinas?

Por onde começaríamos a explicar ao amigo Napoleão que na segunda metade do

século XX ganhamos ou perdemos batalhas graças à existência de umas “bombas” ou projéteis teleguiados de um centro de controle?

Será que a Santa Inquisição sequer aceitaria a discussão no Parlamento da nação de uma Lei como a de Transplante de Órgãos?

Quantos políticos, sem falar dos religiosos, teriam corrido o grave risco de ser enviados à fogueira pelo Santo Ofício se naquela época tivessem questionado a necessidade do controle da natalidade?

Que palavras ou terminologia teriam empregado os grandes sábios e humanistas da Renascença para explicar à sua sociedade as atuais pesquisas com os “marca passos cerebrais”?

Como teria reagido a Igreja Católica se em pleno Concílio de Trento alguém mostrasse ao Sagrado Colégio de Cardeais um filme do Papa João Paulo II aterrissando em Nova York num gigantesco “pássaro” de aço?

Os esquemas mentais daquelas sociedades, tanto os individuais quanto os coletivos, se teriam “bloqueado” ante a “terrível” notícia do nascimento de um “bebê de proveta”.

Fecundar o óvulo feminino fora do molde natural do ventre materno?

Considerariam o experimento como “coisa do diabo” ou, na melhor das hipóteses, como um “milagre”...

Hoje sabemos que o “bebê de proveta” é uma realidade, uma conquista da Ciência. Não passa pela cabeça de ninguém pensar em milagres nem na intervenção sobrenatural de anjos ou santos.

Que aconteceu então?

Por que hoje, em plena Era Espacial, acontecem tão poucos milagres em comparação a 500 anos atrás, quando estavam na ordem do dia?

Será que os avanços tecnológicos e científicos não esclarecem muitos dos pontos obscuros para os quais, no passado, apenas cabia a explicação milagrosa?

Como podemos ou devemos entender o conceito de “milagre”?

Atualmente, num gesto de prudência, a própria Igreja nos ensina que milagre é aquilo que rompe com as leis físicas e naturais e que só pode ser assimilado à luz de uma intervenção exterior ao homem.

E já me aproximo do final dessa colocação.

Reconheço que o poder de Deus é ilimitado e que pode conseguir tudo a que se propuser, mas, por que não aceitar da mesma forma a possibilidade, hipótese ou teoria de uma “intervenção” ou “ação” puramente técnica ou científica – não sei que palavras usar – na “fase intermediária” da concepção virginal de Maria?

Tentarei explicar-me.

Se em grande parte uma “equipe” formada pelo que hoje podemos classificar de “astronautas” ou “missionários do espaço”, a serviço de Deus, “dirigia” a “Operação Redenção”, por que rejeitar a idéia de uma concepção virginal “controlada” ou “dirigida” fisicamente através de um “sistema” que só dois mil anos depois teríamos condições de entender?

Se a presença das naves e de seus ocupantes, os “anjos”, já era, em minha opinião, motivo de assombro e a consciência dos israelitas só podia assimilá-la como a “glória de Yaveh”, como conseguir que aquela comunidade entendesse o caráter talvez puramente científico de uma concepção virginal?

É óbvio que os “responsáveis” pela missão, com pleno conhecimento do baixo grau evolutivo daqueles homens e mulheres, tiveram de usar a fórmula da “intervenção sobrenatural”.

Pois, para que e por que complicar mais a situação?

Mas, o que entendo por uma concepção virginal “controlada ou dirigida fisicamente”?

É bem possível que muitas pessoas rasguem a roupa ante o que vou expor...

Algumas Hipóteses

Gostaria de adiantar algo que mais adiante explicarei com detalhes: não questiono nem julgo (Deus me livre) a origem absolutamente divina de Jesus de Nazaré. Acredito firmemente nisso.

Mas vejamos as teorias ou possibilidades que há tempo moram em meu coração e que, talvez, contenham a explicação da concepção virginal de Maria:

Primeira Teoria: Inseminação Artificial?

Hoje sabemos que, graças aos avanços da medicina, a inseminação artificial é uma realidade. Existem numerosos bancos de esperma no mundo utilizados para conseguir, quando assim se deseja, a fecundação do óvulo feminino. O número de crianças que nascem desse processo é cada vez maior.

Na Espanha já temos três bancos de esperma. O primeiro, obra do doutor Simón Marina, em Barcelona. O segundo, na Residência Sanitária Enrique Sotomayor da Segurança Social, em Bilbao, dirigido pelo doutor Portuondo, e o terceiro, em Madrid, obra do doutor Giménez elocalizado no centro Ramón e Cajal.

No início, surgiram vários problemas em relação à sobrevivência do esperma masculino, hoje, definitivamente resolvidos após os incríveis avanços tecnológicos. Na verdade, armazenar os espermatozóides congelados a 196 graus centígrados negativos em nitrogênio líquido, sem que sofram danos e conservem seu poder de fecundação, só tornou-se possível quando se encontrou um meio criogênico adequado. Os cristais de gelo que se formavam afetavam as estruturas celulares e no caso dos espermatozóides perdia-se a capacidade fecundativa. Jean Rostand descobriu um meio idôneo para impedir a formação desses cristais, sem afetar quimicamente as células vivas. Isto aconteceu em 1954 e, desde então, o desenvolvimento dos bancos de sêmen tem sido crescente.

O sêmen, armazenado em recipientes de plástico com 0,25 mililitros de capacidade, conserva-se intacto durante mais de cinco anos.

E surge a pergunta: será que a concepção virginal de Maria pode ter acontecido através do método da inseminação artificial?

Ainda que, para os homens de 2.000 anos atrás, o processo fosse absolutamente “miraculoso”, pessoalmente “não” acredito que os “astronautas” utilizassem esse método.

Além de seu caráter irremediavelmente grosseiro – faz-se necessária a introdução de uma seringa especial via vaginal -, sabemos que a inseminação artificial não é segura. Devido aos fatores ainda desconhecidos que intervêm nesse processo, é muito difícil calcular a percentagem de êxito do mesmo. Mas podemos dizer que, aproximadamente, em todas as mulheres que solicitam a inseminação artificial,considerando os fracassos por motivos diversos, a percentagem de fecundação é de uns 40 por cento após seis meses de seu início, não ultrapassando os 60 por cento.

Evidentemente, a “equipe” não podia correr esses riscos..

Além disso, nos livros sagrados fica bem claro que a concepção da Virgem deve ter acontecido praticamente no mesmo momento da comunicação do “astronauta” ou pouco depois.

E, com base em nossos atuais conhecimentos, há outro fator que invalida a teoria da inseminação.

Refiro-me à presença física do espermatozóide, o grande “cavalo-de-batalha” entre a Igreja e o racionalismo científico.

É claro que a Teologia não aceita a presença desses corpos, já que isso implicaria o reconhecimento da participação de um homem na concepção, mas alguns setores da Ciência que não conseguem aceitar o “mistério” religioso, colocam a impossibilidade da fecundação e posterior gestação natural sem o suporte de, pelo menos, um espermatozóide.

E digo que a inseminação artificial fica anulada porque, atualmente, sabemos que a quantidade deles que se lançam à corrida do óvulo em cada inseminação é astronômica. O poder de fecundação do sêmen se caracteriza precisamente pela concentração de espermatozóides e a mobilidade dos mesmos. A ejaculação de uma pessoa normal tem um volume variável de 2 a 5 ml com mais de 70 milhões de espermatozóides por mililitro, dos quais mais de 80 por cento se movem. Isto quer dizer que uma pessoa normal lança entre 140 e 350 milhões em cada ato sexual.

Recentemente, o grande cientista David Epel afirmou que, através de fotografias efetuadas com um microscópio eletrônico, Mia Tegner observara o laboratório da Scripps Institution of Oceanograpphyque, em condições de saturação, podem unir-se a um único óvulo até 1.500 filamentos espermáticos. (Neste caso referia-se a experiências com ouriços do mar).Pois bem, transferindo o tema ao óvulo humano, mesmo que essa super abundância seja necessária para assegurar que pelo menos um deles fecunde o óvulo, também pode causar outros graves problemas. Sabemos que se mais de um perfura o óvulo – fenômeno conhecido como “polispermia” -, o número de cromossomos será maior que o normal e o desenvolvimento se deterá nos primeiros estágios da embriogenia. Por isto, tanto as espécies animais quanto o homem criaram mecanismos que impede a penetração de mais de um espermatozóide no óvulo.

Se aceitássemos a tese da “inseminação artificial” como procedimento usado pelos “astronautas” na concepção virginal de Maria, seguramente esbarraríamos no grave risco da “polispermia”.

E que teria acontecido se a gravidez da Virgem malograsse por ter seu óvulo perfurado por mais de um espermatozóide?

E o que seria ainda mais insólito: que ocorreria se Maria concebesse... gêmeos ou trigêmeos?

Em minha opinião os riscos eram demasiados para que a “equipe” celestial adotasse esse sistema. A não ser, naturalmente, que a “inseminação artificial” praticada por uma civilização tão extraordinária reunisse outras características.

De qualquer forma, sempre acabaríamos tropeçando na mesma pedra: os espermatozóides que, como já disse, não se encaixam na ação sobrenatural e misteriosa do Espírito Santo.

Segunda Teoria: Fecundação In Vitro?

Todos ficamos confusos ou surpresos quando, na madrugada de 26 de julho de 1978, os médicos do Hospital Geral de Oldham, Inglaterra, traziam ao mundo uma menina de “proveta”. O bebê, com um peso de 2 quilos e 700 gramas e um estado de saúde “excelente”, era a primeira criatura deste planeta fecundada fora do ventre materno.

A técnica dos doutores Steptoe e Robert Edwards consiste em retirar um óvulo da mulher e fertilizá-lo com os espermatozóides do marido num tubo de ensaio. Após um período de incubação, implanta-se o novo ser humano na matriz materna, onde prossegue seu desenvolvimento normal até o nascimento.

Se nossos ancestrais – e nem falemos dos israelitas de há 2.000 anos – já considerariam o sistema de inseminação artificial “coisa do diabo”, que pensariam da concepção de um homem “fora” da mulher? Na época de Galileu, e até mais recentemente, os doutores Steptoe e Edwards e todo o hospital teriam sido “purificados” nas fogueiras...

Os homens da Idade Média e nossos próprios avós dificilmente teriam compreendido essa revolucinária e promissora descoberta da Medicina. Fato que, sem dúvida, corrobora minha crença na impossibilidade de que os homens de 4.000 ou 2.000 anos atrás pudessem aceitar seres que se deslocavam em naves siderais ou que procedessem de outros astros.

Mas voltemos ao espinhoso tema da concepção virginal de Maria.

É possível pensar que os “astronautas” usaram o sistema de fecundação in vitro para fertilizar o óvulo da Virgem?

Ainda que esse processo seja mais sofisticado e sutil que a inseminação artificial, tampouco o vejo como uma solução, pois continuamos no mesmo beco sem saída: a presença dos espermatozóides. O problema se repete.

Como já insinuei anteriormente, e usando as palavras mais banais do mundo, se Jesus de Nazaré era o Filho de Deus, sua concepção no ventre de Maria não podia ser obra de um espermatozóide, já que este é um “transmissor” humano de vida.

Pois bem, em minha opinião, a natureza humana de Cristo em seu campo físico-biológico foi absolutamente normal. Era um homem como outro qualquer. Logicamente não me refiro a seu caráter ou selo divino...

A Ciência nos diz eu a condição básica para o desenvolvimento embrionário e a perfeita gestação de um ser humano é uma carga sadia e completa do que se denomina “código genético”. O normal é que o óvulo da mulher possua a metade desse “código” (23 cromossomos) e o espermatozóide do homem o resto (outros 23 cromossomos). Se ambas as células se fundem com êxito acontece a conhecida fecundação e já temos um novo indivíduo, com sua dotação normal de cromossomos: 46. Qualquer alteração nesse “pacote” de cromossomos pode provocar o aborto ou o surgimento de alterações no futuro ser humano. Evidentemente nada disso aconteceu com Jesus.

Mas, então, como foi fecundado o óvulo de Maria?

Terceira Teoria: Transporte Através de uma Radiação Desconhecida?

Ao chegar a este limite, aparentemente intransponível para a Ciência e tecnologia humanas de 1980, entramos sem querer no mesmo e escuro mistério que envolveu e ainda envolve a Igreja durante 20 séculos. Portanto, a partir de agora, fundamentarei minhas

colocações tanto no conhecimento quanto nas suposições do homem. O que não quer dizer que me submeta à fácil situação dos que professam a fé cega e fanática.

Creio piamente na sensatez de Deus. Já o disse. Uma sensatez que duvido muito que despreze sem mais nem menos as leis físicas que procedem de seu poder e de sua inteligência. Aqui, precisamente, pode estar a chave para entender ou aproximar-se algum dia da ainda "misteriosa" concepção de Jesus.

Se a Grande Força ou Deus quis que seu Filho se fizesse como qualquer um de nós, com certeza tentou respeitar as linhas mestras de seu desenvolvimento embrionário. Algo estava bem claro e o "astronauta" assim anunciou à futura mãe:

"... Conceberás sem obra de varão".

Mas isso não significava que o óvulo de Maria tivesse de ficar órfão dos 23 cromossomos restantes e indispensáveis, segundo a genética, para o crescimento de um ser. Hoje sabemos que a fecundação produz uma ativação geral do estado de letargia do metabolismo da célula, dando início ao desenvolvimento embrionário. E também ficou demonstrado que essa ativação e iniciação não acontecem porque o espermatozóide possua algum elemento que falte ao óvulo. Neste sentido, as pesquisas confirmaram que o "despertar" do óvulo feminino pode ser provocado pela punção de uma agulha ou apenas expondo-o a soluções ácidas ou salinas. A diferença entre estes métodos de estimulação do óvulo e o natural do espermatozóide é que os embriões resultantes dos primeiros não sobrevivem, pela simples razão de que esses "possíveis" seres não possuem a metade da dotação cromossômica característica da espécie.

Conseqüentemente, se o embrião de Jesus de Nazaré apenas tivesse os 23 cromossomos próprios do óvulo de Maria, não teria sobrevivido.

E por isso não tenho dúvida de que algum tipo de ação física aconteceu no momento da fecundação da Virgem.

Mas, como?

A pergunta sempre termina em primeiro plano...

Permitam-me um último rodeio antes de expor minha hipótese.

A falta de perspectiva do homem de nosso tempo o leva, por exemplo, a esquecer-se de que até 1877 a humanidade ainda não conseguira ver a "corrida de um espermatozóide em direção ao óvulo". Graças ao zoólogo suíço Hermann Fol, que observou no microscópio como um espermatozóide de estrela-do-mar se aderia ao óvulo e o fecundava, naquele momento concluíram-se séculos de especulações sobre como, onde e por quê se produzia a fertilização de uma mulher.

Ou seja, há apenas 100 anos "descobrimos" o "segredo" da vida...

Como poderíamos sequer imaginar os meios ou canais de fecundação de uma civilização que daqui a um milhão de anos venha a povoar nosso próprio planeta ou outro qualquer?

O mesmo pode ter ocorrido há 2.000 anos nas terras de Israel com os "astronautas" vindos Deus sabe de onde.

Aqueles seres, tão próximos à Força Criadora, podem ter "transportado", inclusive a longa distância, a "carga genética" necessária para fecundar o óvulo da Virgem. Algum dia, talvez nós também descubramos que a mulher pode ser fecundada sem que se tenha de tocá-la.

Imaginemos por um momento a possibilidade de direcionar essa "carga genética" sem usar o "estojo" que a transporta: o espermatozóide. Se descobríssemos um sistema para que ela não se danificasse em seu novo estado, talvez fosse possível "lançá-la" ou "dirigi-la" do exterior ao óvulo da mulher.

Nesse caso, a fecundação seria perfeita e normal e Maria teria conservado sua

virgindade. E também permitiria a seleção prévia dessa “carga genética” que resultaria em indivíduos sem taras ou alterações. Por esse processo não necessitaríamos dos milhões de “cargas genéticas” que, graças aos espermatozóides, correm para o óvulo em cada ejaculação.

Para esse “lançamento” ou “transporte” teríamos de conseguir um “apoio logístico”, igualmente adequado. Talvez uma determinada radiação ou um laser. Aceitando essa possibilidade, o próprio “astronauta” que deu o aviso a Maria pode ter “disparado” sobre ela a “carga genética”. Logicamente a “equipe” também controlava a menstruação de Maria.

Os “astronautas” podem ter chegado a “desmaterializar” essa “carga genética” fora do corpo de Maria, “materializando-a” quase que instantaneamente já no óvulo da Virgem. Se esses seres podiam manipular a mudança de dimensões, por que rejeitar a hipótese? Talvez apenas precisassem de uma mudança ou variação nos eixos das partículas subatômicas que integravam esses gens para fazê-los “pular” de dimensão.

Já que falamos da Divindade, o grande problema da origem dessa “carga genética” é algo que foge definitivamente de meu ridículo cérebro.

Quarta Teoria: Uma Ação Absolutamente Direta da Divindade

Por último, não podemos descartar, até do ponto de vista científico, outro tipo de “ação” abslutamente vinculado à mão ou à vontade dessa Grande Força.

Cairia em minha própria armadilha se fechasse o caminho a outra ou outras possibilidades, tal como a fecundação de dito óvulo humano “pela simples vontade dessa Grande Energia a que chamamos Deus”.

Não é meu propósito violar os limites de meu próprio entendimento. E sei que Deus ou a Verdade estão muito além...

Naturalmente, esta última teoria não teria afetado a “equipe”. A ação e responsabilidade recairiam diretamente nessa Divindade.

Em qualquer caso, a virgindade não é um obstáculo para alcançar a concepção. A medicina atual está cheia de casos de mulheres que engravidaram sem perdê-la. Tudo depende das circunstâncias e da resistência do hímen.

Um veterano ginecologista me contou como nas faculdades de Medicina ainda se usa como exemplo o caso de uma jovem que, após banhar-se na banheira de sua casa, engravidara. A explicação era muito simples. Minutos antes, seu irmão tomara banho no mesmo lugar e se masturbara. Milhões de espermatozóides flutuavam na água. A garota trocou a água, mas mesmo assim, alguns deles conseguiram penetar sua vagina e a fecundaram.

Evidentemente o caso parece um tanto anedótico, mas os médicos coincidem e concebem que uma mulher possa ser virgem, inclusive depois de um parto. Como já disse, tudo depende da natureza e elasticidade do hímen.

A Concepção Pode ter Acontecido Em Janeiro

É evidente que a “equipe” tinha previsto tudo. E, entre outros “detalhes”, o momento oportuno da concepção. Se os “astronautas” sabiam de antemão o lugar e as circunstâncias do parto do Enviado, não tiveram outra alternativa a não ser enfrentar o incrível problema das chuvas.

Basicamente devido ao clima, naquelas terras a época mais propícia para as viagens começava em fevereiro ou março, precisamente quando terminavam as chuvas. Os caminhos molhados eram uma grave ameaça para os peregrinos que só podiam locomover-se a pé ou no lombo de animais. “Rezem para que vossa fuga não seja no inverno”, diz São Mateus.

Portanto, era necessário esperar os meses secos, de março a setembro, para poder viajar e ir, por exemplo, às festas e aos mercados de Jerusalém.

Exatamente nessa época do ano o número de estrangeiros na grande cidade aumentava bastante, pois chegavam de todas as partes do mundo para comemorar as três grandes festas de peregrinação: Páscoa, Pentecostes e os Tabernáculos.

Os membros da “equipe” deviam saber de tudo isso e, como Jesus tinha de nascer em Belém da Judéia, era lógico que José e Maria viajassem durante o tempo seco.

A atual meteorologia ratifica essa idéia.

Segundo São Lucas “... Havia nos arredores uns pastores que vigiavam e guardavam o seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite” (2,8). Os meteorologistas efetuaram medições bastante precisas das temperaturas no Hebron. Esta localidade, situada ao sul das montanhas da Judéia, tem o mesmo clima que a vizinha Belém. A curva da temperatura mostra geadas em três meses: em dezembro, com 2,8 graus abaixo de zero; em janeiro, com 1,6 negativos, e em fevereiro, com 0,1 abaixo de zero (temperaturas Celsius).

Ao mesmo tempo, os dois primeiros meses apresentaram as precipitações mais altas do ano: 147 milímetros em dezembro e 187 em janeiro. E como o clima da Palestina não sofreu grandes variações nos últimos 2.000 anos, essas cifras servem de base para nossa colocação.

No Natal a geada predomina em Belém, o que significa que os pastores não podiam ficar a céu aberto em pleno mês de dezembro. Nessa data, como nos meses de janeiro e fevereiro, o normal é que os rebanhos fiquem nos currais. Além disso, o fato coincide com o já mencionado problema das chuvas. Por outra parte, o Talmud reforça o que foi dito, ao relatar que naqueles lugares os rebanhos saíam ao campo no mês de março e eram recolhidos no início de novembro.

Isso demonstra que jesus não pode ter nascido em dezembro, mas sim em outubro ou talvez até em setembro. Neste caso a concepção aconteceu no princípio do ano, mais ou menos em janeiro ou fevereiro.

Uma concepção que, ainda que pareça mentira, e conforme os textos dos Evangelhos Apócrifos, causou muitos problemas e amarguras a José e Maria...

O Julgamento de José e Maria

Tenha ou não sido “dirigida” pela equipe de “astronautas”, a concepção da jovem Maria deve ter causado um grave problema social com os “sintomas” imediatos da gravidez.

Tal como aparece nos Evangelhos Canônicos e nos Apócrifos, a Virgem, que ao que parece vivia em Nazaré, uma pequena aldeia da Galiléia, começou a dar evidentes sinais de seu estado. E, como José e Maria ainda eram apenas “noivos”, o assunto, como sempre acontece, começou a dar o que falar e se tornou o tema principal das comadres e das intrigas venenosas.

Que notícia melhor do que essa para agitar um pouco a monótona rotina de uma comunidade tão pequena e longínqua como Nazaré?

A própria Galiléia, região setentrional da Palestina, tanto por sua considerável distância de Jerusalém quanto por seus contatos com os gentios, era mal vista nos centros religiosos oficiais. Chamavam-na precisamente de “Galiléia dos gentios”. E mais, Nazaré não figura nem nos textos do Antigo Testamento nem nos escritos de Flávio Josefo. Enfim, inclusive no tempo de Herodes, devia ser uma aldeia diminuta com um modus vivendi bastante primitivo. Os últimos descobrimentos arqueológicos dos Franciscanos o confirmam. Portanto, duvido muito que o lugar onde Jesus passou sua infância e juventude fosse um modelo de comodidade ou de beleza. São Jerônimo chama Nazaré de a “Flor da Galiléia”. Supondo eu esse elogio se deva mais à sua devoção cristã que a um conhecimento objetivo da realidade. Uma aldeia sem água encanada, sem luz, com as ruas de terra ou de areia e, provavelmente, submersa em nuvens de moscas, não podia ser um paraíso...

Hoje, graças ao turismo e aos dólares que trazem os milhões de peregrinos e curiosos vindos do mundo inteiro, Nazaré sofreu uma mudança radical. Nos arcos de suas ruas e vielas existem várias oficinas de carpinteiros. Curiosa coincidência!...

Nelas se constroem cangas de madeira para os bois, arados e uma grande variedade de utensílios para as tarefas próprias do campo.

Ainda se conserva uma fonte situada ao pé de uma colina, que brota em forma de nascente, chamada a “Fonte de Maria” (Ain Maryam). Se a origem desta for verdadeira, o lugar pode ser o mesmo onde os apócrifos contam que a Virgem foi surpreendida por “aquela voz misteriosa” e pelo não menos misterioso “anjo” ou “astronauta”.

As mulheres de Nazaré de hoje coninuam levando cântaros de água sobre a cabeça, o que me parece apenas mais uma “atração” turística.

Naquele ambiente tão reduzido – provavelmente a aldeia não chegasse sequer aos 1.000 habitantes (hoje tem uns 10.000) -, a gravidez da menina deve ter sido um grande “acontecimento”...

Além disso, a Lei Hebréia era muito dura nesse aspecto. Se José ou qualquer outro membro da comunidade violentara Maria em pleno noivado, o peso dessa lei seria implacável com o responsável. Portanto, é mais que lógica a atitude de José, que, como diz o Evangelho segundo São Mateus, “resolveu repudiá-la em segredo”.

A Mulher: Cidadã De Segunda Categoria

Para os homens do século XX, e especialmente para os da cultura ocidental, o “sistema” de matrimônio de então pode parecer bastante estranho. E por isso torna-se vital conhecê-lo para entender a tremenda angústia de José.

Como já citei anteriormente a situação social da mulher na comunidade judaica de há 2.000 anos não era das melhores. Não participava da vida pública. Quando criança, tinha de ficar em casa ou, como no caso excepcional de Maria, em um Templo. Para conversar com o pai, as filhas sempre entravam depois dos varões. Sua formação

limitava-se ao aprendizado dos trabalhos domésticos, particularmente costurar e tecer. Cuidavam dos irmãos e irmãs menores e, em relação ao pai, tinham as mesmas obrigações que os filhos: alimentá-lo e dar-lhe de beber, vesti-lo e cobri-lo, levá-lo a passear quando velho, lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés. Mas em relação à herança não tinham os mesmos direitos; neste caso, os irmãos e seus descendentes precediam às filhas.

O pátrio poder era extraordinário em relação às filhas menores antes de se casarem. Eis aqui a curiosa distinção que então se fazia das mulheres:

"A menor" (até a idade de doze anos e um dia), "a jovem" (entre os doze e doze anos e meio) e a "maior" (depois de doze anos e meio). A esta idade, aproximadamente, aconteciam as primeiras menstruações.

Até a idade de doze anos e meio o poder do pai sobre a filha era total, que não tinha direito a possuir nada. Absolutamente tudo, suas roupas, o fruto de seu trabalho e até o que pudesse achar na rua, pertencia ao pai.

Além disso, a jovem que não fosse "maior" também não dispunha de livre-arbítrio. O pai, se assim o desejasse, podia anular seus votos. Um dado importante se pensarmos no voto de Maria...

O pai a representava em todos os assuntos legais e muito especialmente na hora de aceitar ou rejeitar uma proposta matrimonial. Até a "maioridade" uma jovem não tinha o direito de repelir o casamento decidido pelo pai. Insólito: nem que fosse com um aleijado! E mais ainda, até essa idade, de acordo com a lei, ele podia vendê-la como escrava.

Os "esposais", que segundo nosso ponto de vista aconteciam numa idade imprópria, preparavam a passagem da submissão da jovem do pai para o futuro marido. E idade normal para esse acontecimento, para a mulher, era entre os doze e doze anos e meio; justamente na época da puberdade. Mas existem dados de noivados e casamentos ainda mais precoces. Também eram muito comuns compromissos entre parentes. E não apenas nos círculos elevados, nos quais os rapazes e moças raramente se conheciam, já que estas não mantinham contato com o mundo exterior.

Enfim, esses "esposais" significavam algo parecido com o que nós conhecemos como "pedir a mão". Não sei se isto ainda vigora... Precediam o casamento propriamente dito e a estipulação do contrato matrimonial. Significava a "aquisição" da noiva pelo noivo. Desta forma se constituía a formalização válida e a prometida era chamada de "esposa". Se ficasse "viúva" nesse período de tempo, podia ser "repudiada" se pedisse o divórcio e condenada à morte em caso de adultério. O matrimônio acontecia um ano após os esposais.

A importância fundamental do contrato matrimonial consistia, conforme a lei, na regulamentação das relações jurídicas entre os esposos em questões financeiras. As principais disposições eram as seguintes:

> Fixação do que o pai da noiva devia pagar: bens fora do dote(ou seja, que continuavam sendo propriedade da noiva e sobre os quais o marido apenas possuía o usufruto. Eles passavam a ser do marido, mas este teria de devolvê-los no caso de ruptura matrimonial).
>
> Estipulação da garantia matrimonial. A quantia que a mulher receberia em caso de separação ou morte do marido.

O indício mais claro da lamentável situação da mulher judia daquela época se encontra na semelhança entre a "aquisição" de uma mulher e de uma escrava. O texto rabínico Qiddushin diz: "Adquire-se a mulher por dinheiro, contrato e relações sexuais" e,

logo depois, “adquire-se a escrava pagã por dinheiro, contrato e tomada de posse. Temos de reconhecer que a diferença era “sutil”...

Então, que diferenciava a esposa da escrava?

Provavelmente a diferenciação estava na lei: a esposa conservava o direito de possuir os bens que trouxera de sua casa, mas não de dispor dos mesmos e, além disso, a segurança que lhe dava o contrato matrimonial.

Como podemos analisar, o amor não aparece em parte alguma.

O marido também podia ter concubinas em casa. Segundo R. Meir, a diferença entre uma esposa, e uma concubina é que “aquela dispunha de um contrato e esta não”.

Geralmente, depois do matrimônio, a jovem se mudava para a casa do marido e passava à sua “jurisdição” e “domínio”. E neste momento começava um novo calvário para a mulher: enfrentar todos os parentes do esposo, que quase sempre a tratavam com hostilidade e desprezo. Isto já me fez pensar algumas vezes se a jovem Maria, ao chegar à casa de José, teve atritos com a família do “carpinteiro-construtor”. Se José era viúvo, velho e com seis filhos em casa, quantos problemas não teria enfrentado a jovem ao ingressar nesse novo lar? Não acredito, como pretendem os místicos e beatos, que “tudo fosse um mar de rosas”...

Em vista do tratamento dado em geral à mulheres, duvido muito que Maria tenha sido uma exceção. Essa parte da vida da Virgem (eu diria que infância) é bastante obscura. Apenas os Evangelhos Apócrifos relatam alguns fatos e, apesar de não poder assegurar cem por cento sua veracidade, é a única fonte de que dispomos.

Sabemos pelos escritos rabínicos, pela Lei e por outros documentos históricos, que na vida conjugal daqueles tempos, sempre após o matrimônio, a mulher tinha direito de ser sustentada pelo marido, podendo exigi-lo nos tribunais. Ele devia assegurar-lhe alimentação, roupas, alojamento e cumprir o dever conjugal. Além disso estava obrigado a resgatá-la em caso de cativeiro. Devia providenciar medicamentos em caso de doença e a sepultura em sua morte. Até o mais pobre tinha de, pelo menos, contratar dois flautistas e uma carpideira. Por último era obrigado a pronunciar um discurso fúnebre no enterro da mulher...

E quais eram as obrigações da esposa? Qual seria o trabalho cotidiano de Maria de Nazaré?

Vejamos.

Os principais deveres da esposa consistiam em cuidar da casa. Tinha de moer, costurar, lavar, cozinhar, amamentar os filhos, fazer a cama e, para compensar seu sustento (que o anotem as “feministas”), preparar a lã, fiar, tecer, dar o aperitivo do marido; lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés...

Mas os direitos do homem iam muito além. Podia reivindicar tudo que sua mulher achasse na rua ou no campo, assim como o produto de seu trabalho manual.. Enfim, ela tinha a obrigação de obedecer a seu rab, como se faziam chamar os maridos. Palavra que significa, nem mais nem menos, “dono”. Se ainda fosse pouco, essa obediência era considerada um dever religioso.

Um fato que confirma minha suposição de que maria teve problemas com os filhos de José aparece precisamente nessas leis. As relações entre pais e filhos também estavam determinadas pela obediência que a mulher devia ao marido. Os filhos, por exemplo, deviam colocar o respeito ao pai sempre acima ao devido à mãe e, em caso de perigo de morte, tinham de salvá-lo primeiro.

Eis dois itens significativos que demonstram o grau de dependência da mulher em relação ao marido:

A poligamia era permitida. Às vezes, quando o marido não se dava bem com a esposa, escolhia uma segunda sem separar-se da outra para não pagar a elevada quantia estipulada pelo contrato matrimonial. Como dado puramente comparativo, em 1927, no povoado de Artas, perto de Belém, de um total de 112 homens casados, 12 tinham várias mulheres, ou seja, 10 por cento.

O direito ao divórcio pertencia exclusivamente aos homens. Quando Salomé, irmã de Herodes o Grande, enviou a petição de divórcio ao marido Costábaro, transgrediu as leis judaicas, como diz Josefo em Antiguidades, XV.

As Dúvidas dos Teólogos

As duas "fases" dos matrimônios de há 2.000 anos sempre causaram uma grande dúvida aos teólogos católicos:

Maria já estava casada com José ao ficar grávida, ou ainda se encontrava na primeira "etapa": os "esposais"?

Seguindo as palavras de Mateus, o único que além de Lucas nos dá alguma "pista", a pequena Maria ainda se encontrava na casa dos pais, Ana e Joaquim, e apenas "prometida" a José. Ou seja, nesse período de um ano, conhecido como "esponsal".

Temos de esclarecer que apesar de "mal vistas" as relações sexuais naquele tempo elas eram legais...

Portanto, e como não dispomos de maiores informações a respeito, é muito provável que a Virgem realmente estivesse no período dos esponsais, à espera dos trâmites do contrato matrimonial e do posterior "transporte", entre festas e alegria, à casa do futuro marido.

Resumindo, Maria estava legalmente "casada". Tanto é que, como já me referi anteriormente, o "prometido" podia repudiá-la em caso de adultério e, se o futuro marido morresse, ela receberia as considerações de toda "viúva".

Por pura dedução lógica, essa situação se encaixa muito melhor com as dúvidas e angústias de José, seu prometido. E, além disso, se eles estivessem casados, a gravidez não teria chamado a atenção do povo, dos escribas e sacerdotes, como veremos nos Evangelhos Apócrifos.

É uma lástima eu apenas Mateus se atreva a tocar no tema das vacilações de José ante a inesperada gravidez de Maria. O resto dos evangelistas não diz absolutamente nada.

Mas, como Mateus assinala rapidamente, aquele aparente "deslize" da Virgem deve ter causado grande preocupação, tanto em seu "prometido" quanto nos familiares de ambos, e nem falemos nos sacerdotes do Templo que, segundo os apócrifos, a tinham guardado até há pouco tempo.

Como é possível que o restante dos evangelistas não se ocupe do problema?

Será que por um absurdo sentido de veneração?

Mas, se consultarmos os Evangelhos Apócrifos, veremos como o "deslize" de Maria teve mais transcendência do que imaginamos. E se Mateus diz a verdade em seu Apócrifo da Natividade, o assunto deve ter sido tão grave que pouco faltou para que, tanto José quanto a jovem, fossem apedrejados e expulsos do povoado.

Se em seu testemunho canônico o evangelista Mateus é moderado ao relatar o "transtorno", o mesmo não acontece no mencionado apócrifo.

Repassemos a curiosa história:

José Ocupado Em Suas Construções

Assim diz Mateus:

Enquanto isso sucedia (refere-se à Anunciação), José se encontrava na cidade marítima de Cafarnaum ocupado em seu trabalho, pois seu ofício era o de carpinteiro. Permaneceu ali nove meses consecutivos e quando voltou para casa, soube que maria estava grávida; por isso começou a tremer e angustiado, exclamou:
"Senhor e Deus meu, recebe minha alma pois me é melhor morrer que viver".
Mas as donzelas que acompanhavam Maria lhe disseram:
"Que dizes José? Nós somos testemunhas de que nenhum varão se aproximou dela. Estamos seguras de que sua integridade e virgindade permanecem invioladas, pois Deus foi quem a guardou. Sempre permaneceu conosco, orando. Todos os dias um anjo vem falar com ela e trazer-lhe alimento.
"Como pode encontrar-se em pecado? E se queres que te manifestemos claramente o eu pensamos, nossa opinião é de que sua gravidez apenas obedece a uma intervenção angelical."
Mas José respondeu?
"Por que se empenham em fazer-me acreditar que foi engravidada precisamente por um anjo? Pode muito bem ter acontecido que alguém se disfarçou em anjo para enganá-la".
E chorava e se lamentava dizendo:
"Com que cara me apresentarei no templo de Deus? Como me atreverei a olhar os sacerdotes? Que hei de fazer?"
E enquanto dizia essas coisas pensava em esconder-se e mandá-la embora.

Já estava determinado a levantar-se durante a noite e fugir para algum lugar desconhecido, quando um anjo de Deus lhe apareceu e disse:
"José, filho de Davi, não tenhas dúvidas em admitir Maria como tua esposa, pois o que leva em suas entranhas é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um filho que se chamará Jesus, porque salvará seu povo de seus pecados".
Levantou-se José e, dando graças ao Senhor seu Deus, contou a Maria e a suas companheiras a visão que tivera. E consolado em relação a Maria, disse-lhe:
"Fiz muito mal em suspeitar de ti".

Depois disso, espalhou-se o rumor de que Maria estava grávida, pelo qual os servidores do templo prenderam José e o levaram ante o pontífice. Este e os sacerdotes começaram a injuriá-lo desta maneira:
"Por que usurpaste fraudulentamente o direito matrimonial de uma donzela, a quem os anjos de Deus alimentavam no templo como se fosse uma pomba, e jamais quis sequer ver o rosto de um varão, e que além disso tinha um perfeito conhecimento da lei de Deus?"
"Se não a tivesses violentado, ela permaneceria virgem até o dia de hoje".
Mas José jurava que não a tinha tocado. Então o pontífice Abiatar lhe disse:

“Deus é testemunha de que agora mesmo te farei beber a água do Senhor e num instante teu pecado será descoberto”.

E o povo de Israel se reuniu em tal quantidade que era impossível contá-lo. Maria também foi levada ao templo de Deus. E os sacerdotes, assim como seus parentes e conhecidos, diziam-lhe chorando:
“Confessa teu pecado aos pontífices: tu que eras como uma pomba no templo de Deus e recebias alimento das mãos de um anjo”.
Chamaram José ante o altar de Deus e lhe deram para beber a água do senhor. Aquela água que, ao ser degustada por um homem perjuro, fazia aparecer em seu rosto um sinal divino, depois de dar sete voltas ao redor do altar de Deus. José a bebeu com toda tranquilidade e deu as voltas rituais, sem que nele aparecesse algum sinal de pecado. Então os sacerdotes, os ministros e todo o povo proclamaram-no inocente com estas palavras:
“Ditoso és porque não se encontrou em ti nenhum sinal de culpa.”

Depois chamaram Maria e lhe disseram:
“E tu, que escusa poderás alegar? Ou será que pode haver algum sinal de mais peso do teu pecado que essa gravidez tão adiantada? Agora, já que José é inocente, apenas exigimos de ti que nos digas quem te enganou. De todas as maneiras será melhor que tu mesma te delates antes que a ira de Deus ponha o estigma em tua face diante de todo o povoado”.
Então Maria, sem alguma vacilação ou temor, disse:
“Se é que há em mim alguma contaminação ou pecado por ter-me deixado levar pela concupiscência ou pela impureza,, que o Senhor o manifeste à vista de todas as pessoas e que eu sirva a todos de exemplo”.
E dito isso, aproximou-se decididamente do altar de Deus, deu as voltas rituais e bebeu a água do senhor, sem que nela aparecesse algum sinal de pecado.

Estava todo o povo cheio de estupor e, ao mesmo tempo, perplexo ao ver por uma parte os sinais de sua gravidez e constatar pela outra a ausência de indícios que comprovassem sua culpa. Por isso se formou uma confusão de opiniões em torno do assunto. Uns a proclamavam santa. Outros, de má fé, convertiam-se em detratores de sua inocência. Então Maria, vendo que o povo ainda suspeitava e pensando que não se justificara perfeitamente, disse em voz clara para que todos a ouvissem:
“Pela vida de Adonai, Senhor dos Exércitos, em cuja presença estou, nunca conheci varão nem penso conhecê-lo, já que assim o decidi desde minha infância. Este é o voto eu fiz ao Senhor quando criança: permanecer pura pelo amor Daquele que me criou. Nesta integridade confio viver apenas para Ele, transcorrendo minha existência livre de qualquer mancha”.

Então todos a abraçaram, rogando-lhe que lhes perdoasse suas injustas suspeitas. E toda a multidão, juntamente com os sacerdotes e as virgens, conduziram-na até sua casa. Todos estavam cheios de júbilo e clamavam com gritos de alegria:
“Bendito seja o nome de Deus, que se dignou a esclarecer tua inocência perante o povo inteiro de Israel.

“Aparições em Sonhos” E Muito Mais

Os Evangelhos Apócrifos ainda nos dão outra informação de grande valor “jornalístico”.

José, além de carpinteiro e entalhador, possivelmente tinha seus próprios “negócios” como construtor, o que era lógico, já que naqueles tempos, muito mais que nos atuais, as edificações exigiam um maior volume de madeira.

É bem possível que José, como contam Mateus e Tiago, deixasse Maria após o “noivado” e se dedicasse às construções e trabalhos que eram seu meio de vida. Se, como afirma Bagatti, o futuro cônjuge da Virgem tinha uma idade avançada e uma prole de seis filhos, não podia ficar sem trabalhar.

E no que trabalhava José?

Ainda que nada se saiba a respeito, também cabe a possibilidade de que nosso homem “se virasse”, em relação aos negócios, na grande cidade sagrada de Jerusalém, pois ali era mais fácil encontrar trabalho.

Os príncipes da família de Herodes eram soberanos amantes das construções, e seu exemplo induziu a imitação. Por isso, como conta J.Jeremias, durante seu governo assim como na época anterior, a indústria da construção alcançou grande importância. Eis aqui, por exemplo, algumas das principais edificações do tempo de Herodes o Grande (37-4 antes de Cristo) e sob cujo mandato viveu José:

Restauração do Templo (de 20-19 a.C. até 62-64 d.C.).

Construção do palácio de Herodes, perto da muralha oeste, junto à “Porta ocidental eu conduz a Lydia”, hoje Porta de Jaffa.

Construção, no mesmo lugar, das três torres de Herodes: Hippicus, Fasael e Mariamme.

Dominando o Templo, ao norte dele, construiu-se a torre Antonia que, segundo Jeremias, localizava-se no mesmo lugar da antiga fortaleza do templo chamado Bîrah e Bâris.

O magnífico sepulcro de Herodes, que o mandou construir quando ainda vivia.

O teatro edificado por Herodes em Jerusalém.

É possível que o hipódromo da Cidade Santa também pertença a essa época.

Construção de um aqueduto.

Monumento sobre a entrada do túmulo de Davi.

Sabe-se, por exemplo, que a construção e restauração do Templo de Jerusalém empregou mais de 18.000 judeus. Entre todos esses operários deviam ser absolutamente necessários, e até muito estimados, os carpinteiros entalhadores.

Isto me inclina a pensar que José, homem honrado e cumpridor da lei, tinha de trabalhar assiduamente nessas obras, sem contar as edificadas pelos romanos...

Pôncio Pilatos, por exemplo, ainda eu duvide que José chegasse a trabalhar nessa obra, mandou levantar um aqueduto. Para construí-lo usou o dinheiro do Templo e, naturalmente, provocou uma revolta.

Para a construção de todos esses palácios, templos, sinagogas, etc., abria-se concorrência para numerosas associações. E entre elas, obviamente, estava a dos carpinteiros.

Flávio Josefo conta que o palácio de Herodes era especialmente luxuoso, e que os mais diversos especialistas tinham competido tanto na ornamentação externa quanto na decoração interna, assim como na eleição dos materiais e sua aplicação.

Enfim, as principais atividades de Jerusalém eram o artesanato artístico, a construção monumental, a construção comum, à qual José também dedicaria sua atenção, a indústria têxtil nos teares de madeira e a elaboração de azeite, onde também intervinha a associação dos carpinteiros.

Estou plenamente convencido de que José dedicou boa parte de seu templo ao trabalho na construção do grande Templo de Jerusalém.

“Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu hás de levantá-lo em três dias?” (João, 2,20). Naquela época as obras ainda não estavam terminadas. Herodes começara as novas construções no ano 19-20 antes do nascimento do Enviado e apenas foram concluídas no ano 62-64 depois de Cristo, no tempo do governador Albino.

Como já disse, naquelas obras utilizaram os serviços de 18.000 homens: canteiros, carpinteiros, prateadores, ourives e principalmente fundidores de bronze. Os carpinteiros tinham de preparar as madeiras, principalmente o cedro. Os troncos chegavam do vizinho Líbano. Os pórticos que rodeavam a esplanada do Templo eram igualmente cobertos com entalhes dessa madeira, usada também nos alicerces do santuário.

Enfim, a lista de obras nas quais José pode ter colaborado seria interminável, sem incluir as de Nazaré e outras aldeias ou povoados próximos. Ali, seguramente, podia trabalhar em construções comuns como moradias, fornos, poços, aquedutos, sinagogas, etc., assim como em tarefas direta ou indiretamente ligadas à pesca. Não nos esqueçamos de que junto à Nazaré, aldeia na qual morou por um bom tempo, havia pequenas cidades como Cafarnaum, Genesare, Magdala, Tiberíades, Caná, Naím, Betsaida, etc.

Um bom artesão como José, ajudado pelos filhos, pode ter-se dedicado, com o mesmo esmero, à construção de pequenas ou grandes embarcações.

E os utensílios e ferramentas agrícolas? Será que o marido da Virgem também as fazia?

José e seus ajudantes, certamente os filhos, aos que um dia o próprio Jesus se uniria, devem ter conhecido a técnica da fabricação de móveis, já que naquela época a maior parte das residências, muitas delas imitando as luxuosas mansões romanas, possuíam sólidas e primorosas mesas, cadeiras, camas, etc.

Alguns estudiosos da Bíblia até acreditam que a palavra tekton, com a qual se designa às vezes a profissão de José e posteriormente a de Jesus, contenha o significado dos ofícios de carpinteiro, construtor e ferreiro!

Enfim, tudo isso me faz pensar que José não era um “pobre carpinteiro” como sempre nos fizeram crer. Exercia a profissão de carpinteiro, sim, mas também devia praticar o “pluriemprego” em atividades como construção de casas, restaurações, fabricação de móveis, utensílios agrícolas e um enorme etcétera.

À medida que eram proprietários de suas oficinas e não trabalhavam como assalariados, quer gostemos ou não, os artesãos daquela época pertenciam ao que hoje chamamos de “classe média”. E esses círculos artesanais tornavam-se mais prósperos quanto mais se vinculavam ao Templo.

Tampouco devemos nos esquecer de que José se casou com a única filha de Ana e Joaquim, uma família de grande fortuna que possuía terras, rebanhos e servos. O dote da noiva deve ter sido simplesmente esplêndido.

Geralmente, a soma para o matrimônio – mohar – que o pai de uma jovem de Jerusalém recebia de um noivo forasteiro era, segundo se diz, particularmente elevada. E, como sabemos, a família de Maria viveu em Jerusalém.

Não quero dizer que José fosse rico. Nada disso. Mas sua situação social, fruto de seu trabalho, devia ser pelo menos honrosa. Fato que, como veremos mais adiante, teria importância..

E Se Tivesse Repudiado Maria?

Voltando às angústias de José, que teria acontecido se ele a tivesse repudiado publicamente?

Sei que isso nunca ocorreria, já que o "plano" da grande "equipe", em suma, dos Céus, não podia falhar nos últimos "cem metros" por uma razão assim. Mas, já que os Evangelhos Canônicos afirmam que essa idéia passou pela mente de José, que seria de Maria se os "astronautas" não interviessem?

Dada a situação da Virgem, já "noiva", o peso da lei certamente teria sido brutal. Vejamos o que diz o Deuteronômio (22,20) sobre estes casos:

"Se um homem se casa com uma mulher" – caso dos 'esposais' -, "e depois de chegar até ela...a difama publicamente dizendo: 'Casei-me com esta mulher e, ao chegar-me a ela, não a encontrei virgem'...se, porém, isso é verdade, se não aparecem na jovem as provas da virgindade, esta será conduzida à entrada da casa paterna (onde Maria devia morar), e os homens de sua cidade a apedrejarão até que ela morra, por haver ela cometido uma infâmia em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai..."

As dúvidas de José em repudiar sua "noiva" Maria ao saber que estava grávida são bastante compreensíveis. Não creio que aquele homem justo e bom desejasse a morte de ninguém e muito menos a de uma menina de 13 ou 14 anos. Aqui, precisamente, aparece muito mais patente a possibilidade de que ele fosse um homem bem mais velho. Se se tratasse de um jovem, e dada a natureza e gravidade da suposta falta de Maria, a reação talvez tivesse sido muito mais primitiva e temperamental. E isso seria fatal para o "plano".

Mas não foi assim. José, ao saber do problema, meditou. E hesitou...Mas, em resumo, não reagiu violenta nem imediatamente. Houve tempo suficiente para que "os de cima" agissem...

Sempre resta a esperança de que se ele chegasse a repudiar publicamente a "esposa", no momento de efetuar a prova da virgindade, os sacerdotes e o povo teriamm ficado atônitos com o resultado. Mas, se maria já apresentava um ventre suficientemente pronunciado, para que aplicar a Lei e a prova da virgindade? Neste caso, ao menos para os olhos dos humanos, a comprovação da perda da virgindade era bem palpável...

E supondo-se que não fosse apedrejada e que devido a algumas "influências" do pai, Joaquim, e dos parentes e amigos chegassem a perdoar-lhe a vida, que aconteceria com o filho que levava nas entranhas?

O futuro dessa criança, da mãe e da própria família teria sido quase pior que a morte.

A Virgem teria dado à luz um filho bastardo. E qual era a situação social dos mesmos em Israel?

"O bastardo" – dizia a lei – "não será admitido na assembléia de Yaveh; nem seus descendentes até a décima geração serão admitidos na assembléia de Yaveh" (Deuteronômio, 23,3). Portanto, eles não podiam casar, não tinham direitos sociais e eram desprezados por todos.

Se pensarmos que a mancha do bastardo marcava todos os varões para sempre e indelevelmente, e que se discutia ardorosamente se as famílias dos mesmos participariam da libertação final de Israel, compreenderemos que essa palavra constituía uma das piores injúrias. A tal ponto que, por exemplo, quem a usava era condenado a 39 açoites.

Enfim, supondo que Jesus de Nazaré tivesse vindo ao mundo nessas circunstâncias, em função do "trabalho" que o esperava, sua situação teria sido realmente nefasta.

Será que o povo teria seguido um bastardo? Será que sequer poderia entrar no Templo ou participar das festas e tradições religiosas? Ter-lhe-iam proibido até o acesso às sinagogas...

Com que autoridade falaria ante os doutores da Lei ou ante os fariseus?

Fica claro que essa possibilidade não era a correta nem a desejada pelos "comandos" celestiais nem pelos "astronautas de Yaveh".

E logicamente, não o consentiram, abortando as intenções de José.

Mas, apesar disso, nos perguntamos por que a "equipe" deixou que as coisas chegassem a extremos tão perigosos e comprometedores.

Será que não tiveram outra alternativa?

A verdade é que a inquietação de José, de sua "esposa" Maria e dos familiares desta deve ter sido tão aguda que as afirmações de Tiago em seu apócrifo não nos podem parecer estranhas:

> Ao chegar ao sexto mês de gravidez, José voltou de suas edificações; e, ao entrar em casa, percebeu o estado de Maria. Então feriu seu rosto, jogou-se por terra sobre um saco e chorou amargamente, dizendo: "Com que cara me apresentarei agora perante meu Senhor? E que oração farei eu por essa donzela? Por que a recebi virgem do templo do Senhor e não soube guardá-la? Quem me preparou esta cilada e cometeu tal desonestidade em minha casa, violando a uma virgem? Será que a história de Adão se repetiu em mim? Assim como no preciso momento em que ele glorificava Deus, veio a serpente e, ao encontrar Eva sozinha, a enganou, o mesmo sucedeu comigo".

Todos Falam Dos "Anjos"

Mateus, de sua parte, escreve que as donzelas que durante todo aquele tempo tinham acompanhado Maria responderam em defesa da jovem "que nenhum varão se aproximara dela e que todos os dias um anjo a visitava trazendo-lhe alimento e conversava com ela.

E num gesto de audácia, as jovens opinaram perante o confuso José que "a gravidez de Maria apenas obedecia a uma intervenção angelical".

Mas ele, que ainda conservava um mínimo de senso comum, lhes disse que não aceitava o fato insólito de que "um anjo a tivesse engravidado".

Para mim, o que as donzelas insinuavam, talvez inconscientemente, é que a gravidez de Maria obedecia a um fato sobrenatural, incompreensível para elas.

E além do dado concreto, repetido em outras passagens dos Evangelhos Apócrifos, do famoso "anjo" que diariamente ia até Nazaré para levar a comida da jovem, voltamos a pensar na possibilidade de que as palavras do "anjo" Gabriel, "o que está diante de Yaveh", na Anunciação, podem ter sido o aviso da "chegada" de uma nave espacial. Uma nave na qual – por que não? – se produziria o decisivo momento da Concepção Virginal.

"O Espírito Santo virá sobre ti" – diz Lucas – "e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra..."

Os próprios comentaristas da Bíblia de Jerusalém, revisada e aumentada por Desclée de Brouwer, afirmam em uma de suas notas de rodapé na página 1.458, que essa expressão do evangelista Lucas "evoca a nuvem luminosa, sinal da presença de Yaveh ou das asas do pássaro que simboliza o poder protetor e criador".

Se a própria Igreja aceita isso, por que não extrapolar o fato e admitir que o poder do Altíssimo poderia estar materializado, tal como já o comentei no capítulo anterior na

"equipe de astronautas" e nas naves que conduziam?

Nesta caso, a "intervenção angelical" a que se referem as donzelas no apócrifo de Mateus estaria plenamente justificada.

Naturalmente não se trataria de uma "ação puramente carnal" por parte dos "astronautas", mas sim de uma "mediação" no momento de concretizar a fecundação do óvulo da jovem virgem.

Os Misteriosos "Sonhos"

E precisamente no momento em que o consternado José, após muitas apreensões infundadas, decide repudiá-la em segredo, aparece o "anjo do Senhor".

Os evangelistas, tanto nos textos canônicos quanto nos apócrifos, afirmam que esse tipo de aparições sempre acontece nos sonhos e que se repetem, apenas durante a noite, muitas vezes.

Mas, logicamente, surgem novas dúvidas:

Como devemos entender essas "aparições noturnas"? Será que um dos "mensageiros" ou "astronautas" entrava materialmente nos sonhos da personagem e lhe dizia o que fazer?

Sem dúvida, seres de outras dimensões, se é que esses o eram, podiam realizá-lo com perfeição.

Conheço dezenas de pessoas que afirmam estar em "contato" com seres do espaço e que "recebem" boa parte das informações através do sonho. Asseguram que "se sentem perante seres de aparência humana, geralmente muito altos, e de aspecto resplandecente, com uniformes metálicos e que conversam com eles".

Outros expertos em "viagens astrais", dizem que podem "sair" de si mesmos e entrar nas naves desses seres superiores de aspecto "angelical".

Que realmente aconteceu a José?

Duvido muito que aquele rústico carpinteiro soubesse como fazer uma "viagem astral".

Por outra parte, se a presença do "anjo" acontecia apenas em sonhos, não corriam o risco de que José, ao acordar, se esquecesse deles? Quantas pessoas não conseguem lembrar o que, sem sombra de dúvida, sonharam na noite anterior?

Esse fenômeno é frequente...

Também existe a possibilidade de que José se lembrasse do sonho. Mas, é racional que o fruto de um sonho tenha feito o atormentado "noivo" de Maria mudar de opinião? Evidentemente não. Era necessário "algo" claro e palpável, principalmente se considerarmos a mente simples do carpinteiro, para que ele adotasse uma postura determinante. Uma atitude tão sólida que, conforme os Evangelhos Apócrifos de Mateus e Tiago, levou-o a aceitar o famoso "julgamento da água... E o que poderia ser "isso" tão claro e palpável?

Acredito que de nenhuma forma romperemos a essência da citada passagem evangélica, se analisarmos a "aparição em sonhos" de outro ponto de vista...

Mais uma vez fica patente que tanto Maria quanto José e todas as personagens direta ou indiretamente envolvidas na "operação" devem ter sido permanentemente "vigiadas".

O "como" é secundário. Talvez alguma das naves, da qual diariamente descia o "anjo" ou "astronauta" que entregava a Maria sua alimentação, permanecesse bem

próxima à casa da jovem. E talvez desse veículo faziam uma sistemática e exaustiva "checagem" da Virgem. Algo parecido ao que se faz atualmente no Cabo Kennedy, com os astronautas lançados ao espaço.

Mas, provavelmente, esse "controle" não terminava no capítulo físico ou clínico de Maria. É bem possível que a tecnologia ou a evoluída mente dos "tripulantes" lhe permitisse conhecer os pensamentos ou sentimentos de cada um dos protagonistas da peça.

Só assim poderiam ter percebido o grande erro que José estava a ponto de cometer. E evitaram o iminente repúdio com um encontro "direto" ou "próximo", como se diz agora, entre o "noivo" e alguns dos "astronautas".

Aquele "anjo do Senhor", obviamente, escolheu a noite por tratar-se de um momento mais discreto. Todo mundo dormia na aldeia. Inclusive José, a quem talvez tenham acordado materialmente.

Já acordado e mais calmo, ele recebeu a explicação oportuna. E de alguma forma, o "noivo" se convenceu de duas coisas: de que aquele "encontro" fora real e da inocência de Maria.

Se, deste novo ângulo, analisarmos a expressão "aparição em sonhos", veremos que a interpretação muda substancialmente, sem que de maneira alguma se deforme a essência da passagem.

Conforme meu ponto de vista, Deus continua influenciando José, mas de uma forma mais normal e racional. É claro que estes qualificativos apenas podem ser compreendidos a partir da segunda metade do século XX, quando começamos a desfrutar da corrida espacial. Para o bom carpinteiro, aquele "astronauta", como já repeti várias vezes, só podia ser uma "aparição" divina.

Além disso, tal "anjo" ou 'astronauta" tinha esse caráter de "enviado" ou "missionário" divino já que, como acredito, tomava parte de uma "operação celestial".

A Prova Da Água

Ao ler os apócrifos de Mateus e Tiago também pude observar como osdois autores coincidem no que denominam a "prova da água". E ainda que se note uma certa diferença no momento de "aplicar" o teste nos supostos culpados, a essência é a mesma.

O Apócrifo da Natividade de Tiago diz assim em relação a esse curioso fato e, como já comprovamos, também relatado por Mateus:

"Devolve pois" – continuou o sacerdote – "a virgem que recebeste do templo do Senhor".

Então os olhos de José se encheram de lágrimas. Mas o sacerdote acrescentou:

"Eu os farei beber a água da prova do Senhor e ela manifestará vossos pecados ante vossos próprios olhos".

> E Pegando-a deu de beber a José, enviando-o depois à montanha; mas ele voltou são e salvo. Depois fez o mesmo com Maria, enviando-a também a montanha; mas ela voltou sã e salva. E todo o povo encheu-se de admiração ao ver que neles não aparecia pecado.

Tanto Mateus quanto Tiago "obrigam José e Maria a beber essa misteriosa água".

Mas enquanto o primeiro assegura que após bebê-la ambos se dirigiram à montanha, Mateus escreve que cada “suspeito” teve de dar sete voltas ao redor do altar do Senhor.

Se realmente o fato ocorreu, o mais importante é que os supostos pecadores tinham de tomar algum líquido especial que, como afirma Mateus, “fazia aparecer no rosto um sinal divino”.

No fundo, esse assunto me lembra os célebres “julgamentos de deus”, tão frequentes na Idade Média.

Pode ser que esse costume do povo judeu tivesse alguma origem “divina”, previamente assinalada pela “equipe” de Yaveh. Porém, por mais próximo que encontrei dessa “prova da água” refere-se ao ritual das águas lustrais, descrito em Números (19,17-22).

Mas para mim, esse ritual pouco ou nada tem que ver com a “prova” mencionada nos apócrifos.

Que tipo de “sinal divino” poderia aparecer nos rostos dos réus, após ingerir essa “água”? Ou não seria água?

Encontramo-nos perante um novo caso de auto-sugestão?

Em uma de minhas últimas andanças atrás de OVNI’s tive a sorte de conhecer Manuel Laza Palacio, o penúltimo romântico e infatigável buscador, há 30 anos, do tesouro dos Cinco Reis. Uma avalancha de jóias procedente, segundo a lenda, dos últimos monarcas almorávidas e que, conforme meu amigo Laza, encontra-se enterrado e muito bem enterrado na enigmática gruta existente em Málaga que se chama, precisamente, “Caverna do Tesouro”.

Pois bem, durante um agradável bate-papo ele me contou algo que, imediatamente, lembrou-me da famosa “prova da água” dos Evangelhos Apócrifos.

“...Pesquisando as superstições e esoterismo em geral dos povos orientais” – explicava-me Laza -, “um dia encontrei uma notícia que me deixou atônito. Ao traduzir a crônica latina de Alfonso VII comprovei que, quando o conde castelhano Rodrigo de Lara chegava a Valencia, voltando de Jerusalém, hospedou-se junto ao famoso chefe almorávida Aben Gania e lá deram-lhe para beber um copo de ‘água’. pouco tempo depois ficou leproso...

“A questão poderia ser motivo de riso para qualquer um que não esteja familiarizado com o mundo medieval e suas espantosas crenças e práticas mágicas.

“Mas continuei minhas investigações e tive a sorte de conseguir um valioso livro escrito pelo sábio doutor Mauchamps, que clinicou muitos anos no Marrocos e estudou a fundo a feitiçaria bérbere. Pois bem, os feiticeiros marroquinos assassinaram-no em 1907, mas o especialista Jules Bois encontrou seu livro e o publicou. Graças a esta obra confirmei a veracidade da notícia dada na crônica latina sobre a doença provocada no conde.”

“Água” capaz de provocar a lepra e quase de forma imediata? Não me encontraria perante um caso idêntico ao da “água” dada a José e Maria?

Paralisação Total da Região Antes do Parto

E chegamos ao momento culminante.

A “Operação Redenção” estava a ponto de entrar em sua etapa decisiva: o nascimento do “Enviado”. A chegada do Filho do Altíssimo ao velho planeta Terra.

Todos, mais ou menos, conhecemos o que narram os Evangelhos Canônicos sobre

esse fato transcendental.

Mas que dizem os apócrifos? O nascimento de Jesus de Nazaré realmente aconteceu como sempre nos ensinaram?

Vejamos o que diz o Protoevangelho de Tiago:

> E chegou uma ordem do Imperador Augusto para que se fizesse o censo de todos os habitantes de Belém da Judéia. E José disse:
> “Certamente recensearei meus filhos, mas que farei com esta donzela? Como incluí-la no censo? Como minha esposa? Tenho vergonha. Como minha filha? Mas se todos os filhos de Israel já sabem que não o é! Este é o dia do Senhor, que Ele o faça conforme seu beneplácito”.
> E arreando seu asno, acomodou Maria sobre ele, e enquanto um de seus filhos puxava a besta, José os acompanhava. Quando chegaram a quatro quilômetros de distância, olhou para Maria e a encontrou triste e disse a si mesmo:
> “É que a gravidez deve causar-lhe incômodo”.
> Mas, ao olhá-la novamente, encontrou-a sorridente, e lhe disse:
> “Maria, o que te acontece que umas vezes te vejo sorridente e outras triste?
> E ela respondeu:
> “É que vejo dois povos diante de meus olhos, um que chora e se aflige e outro que se alegra e regozija”.
> E ao chegar na metade do caminho Maria disse a José:
> “Ajuda-me a descer, porque o fruto de minhas entranhas peleja por vir à luz.”
> E ele ajudou-a a descer do asno, dizendo-lhe:
> “Aonde poderia levar-te para resguardar teu pudor, pois estamos no descampado”.
>
> E, encontrando uma gruta, levou-a para dentro, e após deixar seus filhos com ela, foi procurar uma parteira hebréia na região de Belém.
>
> E eu, José, comecei a andar, mas não conseguia avançar; e ao elevar meus olhos ao espaço pareceu-me ver o ar estremecendo de assombro; e quando fixei minha vista no firmamento encontrei-o estático e os pássaros do céu imóveis; e ao dirigir meu olhar para trás vi um recipiente no chão e uns trabalhadores preparados para comer, com suas mãos nas vasilhas. Mas, os que simulavam mastigar, na realidade não mastigavam; e os que pareciam estar em atitude de pegar a comida, tampouco a tiravam do prato; e finalmente, os que pareciam introduzir os manjares na boca, não o faziam, todos tinham seus rostos olhando para cima.

Também havia umas ovelhas que estavam sendo tocadas, mas não davam nem um passo, ficavam paradas, e o pastor levantou sua mão para bater-lhes com o cajado, mas ela ficou parada no ar. E ao olhar a corrente do rio, percebi que uns cabritinhos punham nela seus focinhos, mas não bebiam. Numa palavra, todas as coisas saíam de seu curso normal.

> E então uma mulher que descia da montanha me disse:
> “Aonde vais?”
> Ao que lhe respondi:

“Procuro uma parteira hebréia”.
Ela replicou:
“Mas, és de Israel?”
E Respondi:
“Sim”.
“E quem é – acrescentou – a que está dando à luz na gruta?”
“Minha esposa”, disse eu. Ao que ela respondeu:
“Então não é tua mulher?”
Eu respondi:
“É Maria, a que se criou no templo do Senhor, tive a sorte de que a entregassem a mim como mulher, mas ela não o é, concebeu pela virtude do Espírito Santo”.
E a parteira lhe interrogou:
“Isso é verdade?”
José respondeu:
“Vem e verás”.
Então a parteira se pôs a caminho com ele.
Ao chegar ao lugar da gruta, pararam, e viram que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa. E a parteira exclamou:
“Hoje minha alma foi engrandecida, porque meus olhos viram coisas incríveis, pois nasceu a salvação para Israel”.
De repente, a nuvem começou a retirar-se da gruta e de dentro dela brilhou uma luz tão grande que nossos olhos não puderam resisti-la. Esta, por um momento, começou a diminuir até que o menino apareceu e tomou o peito da mãe, Maria. A parteira então deu um grito dizendo:
“Grande é para mim o dia de hoje, já que pude ver com meus próprios olhos um novo milagre”.
Ao sair a parteira da gruta, encontrou Salomé, a quem disse:
“Salomé, Salomé, tenho de contar-lhe uma maravilha nunca vista, e é que uma virgem deu à luz; coisa que, como sabes, não sofre a natureza humana”.
Mas Salomé replicou:
“Pela vida do Senhor, meu Deus, que não acreditarei em tal coisa se não me deixarem introduzir meu dedo e examinar sua natureza.”

E tendo entrado a parteira, disse a Maria:
“Prepara-te porque há entre nós um grande problema com relação a ti”.
Salomé, então, introduziu seu dedo na natureza, mas de repente deu um grito, dizendo:
“Ai de mim! Minha maldade e minha incredulidade têm a culpa! Por tentar ao Deus vivo se desprende de meu corpo, minha mão carbonizada”.
E dobrou seus joelhos ante o Senhor, dizendo:
Ó Deus de nossos pais, lembra-te de mim, porque sou descendente de Abraão, Isac e Jacó; não faças de mim um exemplo para os filhos de Israel; devolve-me aos pobres, pois tu sabes, Senhor, que em teu nome fazia minhas curas, recebendo de ti meu salário”.
E um anjo apareceu do céu, dizendo-lhe:
“Salomé, Salomé, o Senhor te escutou. Aproxima tua mão do Menino, pega-o, e haverá para ti alegria e gozo”.
E Salomé se aproximou e o pegou, dizendo:
“Eu o adorarei porque nasceu para ser o grande Rei de Israel”.

De repente sentiu-se curada e saiu em paz da gruta. Então ouviu-se uma voz que dizia:
"Salomé, Salomé, não contes as maravilhas que viste até que o Menino chegue a Jerusalém".

Novamente os Medíocres "Repórteres"...

Ao ler essas passagens dos apócrifos compreendi que realmente são muito poucas as verdades que chegaram até nós sobre o nascimento de Jesus.

Parece mentira que um fato de tamanha transcendência apenas tenha sido registrado por Mateus e Lucas. E este último o fez com parcimônia. João e Marcos, os outros evangelistas "oficiais", não lhe deram importância ou não souberam como continuar a "investigação".

Mais uma vez me lamento de não ter nascido há 2.000 anos...

Quantas vezes desejei esse sonho impossível! Quantas vezes pensei na "cobertura oficial" da vida de Jesus de Nazaré! Quantos dados, notícias, informações ignoradas ou perdidas teríamos hoje?

Mas, certamente, os caminhos "dos de cima" são imprevisíveis.

Além disso, se pensarmos um pouco, chegaremos à conclusão de que, sem dúvida, se nós, os jornalistas, tivéssemos tido a grande oportunidade de acompanhar a vida de Jesus, pelo menos a pública, as grandes cadeias americanas de televisão teriam comprado a exclusividade...Mas sempre nos sobrariam os restos...

Bem, esqueçamos os sonhos e voltemos aos apócrifos.

Para começar, nos textos expostos encontro-me novamente com um fato que brilha e reflete sem cassar: José era um ancião ou um homem de idade avançada.

Que outro significado pode conter esse lamento do patriarca?: "Certamente recensearei meus filhos, mas que farei com esta donzela? Como incluí-la no censo? Como minha esposa? Tenho vergonha. Como minha filha? Mas se todos os filhos de Israel já sabem que não o é!..."

Os comentários tornam-se desnecessários, mas...

Por que José se envergonhava? Só vejo uma explicação: se o carpinteiro tinha ultrapassado, e muito, a idade da procriação, como apresentar-se perante as autoridades responsáveis pelo censo ou ante o povo de Belém, com aquela jovenzinha em estado bastante adiantado de gravidez?

A situação era delicada...

Qual Foi A Rota de José?

Outro fato que vejo muito mal explicado é o do itinerário do grupo. Nenhum dos evangelistas dá alguma informação a respeito. Por onde andaram José e sua família?

Se Maria já vivia com José, coisa mais que certa, significa que residiam, tal como aponta Lucas em duas ocasiões na aldeia de Nazaré, na Galiléia, ao norte de Jerusalém. Se ele pertencia à família de Davi, tinha de recensear-se em Belém, ao sul e no estado da Judéia. E aqui aparece o primeiro dilema: que rota escolheram José e a família? Se observarmos o mapa da palestina na época do Novo Testamento, perceberemos que, entre

os estados da Galiléia e Judéia, onde se localiza Belém, o território de Samaria e uma parte da Decápolis, aparecem como uma "cunha".

Para alguns especialistas católicos, Maria e José saíram de Nazaré e após cinco ou seis dias chegaram a Siquém – onde Abraão teve suamais importante "visão" e promessa (Gênesis, 12,6) – para, posteriormente, passar por povoados como Silo e Betel (onde Jacó também teve a misteriosa visão da não menos misteriosa "escada")e dali partir para Jerusalém e Belém.

Esse percurso, supondo-se que existisse um caminho, tinha aproximadamente uns 120 quilômetros.

Mas naquela época, de meu ponto de vista, essa rota apresentava um sério inconveniente: Samaria.

Hoje parece difícil assimilar o ódio que os samaritanos tinham pelos judeus e vice-versa. Mais ou menos no século IV antes da nossa Era, os habitantes de Samaria, um povo mestiço judeu-pagão, separaram-se da comunidade israelita e construíram seu próprio templo no monte Garizim e, desde então, as relações tornaram-se tensas e até violentas.

No Eclasiástico se diz: "Há dois povos que minha alma abomina, o terceiro, nem sequer é um povo; aqueles que vivem no monte Seir, os filisteus, e o povo insensato que habita Siquém (Samaria)."

As tensões se tornaram mais perigosas durante o governo de Asmoneu João Hircano (134-104 antes de Cristo), quando logo após a morte de Antíoco VII (129 antes de Cristo), João se apoderou da cidade samaritana de Siquém e destruiu o templo de Garizim, conforme o relato de Flávio Josefo em seu livro Antiguidades.

Portanto, não é de estranhar que o ambiente entre judeus e samaritanos soltasse fumaça...E isto também nos pode fazer entender melhor porque os fariseus e sumo-sacerdotes constantemente cobravam de Jesus que Ele comesse e se relacionasse com samaritanos...

E mais, a palavra "samaritano", da mesma forma que "bastardo", constituía uma infâmia na boca de um judeu. Segundo Jeremias, uma notícia tardia mas digna de crédito, que surgiu nas últimas décadas anteriores à destruição do templo, informa sobre uma norma que entrou em vigor aproximadamente no ano 48 depois de Cristo e pela qual a comunidade judia considerava os samaritanos "impuros desde o berço e em grau supremo causadores da impureza".

No auge do ódio, essa forma especificava: "...as samaritanas têm menstruação desde o berço e seus maridos estão perpetuamente manchados por esse mênstruo".

E ainda que essas relações tenham melhorado superficialmente no final do século I antes de nossa Era, pelo possível casamento de Herodes o Grande com uma samaritana, as coisas não deviam estar nada fáceis quando José e a família decidiram ir de Nazaré a Belém.

As agressões dos samaritanos aos judeus deviam ser tão comuns, que Flávio Josefo, por exemplo, as menciona em seus textos históricos. Ela conta como no ano 52 d.C. guerrilheiros judeus atacaram povos samaritanos para vingar a morte de alguns peregrinos galileus que, a caminho de Jerusalém, tinham atravessado o território de Samaria e sido atacados na fronteira norte do povoado de Djenin.

Quando em uma de suas andanças Jesus atravessa a Samaria, o povo lhe nega até água...

Se José, um homem já bastante experiente, conhecia todos esses problemas, deve ter pensado muito antes de escolher o caminho. Que faria qualquer um de nós se, naquelas circunstâncias, tivéssemos de atravessar um território potencialmente hostil e com a responsabilidade de cuidar de vários rapazes e de uma jovem esposa grávida?

Eu, pessoalmente, teria meditado sobre a possibilidade de escolher uma outra rota.

E se olharmos o mapa da Palestina outra vez perceberemos que essa rota existia. Refiro-me ao “caminho do rio Jordão”.

José poderia ter saído de Nazaré e após passar por Naim entrar na Decápolis. Dali, bastava que a comitiva seguisse o curso do rio sagrado pela margem direita. A uns 45 ou 50 quilômetros de beisam, já se encontrariam em território judaico. A uns 18 quilômetros desse ponto onde confluem os territórios da Samaria, Peréia e Judéia, ergue-se a mítica Jericó. Até Betânia temos uns 22 quilômetros e meio, e deste povoado à grande cidade de Jerusalém, uns quatro ou cinco quilômetros. Por último, de Jerusalém a belém, outros 7,5 quilômetros.

Essa segunda opção somava, aproximadamente, uns 127 ou 130 quilômetros. A diferença do caminho que cruzava Samaria era muito pouca, mas os riscos bem consideráveis. E ao perigo que supunha passar por entre o povo samaritano devemos acrescentar a constante ameaça dos ferozes bandoleiros, assim como o péssimo estado dos caminhos.

Os ataques e matanças em pleno campo ou nas montanhas deviam ser tão freqüentes que os peregrinos, comerciantes e viajantes em geral, quase sempre organizavam longas caravanas para se protegerem contra as incursões dos bandidos. Lucas, em seu Evangelho, fala que os pais de Jesus tinham conhecidos e parentes na caravana de Nazaré que, segundo Marcos (10,46),passou por Jericó.

Quanto aos caminhos, é fácil imaginar seu lamentável estado, principalmente na época de chuvas. Como já comentamos anteriormente, os peregrinos e viajantes só formavam as caravanas a partir de fevereiro e março, quando o tempo era seco e facilitava o avanço até setembro e outubro. Suponho que josé e Maria tenham escolhido esses meses tranqüilos para iniciar sua marcha.

E é quase certo que a família viajasse a pé. Talvez José, devido à considerável idade, cobrisse alguns trechos no lombo dos asnos que indubitavelmente acompanhavam o grupo. Nós apócrifos vimos como acomodaram Maria sobre um deles, o que parece lógico e necessário, já que duvido muito que pudesse fazer longos trajetos a pé e muito menos por terrenos abruptos.

Enquanto os caminhos estiveram sob os cuidados do Sinédrio, primeira autoridade nacional, não se fez grande coisa para melhorá-los, atitude idêntica à tomada em relação à conservação do aqueduto de Jerusalém. Quando os romanos tomaram o poder, as coisas mudaram e Herodes até se esforçou para proporcionar maior segurança aos viajantes, especialmente aos que usavam a rota principal: a que partia de Jerusalém em direção ao norte, onde se localizavam os importantes “mercados” da Babilônia. O velho Herodes o Grande chegou a estabelecer, em Batanéia, o judeu Zamaris da Babilônia para proteger os viajantes contra os bandoleiros da Traconítide.

Mas voltemos à velha incógnita. Que caminho terá escolhido José?

Os apócrifos dão uma “pista” que me faz pensar que a segunda rota, a do rio Jordão, foi a eleita. O Protoevangelho de Tiago diz que o marido de Maria “dirigiu seu olhar à corrente do rio...” E, além disso viu uns trabalhadores que comiam e um pastor que arreava suas ovelhas. Se não me engano, “na metade do caminho” entre Nazaré e Belém, tal como diz o autor do Evangelho Apócrifo, não existe nenhum rio no que poderíamos chamar “o primeiro caminho”, ou seja, o que atravessa a Samaria.

No entanto, na segunda opção, temos o Jordão e seus afluentes (seis na margem direita e doze na esquerda). Por outra parte, não creio que o montanhoso terreno que se estende desde a Iduméia à Samaria, com toda a Judéia entre eles, fosse tão propício para a prática do pastoreio quanto os férteis pastos das margens do Jordão, situados ao nível do

mar ou 300 metros abaixo dele.

Naquele tempo, o limite extremo das plantações – e supõe-se que também dos bons pastos – podia ser marcado por uma linha que partisse do monte Hebron, passasse pelas proximidades de Jerusalém em direção a Rimmon, deste a Siquém e de lá em direção ao norte. E essa faixa de terreno, cujo eixo central era o rio Jordão, encontra-se exatamente na segunda rota; a de Samaria fica fora dela.

Creio que os esclarecimentos acima têm sua importância, pois se algum dia se descobrir qual foi a rota exata e precisa de José a caminho de Belém, e supondo-se que tenha sido a do rio Jordão, o valor histórico dos apócrifos seria extraordinariamente reforçado.

Outro dos pontos que não é fácil decifrar é se a família viajava sozinha ou fazia parte de alguma caravana maior. Comovimos, o costume era formar grandes blocos compactos de viajantes para se protegerem mutuamente. Se o censo ordenado por Roma referia-se a todos os judeus, os outros habitantes de Nazaré também teriam de dirigir-se a Belém, Jerusalém ou outros lugares do centro e do sul da Judéia para o recenseamento. Não seria lógico que os vizinhos formassem uma caravana e partissem ao mesmo tempo?

Contudo, essa teoria não concorda com o que acabamos de ler no apócrifo de Tiago. Se José teve de encontrar uma gruta para Maria e os filhos e sair à procura de uma parteira, se deduz que estavam sozinhos. Caso contrário, os outros componentes da caravana, entre os quais haveria mulheres, o teriam ajudado rapidamente.

Mas, se levarmos em consideração o grande fato que estava para acontecer, era compreensível que a “equipe” de “astronautas”, que devia seguir Maria bem de perto, não desejasse a presença de muitas testemunhas.

E, novamente a história dos Evangelhos Apócrifos me fascina. Por que? Precisamente por que o formidável nascimento do Enviado tinha de ocorrer na “metade do caminho” entre Nazaré e Belém?

Como veremos a seguir, esse novo enfoque resulta muito mais racional e sensato...

Será Que realmente Chegaram A Belém?

Acredito que, como a maior parte das pessoas, sempre aceitei aquela explicação tradicional de que Jesus nasceu num pesebre.

Mas, certo dia, ao ler os textos apócrifos, percebi que algo não se encaixava...

E voltei ao Evangelho Canônico de Lucas (2,1-7), mas continuei a não entendê-lo.

Como aceitar que um homem como José, artesão e, portanto, com certas possibilidades econômicas e com família, amigos e até antepassados na aldeia de Belém, não encontrasse alojamento nesse povoado?

Não entendia...

Quanto mais meditava sobre o assunto, mais claro se tornava que existia uma lamentável “lacuna” nos Evangelhos canônicos. Com exceção de Lucas e de uma rápida citação de Mateus (2,1), os evangelistas “oficiais” não mencionam esse dado tão “jornalístico” e emocionante como o lugar do nascimento de Jesus, na “pequena pátria”.

Mas não nos afastemos da linha principal deste curioso assunto.

A própria Bíblia de Jerusalém, ao comentar o Evangelho de Lucas (página 1.460), diz textualmente sobre o problema da falta de pousada em Belém:

“2.7 (b) A palavra grega katalyma designa melhor que pandojeion (pousada) a sala onde se alojava a família de José. Se este tinha seu domicílio em Belém, se explica que

tenha regressado ali para o censo e levado a jovem esposa grávida.”

E prossegue o interessante comentário:

“O pesebre, comedouro de gado, sem dúvida estava instalado em uma parede do pobre albergue completamente lotado, e não puderam encontrar um lugar melhor para deitar o menino. Um apiedosa lenda dotou a esse pesebre de dois animais...”

Temos aqui, pelo menos, uma contradição. Se os exegetas e teólogos católicos reconhecem que José poderia ter seu domicílio em Belém, por que dirigir-se a uma pousada ou a um pesebre?

E não nos esqueçamos dessa curiosa anotação dos dois animais, considerada pela própria Igreja como uma “piedosa lenda...”

Inclusive, vou mais além. É muito provável que José tivesse participado da construção de algumas das casas de Belém; a natureza de sua profissão torna essa hipótese verossímil. Mas, mesmo que isso não tenha acontecido, é inadmissível que entre as centenas de vizinhos que viviam na aldeia – pois não nos esqueçamos de que toda a família do artesão procedia de lá – não houvesse um sequer que permitisse a Maria descansar ou refugiar-se em seu lar. E se não em seus cômodos, pelo menos nos pátios internos que a maioria possuía.

Seja por dinheiro, por laços familiares, por amizade ou caridade, estou certo de que alguém lhes teria oferecido sua casa. E se, por cúmulo, José dispunha de seu próprio domicílio, como imaginar Maria dando à luz num foco de infecções tão perigoso como um estábulo? Sei que jesus deveria nascer de forma humilde, mas esse gesto honroso não tem por quê estar desligado de um mínimo de higiene. E a verdade é que, segundo os apócrifos, Jesus nasceria num lugar muito mais esquecido e deplorável...

Não nos esqueçamos de que, por tradição, o povo israelita era e é absolutamente hospitaleiro, e muito mais com os amigos e familiares. E me atrevo a acrescentar que, ao ver o estado de gestação da esposa do carpinteiro, teriam redobrado suas atenções.

Portanto não me satisfaço com a frágil desculpa de Lucas quando diz:

“...Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o em um pesebre, porque não havia lugar para eles na hospedaria”.

Pelo menos para mim, faz muito mais sentido que José e maria se vissem obrigados a entrar numa gruta porque simplesmente, tal como expõem o Protoevangelho de Tiago e o Evangelho Apócrifo de Mateus, “o momento do parto chegou em pleno caminho de Belém”.

Por que então Lucas afirma que: “Estando eles ali, completaram-se os dias dela?”

Esse relato parece duvidoso. Se, como podemos deduzir das palavras de Lucas, eles já se encontravam há vários dias em Belém, onde dormiam ou descansavam?

Se efetivamente José pertencia à casa de Davi, é lógico que tivesse família naquele povoado. Nesse caso, o “ilógico” seria levar Maria a uma pousada ou hospedaria, e muitíssimo mais a um estábulo.

Como diz Tiago, a Virgem, a meio caminho de Belém, sentiu os primeiros sinais do parto iminente.

E o que poderia fazer José? O mesmo, no citado apócrifo, exclama:

“Onde poderia levar-te para resguardar teu pudor, já que estamos no descampado?”

Imagino a angústia do carpinteiro, acostumado aos problemas de sua profissão, mas incapaz de saber “por onde começar” num parto...

E, como primeira medida, tanto ele quanto os filhos optariam por procurar uma casa ou qualquer refúgio para onde levar a parturiente.

Segundo os textos apócrifos, esse lugar de emergência foi precisamente uma gruta subterrânea, e não um estábulo.

O Evangelho da Natividade, de Mateus, revela alguns pontos decisivos sobre esse tema. Vejamos:

"...O anjo mandou parar a marcha, porque o tempo de dar à luz chegara. depois mandou que maria descesse da montaria e fosse a uma gruta subterrânea, onde sempre reinou a escuridão, pois nunca entrara um raio de luz, porque o sol não podia penetrar até ali."

Tiago,, como já vimos, diz que "encontrando uma gruta, levou-a para dentro, e após deixar seus filhos com ela, foi procurar uma parteira hebréia na região de Belém".

Um Controle Férreo

Novamente, e bem a tempo, o "anjo" do Senhor aparece diante do grupo.

Não é difícil suspeitar que, naqueles últimos momentos, a "equipe" de "astronautas" devia trabalhar com "os cinco sentidos".

Se a jovem Virgem tivesse chegado à Belém antes que a bolsa de água se rompesse, tudo se teria complicado. Como "agir" em plena aldeia? Como evitar o rebuliço que, sem dúvida, as naves provocariam? E o mais grave: se Jesus nascesse em Belém, a notícia de sua chegada ao planeta seria conhecida pelo temido Herodes o Grande, antes do previsto. Não nos esqueçamos de que a aldeia se localiza bem próxima a jerusalém.

Ainda que nos pareça incrível, talvez fosse preciso ganhar tempo. E o quê melhor para isso do que um nascimento à distância, "na metade do caminho entre Nazaré e Belém? Nem tudo se concluía com o parto de Jesus...

E, naturalmente, dentro dessa teoria geral – pois se trata apenas de uma hipótese -, os tripulantes das naves já tinham muito bem calculados o momento e o lugar exato do parto. E da mesma maneira sou levado a crer que, por nenhum segundo, os "astronautas" perderiam o controle das constantes físico-biológicas de Maria. Se hoje somos capazes de controlar de Houston o ritmo cardíaco, a respiração ou pressão sanguínea dos homens que passeiam pela Lua ou em torno do planeta, o quê não conseguiriam civilizações tão extremamente adiantadas?

Essa "checagem" à distância tinha de ser muitíssimo rigorosa. Dois mil longos anos de preparação não podiam naufragar ante nenhuma contingência...

Jamais "os céus" devem ter-se preocupado tanto com uma menina e o asno que a levava. Nossos médicos teriam agido da mesma forma.

E se a "marcação" sobre Maria e todos os que a rodeavam era mesmo tão férrea, não há nada de estranho que no momento crítico, um ou vários dos "astronautas" descessem à terra e detivessem a marcha do grupo. Uma marcha que talvez José e a Virgem já tivessem resolvido parar ante os primeiros incômodos dos sintomas.

E aqui surge um outro interessante dilema:

Será que Maria sofreu as conhecidas dores prévias do parto?

A Igreja, amparando-se no, algumas vezes, esburacado "guarda-chuva teológico", chegou a afirmar que não, que a Virgem não pode ter sofrido essas dores "já que era a única criatura sobre a Terra que nascera sem pecado original".

Respeito essa opinião mas, francamente, custo a crer nela...

Os Evangelhos Apócrifos especificam claramente "que sentira os primeiros

sintomas...” Claro que essas palavras podem significar muitas coisas.

Uma Paralisação?

Mas voltemos aos “astronautas”...

A gravidade e responsabilidade deviam ser tamanhas naqueles momentos em que, conforme meu ponto de vista, uma ou várias naves espaciais tinham de estar muito próximas. Atentas. Dispostas. Algumas delas, até, já aterrissada bem perto da gruta...

E, provavelmente, uma das primeiras medidas da “equipe” tenha sido paralisar tudo o que existia perto da gruta e num amplo raio. Essa “paralisação” também pode ter sido causada pela extrema proximidade dos veículos dos “astronautas”.

Mas por que falo em paralisação?

As passagens do Apócrifo de Tiago, que descrevem a inútil tentativa de José de sair em busca de uma parteira, são bastante eloqüentes.

Quando as li pela primeira vez não acreditava no que tinha diante de mim.

E convido o leitor a repassá-las com muita calma...

É possível conceber – e escrita há dois mil anos – uma fórmula mais bela e plástica para descrever uma paralisação de homens, animais e da própria Natureza?

A única explicação que o cérebro da “testemunha” José poderia assimilar era que “todas as coisas saíam de seu curso normal.”

E o que é isso senão uma paralisação total?

Possivelmente, como já adiantei, teríamos de buscar a causa desse enigmático fenômeno nos seguintes e hipotéticos fatos:

Ante a eminência do parto, algumas das naves se viram obrigadas a descer sobre aquela zona, e essa “aproximação” da gruta subterrânea deve ter implicado uma maior ou menor paralisação de tudo quanto se movia ao redor do ponto eleito. Uma paralisação que pôde ser instantânea ou de uma certa duração no tempo...

Nesse caso, os “astronautas” teriam provocado o fenômeno deliberadamente. Talvez uma elementar medida de segurança...

Também cabe pensar que foi um fato fortuito, originado pelos potentes campos magnéticos ou eletromagnéticos das naves quem ao aterrizarem a tão curta distância, afetaram tudo o que entrou no seu raio de ação.

E homens, ovelhas, pássaros, ventos, etc, ficaram como que “congelados”. E entre eles, José, apesar de “não poder avançar”, percebia tudo...

Que lembra isso?

Simplesmente, outros muitos casos de misteriosas paralisações experimentadas por dezenas de testemunhas dos OVNI’s em nossos dias...

O Piloto Que Ficou Imobilizado

Eis aqui uma prova mínima sobre o que disse. Fatos pesquisados por mim e que manifestam a possibilidade da citada paralisação.

Como já detalhei em meu livro Cien Mil Kilómetros Tras Los OVNI’s, o piloto espanhol de linhas comerciais Antonio Manzano me contou, faz alguns anos, como numa madrugada, quando caminhava pela zona chamada “O Cobre”, em Cádiz, observou um

estranho objeto luminoso pousado na terra...

“Estava caçando” – disse-me ele – “e levava uma lanterna na mão. De repente, após ultrapassar um pequeno outeiro, avistei ao fundo do vale uma espécie de disco muito luminoso, aterrizado. Encontrava-me a curta distância e, ao tentar avançar em direção àquela ‘coisa’ tão chamativa, fiquei paralisado. Mas não de medo...”

“Podia ver e sentir, mas meus músculos não me obedeciam. Era impossível seguir ou retroceder. Que me acontecia?...”

“Lembro-me de que a poucos passos daquele disco de luz branca e intensíssima havia alguém. Deu-me a impressão de ser um homem, bem mais alto do que o normal, de pelo menos dois metros...”

“Estava de costas para mim e parecia observar algum detalhe do objeto. Usava uma espécie de ‘macacão’ metalizado, uma roupa de uma peça só.”

“Após alguns segundos, caminhou até o disco, entrou nela pela parte inferior do objeto e não o vi mais.”

“Pouco tempo depois, aquele aparelho mudou de cor. Subiu lentamente e a alguns metros da Terra estabilizou-se de novo. E ante meu espanto, afastou-se a uma velocidade endiabrada! Desapareceu no horizonte em menos de cinco segundos!”

“Nesse exato momento recuperei meus movimentos. Mas minha lanterna continuou apagada e meu relógio sem funcionar. Aliás, até hoje ninguém conseguiu consertá-lo...”

O Caso do Entalhador

Outro caso de paralisação aconteceu em 1978, na zona de Gallarta, no país Basco, Espanha.

A principal testemunha foi um modesto entalhador, Juan Sillero, que mora no bairro “Florida”, na região citada.

Conforme me explicou, uma noite sentiu um zumbido estranho e potente. Olhou pela janela e ficou aterrorizado. À sua frente, muito próximo, viu um enorme disco de uns cinqüenta metros de diâmetro, com uma luminosidade tão grande como jamais vira na vida.

O aparelho parecia estar em dificuldades...

“Sim” – comentou ele – “estava imóvel e numa posição muito forçada, ‘de canto’. Tinha umas compridas ‘patas’, ou tubos, que quase quebraram o telhado de minha casa.”

“Quando quis fazer alguma coisa, percebi que estava paralisado. Não podia me mexer!...”

Quando lhe perguntei se aquela paralisação poderia ter sido de medo, ele me respondeu que não, que a situação só durou enquanto o objeto desapareceu atrás de um pinheiral próximo.

“Fiquei assustado” – acrescentou – “mas não foi essa a causa de minha imobilidade. Tenho certeza de que aquele objeto era o motivo pelo qual não conseguia nem gritar...”

Um Camponês Igualmente Paralisado

O caso Valensole, investigado pelo meu bom amigo J.C.Borret e pela polícia francesa, também é muito revelador.

Tudo aconteceu em 1965, a uns dois quilômetros ao noroeste de Unclensole, centro de cultivo de alfazema e de uma região com quase dois mil habitantes, no departamento dos Alpes de Haute-Provence.

A testemunha foi um agricultor de uns quarenta anos, um homem sério e respeitado, incapaz de inventar uma história tão espantosa como aquela...

“Na manhã do dia 1º. de julho” – conta o protagonista – “me encontrava num campo de alfazema de minha propriedade. Trabalhava na plantação, e mais ou menos às seis da manhã, durante um pequeno descanso, escutei um breve silvo. Não vi nada e pensei que talvez algum dos helicópteros da Força Aérea, por algum motivo, tivesse aterrizado nas proximidades.”

“Fui rapidamente até o lugar de onde viera o barulho e, ao ultrapassar um monte de pedras que me tirava a visão, vi a uns cem metros de distância um objeto muito raro pousado na plantação. Fiquei indignado e acelerei o passo...”

“Mas conforme avançava em direção ao suposto helicóptero, compreendi que ‘aquilo’ não era helicóptero algum...”

“Parecia uma bola de rugbi do tamanho de um carro ‘Dauphine’.”

“Que estranho! – pensei. Mas continuei caminhando.”

“Junto ao ‘ovo’ havia dois homens, ou melhor, dois ‘meninos’. Pelo menos foi a primeira impressão que tive. E que faziam eles em minha plantação com um aparelho tão raro?”

“Mentalmente, logo reconheci que não podiam ser crianças...”

O camponês chegou a uns dez metros de distância e, segundo suas próprias palavras, os dois seres estavam ligeiramente agachados e observavam com grande curiosidade uma das plantas de alfazema. Um lhe dava as costas e o outro se encontrava de frente.

“...E quando cheguei a uns oito metros deles” – continuou a testemunha – “o indivíduo que estava de costas para mim me viu. Os dois se levantaram, e aquele que estava de costas levantou a mão direita e me mostrou um pequeno objeto. A partir desse instante não consegui mais me mexer. Fiquei petrificado, mas via, sentia, escutava...”

“Aquele ente colocou rapidamente o objeto numa espécie de ‘cartucheira’ que levava na cintura e ali ficaram, de frente para mim, como se discutissem.”

> Como eram os ‘meninos’?
> - Bem, não eram meninos, isso ficou muito claro. Tratava-se de ‘homenzinhos’ de um metro ou um pouco mais de altura. Tinham as cabeças grandes, desproporcionais em relação ao corpo. Vestiam um macacão azul escuro com um tipo de estojo dos lados. O da direita mais volumoso que o da esquerda.
> Sua pele era lisa e de um tom bastante similar à dos europeus. Não possuíam pálpebras e os olhos eram como os nossos; mas como bocas apenas vi um simples buraco redondo. Não tinham queixo e nem cabelos na cabeça,, que parecia sair diretamenete dos ombros, sem pescoço.
> O resto do corpo aparentava ser normal: braços, pernas, etcétera. Como já lhe disse, durante algum tempo aqueles dois seres davam a impressão de discutir entre si, emitindo um som gutural totalmente incompreensível para mim...

E ainda eu não pudesse mexer nem a cabeça, não tive medo. Eles me proporcionavam uma grande tranqüilidade.
Após alguns minutos, subiram agilmente no aparelho. Primeiro ajudando-se com a mão direita, depois com ambas. Uma vez no interior do objeto, uma porta de correr se fechou de alto a baixo, como se fosse uma porta de um arquivo.
A 'bola de rugbi' tinha em sua parte superior algo parecido com uma cúpula transparente e, ali, os seres apareceram de novo.
O senhor continuava imóvel?
Completamente.
E o que aconteceu?
Depois o aparelho, de quase três metros de altura, emitiu um ruído surdo; elevou-se a um metro do solo e começou a deslocar-se em direção às colinas. Os dois estranhos seres permaneceram o tempo todo me olhando.

"Quando aquela coisa já percorrera uns trinta metros, tomou uma velocidade assombrosa e o perdi de vista em décimos de segundo."

"E ali fiquei eu, totalmente paralisado, por mais uns dez ou quinze minutos. depois voltei à normalidade."

"Ao conseguir aproximar-me do local onde estivera o 'ovo' observei uma escavação pouco profunda e de um metro e vinte de diâmetro. No centro havia um buraco cilíndrico de uns 18 centímetros de diâmetro e 40 de profundidade, e quatro sulcos rasos de 8 centímetros de largura e 2 metros de comprimento".

"Esses sulcos formavam uma cruz cujo centro geométrico passava por aquele buraco".

Ninguém consegue explicar o motivo, mas a alfazema só voltou a crescer naquele lugar dez anos depois.

Enfim, os casos de paralisação são intermináveis. Para nós que investigamos a presença de OVNI em nosso mundo, fica evidente que esses tripulantes dispõem de oportunos sistemas para evitar que os humanos se aproximem de suas naves ou, simplesmente, para "congelar" a capacidade de movimento dos intrusos.

Até, como nos casos citados, a entrada voluntária ou não das testemunhas numa determinada área, próxima aos veículos espaciais, pode afetá-las provocando-lhes paralisia ou sintomas de desmaio, tonturas, etc.

Os campos magnéticos ou eletromagnéticos produzidos por esses objetos à sua volta, como se fosse um "escudo" ou "colchão" protetor, causam freqüentes alterações nos motores de carros, motos, etc., assim como nos circuitos elétricos ou eletrônicos, telas de televisão, ondas de rádio e um enorme etcétera.

Os casos na ufologia são praticamente incontáveis.

Supondo-se que há dois mil anos esses veículos existissem, tudo me leva a crer que o influxo dos campos de força da nave ou naves espaciais que se encontravam perto da gruta onde Jesus estava a ponto de nascer poderia ter ocasionado essas mesmas reações.

Como não havia sistemas elétricos ou motores, essa ação, puramente artificial, foi sentida apenas nos seres vivos ou e tudo o que estivesse em movimento.

Além disso, a descrição do apócrifo Tiago traz outro "detalhe" altamente significativo:

Segundo o autor, "a totalidade dos homens dos arredores tinha seus rostos voltados para cima".

Mas, por quê?

Aquela paralisação total, em minha opinião, tinha de ser precedida, pelo menos durante alguns décimos de segundo, por aquele gesto coletivo de “olhar para cima”.

E assim ficaram.

Mas torno a perguntar: por que precisamente com os rostos voltados para cima?

A resposta mais lógica só pode ser esta: porque lá em cima, no céu, havia algo que chamara a atenção de todos os camponeses e pastores que se encontravam por ali naquele momento. Elementar...

E o que poderia haver no céu que chamasse a atenção de todos ao mesmo tempo e que, quase imediatamente, os paralisasse?

Para mim, a solução é fácil:

Uma ou várias naves. As maravilhosas e já familiares “colunas de fogo”, também chamadas a “glória de Yaveh” ou “o anjo do Senhor”...

E exatamente nessa descrição, cuja origem remota a quase 2.000 anos, surge ante mim uma nova prova da presença de “astronautas” e de “veículos siderais” nos tempos bíblicos.

Se fosse apenas um simples relato literário “mais ou menos fantástico”, como diriam os teólogos, como o autor teria conseguido fazer uma perfeita descrição do que hoje, e só hoje, 20 séculos depois, interpretamos como uma paralisação física? E por que esse autor faria coincidir a paralisação geral de homens, pássaros, etc., com o gesto dos trabalhadores de “olhar para o alto”?

Suponhamos que o genial Maneta de Lepanto tivesse testemunhado a aterrizagem de um helicóptero, do qual tivesse descido vários pilotos com emblemas e bandeiras dos Estados Unidos. E que esses militares pertencessem ao século XXI.

Continuemos supondo que Cervantes descrevesse a cena com todo o luxo de detalhes, adaptando, naturalmente, o que vira à sua linguagem e conceitos próprios de uma época em que o ser humano ainda não podia voar.

Para nós, homens do século XX, que não conhecemos nem descobrimos ainda a técnica para viajar ao passado ou ao futuro, as formidáveis descrições do helicóptero, das bandeiras americanas e dos pilotos nos encheriam de assombro, mas não admitiríamos o fato como um acontecimento real.

Uns falariam de casualidade. Outros, de premonição, de profecia, de admirável “gênero literário”...

A Gruta Permanentemente Iluminada

Segundo o Evangelho Apócrifo de Tiago, os “anjos” provavelmente esperaram que José se afastasse da gruta onde entrara Maria para assistir o grande instante.

Mateus, também em seu texto apócrifo, dá força a essa idéia quando diz:

Já fazia um tempo que José saíra à procura de parteiras. Mas quando voltou à gruta, Maria já parira o infante. E disse a ela:

“Aqui te trago duas parteiras: Zelomi e Salomé. Mas ficaram na porta da gruta, não se atrevendo a entrar pelo excessivo resplendor que a inundava”.

Creio que chegamos a outra fascinante interrogação:

Que era e, sobretudo, de onde provinha esse “excessivo resplendor” que inundava a gruta?

Mateus, quando descreve a entrada da Virgem na gruta subterrânea, procura deixar bem claro que o Sol nunca entrara na mesma. E por uma razão muito simples, porque aquele vão, possivelmente natural, configurava-se de tal maneira que a luz não podia chegar a seu interior.

"Mas, no mesmo instante em que entrou Maria" – continua Mateus – "o recinto se inundou de resplendores e ficou todo refulgente, como se o Sol se encontrasse lá dentro. Aquela luz divina deixou a gruta como se fosse meio-dia. E enquanto Maria esteve lá, o resplendor não faltou nem de dia nem de noite".

O relato de Tiago também coincide com o de Mateus nessa tão enigmática e potente luz:

"Ao chegar ao lugar da gruta pararam (refere-se a José e à parteira) e viram que esta estava sombreada por uma nuvem luminosa. E a parteira exclamou: Hoje minha alma foi engrandecida, porque meus olhos viram coisas incríveis, pois nasceu a salvação para Israel".

"De repente" – prossegue o Evangelho Apócrifo – "a nuvem começou a retirar-se da gruta e de dentro dela brilhou uma luz tão grande que nossos olhos não puderam resisti-la. Ela, em seguida, começou a diminuir até que o Menino apareceu..."

Talvez Tiago já nos dê a chave ao referir-se a essa "nuvem luminosa" que estava sobre a entrada da gruta.

E a "nuvem" aparece de novo...

Se analisarmos a passagem detidamente, notaremos que a "nuvem" em questão "sombreava a gruta". Sinal inequívoco de que os fatos transcorriam à plena luz do dia; caso contrário, não haveria sombra sobre a terra...

Mas o autor sagrado a classifica como "luminosa". Como, se geralmente as "colunas" ou "nuvens" de fogo só apareciam durante a noite?

Para mim, a possível explicação surge com idêntica clareza.

Se era de dia, o Sol devia cair em cheio sobre a nave. Os dados obtidos hoje pela Ufologia nos dizem que os OVNI's observados a pleno Sol brilham ou refletem a luz extraordinariamente. Segundo a maioria dos que os viram, suas fuselagens resplandecem ao Sol como o aço inoxidável ou outro metal bem polido.

Essa é uma das explicações, mas obviamente também pode ter ocorrido que a nave em si emitisse luz naquele momento...

Não seria o primeiro caso na já ampla casuística OVNI.

Seja como for, o importante é que a nave, sem dúvida em forma de nuvem, colocara-se sobre a gruta. E por que?

Ao começar a retirar-se da gruta, diz Tiago, as testemunhas puderam contemplar como do interior da mesma saía luz. Uma luminosidade tão extrema que "nossos olhos não puderam resistir."

Quantos casos já não investiguei até agora em que as testemunhas da passagem ou aterrizagem de OVNI's me falaram "daquela extraordinária luz que o objeto desprendia e que lhes permitia enxergar como se fosse de dia..."

Dezenas de pessoas repetiram que a luminosidade era tão intensa que chegava a ferir-lhes os olhos.

E eis que dois escritores de há quase dois mil anos falam do mesmo fenômeno. Pura casualidade?

O espetáculo deve ter sido tão inédito para José e as parteiras que, como afirma

Mateus, preferiram ficar do lado de fora, com medo de semelhante resplendor.

E ainda que o autor sagrado não se tenha referido a ele, acredito que o carpinteiro também deve ter "tropeçado" com algum problema quando decidiu entrar na gruta...

O Parto

Como será que realmente aconteceu o nascimento de Jesus?

Nem os evangelistas "oficiais" nem os que nos deixaram os textos apócrifos fornecem dados concretos para estabelecer a "mecânica" do mesmo. E a Igreja, com seu prudente critério, dá um belo tapa no assunto, deixando-o envolto em mistério. Mais um...

Eu, de minha parte, sinto-me com forças para mergulhar nesse mistério.

Guardando a devida distância, vem a ser como questionar a Medicina atual sobre os processos ou mecanismos clínico-cirúrgicos que imperarão na especialidade ginecológica daqui a quinhentos ou mil anos.

Que mãe do século XV poderia imaginar que, cinco séculos mais tarde, os partos seriam...sem dor?

Uma afirmação dessas feita em plena Inquisição ter-me-ia conduzido, sem alternativa, à fogueira.

Que posso supor que aconteceu durante aquelas horas tensas dentro da gruta?

Por que aquela nave espacial se aproximou? Por que o interior da gruta foi inundada de luz? De onde nascia aquela luminosidade?

Apenas uma idéia, quase um pressentimento, toma meu coração: é possível que, chegado o momento, a "equipe" de "astronautas" tenha descido materialmente à terra e até entrado no lugar onde se encontrava a jovem Maria. E que, de uma forma que nem sequer podemos suspeitar, contribuíram ou ajudaram no parto.

Que técnica utilizaram? É possível que nenhuma, que o parto em si fosse realmente "milagroso", no mais literal dos sentidos.

Também é possível que deus, mais uma vez, se servisse da mais complexa e depurada Ciência para tornar realidade o nascimento de seu "Enviado".

Como sabê-lo? Como saber se a Virgem sofreu as mesmas dores que outras mulheres?

No Apócrifo Liber de Infantia Salvatoris encontrei algumas passagens que deram um raio de luz sobre a forma que talvez se tenha produzido o grande acontecimento:

"...e a parteira entrou na gruta. Parou ante a presença de Maria. Depois que esta consentiu em ser examinada pelo espaço de horas, exclamou a parteira e disse a grande voz:

Misericórdia, Senhor e Deus grande, pois jamais se ouviu nem se viu nem pôde caber em suspeita humana que uns peitos estejam tão cheios de leite e que um menino recém-nascido denuncie a virgindade da mãe. Virgem concebeu, virgem deu à luz e continua sendo virgem".

Diante da demora da parteira, José entrou na gruta. Veio então aquela a seu encontro e ambos saíram, encontrando Simeão (um dos filhos de José) de pé. Este lhe perguntou:

"Senhora, como está a donzela? Tem alguma esperança de vida?"

Ela lhe disse:

"Do que falas, homem? Senta-te e te contarei uma coisa maravilhosa".

E elevando os olhos ao céu, disse a parteira com voz clara:

"Pai onipotente, por que motivo me coube a sorte de presenciar tamanho milagre, que me enche de estupor? Que fiz para ser digna de ver teus santos mistérios, de maneira que fizesses vir tua serva naquele precisomomento para ser testemunha das maravilhas de teus bens? Senhor, que tenho de fazer? Como poderei narrar o que meus olhos viram?"

Simeão lhe disse:

"Rogo-te que me dês a conhecer o que viste".

A parteira lhe disse:

"Não te ocultarei nada, já que é um assunto pleno de bens. Assim, pois, presta atenção às minhas palavras e guarda-as em teu coração".

"Quando entrei para examinar a donzela encontrei-a com a face voltada para cima, olhando o céu e falando consigo. Eu creio que estava em oração e abençoava o Altíssimo. Quando cheguei até ela, lhe disse:

'Diz-me, filha, por acaso não sentes alguma moléstia ou tens algum membro dolorido?' Mas ela continuava imóvel olhando para o céu, como uma sólida rocha e como se nada ouvisse."

"E naquele momento pararam todas as coisas; silenciosas e atemorizadas: os ventos deixaram de soprar, não se moveu folha alguma das árvores, nem se ouviu o ruído das águas; os rios ficaram imóveis e o mar sem ondas; calaram as nascentes das águas e cessou o eco de vozes humanas. Reinava um grande silêncio. Até mesmo o pólo abandonou desde aquele momento seu vertiginoso curso. As medidas das horas quase já tinham passado. Todas as coisas tinham sucumbido ao silêncio, atemorizadas e estupefatas. Nós esperávamos a chegada do Deus alto, a meta dos séculos".

"Depois,, quando chegou a hora, saiu a virtude de Deus. E a donzela, que olhava fixamente para o céu, converteu-se numa criança, pois já ia adiantado o cúmulo dos bens. E assim que saiu a luz, a donzela adorou Aquele a quem reconheceu ela mesma ter parido. O menino lançava de si resplendores como o Sol. Estava limpíssimo era gratíssimo à vista, pois só Ele apareceu como a paz que tudo apazigua..."

"Aquela luz se multiplicou e com seu resplendor escureceu o fulgor do céu, e esta gruta se viu inundada de uma intensa claridade...

"Eu, por minha parte, fiquei cheia de estupor e de admiração e o medo se apoderou de mim, pois tinha minha vista fixa no intenso resplendor que despedia a luz que tinha nascido."

"E essa luz pouco a pouco se foi condensando e tomando a forma de um menino, até que apareceu um infante, como costumam ser os homens ao nascer."

"Eu, então tomei coragem: inclinei-me, toquei-o, levantei-o em minhas mãos com grande reverência e me enchi de espanto ao ver que tinha o peso próprio de um recém-nascido. Examinei-o e vi que não tinha a mínima sujeira, seu corpo todo era nítido, como acontece com o orvalho do Deus Altíssimo; era leve de peso e radiante à vista."

"...Quando peguei o infante – prossegue explicando a parteira – vi que tinha o corpo limpo sem as manchas com que costumam nascer os homens, e pensei comigo mesma que talvez tivessem ficado outros fetos na matriz da donzela. Pois é coisa que pode acontecer às mulheres no parto, e o que pode causar perigo e desfalecimento".

"E imediatamente chamei José e coloquei o menino em seus braços. Depois aproximei-me da donzela, toquei-a, e comprovei que não estava suja de sangue."

"Como contá-lo? Que direi? Não atino. Não sei como descrever uma clareza tão grande do Deus vivo..."

Nenhum Resto De Sangue

Prescindindo da quantidade de exclamações mais ou menos poéticas da parteira, e que sem dúvida se devem ao entusiasmo ou fervor do autor sagrado, o texto em si, supondo-se que registre a verdade, coloca alguns detalhes interessantes:

Por exemplo, a parteita fica logicamente aterrorizada ao comprovar que nem o menino nem a mãe têm marcas de sangue e dos fluxos próprios a todo parto.

Como teria acontecido?

Como os peitos de Maria já estavam repletos de leite, se o parto praticamente acabara de acontecer?

E o mais curioso:

Por que a parteira fala de uma “luz que pouco a pouco se foi condensando e tomando a forma de um menino”?

O Evangelho Apócrifo de Mateus e o de Tiago coincidem na falta de manchas de sangue, nos peitos cheios de leite e, obviamente, na virgindade da jovem. E outra vez sob a “camuflagem” de milagre, surge outra pergunta não menos suspeita:

Que realmente aconteceu com a mão de uma das parteitas? Por que Mateus diz que ficou seca assim que tocou a vagina de Maria?

Eis aqui o texto desse apócrifo:

A outra parteira, chamada Salomé, ao ouvir que a mãe continuava virgem apesar do parto, disse: “Jamais acreditarei no que ouço, se eu mesma em pessoa não o comprovar”.

E aproximou-se de Maria, dizendo-lhe: “Deixa-me palpar-te para ver se é verdade o que acaba de dizer Zelomi”. Maria concordou, e Salomé estendeu a mão, mas esta ficou seca assim que a tocou. Então a parteira começou a chorar convulsivamente...”

Tiago é mais explícito e afirma que a mão da parteira ficou carbonizada.

Que na verdade aconteceu?

Sem querer, vem-me à memória um fato igualmente misterioso, registrado precisamente no instante da ressurreição de Jesus de Nazaré e que os técnicos da NASA demonstraram recentemente que apenas foi uma radiação emitida pela totalidade do cadáver do Nazareno.

Uma radiação ou energia desconhecida pela tecnologia do homem, mas que deixou impressa as marcas do corpo de Jesus no célebre Santo Sudário conservado em Turim.

Pode ter ocorrido algo parecido naquele momento, igualmente decisivo, no nascimento do “Enviado”? Será que aquela “luz” que a parteira viu deixou algum tipo de radiação no baixo ventre de Maria? Foi isto que provocou acidentalmente a queimadura na mulher incrédula?

Não consigo acreditar que fosse a “maldade” ou a dúvida pertinente de Salomé o que lhe provocou a carbonização da mão...

Para aquela, e para todas as parteiras do mundo, teria sido um acontecimento singular comprovar com seus próprios olhos, como uma mulher dá à luz um bebê e não apresenta manchas de sangue. Nem ela nem o menino.

Considero esse último assunto muito mais importante que a conservação da virgindade pois – conforme os atuais critérios médicos – essa insólita limpeza é muito mais difícil que a não ruptura do hímen. Já houve casos em que a mulher conservou a virgindade após o parto, e isso nada tem de milagroso ou sobrenatural. Simplesmente a natureza de alguns hímens – membrana que fecha o cônduto vaginal e, portanto, prova

evidente de virgindade – é suficientemente elástica ou resistente para dilatar-se ao máximo e permitir a passagem do recém-nascido. Depois de parir, essa membrana retoma suas dimensões naturais e ninguém diria que aquela mulher foi mãe.

Ignoro se foi o caso de Maria. Talvez não. Possivelmente a “técnica” usada pela “equipe” foi tão perfeita, maravilhosa e desconhecida, tanto para os israelitas quanto para nós, que dificilmente poderíamos assimilá-la.

Do que não há dúvida é que os “astronautas” outra vez estiveram muito perto.

Bem perto para proporcionar àquela gruta subterrânea a iluminação necessária àquele momento.

Bem perto para imobilizar todos os seres vivos que se encontravam nas redondezas.

E por que não? Bastante perto para atender a jovem na hora do parto. É Mateus quem afirma em seu Evangelho Apócrifo:

“Finalmente deu à luz um menino, a quem no momento de nascer rodearam os anjos...”

Tão perto e preocupados com a segurança do menino e da mãe para que uma “voz” dissesse a Salomé quando saía da gruta:

“Salomé, Salomé, não digas as maravilhas que viste até que o Menino chegue a Jerusalém”.

Uma medida muito prudente se, como já disse, levarmos em conta a existência do cruel Herodes e dos fatos que estavam a ponto de acontecer com a chegada dos reis Magos...

Era normal que os “astronautas”, indubitavelmente satisfeito com o êxito da chegada do “Enviado”, não quisessem remover do lugar Maria, José e o recém-nascido, até que não tivessem transcorrido os acontecimentos que, necessariamente, deveriam ocorrer.

Os Ginecologistas Não Sabem O Que Pensar

Consultei médicos de prestígio. Ao concluir a leitura dos apócrifos não quis ficar na pura especulação. Desejava escutar a voz da Ciência. Que a medicina atual pode acrescentar ao subjugante mistério?

Quase na sua totalidade, os ginecologistas a quem interroguei contemplaram-me com assombro. Tanto os crentes quanto os indiferentes ou ateus.”Como pode ter sido o nascimento de Jesus? Deveria fazer essa pergunta aos teólogos...” Mas naturalmente, os exegetas não têm resposta. Quando os procurei, os mais dignos representantes do Magistério da Igreja encolheram os ombros e com um sorriso benevolente me aconselharam a que não me “metesse em confusões”.

Os médicos, muito mais humildes, pelo menos tentaram satisfazer a curiosidade que fervia em minha mente...Tratarei de resumir as muitas horas de diálogo com esses especialistas:

> Praticamente a totalidade dos ginecologistas consultados respondeu afirmativamente à possibilidade de que uma mulher possa conceber sem perder a virgindade. É difícil, mas não impossível.
>
> Até agora a medicina atual não conhece outros métodos para fecundar o óvulo feminino afora os estritamente naturais, a inseminação artificial in vitro e os

experimentais de punção ou estimulação ácida ou elétrica. estes últimos não obstante, não conduzem a um desenvolvimento embrionário normal.

Em relação aos partos, a ginecologia de 1980 reconhece e pode comprovar que em determinadas circunstâncias, não freqüentes, uma mulher pode dar à luz e continuar virgem. Tudo depende da elasticidade da membrana que fecha o canal vaginal, denominada "hímen."

Os cientistas manifestaram a possibilidade de que em determinados partos, nos quais o períneo cede de forma natural e durante um tempo prolongado, não se produza derrame de sangue.

Se nos partos de hoje em dia acontecem hemorragias ou perdas normais de sangue, isso se deve, fundamentalmente, à rapidez com que se praticam e à necessidade de rasgar os tecidos. No passado, sem a pressa que caracteriza nossos dias, a preparação para o parto podia durar até dois ou três dias. Há 40 ou 50 anos, por exemplo, o parto em si podia durar de 10 a 12 horas. Atualmente, e pelas razões que todos conhecemos, dura entre 4 a 6 horas.

O que parece praticamente impossível é que a criança nasça limpa. Os líquidos e secreções que o cobrem e protegem no ventre materno não são eliminados durante o parto.

Um parto que fuja a esses parâmetros só poderia ser assimilado pelo homem com base em uma ciência ou tecnologia superiores e ainda desconhecidas ou pela via do "milagre". Ou seja, acima das leis físicas conhecidas.

Três "Técnicas"..."Milagrosas"

O julgamento da Medicina sobre o espinhoso problema não pode ser mais prudente.

E em boa medida compartilho esses critérios. Considero um parto como "natural",desde que a criatura venha ao mundo segundo os padrões da natureza. Mas creio que esse não é o caso de Jesus. Os Evangelhos coincidem no fato de que o Filho de Deus feito Homem foi parido de forma misteriosa.

E sem querer deslizamos novamente à origem do problema:

Era um parto "milagros" ou "misterioso" porque as pessoas simples de há 20 séculos não podiam entender, como comparação, técnicas cirúrgicas como as nossas? Ou foi um parto "sobrenatural", no sentido literal da palavra? Ou seja, "acima das leis naturais"...

Certamente não tenho a resposta. É o que eu mais desejaria!...

Mas farei outra coisa: vou depositar no coração do leitor uma nova incógnita. E para isso me servirei de três fatos reais e concretos:

Um: Parece que em alguns centros hospitalares dos Estados Unidos se trabalha na pesquisa de um laser que em boa parte poderia substituir as parteiras e até o médico.

Se a experiência tiver continuidade, não demoraremos muito em ver em nossos hospitais um laser especial que, em segundos, abra o ventre da futura mãe. A criança é extraída totalmente limpa e esse mesmo raio fecha e cauteriza a ferida, sem deixar nenhuma cicatriz! A operação pode durar menos de cinco minutos!

Dois: Em muitas clínicas já se utiliza a chamada "vigilância eletrônica". A

Maternidade Baudeloque, em Paris, foi uma das primeiras a utilizar essa nova descoberta. A mortalidade infantil diminui nos países ocidentais, mas não ocorre o mesmo com as crianças anormais. Cada vez nascem mais. E parece que uma das causas primárias são os partos difíceis. Pois bem, através da "vigilância eletrônica", os médicos dispõem da necessária informação para saber "se o bebê pode ou não sofrer antes e durante o parto". Para isso colocam sobre o ventre da mãe um pequeno aparelho detector do qual pende um cabo eletrônico, unido diretamente a uma máquina que registra os dados, onde médicos especialistas observam as fitas magnéticas, os gráficos, as telas e todas as informações que chegam através do cabo. Passo a passo e minuto a minuto, eles sabem como se desenvolverá o parto.

A informação mais importante é sobre o ritmo cardíaco do feto. Se aparecem sintomas de insuficiência cardíaca, a intervenção dos médicos pode ser decisiva para salvar a vida do pequeno.

Já se sabia há tempo que a criança pode sofrer no ventre materno, mas o que não se conhecia eram as causas nem a intensidade desse sofrimento.

Durante as contrações da mãe, a circulação do sangue na placenta pára e o feto fica momentaneamente sem oxigênio. Se essa situação se prolonga por alguns segundos a mais, o bebê corre o perigo de sofrer uma lesão cerebral irreversível. A experiência realizada com duas macacas demonstrou que se essa chamada "anoxia" dura seis minutos as células do cérebro se destróem totalmente, mas o coração não sofre nenhuma lesão.

O novo "robô" para a "vigilância eletrônica" pode remediar esse grave risco, além dos da compressão do cordão umbilical, RH, posição errada do feto, etc.

Três: Os hospitais e clínicas particulares dos países mais avançados já possuem sofisticados aparelhos de ultra-som, para diagnósticos em obstetrícia e ginecologia. graças a eles os médicos podem "ver" nas telas bidimensionais o desenvolvimento, posição, anomalias e características do feto.

Pois bem, em vista dessas três fontes concretas da ginecologia moderna, pergunto ao leitor:

Como teriam sido classificadas essas técnicas e sistemas científicos nas épocas de Abraão, Herodes o Grande, Carlos Magno, São Tomás de Aquino, Alfonso X o Sábio, Calvino ou Benedito XV?

Falariam de "milagre", de "mistério" ou de "intervenção sobrenatural"?...

Uma Mudança Tridimensional Instantânea?

Como reagiríamos se um grupo de cientistas da Terra anunciasse ao mundo a descoberta das "mudanças tridimensionais"?

Há pouco tempo, estudei um informe dos supostos habitantes de um planeta supostamente localizado nas imediações da estrela "Wolf 424", a uns 14 anos-luz da Terra. Como já terão adivinhado os conhecedores da Ufologia, tratava-se de "Ummo".

Esse "informe" fala de como fazem desaparecer suas naves, e diz textualmente:

"Um observador que se encontre a uma distância não excessiva pode perceber a aparente 'aniquilação' instantânea de uma astronave desse tipo. Os motivos dessa pseudodesaparição podem ser dois:

"Como reiteramos em páginas precedentes, no instante em que todos os 'ibozoo uu' (modelo de entidade física elementar) correspondentes ao recinto limitado pela 'itooaa' (zona exterior que envolve suas naves) mudam de eixos (dimensão) no marco

tridimensional em que está situado o observador, toda a MASSA integrada nesse recinto deixa de possuir existência física. Não é que essa massa seja 'aniquilada', já que o seu substrato é constituído pelos 'ibozoo uu' ou, dito de outra forma, a 'MASSA' se interpretará como uma 'dobradura' do urdume dos ibozoo uu. Nossa física – prosseguem os supostos 'ummitas' – interpreta esse fenômeno como se a orientação dessa depressão ou dobradura das entidades constitutivas do espaço mudasse de sentido, incapacitando os órgãos sensoriais ou instrumentos físicos do observador de captar essa mudança.

"Nesse instante, to o vazio no recinto é absoluto. Nem uma só molécula gasosa nem qualquer partícula sólida ou líquida, e nem sequer uma partícula subatômica (próton, neutrino, fóton,, etc) pode localizar-se probabilisticamente nesse recinto. Falando na linguagem dos senhores:

"A função de probabilidade é nula em to. Mas essa situação instável dura uma fração infinitesimal de tempo. O recinto se vê invadido consecutivamente por 'iboayaa' (quantum energético), ou seja, propagam-se em seu seio campos eletromagnéticos e gravitacionais de diferentes freqüências, sendo imediatamente atravessado por radiações iônicas e no final se produz uma 'implosão' quando o gás interior se precipita no vazio deixado pela estrutura desaparecida. Esta 'implosão' é a explicação para as 'detonações' ou 'trovões' que alguns observadores de OVNI's irmãos terrestres seus acreditaram perceber em alguma ocasião após a aparente desaparição do veículo".

Em minha opinião, esse documento pode nos dar uma "pista" sobre um futuro conjunto de métodos científico-tecnológicos para "viajar" pelo espaço e – por que não? – "fazer desaparecer" qualquer corpo (líquido, sólido ou gasoso ou todos eles ao mesmo tempo) e tornar a "recompô-lo" ou "materializá-lo" em outro lugar.

Se a Ciência humana algum dia chegar a tal grau de perfeição, a "mudança tridimensional", instantânea e espontânea de um feto, por exemplo, se tornaria uma brincadeira. Momentos antes do parto, essa tecnologia superior poderia mudar os "eixos" de todas e cada uma das partículas do bebê, fazendo-o pular para "fora" da mãe e "materializando-o" após alguns segundos.

Suponho que seria necessário encontrar uma solução para o "vazio" do qual fala o "informe" de "Ummo" e que, pelo que parece, fica no lugar onde "estava" o corpo "aniquilado".

Ainda que hoje esse sistema seja puramente hipotético, quase ficção científica, não estaremos colocando uma dúvida igual à que poderiam ter sentido os Cavaleiros da Távola Redonda se, na época, alguém tentasse explicar-lhes o funcionamento de um porta-aviões ou de uma câmara fotográfica?

Talvez o "transporte" da totalidade de uma massa de um marco tridimensional a outro e se posterior "retorno" ao primeiro pudesse explicar essa misteriosa frase da parteira do Evangelho Apócrifo:

Eu, por minha parte, fiquei cheia de estupor e de admiração e o medo se apoderou de mim, pois tinha minha vista fixa no intenso resplendor que despendia a luz que tinha nascido.

E essa luz pouco a pouco se foi condensando e tomando a forma de um menino, até que apareceu um infante, como costumam ser os homens ao nascer.

Será que essa forma de "nascer" não se aproxima maravilhosamente à onipotência divina?

Alguém pode usar o argumento de que "é contra a natureza". Possivelmente, mas contra as vias que nós interpretamos como "naturais". E quem pode jurar que essa

mudança de dimensões não seja também outra das infinitas "vias" da Natureza? Uma Natureza, claro, à qual nem sequer temos acesso.

Durante séculos, a média de vida de um homem normal foi de 40 ou 45 anos, às vezes até menos. Hoje essa esperança de vida já se fixa nos 70 ou 80 anos. Quais os que mais violentam ou violentaram a Natureza: os homens da Idade da Pedra, que podiam aspirar viver 20 ou 30 anos no máximo, ou nós, com 70 ou 80? Possivelmente nem uns nem outros...

Que podemos pensar, portanto, de uns "astronautas" capazes de locomover-se há 2 mil anos em naves siderais e cujos lares podiam encontrar-se nos remotos confins do nosso Universo ou de outros "paralelos"?

Quem atirará a primeira pedra da dúvida sobre suas possibilidades tecnológicas?

E se alguém ainda duvida da presença dessas naves há 2.000 anos, vejamos no capítulo seguinte o que nos contam os espantosos apócrifos.

Uma Nave Guiou-os Desde A Pérsia

Ao conhecer os textos apócrifos confirmei plenamente minhas suspeitas sobre a famosa "estrela" de Belém.

Se após ler Mateus e Lucas no Novo Testamento já estava quase certo de que aquela "estrela" não podia ser o que astronômicamente e cientificamente hoje conhecemos por estrela, ao dar com os textos apócrifos, como já disse, minhas dúvidas desapareceram por completo.

O leitor deve lembrar-se de que, entre outras coisas, o Evangelho de Mateus diz o seguinte sobre a "estrela":

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo".

Ouvindo isto, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e deles indagou onde havia de nascer o Cristo...

E Mateus prossegue:

Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido...

Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar ao lugar onde estava o menino, e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria...

O Outro Testemunho de Mateus

E que diz o Evangelho Apócrifo atribuído a Mateus? Eis algumas passagens importantes:

Alguns pastores também afirmavam que viram, mais ou menos à meia-noite, alguns anjos que cantavam hinos e abençoavam com louvores ao Deus do céu. Anunciavam que nascera o Salvador de todos, Cristo Senhor, por meio do qual viria a restauração de Israel.

Mas, além disso, havia uma enorme estrela que expandia seus raios sobre a gruta desde a manhã à tarde, sem que nunca, jamais, desde a origem do mundo, se houvesse avistado um astro de semelhante magnitude. Os profetas de Jerusalém diziam que essa estrela era o sinal de que o Messias nascera e que deveria cumprir a promessa feita não só a Israel, mas também a todos os povos.

Antes de continuar esse apócrifo, creio que vale a pena refletir sobre dois extremos do mesmo.

Por um lado, Mateus coincide com o texto de Lucas sobre aqueles pastores "que vigiavam e guardavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite" (Lucas, 2,8-14).

Pela enésima vez, "um anjo do Senhor apareceu-lhes" – segue o evangelista – "e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor..."

O único evangelista "oficial" que fala dos pastores ao relento e da "mensagem" que os "astronautas" lhes deram é Lucas. Para dizer a verdade, sempre o considerei bom e até normal. Mas as coisas se complicam quando se vasculham os textos históricos da época e se contempla o grande "plano" em toda sua dimensão. Vejamos por que:

Não me parece racional que os "astronautas" descessem aos currais onde deviam descansar os pastores. A "equipe", grande conhecedora do povo "eleito", tinha de saber que esse trabalho se incluía na "lista negra" das profissões israelitas...

Numa medida ampla, a pureza de origem fora determinando a posição social do judeu na comunidade de seu povo; mas também havia circunstâncias,independentes da origem, que o manchavam aos olhos da opinião pública. Refiro-me, sobretudo, a uma série de profissões e trabalhos considerados "desprezíveis", que rebaixavam socialmente a quem os exercia. Os judeus até elaboraram listas sobre os mesmos. Vejamos as quatro "listas negras", de acordo com os escritos rabínicos Qiddushin IV, Ketubor VII, Qiddushin 82ª. e Sanhedrin 25b., respectivamente:

"Cuidador de asnos, Cameleiro, Marinheiro, Cocheiro, Pastor, Vendedor, Médico e Açougueiro". (Primeira Lista)

"Recolhedor de excrementos de cachorro, Fundidor de cobre e Curtidor" (Segunda Lista)

"Ourives (fabricante de crivos), Cortador de linho, Moleiro, Bufarinheiro, Tecelão (alfaiate), Barbeiro, Esfolador, Sangrador, Banheiro e Curtidor" (Terceira Lista)

"Jogador de dados, Usurário, Organizador de concursos de pombas, Traficante de produtos do ano sabático, Pastor, Coletor de impostos e Arrendatário de minas" (Quarta Lista)

Outros textos paralelos incluem os bandidos, autores de atos violentos, suspeitos em assuntos de dinheiro, jogadores de azar, etc.

Essa curiosa "lista negra" excluía, por exemplo, os maleiros. Abbá Shaul, que viveu no ano 150 depois de Cristo, cita essas profissões e escreve que são "ocupações de ladrões" e que levam de modo especial "à maldade". Com exceção dos maleiros, a associação dos transportadores ficava quase totalmente incluída nesse "pacote" de trabalhos pouco recomendáveis. E aqueles estavam livres de tamanha "mancha", não porque fossem honrados, mas por serem solicitados para trajetos curtos "podia-se controlá-los mais facilmente..."

Os textos da época de Jesus dizem que os pastores não tinham boa reputação. A experiência provava que, na maioria dos casos, tratava-se de caloteiros e ladrões. Conduziam seus animais a propriedades alheias e, além disso, roubavam parte dos produtos de outros rebanhos. Por isso não se podia comprar deles lã, leite ou cabritos.

"Torna-se difícil dar uma pena justa" – dizia um escrito rabínico – "aos coletores de impostos, pastores e arrendatários, pois não conhecemos a todos que prejudicaram e a quem devem uma reparação..."

As profissões da quarta lista não só eram soberanamente desprezadas, mas também de iure, pois eram consideradas oficialmente ilegais e proscritas. Quem exercia um desses trabalhos, por exemplo, não podia ser juiz e nem testemunha, equiparando-se ao escravo. Em outras palavras, estava privado de todos os direitos cívicos e políticos e, como o bastardo, tinha uma origem gravemente manchada.

Como compreender o fato de que os "astronautas" revelassem o nascimento de Jesus aos pastores, se todo mundo sabia que eram "mentirosos" e "desprezíveis"? Quem acreditaria neles? Por isso não entendo a afirmação de Lucas (2,17-19) quando diz:"...Vendo isto, contaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino. Todos os que os ouviam, maravilhavam-se com as coisas que lhes contavam os pastores."

De duas uma: ou o bom Lucas conta a verdade pela metade, e neste caso as pessoas certamente não teriam dado crédito às afirmações dos pastores; ou o relato mais verossímil seria a do Apócrifo de Mateus que por nenhum momento diz que os anjos comunicaram aos pastores o nascimento de Jesus; o que seria mais lógico. Os pastores podem ter visto as naves e os "astronautas", mas duvido que tenham recebido alguma mensagem deles. Se os tripulantes sabiam desse nulo índice de credibilidade em relação àquela profissão, para que gastar energia comunicando tão boa nova a quem, por princípio, não era respeitado?

Essa "precipitada" comunicação aos homens que guardavam seus rebanhos – como diz Lucas – representaria, além de tudo, outro risco: se Jerusalém ficava a apenas sete ou oito quilômetros de Belém, a notícia do nascimento do novo "rei" de Israel teria chegado ao palácio de Herodes o Grande em poucas horas. Não creio que a "equipe" celestial quisesse que os guerreiros herodianos viessem a inteirar-se do assunto tão rapidamente. Em minha opinião, os "astronautas" devem ter deixado passar algumas semanas ou até mesmo meses antes de dar o "farol verde" para a propagação maciça e oficial da "boa nova". Tudo bem que alguns indivíduos ou testemunhas esporádicas vissem a passagem das naves...

O próprio Apócrifo de Mateus diz que "havia uma enorme estrela que expandia seus raios sobre a gruta de manhã à tarde...Os profetas de Jerusalém diziam que essa estrela era o sinal de que o Messias nascera..."

Era lógico. Se Jesus tinha nascido em uma gruta, no caminho, por exemplo, de Jericó a Belém, outros peregrinos ou viajantes poderiam avistar a "estrela" ou sua fortíssima luz. E a notícia, sem dúvida, chegaria a Jerusalém. É possível que até o próprio Herodes conhecesse o boato, mas se tratava apenas de um estranho "fenômeno", de um "sinal". A preocupante informação do nascimento de um novo "rei" chegou ao tirano com a visita dos "Magos" que procediam de outras terras. E nesse momento, realmente, a angústia de Herodes deve ter aumentado...

Portanto, as mais elementares medidas de segurança devem ter obrigado os "astronautas" a manter sigilo total sobre os acontecimentos. Pelo menos, por uma boa temporada...

Os pastores podem ter presenciado a agitada passagem das naves, com sua luminosidade, mudança de cores, etc. Mas isso é bem diferente de receber a informação...

Em segundo lugar, ainda comentando o Apócrifo de Mateus, que podemos deduzir, especialmente os que investigamos e indagamos o fenômeno OVNI, da descrição dessa enorme e luminosa "estrela" que expandia ou lançava seus raios sobre a gruta?

Onde já se viu uma "estrela" que apareça durante o dia? E como é possível que uma estrela normal, situada a dezenas de anos-luz do Sistema Solar, possa iluminar ou lançar sua luz só sobre uma gruta? Se o Sol – outra estrela – lança seus raios para a metade do mundo, e não em uma parte reduzida, por eu outra estrela, sem dúvida localizada muito mais longe da Terra, conseguiria esse "milagre"?

A descrição desse "fenômeno" se encaixa, e muito bem, nos milhares de casos registrados no mundo todo sobre OVNI's...

Como um autor do princípio de nossa Era pôde descrever tão admiravelmente o que hoje, vinte séculos depois, já foi até fotografado a cores? É evidente que aquele evangelista "apócrifo" não mentia nem inventava. Como poderia suspeitar que milhares de anos mais tarde, outros homens, nós, teríamos provas irrefutáveis da presença de OVNI's nos céus?

E segundo meus cálculos aquela era a segunda "estrela" descrita nos apócrifos. Não nos esqueçamos da primeira que ficou perto da gruta e projetou sua sombra sobre ela pouco antes ou no exato momento do nascimento do Enviado. E não seria a última...

Da Gruta Ao Estábulo?

E o Evangelho Apócrifo de Mateus prossegue assim:

Três dias depois de nascer o Senhor, Maria saiu da gruta e foi para um estábulo. Ali reclinou o menino em um pesebre, e o boi e o asno o adoraram. Então se cumpriu o que fora anunciado pelo profeta Isaías:

"O boi conheceu seu amo, e o asno o pesebre de seu Senhor". E até os mesmos animais entre os que se encontrava, adoravam-no sem cessar. No qual se cumpriu o que previra o profeta Habacuc:

"Dar-te-ás a conhecer no meio dos animais".

E nesse mesmo lugar permaneceram José e Maria com o Menino durante três dias.

Eis aqui uma passagem com a qual também discordo. Se José e Maria saíram da gruta depois de três dias, não me parece sensato que fossem a um estábulo. O normal, principalmente após tal acontecimento, seria que a família prosseguisse seu caminho a Belém. A não ser que os "astronautas" tenham determinado o contrário, e por razões que ninguém pode precisar.

O único motivo em que consigo pensar, e forçando bastante a lógica, é o já expresso sobre a segurança do Menino. Mas se ainda não se propagara sua Divindade, não vejo por que corria risco, nem mesmo em Belém ou Jerusalém. E a prova está em que Maria e José, fiéis cumpridores da Lei, circuncidaram Jesus aos oito dias de seu nascimento...

Mas quem pode saber a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade?

O mesmo apócrifo, mais adiante, reconhece esse fato:

> Ao sexto dia, depois do nascimento, entraram em Belém, e ali passaram também o sétimo dia. Ao oitavo circuncidaram o Menino e lhe deram por nome Jesus,

como o chamara o anjo antes de sua concepção.

> Depois de transcorridos dois anos, vieram a Jerusalém uns magos procedentes do Oriente, trazendo consigo grandes oferendas. Estes perguntaram aos judeus com toda solicitude:
> “Onde está o rei que lhes nasceu? Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”.

Chegou esse rumor até o rei Herodes. E ele ficou tão consternado ao ouvi-lo, que logo avisou aos escribas, fariseus e doutores do povo que lhe informassem onde deveria nascer o Messias segundo os vaticínios proféticos. Eles responderam:

“Em Belém da Judéia, pois assim está escrito: ‘E tu, Belém, terra da Judéia, de maneira alguma és a última entre as principais da Judéia, pois de ti há de sair o chefe que governará a meu povo Israel’”.

Depois chamou os magos e com todo cuidado averiguou com eles quando a estrela lhes aparecera. E com isto, deixou-os ir a Belém, dizendo-lhes:

“Ide e informai-vos com toda a diligência sobre o menino, e quando o encontrarem, avisem-me para que eu também vá adorá-lo.”

> E enquanto avançavam no caminho, a estrela apareceu-lhes de novo, servindo-lhes de guia, até que por fim chegaram ao lugar onde se encontrava o Menino. Ao verem a estrela, os Magos encheram-se de gozo. Depois entraram na casa e encontraram o Menino no colo da mãe.

Então abriram seus cofres e deram a José e Maria enorme quantidade de presentes. Em seguida, cada um ofereceu uma moeda de ouro ao Menino. E, finalmente, o primeiro lhe presenteou com uma oferenda de ouro; o segundo, com uma de incenso, e o terceiro, com uma de mirra. E, como tinham a intenção de voltar a Herodes, receberam durante o sono o aviso de um anjo para que não o fizessem. E, então, adoraram o Menino, transbordando de júbilo, retornando a sua terra por outro caminho.

Os Escribas: Depositários do Esoterismo

E, finalmente, chegamos aos misteriosos “Magos”.

Entre os canônicos, apenas Mateus os cita em seu evangelho. Alguns setores da Igreja Católica hoje negam que essas personagens tenham existido realmente. Mas esses teólogos não dão provas contundentes sobre a suposta falta de rigor histórico do evangelista. O fato de escudar sua incredulidade argumentando que “com certeza nos encontramos perante uma bela lenda oriental” não é científico. Por essa regra de três, também poderíamos estar ante um “conto” ou “metáfora” ou “parábola”, no caso da matança dos inocentes ou na fuga ao Egito ou mesmo na ressurreição de Jesus de Nazaré.

Os teólogos chamam e aceitam essa incongruência sob o pomposo nome de “gênero midráshico” ou “construção haggádica”, ou seja, uma forma ou modo de narrar a história, acrescentando detalhes pitorescos para que deles se destaquem os fatos reais acontecidos.

Obviamente não compartilho esse critério, pois acredito que tanto os “Magos” quanto a “estrela” que os guiou até Belém puderam existir física e historicamente.

A única explicação mais ou menos racional que encontrei nesse sentido por parte da Igreja Católica está na Bíblia Comentada dos professores de Salamanca e que diz textualmente:

"Muitas hipóteses surgiram sobre a estrela que os magos viram. Orígenes, a quem alguns modernos ainda seguem, acredita que fosse um cometa. A teoria atribuída a Kepler já se tornou célebre: seria a conjunção dos planetas Saturno, Júpiter e Marte, que aconteceu em 747 da fundação de Roma. Dificilmente se explicam todas as características da estrela que aparece no texto, como as de uma constelação ou astro natural. Tudo faz supor que se trata de um meteoro luminoso próximo à Terra, disposto ou criado por Deus para esse fim, assim como fez com aquela coluna de fogo que guiava os hebreus pelo deserto quando saíram do Egito".

Evidentemente, Orígenes não era nenhum especialista em Astronomia...

Mas prefiro comentar e dedicar outro capítulo às possíveis "explicações" sobre a "estrela" de Belém.

Por agora não quero soltar o fio dessa – para mim nada sólida – teoria dos Magos e da estrela como um mero conto ou lenda.

Se tal narração fosse um simples "gênero midráshico", como afirmam muitos teólogos e exegetas, como se explica a reunião de Herodes com os escribas, fariseus e doutores do povo?

Chegados a este ponto temos de lembrar a tais críticos o que representavam os escribas no tempo de Jesus.

O único fator de poder dos mesmos baseava-se precisamente em sua "sabedoria". Para ser admitido na corporação dos escribas pela ordenação eram necessários vários anos de estudo regular, e não esqueçamos que, fora os sacerdotes chefes e os membros das famílias patrícias, apenas eles podiam entrar na assembléia suprema, o Sinédrio. O partido fariseu deste, por exemplo, estava integralmente composto por escribas. Mas sua influência e poder no povo não vinham do fato de ter o conhecimento da tradição no campo da legislação religiosa nem dos postos-chaves que ocupavam. Não. Seu prestígio baseava-se num fato quase desconhecido pelos homens do século XX: eram portadores de uma ciência secreta, a da "tradição esotérica".

Essa circunstância, logicamente, desconcertará todos os que hoje em dia atacam ou ignoram o mundo do esoterismo...E a Igreja sempre se distinguiu por essas características.

Vejamos, como exemplo, algumas das sentenças recolhidas pelo Talmud de Jerusalém (Veneza, 1523) e manuscrito de Cambridge: "não se deve explicar publicamente as leis do incesto diante de três ouvintes, nem a história da criação do mundo diante de dois, nem a visão da carruagem diante de um só, a não ser que este seja prudente e de bom senso. A quem considere quatro coisas,mais lhe valeria não ter vindo ao mundo (a saber:em primeiro lugar),o que está acima (em segundo lugar),o que está embaixo(em terceiro lugar),o que era antes (em quarto lugar),o que será depois." Assim, pois, o ensinamento esotérico em sentido estrito tinha por objeto, como também indicam muitas outras testemunhas, "os segredos da maravilha da criação", tal como relata Joaquim Jeremias.

Outra vez a "carruagem de fogo"...Considerada pelos escribas como um grande segredo do esoterismo!

Essa teosofia e cosmogonia transmitem-se privadamente, do mestre ao discípulo mais íntimo. Falava-se com muita suavidade e, durante a discussão da sacrossanta visão da carruagem, cobria-se a cabeça com um véu – assim o narra o escrito rabínico Yebamot – por medo reverencial perante o segredo divino.

Os escribas, enfim, eram os grandes "iniciados", os autênticos depositários da

tradição esotérica. A quem poderia recorrer Herodes o Grande diante de uma emergência tão grave para ele, como a suposta aparição de um "rei" para seu reino? Aos doutores e fariseus, sim, mas, sobretudo, aos escribas.

E precisamente estes lhe disseram o que todos já sabemos: que o Messias nasceria em Belém.

Quem pode considerar esses fatos como pura "lenda" ou "gênero midráshico"? E se a própria "carruagem de fogo" figurava nos escritos e tradições orais como algo absolutamente histórico, por que a "estrela", que também poderia ter sido descrita como uma "carruagem de fogo", não podia usufruir desse mesmo caráter? Principalmente quando existiam dezenas ou centenas de pessoas que a tinham visto...

A Matança Das Crianças: Outro "Conto" Oriental?

Essa corrente teológica dos "gêneros literários" levou outros exegetas e teólogos a considerar a matança dos inocentes como um simples "conto" oriental. Exatamente igual à passagem sobre os Magos ou sobre a "estrela" de Belém.

E baseiam sua teoria, por exemplo, no fato de que o historiador judeu romanizado Flávio Josefo não inclui o infanticídio em seus textos.

Continuo em desacordo com esses "midráshicos"...

Herodes era bem capaz de ordenar tal matança. Já o demonstrara amplamente. Além disso, muitos dos estudiosos daquele período coincidem em outro fato vital: o rei tinha interesse em apagar qualquer tendência de sublevação popular. E a chegada do Messias, libertador de Israel, deve tê-lo angustiado ao extremo.

A crueldade de Herodes o Grande é uma verdade tristemente demonstrada: matou a primeira mulher, Marianna, três de seus filhos e um irmão. A mais vaga suspeita de traição era suficiente para que condenasse à morte mesmo os mais íntimos amigos e colaboradores.

Pouco faltou para que os "principais" da região fossem presos e executados, simplesmente porque ele desejava que após sua morte "todo mundo chorasse..." A ordem foi suspensa por sua irmã, que o odiava tanto ou mais que seus súditos.

Se acrescentarmos que a vida das crianças, ainda que nos pareça incrível, não possuía então o valor de hoje, é perfeitamente possível que a matança de Belém possa ter passado inadvertidamente para Josefo ou que apenas não a tenha incluído em seus relatos.

E existe outra razão, não menos importante, pela qual deduzo que esse fato não tem nada que ver com um simples "conto" ou "lenda".

Todos os historiadores modernos sabem que a família real herodiana formava parte de um grupo conhecido entre os judeus como "os prosélitos". Herodes o Grande não tinha sangue judeu nas veias; seu pai, Antípater, era de família iduméia, e a mãe , Kypros, descendia de um xeque árabe.

O rei tentou inutilmente ocultar sua origem, ou seja, que era o que Flávio Josefo chamava de "semi-judeu". Através de seu historiador da corte, Nicolau de Damasco, procurou propagar a notícia de que procedia dos primeiros judeus chegados do desterro da Babilônia. Mas ninguém acreditou. E principalmente depois do suspeito e gravíssimo gesto de mandar queimar os registros e arquivos genealógicos judeus...

Herodes, descendente de prosélitos e talvez até de escravos emancipados, não tinha nenhum direito ao trono real dos judeus. O Deuteronômio (17,15) proibia-o expressamente: "Elegerás aquele rei que o Senhor, teu Deus, tiver escolhido, e este será

um de teus irmãos; não poderás escolher para rei de Israel um estrangeiro que não seja teu irmão". A exegese rabínica excluía também a dignidade real ao prosélito. E o rei perguntara: "Quem interpreta o Deuteronômio?" Os rabinos lhe explicaram o livro, mas como não o convenceram, mandou-os matar. Segundo Josefo, isso ocorreu quando de sua tomada do poder, no ano 37 antes de Cristo. E caíram sob sua espada "os 45 principais membros do Sinédrio, membros do partido de Antígono", rei e sumo sacerdote.

Como Herodes o Grande não se preocuparia com o nascimento de um Messias Salvador? E muito mais ao ver a emoção que, sem dúvida, provocou em Jerusalém e em meia Judéia a chegada daquelas exóticas personagens orientais que afirmavam "ter visto a estrela do rei dos judeus pelo Oriente"...

Aquela onda de entusiasmo popular, que deve ter coincidido com a aparição da estrela nas proximidades da gruta onde nascera Jesus, deve ter deixado o sanguinário rei tão nervoso que não hesitou em mandar eliminar todos os meninos menores de dois anos.

E por que essa idade?

A explicação parecia surgir da entrevista entre Herodes e os Magos. Se aquela "estrela" fora avistada aproximadamente dois anos antes, o "rei" dos judeus deveria ter essa idade.

Se as misteriosas personagens orientais, possivelmente filósofos, doutores e astrólogos, mas não reis, procediam de alguma cidade da babilônia, o tempo normal para chegar a Jerusalém poderia ser estimado em vários meses, talvez até em um ano. Tudo dependia da velocidade da caravana e das circunstâncias e contratempos do caminho.

Entre umas coisas e outras pode ser que os Magos tenham chegado a Belém quando o Menino já tinha mais de um ano. Isto explicaria perfeitamente que a estrela se detivesse bem em cima da casa de Maria e José. Os Evangelhos não falam do estábulo ou gruta. Citam uma "casa".

Depois de tantos meses, era lógico que a família que viajara até Belém, para recensear-se, e não para dar à luz, já morasse em qualquer das casas de seus familiares ou amigos ou, repito, de sua propriedade.

Se José não tivesse interesses ou propriedades nessa aldeia por que permanecer tanto tempo por lá? E mais, que teria acontecido se o "astronauta" não aparecesse ao carpinteiro e lhe ordenasse a partida imediata para o Egito? É bem provável que a família tivesse ficado para sempre em Belém.

Uma Nave Na Pérsia?

Mas o relato sobre a "estrela" e os Magos não termina por aqui. Vejamos outro interessantíssimo apócrifo, o Evangelho Árabe sobre a Infância de Jesus, que além de coincidir com os anteriores, os enriquece:

> E aconteceu que, tendo nascido o Senhor Jesus em Belém da Judéia durante o reinado de Herodes, vieram a jerusalém uns Magos, segundo a profecia de Zaradust (Zoroastro). E traziam como presentes ouro, incenso e mirra. E o adoraram e lhe deram suas oferendas. Então maria pegou uma fralda e a deu em retribuição. Eles se sentiram muito honrados em aceitá-la de suas mãos.

E na mesma hora apareceu-lhes um anjo que tinha a mesma forma daquela estrela que lhes servira de guia no caminho. E seguindo o rastro de sua luz, partiram dali até

chegar a sua pátria.

Conforme manuscrito do século XIII antes de Cristo, conservado em Florença, a profecia de Zaradust ou Zoroastro foi feita por ele próprio e afirmava que uma virgem daria à luz um filho que seria sacrificado pelos judeus e que depois subiria ao céu. Em seu nascimento apareceria uma estrela que guiaria os Magos a Belém e ali adorariam o recém-nascido.

Essa mesma profecia encontra-se firmemente vinculada à redação síria do mesmo Evangelho Árabe da Infância. Na versão citada o mesmo episódio da adoração dos magos aparece bem mais detalhado e ampliado.

Na Síria, por exemplo, se diz que na mesma noite do nascimento de jesus um "anjo da guarda" foi enviado à Pérsia, e que ele apareceu em forma de "estrela" brilhante aos magnatas do reino, adoradores do fogo e das estrelas, quando celebravam uma grande festa.

Então três reis, filhos de reis, pegaram três libras de ouro, incenso e mirra; vestiram seus trajes preciosos, colocaram a tiara e, guiados pelo mesmo "anjo" que arrebatara Habacuc e alimentara Daniel na gruta dos leões, chegaram a Jerusalém.

Perguntaram a Herodes sobre o paradeiro do novo rei e, ao sair do palácio, viram a "estrela" outra vez, mas então em forma de "coluna de fogo".

Adoraram o menino e, durante a noite do quinto dia da semana posterior ao Natal, o "anjo" que haviam visto na Pérsia, em forma de "estrela", reapareceu e acompanhou-os até que chegaram em seu país.

Minha hipótese sobre a constante associação de "anjos" com "estrelas" e "nuvens luminosas" ou "colunas de fogo" e vice-versa fica mais do que fortalecida com o testemunho do citado Evangelho Árabe.

Não resta dúvida de que aqueles povos, tanto os persas quanto os israelitas, tinham um mesmo conceito para as naves espaciais e seus ocupantes ou "astronautas".

Se aquela "equipe" tirou os Magos de suas terras, guiando-os com uma de suas naves espaciais, me parece que tinha obrigação de conduzi-los sãos e salvos de volta a seu território. Daí que cada vez mais sinto o depoimento de Mateus no Novo Evangelho incompleto quando diz que os magos, "avisados em sonhos, retiraram-se para seu país por outro caminho".

A passagem do Evangelho Apócrifo Árabe é muito mais precisa ao deixar bem claro que aquele mesmo "anjo" que viram na Pérsia com forma de "estrela" foi o encarregado de acompanhá-los pelo novo rumo.

Uma Análise Científica

Um "anjo" com forma de "estrela"...

Existe algo mais óbvio?

E me pergunto novamente: que tipo de estrela pode guiar uma caravana durante semanas ou meses, através de desertos, vales e montanhas?

Uma "estrela" que consegue pousar na Terra?

Isso diz o Apócrifo de Tiago:

"E naquele momento, ao sair do palácio de Herodes, aquela estrela que tinham visto no Oriente voltou a guiá-los até que chegaram à gruta, e pousou sobre a entrada desta. Então, os magos viram o Menino com sua Mãe, Maria, e tiraram oferendas de seus

cofres: ouro, incenso e mirra”.

Como adiantei nas primeiras páginas, esta passagem me eletrizou de tal forma que me levou a empreender a presente aventura.

Uma “estrela” que vem à Terra e fica em frente à entrada de uma gruta? Onde e quando se viu semelhante maravilha?

“Radiografia” Da Chamada Estrela De Belém

Ainda que desde o início meu coração tenha intuído a verdadeira “natureza” da estrela de Belém, quero fazer um novo esforço e tentar racionalizar esse fenômeno.

Supondo que o evangelista Mateus e os outros autores dos Evangelhos Apócrifos disseram a verdade – e eu o acredito -, que possíveis “explicações” lógicas e terrestres podemos remexer à procura da verdade?

Procurarei seguir uma ordem absolutamente “científica”.

A Estrela De Belém Poderia Ter Sido Um Sol?

Se – como diz a Astronomia – nosso Sol é uma “simples” estrela de “tipo médio”, do ponto de vista científico resulta absurdo pensar que uma dessas estrelas ou sóis tenha podido aproximar-se, já nem digo de nosso planeta, mas ao próprio Sistema Solar que constitui nosso “bairro” sideral.

Se qualquer das 100.000.000 de estrelas que dizem que formam nossa galáxia houvesse abandonado sua posição inicial para “chegar” a Belém, a intrusa teria desencadeado um apocalíptico desastre cósmico, muito antes de sequer divisar nosso sistema planetário.]E, talvez, Belém e o resto do planeta tivessem desaparecido do mapa celeste...

Basta olhar para o firmamento para saber que a estrela ou sol mais próxima a nós, algo parecido com um “vizinho de andar”, está a mais de quatro anos-luz. Esse “vizinho”, Alfa Centauro, supondo-se que pudesse ter chegado até nosso mundo, teria de viajar, e à velocidade da luz (300.000 quilômetros por segundo), durante quatro anos.

E conforme as cartas de todos os astrônomos, a “vizinha de andar” não se mexeu de seu lugar desde que o homem a viu pela primeira vez.

É certo que Deus tudo pode fazer. Inclusive, que um sol de milhões de quilômetros de diâmetro e de altíssimas temperaturas possa atravessar os espaços e “guiar” alguns magos do Oriente.

Mas acontece que continuo acreditando que Deus é um ser bem mais sensato...

Poderia Ter Sido Um Cometa?

Após contemplar a impossibilidade de que a “estrela” de Belém fosse um sol, resta-nos a hipótese de que na realidade se tratasse de um cometa. Em nossas árvores de Natal quase sempre a representamos com uma longa cauda.

Mas, que dizem os astrônomos?

Todos que estudam o firmamento sabem que um cometa, quando ainda se encontra muito afastado do Sol (nas proximidades de Plutão ou mais longe), está constituído simplesmente por uma aglomeração de corpos rochosos, o chamado "núcleo", cuja estrutura ainda não se conhece com segurança.

Quando esse núcleo cometário se aproxima de nosso Sol, a energia radiante solar faz com que do mesmo se desprendam gases e pequenas partículas sólidas que ficam gravitando ao seu redor e dão lugar à chamada "cabeleira" do cometa.

Ao chegar à órbita de Júpiter, essa "cabeleira" se desenvolve amplamente e, em algumas ocasiões, alcança comprimentos superiores aos 150.000 quilômetros.

A uma distância do Sol de duas unidades astronômicas (uns 300 milhões de quilômetros) da "cabeleira" do cometa surge e se desenvolve uma estreita "cauda", também às custas da matéria do núcleo, que se estende em direção oposta ao Sol, por vários milhões de quilômetros.

Que significa isso?

Simplesmente, que a existência de um cometa, por menor que seja, tem dimensões gigantescas totalmente alheias às características da famosa "estrela" de Belém descrita no Evangelho de Mateus.

E temos de acrescentar que nenhum cometa ingressa na atmosfera terrestre sem provocar sua autodestruição e mais uma enorme cadeia de sérias perturbações. Temos o exemplo do cometa Halley, que em 1911 "tocou" as últimas camadas da atmosfera com sua "cauda" e provocou um histerismo mundial.

Se, como afirmava Orígenes, a "estrela" de Belém fosse um cometa, sua proximidade do mundo teria sido contada pela imensa maioria dos povos, e sua passagem hoje figuraria nos anais da História. Fato que não consta.

Conforme pude constatar, as únicas referências históricas sobre a presença de cometas nas épocas imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus de Nazaré são as seguintes:

Após o nascimento de César, um pouco antes das idus (no antigo cômputo romanos, o dia 15 de março, maio, julho e outubro e o dia 13 dos outros meses do ano) do mês de março do ano 44 antes de Cristo, apareceu um brilhante cometa. No ano 17 de nossa Era também surgiu outro, com uma magnífica cauda, que pôde ser observado nos países mediterrâneos durante toda uma noite.

E pelo que nos consta historicamente, o seguinte em importância foi visto no ano 66, pouco antes do suicídio de Nero.

E no entremeio produziu-se um relato de muita precisão, procedente dos astrônomos chineses.

Na enciclopédia Wen-hien-thung-khao, do sábio Ma Tuanlin, conta-se o seguinte sobre essa aparição:

"Nos primeiros anos do (imperador) Yvan-yen, no 7º. mês, no dia Sin-uri (25 de agosto), foi visto um cometa na parte do céu Tung-tsing (perto de Mu da constelação Gêmeos) que se deslocou sobre U-Tchui-Heu (Gêmeos), saiu dentre Ho-Su (constelação Castor e Polux), empreendeu sua corrida em direção ao norte e penetrou o grupo Hien-yuen (Cabeça do Leão) e na casa Thaiourei (Rabo do Leão).

"No 5º. dia desapareceu no Dragão Azul (Constelação Escorpião). Em conjunto o cometa foi observado durante 63 dias".

Descobriu-se na Modernidade que o detalhado relato da China contém a primeira descrição do célebre cometa Halley, o vistoso astro que a cada 76 anos passeia pelas "proximidades" do Sol e que pode ser visto da Terra. A última vez que surgiu, como já disse anteriormente, foi do ano 1909 a 1911.

E voltará em 1986...

Mas os cometas, apesar de terem um caráter cíclico e dimensões tão consideráveis quanto as do Halley, nem sempre são vistos por todo o mundo. No ano 12 antes de Cristo, ele surgiu como um acontecimento celeste e visível com detalhes. Porém, nem nos países do Mediterrâneo nem na Mesopotâmia nem no Egito se menciona que naquela época tenha aparecido um corpo sideral tão luminoso e impressionante.

Entretanto, para o mundo do esoterismo, pode resultar importante, até transcendental e altamente significativo, que o formidável Halley passasse sobre nosso mundo pouco antes do nascimento de Jesus...

E, para concluir este capítulo, façamos uma pergunta:

Que cometa poderia "guiar" uns magos, desaparecer ao chegar à cidade de Jerusalém e, pouco depois, quando eles retornaram à aldeia de Belém, apresentar-se novamente diante da caravana e indicar-lhe o caminho?

E como "detalhe cósmico" final, o "cometa" se "deteve em cima do lugar onde estava o menino..."

"É demais" para um cometa...

Nem Meteoro Nem Meteorito

Esta tentativa de justificar "razoavelmente" a "estrela" que os Magos chegados do Oriente viram e seguiram me parece mais cabeluda que as anteriores.

Diz a Ciência que os meteoros são minúsculas partículas, do tamanho de uma cabeça de alfinete, metálicas ou pétreas, que só se tornam visíveis quando penetram na atmosfera terrestre, à velocidade de algumas dezenas de milhares de quilômetros por hora.

Ao entrar em atrito com a atmosfera se produz um calor que os deixa incandescentes e, então, trazem ao céu noturno essas esteiras luminosas tão conhecidas como "estrelas cadentes".

Pelo contrário, às vezes os meteoritos alcançam dimensões de alguns metros e, conseqüentemente, sempre são suficientemente grandes para não se consumir por completo durante sua queda.

Quando um meteoro entra na atmosfera de nosso mundo, tem a mesma velocidade que um corpo em órbita solar. Essa velocidade depende do tipo de órbita. Para as circulares, como a terrestre, é de 30 quilômetros por segundo, se for parabólica, a velocidade de queda do meteoro ou meteorito será de 42 quilômetros por segundo. Ou seja, esses meteoros que vemos rasgar com sua luz as noites de verão caem à bagatela de 150.000 quilômetros por hora!

Naturalmente, a visão dessa queda apenas dura uns segundos ou décimos de segundo.

E se o meteorito tem dimensões respeitáveis, o assunto se complica muito mais...

A essa velocidade arrepiante, temos de somar seu peso, que chega a ser de um milhão de toneladas. É mundialmente conhecido, por exemplo, o que caiu a 12 de fevereiro de 1947 na Sibéria Oriental. O meteorito fracionou-se no ar em milhares de pedaços, que caíram sobre a Terra como uma chuva de ferro. A região ficou coberta de buracos e crateras, o maior com 27 metros de diâmetro, numa área de um quilômetro quadrado.

Mais conhecida ainda é a cratera meteorítica do Arizona, que alcança um diâmetro

de 1.250 metros e uma profundidade de 170. Estima-se que a quantidade total de fragmentos encontrados ali pesa aproximadamente 12.000 toneladas.

E ainda poderíamos enumerar milhares de casos.

Obviamente nenhum meteoro ou meteorito poderia manter um "vôo horizontal", guiar uma caravana, soltar jatos de luz e, para cúmulo, deter-se sobre uma casa.

Foi A Estrela De Belém Uma Nova Ou Supernova?

Qualquer astrofísico ou entusiasta da Astronomia, ao ler o título acima, já deve ter percebido que a pergunta resulta mais do que absurda. Mas vejamos por quê...

Como assinalei ao estudar a primeira probabilidade – a de que a estrela de Belém fosse um sol -, não devemos nos esquecer por nenhum momento que a aproximação de qualquer um desses gigantescos astros, do nosso Sistema Solar, seria catastrófica.

E com maior razão se pudéssemos identificar esse fenômeno com uma "nova" ou com uma "supernova".

Diz a Astrofísica do século XX:

"As modernas teorias da evolução estelar prognosticam, para um grande número de estrelas (ao menos para aquelas cuja massa, ao chegar à seqüência principal, superam em mais de quatro vezes a de nosso Sol), uma explosão como etapa final de suas vidas. Isto não deixa de colocar numerosos problemas, mas parece esclarecer um dos mais espetaculares fenômenos estudados pela Astronomia: as supernovas.

"Uma supernova é uma estrela na qual se produz um aumento rápido – em poucos dias – e extraordinariamente grande (vários milhões de vezes) de seu brilho, seguido também de uma rápida extinção".

Trata-se de um acontecimento pouco freqüente. Nos últimos 1.000 anos, por exemplo, apenas se observaram três supernovas em nossa galáxia. A primeira, no ano 1.054, foi estudada pelos astrônomos chineses e japoneses. Os restos dessa explosão formam a nebulosa do Caranguejo, ainda em expansão.

A segunda apareceu na constelação de Cassiopéia, em 1572. A terceira, na zona de Sagitário, em 1904.

Atualmente se admite que, em média, numa galáxia aparece uma supernova a cada 30 anos.

Ainda que em uma escala muito menor, as estrelas denominadas "novas" são, em sua aparência imediata, muito semelhantes às supernovas. Sua luminosidade ultrapassa de 10.000 a 100.000 vezes a inicial e constituem fenômenos que se repetem ao fim de um certo número de anos.

Conclusão: nenhuma nova ou supernova pode ser registrada dentro de nosso Sistema Solar. Entre outras razões, porque neste "bairro" planetário onde se move a "velha bolinha de gude azul" chamada Terra não há nem nunca houve esse tipo de estrela.

Prefiro analisar a idéia de uma suposta "conjunção" planetária mais adiante. Uma teoria que, diga-se de passagem, está "em moda" entre os exegetas e teólogos modernos...

Estamos Diante De Uma “Conjunção” De Planetas?

Eis aqui um debate interessante.

Hoje, a nível de astronomia, conhecemos como “conjunção” o fato de que dois planetas se localizem no mesmo grau de longitude.

Ou, para ser mais claro, que se “aproximem” ou alinhem tanto entre si, que possam chegar a parecer uma única estrela de grande luminosidade.

Será que foi isso o que viram e o que “guiou” os Magos?

Comecemos pelo início...

A história da “conjunção” planetária tornou-se moda no mundo como conseqüência de uma descoberta do matemático imperial Johannes Kepler.

Na noite de 17 de dezembro de 1603, a célebre personagem estava sentada no Hradschin de Praga, sobre o rio Moldava, observando com grande atenção a aproximação dos planetas Saturno e Júpiter, que tinham um encontro marcado na constelação de Peixes.

E ao tornar a calcular suas posições, Kepler descobriu um relato do rabino Abarbanel, que dava pormenores sobre uma extraordinária influência que os astrólogos judeus atribuíam à mesma constelação. “O Messias” – afirmavam – “teria de vir durante uma conjunção de Saturno e Júpiter, na constelação de Peixes.”

E Kepler pensou:

“A conjunção que aconteceu no dia do nascimento do Menino Jesus teria sido a mesma que agora se repete em 1603?”

O astrônomo pegou lápis e papel e fez os cálculos necessários.

Resultado: observação de uma tripla “conjunção” em um mesmo ano. E o cálculo assinalou que esse fenômeno acontecera no ano 7 antes de Cristo.

Mas, segundo as tabelas astrológicas, o fato ocorrera no ano 6 antes de Cristo.

Então Kepler optou pelo ano 6 e remeteu a concepção de Maria ao ano 7 antes de Cristo.

O matemático tornou conhecida sua fascinante descoberta através de vários livros e artigos. Mas Kepler foi “vítima” de uma crise de misticismo e, como geralmente acontece nestes casos, suas hipóteses e achados caíram no esquecimento ou foram menosprezados.

E o século XX chegou. E com ele outra descoberta que recuperaria o que Kepler dissera: em 1925, o erudito alemão P.Schnabel decifrou uns trechos cuneiformes procedentes de um célebre “Instituto Técnico” da antiga escola de Astronomia de Sippar, na babilônia. Ali havia uma notícia surpreendente. Tratava-se da localização dos planetas na constelação de “Peixes”. Júpiter e Saturno estavam cuidadosamente assinalados durante um período de cinco meses. E isso ocorrera no ano 7 antes do nascimento de Jesus.

O achado era tão importante, que boa parte da Astronomia oficial se dedicou à comprovação do cálculo. E graças aos ultramodernos “planetários” – para satisfação de todos, menos do já falecido Kepler, é claro -, ratificou-se que no ano 7 antes de nossa Era houve uma “conjunção” de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes.

Como o matemático do século XVII já calculara, repetiu-se por três vezes. E parece que essa “conjunção” foi vista em condições muito favoráveis no Mediterrâneo.

Conforme os cálculos atuais, as três “conjunções” aconteceram nas seguintes datas:

No dia 29 de maio antes de Cristo, visível duas horas, ocorreu a primeira aproximação dos planetas.

A segunda foi registrada no dia 3 de outubro, a 18 graus, na constelação de Peixes.
E a 4 de dezembro acontecia a terceira e última.

Esta descoberta astronômica – de inquestionável importância em si mesma – foi usada por muitos estudiosos das Sagradas Escrituras para associar a tripla "conjunção" à estrela de Belém.

Também contribuiu – e como! – com a não menos importante confirmação de que Jesus não nasceu no ano zero de nossa Era, mas sim, precisamente, entre os anos menos 6 ou menos 7.

Alguns Pontos Obscuros

Já conhecemos a famosa teoria da "conjunção" planetária. E ainda que a colocação seja cientificamente aceitável, e até convincente, não deixa de ter pontos obscuros...

Vejamos alguns:

Vamos aceitar que os Magos, sem dúvida astrônomos e astrólogos, viviam na cidade de Sippar, na florescente Babilônia, onde foram encontradas tabelas que confirmaram a descoberta de Kepler.

Se, tal como notificaram a Herodes, tinham visto a "conjunção" no Oriente, por que se puseram a caminho em direção ao Ocidente? Ou seja, no sentido oposto...

E outro dilema também pouco desprezível: será que esse fenômeno só foi visto pelos astrônomos ou astrólogos da babilônia?

Não tem sentido que o que seguramente foi avistado em todo o vale mediterrâneo só fosse "interpretado" pelos doutores do longínquo país. Não podemos ignorar que naqueles tempos Jerusalém era um extraordinário centro de cultura. Na época de Herodes, por exemplo, Hillel chegou da babilônia para escutar a Shemanya e Abtalyon, sem assustar-se diante de uma viagem a pé de semanas ou meses...

Também Janan bem Abishalon chegou ao Egito, onde mais tarde tornou-se juiz do tribunal da Média, assim como seu colega Najum. E Paulo trasladou-se de Tarso da Cilícia para estudar ao lado de Gamaliel.

O povo hebreu esperava com grande expectativa a vinda do Messias. Como é possível que os astrônomos, escribas e doutores judeus que viviam na Palestina, e que deviam ser tão bons ou melhores "profissionais" que os de Sippar, não tivessem percebido que a tal "conjunção" planetária era o sinal tão longa e ansiosamente esperado?

E já que o fato aconteceu três vezes no mesmo ano, não podemos imaginar que, nas três ocasiões, o fenômeno os pegasse dormindo...ou em greve.

Enfim, isso me leva a pensar que as "conjunções" do ano "menos sete" pouco ou nada tiveram que ver com a cada vez mais intrigante "estrela" de Belém.

Se, além disso, considerarmos que a viagem dos Magos a Jerusalém durou meses, como explicar a permanência desse "fenômeno" no firmamento durante tanto tempo? As aproximações entre planetas duram, no máximo, alguns dias. Talvez uma semana...

E outro fato fundamental que os exegetas defensores dessa teoria tampouco levaram em conta: supondo-se que os Magos procedessem da Babilônia, devem ter seguido a direção leste-oeste; ao sair de Jerusalém a Belém, esse rumo mudou para sul-oeste. Como é possível que uma "conjunção" varie tanto de direção, e, que ainda se coloque sobre uma casa da humilde aldeia de Belém? Já parece gozação...

E ainda que os Magos se houvessem informados sobre a aldeia exata onde deveria nascer "o rei dos judeus", pois que o disseram a Herodes, me parece bastante estranho,

para não dizer cômico, que o fenômeno em questão se desse diante da caravana e "parasse" exatamente em cima do lugar. Belém não devia ser muito grande, mas é provável que agrupasse o número suficiente de casas, estábulos, grutas e hospedarias, como que para confundir um estrangeiro em busca de um dos muitos bebês do povoado.

É muito difícil acreditar que uma "conjunção planetária", a milhões de quilômetros de nosso mundo, possa comportar-se dessa forma...

Caminhavam Durante O Dia

Tampouco devemos nos esquecer de um detalhe de grande transcendência. A totalidade das testemunhas históricas relata que, naquela época, e até posteriormente, as caravanas geralmente circulavam de dia. Quase nunca o faziam à noite.

Tanto os mercadores quanto os "correios", emigrantes e, inclusive, as expedições militares, viajavam de "sol a sol". As mais elementares normas de segurança frente aos assaltantes, acidentes do terreno, ataques de animais, etc., assim o aconselhavam.

E, já que as estrelas, cometas, meteoros, meteoritos e conjunções planetárias não são visíveis a plena luz do dia, que tipo de "estrela" guiava os astrólogos?

Não Seria A "Estrela" De Belém Uma Nave Sideral?

E como não creio na possibilidade de que o relato do evangelista sobre os Magos e a estrela de Belém fosse apenas um "gênero midráshico", como dizem alguns teólogos, em minha opinião, só resta uma única e possível explicação.

Se não foi um sol nem uma nova ou supernova; se é impossível que se tratasse de um cometa, meteoro ou meteorito; se não foi uma "conjunção" de planetas nem existe a possibilidade de confundi-la com um fenômeno óptico ou meteorológico, nem com um balão-sonda ou com o planeta Vênus (como hoje diriam os militares...), e se também não era uma lenda militar ou uma invenção de Mateus e dos Evangelhos Apócrifos, que sobra?

Simplesmente, como já expus em páginas anteriores, a estrela de Belém podia ser o que hoje conhecemos como "nave sideral". Uma brilhante nave espacial que, sem dúvida, não procedia da Terra...

Uma nave que eu, pessoalmente, identifico e associo ao que hoje, em nossa civilização, se conhece por "objetos voadores não identificados" (OVNI's).

E algo muito forte volta a clamar em meu espírito para dizer-me que não estou enganado.

Os "Astronautas", Hoje

Mas os "astronautas" de Yaveh ainda não se esqueceram do nosso planeta chamado Terra, pois em minha opinião ainda não encerraram o grande "plano".

Por que?

Procurarei escapar de minha própria falta de perspectiva no tempo e no espaço. Só

assim posso aproximar-me e tentar aproximar o leitor da “verdade” que pulsa no meu Eu interior.

Tal como vimos, esses seres celestes deixaram suas pegadas no mundo há 4.000 anos. Abraão e os outros patriarcas foram testemunhas diretas da presença da “glória”, da “nuvem”, da “coluna de fogo” ou do “anjo” de Yaveh.

Pouco depois, há uns 3.200 anos, Moisés e o resto dos “eleitos” tiveram diante de si os mesmos “astronautas”.

E o mesmo ocorreu na época do rei Salomão, uns 2.900 anos atrás, quando a “equipe” a serviço do Grande Deus desenhou o projeto do Templo de Israel, “onde morava a nuvem de Yaveh”...

Por último, há 2.000 anos, aqueles “astronautas” culminaram a fase mais delicada do “plano”: e Jesus de Nazaré apareceu sobre o planeta.

Se, como afirmei nas primeiras linhas da presente tese, os “astronautas” eram seres de carne e osso, procedentes talvez de outros Universos ou planos “paralelos” ao nosso, como puderam “estar presentes” ao longo de 2.000 anos?

Será que o tempo, tal como o concebemos, não conta para eles?

Naturalmente apenas podemos continuar especulando.

E, diante de mim, surgem duas variantes:

Primeira: que aqueles seres que trabalharam no grande “plano” da Redenção humana não foram os mesmos durante esses 2.000 anos.

Neste caso, e se os “astronautas” estavam presos a uma realidade física do tempo como a nossa, a única explicação mais ou menos razoável para sua constante e constatável presença entre os patriarcas e na vida de Jesus é a de um “rodízio” perfeitamente organizado.

Sempre segundo a primeira variante, dentro de um único e monolítico “plano”, esses entes teriam se sucedido nas diversas fases do mesmo. Talvez seus veículos, trajes espaciais e meios técnicos tenham mudado com o passar dos séculos, mas fica claro que o mesmo não aconteceu com seu objetivo final, que foi mantido com todo o rigor.

Segunda: que os “astronautas” fossem os mesmos durante os 2.000 anos de preparação do “plano”. Sei que essa teoria parece mais dura e irreal. Se nosso cérebro ainda não está preparado para “pular” no tempo ou para assimilar outras “realidades” onde a vida inteligente transcorra fora dessa “direção única e sem retorno”, que é a passagem dos dias, como imaginar seres total e absolutamente livres dessa “cadeia” ou “torrente” que nos limita implacavelmente?

Mas, ainda que não possamos compreendê-lo, por que negar ou fechar os olhos da mente a essa possibilidade?

Há precisamenete 2.000 anos, quando Pedro tomou as rédeas da Igreja, nem ele nem seus sucessores poderiam sequer suspeitar que vinte séculos mais tarde, essa mesma Instituição teria de enfrentar realidades tão concretas como a institucionalização do aborto, a pílula anticoncepcional, a eutanásia ou os “bebês de proveta”. Nem naqueles primeiros tempos do cristianismo, nem na Idade Média e nem mesmo no século XIX, os teólogos ou padres da Igreja teriam aceitado com facilidade os conceitos e fenômenos sociais que caracterizam nossas gerações atuais. Mas isso afasta o homem de 1980 da grande mensagem divina a favor de Pedro, Santo Agostinho ou Joana D’Arc?

Há 2.000 anos, incluindo o século XIX, os sacerdotes e fiéis cristãos teriam sérias dificuldades em entender duas palavras para nós tão rotineiras como “computadores eletrônicos”. Em maio de 1980, a celebração de um Congresso sobre a Igreja e os computadores, em Saint Paul de Vance (costa Azul), constitui um fato quase intranscendental. Porque, finalmente, a tecnologia a serviço de Deus começa a tomar um

caráter lógico e normal...

Então, por que puxar os cabelos diante da fascinante possibilidade que algumas civilizações, a serviço da Grande Força, possam controlar algo tão fugidio para nós como o tempo?

Apenas sendo capazes de estar dentro de nosso tempo e, igualmente, fora dele, os "astronautas" poderiam ter concluído missões tão diferentes e distantes no tempo como a passagem do mar dos Juncos, a promulgação das Leis no monte Sinai, a condução do povo eleito até a Palestina ou dos Magos até a aldeia de Belém da Judéia.

Para esses seres, a passagem de gerações não representaria nenhum transtorno. Isto, inclusive, casaria matematicamente com muitas de suas manifestações a homens como Jacó, Moisés ou Joaquim, a quem repetiram sem cessar "que eram os mesmos que se tinham mostrado aos pais e ancestrais desses patriarcas e profetas".

Apesar de não dispor de provas, pessoalmente inclino-me pela segunda variante. O domínio do tempo provavelmente seja muito mais natural em seres cuja sabedoria e experiência talvez já os tenha levado às portas ou ao interior – quem sabe? – da Verdade.

Se Cristo desceu a este mundo para ensinar-nos a vencer a morte, não parece lógico que seus servidores e colaboradores já desfrutassem desse privilégio?

Einstein nos deu um primeiro aviso com sua teoria da relatividade, mas, nem assim conseguimos sustentar com firmeza em nosso cérebro a "redução" que o tempo de um cosmonauta humano sofreria, se pudessem lançá-lo ao espaço a uma velocidade aproximada à da luz (300.000 quilômetros por segundo). Nessas circunstâncias, duzentos anos terrestres ficariam reduzidos a 24 meses... E esse cosmonauta soviético ou norte-americano, após queimar dois anos pelo Universo à velocidade da luz, regressaria à Terra 200 anos depois de sua partida!

Como assimilar essa maravilhosa distorção do tempo?

E se tudo ocorreu assim? Se aqueles "astronautas" não estavam nem estão sujeitos ao tempo, por que supor que levantaram âncora deste mundo?

É certo que Cristo nasceu e morreu há 2.000 anos. Como também é certo que cumpriu sua tarefa e nos deixou sua mensagem. É certo que, desde então, os homens têm uma "autopista" segura em direção ao Conhecimento. Mas, em minha opinião, eles não arquivaram o "plano" com a partida do Enviado...

Se um dos objetivos básicos da presença da "equipe" de "astronautas" sobre a Terra foi a elevação espiritual do ser humano, totalmente declarada com a chegada de Jesus, não acredito que esses seres fossem tão tontos para não perceber que a abertura do homem em direção à Perfeição necessitaria de uma permanente "manutenção".

Portanto, era normal que não se afastassem demais e que, pelo contrário, seguissem a evolução da História humana com toda a atenção.

Se os israelitas de há 3.200 anos eram um povo que não abaixava a cabeça, como classificaríamos os homens da Santa Inquisição, os traficantes de escravos do século XVIII ou nossas gerações, capazes de jogar a bomba atômica sobre o Japão ou de adorar o "bezerro de ouro" do dinheiro ou do poder até mesmo em detrimento das vidas ou da dignidade humana?

Será que uma humanidade como esta não necessita de progressivos "empurrões" ou "descargas" que façam subir o termômetro de sua espiritualidade? Será que os milhões de homens que nasceram nos últimos 2.000 anos não gritaram bem alto por uma resposta à sua profunda inquietação? Será que o gênero humano não precisou e ainda precisa de líderes, sinais, milagres ou prodígios que iluminem sua penosa peregrinação?

E chegamos ao fim de minhas colocações.

Curiosamente, e até suspeitosamente, a partir dos primeiros séculos de nossa Era, e

conforme a doutrina de Jesus de Nazaré ganhava terreno no mundo, outros fatos sobrenaturais começaram a registrar-se no planeta. Assim, desde os séculos X e XI até a primeira metade do século XX, o mundo tradicionalmente cristão contabilizou umas 21.000 "aparições marianas". E apesar de jamais receber a mesma qualificação, o mesmo aconteceu nas órbitas orientais e americanas.

Todas essas "visões", "aparições", "milagres" ou "contatos" com seres e "esferas" sobrenaturais desembocaram irremediavelmente numa nítida elevação espiritual dos povos. Temos os exemplos de Santiago de Compostela, Lourdes, Fátima, Guadalupe, Pilar...

O catálogo, como já disse, chega a 21.000 "aparições".

E ainda que um aprofundamento nesse novo campo nos levasse muito longe, creio que é o suficiente mencioná-lo para que percebamos como a presença desses seres foi e ainda é permanente na História.

Ao analisar essas "aparições" com o máximo de objetividade notamos que, como conseqüência das mesmas, o nível espiritual dos povos próximos e longínquos do lugar onde elas se registraram aumenta violentamente. E as massas experimentam um inusitado fervor.

O leitor se perguntará por que associo as chamadas "aparições marianas" à "equipe" de "astronautas" ou seres celestiais.

Muito simples. Ao estudá-las exaustivamente, e com generosidade, acabei encontrando muitos pontos em comum com os relatos do Antigo e Novo testamento, assim como com as lendas e textos dos místicos e com as atuais investigações OVNI.

A título de simples curiosidade, convido o leitor a informar-se sobre os fatos milagrosos que há 60 anos aconteceram em Fátima. Talvez encontram detalhes ou descrições que parecem ter saído de qualquer "encontro" ou avistamento OVNI atual.

E devemos reconhecer que todas ou quase todas essas "aparições" deram fruto. Nos campos, carvalhos ou montanhas onde "se apresentou o anjo ou grande luz ou a formosa senhora", hoje se erguem esplêndidas basílicas ou humildes capelas...

Se a intenção da "equipe", em linhas gerais, era manter aceso o fogo sagrado da espiritualidade, a verdade é que o conseguiram.

Certamente, e seguindo a mesma linha de franqueza, creio que poucos estudiosos da Bíblia, talvez nenhum, chegaram a estabelecer essa ponte entre os "anjos" de Yaveh e as "aparições marianas". Para os exegetas esses fatos não têm nada em comum, e sinto não estar de acordo com o veredicto dos teólogos e estudiosos católicos. Para mim, insisto, tudo faz parte de um único plano: o "grande plano".

Senão como explicar essa coincidência de descrição entre os "anjos" do Antigo ou Novo Testamento com os vistos pelos videntes da Idade Média ou do nosso próprio século? Por que a semelhança de luminosidade, grandioso esplendor, etc., da Bíblia e da maioria das citadas aparições marianas?

E o mais significativo: que sentido podem encerrar essas 21.000 aparições, justamente depois do nascimento do Cristianismo? Se Jesus já tinha deixado sua mensagem, para que tantos sinais, milagres e manifestações "sobrenaturais"?

Já disse que não acredito nas manifestações puramente gratuitas de Deus ou de seus servidores. Se acontecem é sempre por algum motivo.

E neste caso, sempre conforme meu critério, teríamos de buscar a causa nessa necessidade de elevar a espiritualidade e inquietações humanas. Traços que, se olharmos para a Idade Média, apenas encontraremos no seio dos mosteiros, de algumas ordens religiosas e em determinadas irmandades e sociedades secretas. Mas, e que acontecia com o povo, o simples povo?

Basta dar uma olhadela na História para comprovar que em geral aquelas massas de seres humanos apenas recebiam um verniz pseudo-religioso, bem mais folclórico e supersticioso do que outra coisa...

Em honra da verdade, essas súbitas e "estratégicas" aparições acendiam novamente os ânimos espirituais dos homens do povo. Aí temos, sem nos afastarmos muito no tempo e no espaço, as multitudinárias peregrinações a Lourdes, Fátima ou Santiago de Compostela.

Mas não quero deixar-me arrastar pela magia desse fenômeno. Em outra oportunidade o analisarei com mais calma...

Para mim está claro que os "astronautas" não perderam o contato com os homens da Terra, ou melhor, minha longa e solitária corrida atrás dos "não identificados" me diz que ainda estão aqui.

Não faria tal afirmação se não possuísse um dos mais ricos e completos arquivos sobre aparições de OVNI's. E precisamente baseado nessa impressionante informação que tenho em meu poder, e através de um simples processo de dedução, associo ou identifico as "colunas de fogo" ou a "glória" de Yaveh do Antigo Testamento com as "luzes" da Idade Média e do século XVIII ou XIX e com os atuais discos silenciosos, majestosos e brilhantes que sulcam nossos céus ou aterrizam nos campos.

Mas se esse fenômeno se repete há 4.000 anos – e com que precisão! – como podemos interpretar a atual presença OVNI no mundo?

Creio que já o disse em outras ocasiões, mas volto a repeti-lo: acredito que os OVNI's que vemos atualmente pertencem, sem dúvida, a centenas ou milhares de civilizações diferentes. Pois bem, é mais do que provável que algumas dessas naves sejam tripuladas pelos "astronautas" de Yaveh...

Seres celestiais libertados do tempo e a serviço da Grande Força, que observam de muito perto a evolução humana.

Seres que um dia "nos foram dados como guardiães".

Seres "astronautas" – que navegam por nossos céus como um dia o fizeram sobre o povo eleito ou sobre a gruta onde nasceu Jesus de Nazaré.

Seres que ainda "trabalham" nesse grande "plano"...

Seres que, como já vimos, não podiam mostrar-se aos patriarcas ou discípulos de Jesus ou aos homens do século XIV ou XIX como realmente são: como "astronautas".

Talvez essa seja a grande diferença entre nossas gerações e as que povoaram a Terra desde o tempo de Abraão. Nós já começamos a nos preparar para compreender algumas verdades. Nós podemos assimilar a mais depurada técnica a serviço da Divindade.

Mas 4.000 anos foram necessários...

E é bem provável que ainda precisemos de muito tempo para podermos sentar frente a esses "homens" e retirar o véu que cobre nossos olhos.

Mas, apesar de tudo, é muito bom que o habitante deste frio astro chamado Terra tenha começado a questionar essa possibilidade.

E com tudo isso, talvez tenhamos encontrado a razão principal desse "não contato" entre os homens de nosso mundo e os que tripulam essas naves.

Não serão os "astronautas" celestiais quem, precisamente, esperam com impaciência que o homem da Terra dê os "passos" finais em sua evolução mental, para que possam descer definitivamente?

Tal como aconteceu na época bíblica, talvez eles já tenham tomado a iniciativa e numerosas pessoas no mundo intuem, sabem ou sentem sua presença.

E todos, consciente ou inconscientemente, trabalham por uma nova humanidade.

Agora, quase sem querer, quando contemplo as estrelas em minhas longas noites de solidão, um calafrio me percorre a alma.

"...Será que essas naves que persigo poderiam ser as mesmas que um dia, há 2.000 anos, iluminaram a gruta onde o grande Enviado nasceu?"

E por que não?...

Setembro de 1980.